



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

A PERCEÇÃO DA LIDERANÇA DO PAPA FRANCISCO ATRAVÉS DA
ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação –
Comunicação, Organização e Liderança

Por

Mariana dos Santos Craveiro

Faculdade de Ciências Humanas

Novembro 2021



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

A PERCEÇÃO DA LIDERANÇA DO PAPA FRANCISCO ATRAVÉS DA
ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação –
Comunicação, Organização e Liderança

Por

Mariana dos Santos Craveiro

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de Professor Doutor Nuno Goulart Brandão

Novembro 2021

“O Papa Francisco, ao escrever e difundir a Fratelli Tutti condensou o que há de melhor em toda a história humana. É o livro da nossa identidade servida ou traída. É o grande tratado prático de antropologia dos começos do século XXI. Tudo o que fez e disse está neste testamento de pura humanidade, para toda a humanidade. É a voz para que todos tenham voz livre e fraterna.”

(Pedro Rebelo de Sousa,
cf. Frei Bento Domingues O.P., 2021, *Público*)

Resumo

Ao longo do tempo, o homem sentiu necessidade de justificar a sua existência com base nas mais diferentes crenças. A forma como organiza os seus valores e vive em sociedade tem vindo a moldar-se de acordo com aquilo em que acredita, podendo a religiosidade dividir-se em diferentes confissões religiosas. Para alguns homens e mulheres, o despertar da sua consciência exige a necessidade de um Deus. Para aqueles que acreditam em Deus e em Cristo, comungando a mensagem da Igreja Católica, a figura do Papa não lhes passa despercebida como o líder supremo desta religião. Contudo, esta liderança não é percecionada apenas a partir dos católicos, mas de todas as pessoas do mundo, mesmo fora do âmbito da religião.

Assim, este estudo pretende ver qual a perceção das pessoas face à liderança do Papa Francisco, pelo que o objetivo passa por compreender de que modo a sua mensagem e comunicação em si fazem dele um líder. Outro objetivo prende-se também por tentar perceber se a sua liderança se encaixa na categoria de liderança transformacional. Para este estudo, é feita uma análise a partir da sua Carta Encíclica mais recente, *Fratelli Tutti*, lançada em novembro de 2020.

A metodologia utilizada nesta investigação consistiu na aplicação de métodos qualitativos. Numa fase exploratória foi realizada uma revisão de literatura para fazer um levantamento sobre o tema, seguida de uma análise documental da Carta Encíclica, que foi também suportada através de webinars visionados. Numa segunda fase, de apuramento de dados primários foram conduzidas catorze entrevistas aos vários membros da sociedade civil, com o propósito de aferir qual a perceção dos entrevistados face aos traços de liderança presentes no Papa Francisco. Pela análise das entrevistas é possível perceber que o atual Papa da Igreja Católica tem traços identificadores de liderança transformacional, o que é visto a partir da *Fratelli Tutti* – enquanto um “documento-resumo” do Papado atual, uma Encíclica que congrega as principais ideias e valores do magistério do Papa Francisco.

Palavras-chave: Liderança Transformacional, Papa Francisco, Fratelli Tutti, Igreja Católica, Comunicação Religiosa, Sumo Pontífice

Abstract

Over time, man felt the need to justify his existence based on the most different beliefs. The way he organizes his values and lives in society has been shaped according to what the human being believes in, and religiosity can be divided into different religious confessions. For some men and women, the awakening of their consciences requires the need for a God. For those who believe in God and in Christ, sharing the message of the Catholic Church, the figure of the Pope does not go unnoticed as the supreme leader of this religion. However, this leadership is not only perceived from Catholics, but from all people in the world, even outside the religion boundaries.

Thus, this study aims to see what people's perception of Pope Francis' leadership is, so the objective is to understand how his message and communication itself make him a leader. Another objective is also to try to understand if his leadership fits in the transformational leadership category. For this study, an analysis is made based on its most recent Encyclical Letter, *Fratelli Tutti*, released in 2020, November.

The methodology used in this investigation consisted of the application of qualitative methods. In an exploratory phase, a literature review was carried out to survey the topic, followed by a documentary analysis of the Encyclical Letter, which was also supported through webinars. In a second phase, for the collection of primary data, fourteen interviews were conducted with various members of civil society, with the purpose of assessing the perception of the interviewees regarding the leadership traits present in Pope Francis. By analysing the interviews, it is possible to see that the current Pope of the Catholic Church has identifying traits of transformational leadership, which is seen from *Fratelli Tutti* – as a “summary document” of the current Papacy, an encyclical that brings together the main ideas and values of the magisterium of Pope Francis.

Key words: Transformational Leadership, Pope Francis, *Fratelli Tutti*, Roman Catholic Church, Religious Communication, Holy Father

Dedicatória

Ao meu padrinho, que não pode viver para me ver concretizar este passo, mas que sempre me ensinou que na vida o importante é termos os olhos postos em Deus e o coração voltado para os outros.

A ti, que no céu te enches de orgulho.

Agradecimentos

Gostaria de começar por agradecer a todas as pessoas que acreditaram em mim e que sonharam comigo ao longo da realização exaustiva deste trabalho.

Assim, começo por agradecer ao Professor Doutor Nuno Goulart Brandão que além de acreditar em mim desde o primeiro segundo, acreditou neste tema que se distingue de tantos outros nesta área. Agradecer-lhe ainda pela dedicação e disponibilidade permanente com que me aconselhou e auxiliou ao longo de todo este trabalho, escolhê-lo-ia novamente sem hesitar. Obrigada, professor, por me ter permitido sonhar e realizar este trabalho do qual tanto me orgulho.

Depois, agradecer aos meus amigos e familiares que me acompanharam nesta jornada e que realmente procuraram estar perto de mim para aquilo que eu precisasse, desde as idas à biblioteca, às noitadas de desespero juntos, aos milhentos livros que me emprestaram, obrigada. Foram imensos jantares de pizza e sem vocês este processo teria sido muito mais solitário e menos pautado por alegria e histórias engraçadas por contar.

Por último, gostaria de agradecer a todas as pessoas incríveis que tive a oportunidade de entrevistar. Não só porque enriqueceram o meu trabalho, mas porque me permitiram a mim aprender imenso da vossa experiência e partilha, nem que seja por terem vidas diferentes da minha, mas todos conseguirem retirar um pedaço do vosso tempo para conversarem comigo e trocarem impressões de vida.

A todos, permitiram-me ao longo desta dissertação crescer e completar o meu “acrescentamento de ser” naquilo que foi a minha relação convosco. Obrigada.

Índice

Introdução	1
Capítulo I – A Liderança e a Comunicação	4
1. A Liderança	4
2. Líderes e Liderados	10
3. Modelos de Liderança e Inteligência Emocional	19
4. O Impacto da Comunicação na Liderança.....	31
Capítulo II – A Liderança e a Comunicação do Papa Francisco	37
1. Contexto de Tomada de Posse de Jorge Mario Bergoglio como Papa Francisco	37
2. A Liderança do Papa Francisco	43
3. As Cartas Encíclicas <i>Lumen Fidei</i> e <i>Laudato Si</i>	51
4. A Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>	59
Capítulo III – Metodologia	68
1. Objeto de Estudo e Relevância da Investigação	68
2. Pergunta de Partida e Objetivos em Investigação	69
3. Estratégia Metodológica	71
3.1. Dados Exploratórios	74
3.2. Dados Primários	76
4. Modelo de Construto Metodológico.....	79
5. Limitações à Investigação	81
6. Questões de Investigação.....	82
Capítulo IV – Análise dos Dados do Estudo	83
1. Análise dos Dados Exploratórios	83
2. Análise dos Dados Primários.....	91
2.1. Dados de Caracterização dos Entrevistados.....	91
2.2. Análise dos Dados obtidos através das Entrevistas.....	94
3. Reflexões sobre os Resultados	124
Conclusão	138
Referências Bibliográficas	141
Anexos	152

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Modelo de Constructo Metodológico..... 80

Tabela 2 - Relação das Perguntas do Guião de Entrevista com as Questões de Investigação
..... 82

Índice de Figuras

Figura 1 - Classificação dos entrevistados por Género. 91

Figura 2 - Classificação dos entrevistados por Área da sua Profissão. 92

Figura 3 - Classificação dos entrevistados quando à Crença Católica. 92

Figura 4 - Classificação dos entrevistados Não Católicos como Crentes de outras
Confissões Religiosas e Não Crentes. 93

Figura 5 - Classificação das diferentes Crenças Religiosas entre os Entrevistados Crentes
Não Católicos. 93

Figura 6 - Classificação dos indivíduos consoante a sua posição/ crença religiosa. 94

Introdução

A forma como tratamos as pessoas é das coisas mais importantes que podemos aprender na vida. Em última instância, a nossa passagem na vida resume-se às nossas trocas de impressões uns com os outros, e às relações humanas no geral.

Sendo católica sempre valorizei muito aquela que era a minha relação com o outro, com base nos valores à luz do Evangelho. Assim, a forma como eu comunicava com os outros sempre foi algo com que me preocupei e, quando Jorge Bergoglio chega a Roma e é eleito Papa, também a sua forma clara e objetiva de comunicar com os seus fiéis me cativou. Identifiquei-me com este Papa e com a sua mensagem. Senti que me representava e que eu conseguia perceber a sua necessidade de ser tremendamente humano e generoso no toque ao outro – porque, como já referido, a vida resume-se às relações com os outros.

Deste modo, tive, desde o início, uma enorme vontade de estudar o Papa – enquanto líder máximo da Igreja Católica no mundo. O Papa Francisco que atualmente assume o Trono de Pedro em Roma, tem uma personalidade que é particularmente fascinante, levando-me a questionar-me se este homem é um líder por inerência do cargo que assume, ou se, de facto, tem características que lhe permitam ser realmente um líder por natureza.

Quer queiramos, quer não, um Papa será sempre alguém com poder no mundo, enquanto existirem tantos católicos que o justifiquem. Mas ter poder e chefiar uma Igreja ou liderá-la são questões diferentes e o interesse nesta investigação de mestrado é perceber até onde vai esta liderança.

Assim, definiu-se um objeto de estudo, o próprio Papa Francisco. Contudo, analisar a sua liderança é um trabalho que necessita de ser “balizado”, pelo que é importante limitar, de algum modo, aquilo que se quer concretamente analisar. Foi neste contexto que se procurou perceber quais os documentos oficiais de comunicação do Santo Padre e se chegou às Cartas Encíclicas.

Durante o ano de 2020, o Papa Francisco lançou a sua mais recente Encíclica que foi logo apontada como um documento para analisar uma vez que, além de atual, sistematiza algumas das principais questões defendidas e debatidas ao longo do pontificado de Francisco. Definido o que se pretende analisar, formulou-se a questão de partida que regeu o estudo: “Será que as características identificadas na Liderança do Papa Francisco, através da Encíclica Fratelli Tutti, são correspondentes aos principais traços mais determinantes de conduta de uma Liderança Transformacional?”.

Para aprofundar o tema e responder à questão de partida, dividiu-se esta dissertação de mestrado em dois capítulos de enquadramento teórico, seguidos de um capítulo dedicado à metodologia e, por último, um capítulo de análise dos dados obtidos com o estudo.

O primeiro capítulo debruça-se sobre a Liderança e a Comunicação, conceptualizando a liderança, os líderes e também a perspetiva dos liderados. Associado ainda à liderança, um dos subcapítulos aborda os vários modelos de liderança e também a inteligência emocional. Também neste capítulo, há uma ponte entre a comunicação e a liderança, procurando perceber o impacto da comunicação na liderança. Este capítulo é suportado por vários autores, nomeadamente, Bass & Bass (1990), Goleman (1998), Hunt (1996), Jesuíno (1999), Kotter (2011), Rego & Cunha (2005), Syroit & Cunha (1996), Vugt, M. & Ahuja (2010), Yukl, G. (1998) e Zaleznik, A. (1977).

O segundo capítulo problematiza a Liderança e a Comunicação na pessoa do Papa Francisco. Neste capítulo há uma contextualização inicial da tomada de posse de Jorge Bergoglio como Papa, seguido de um levantamento sobre a sua liderança. Como objeto comunicacional do Papa, são analisadas as suas Cartas Encíclicas, com um especial enfoque na sua Carta Encíclica mais recente. O segundo capítulo conta com inferências de autores como: Agostinho (2017), Bergoglio & Skorcka (2013), Dias (2016), Hunt (1996), Ivereigh (2020), Krames (2015), Lowney (2003, 2015), McCarthy (2020), Passos (2015) e Rego & Cunha (2015).

Terminado o enquadramento teórico, o terceiro capítulo prende-se com a Metodologia onde foram aplicados métodos qualitativos. Este capítulo rege-se pelo construto metodológico que pretende responder às seguintes duas questões de investigação:

- i) As características identificadas na Revisão de Literatura, referentes à Liderança do Papa Francisco, correspondem ao traço identificador da Liderança Transformacional?
- ii) A escrita da Encíclica *Fratelli Tutti* contribui para aferir se o Papa Francisco é um líder transformacional?

Deste modo, por um lado, ambiciona-se perceber se as características identificadas na Revisão de Literatura, referentes à Liderança do Papa Francisco, correspondem ao traço identificador da Liderança Transformacional. Por outro, pretende-se perceber de que modo a escrita da Encíclica *Fratelli Tutti* contribui para aferir se o Papa Francisco é um líder transformacional.

Para tal, foram utilizados vários instrumentos de foro metodológico, além da revisão de literatura, presente nos dois primeiros capítulos. Foi realizada uma análise documental da Encíclica *Fratelli Tutti*, “entrevistas” através de webinars onde se pode inferir dados de carácter exploratório e, num segundo momento e já com as variáveis identificadas, a realização de catorze entrevistas a vários membros representativos da sociedade civil, incluindo pessoas com outras crenças que não a católica.

Por fim, o quinto capítulo, alusivo onde estão sistematizados os resultados deste estudo, concebidos com base na metodologia qualitativa supracitada. É realizada uma triangulação de dados, a fim de validar os resultados obtidos. Através deste processo é possível cruzar dados de diferentes fontes que podem complementar os resultados ou corroborar os mesmos.

Este trabalho constitui-se, assim, uma investigação que pretende levantar pistas sobre a liderança do Papa Francisco, a sua influência na sociedade e o impacto da comunicação no que à liderança diz respeito.

Capítulo I – A Liderança e a Comunicação

1. A Liderança

Falar de liderança é desenvolver uma atitude reflexiva e complexa, não havendo uma única definição que possa ser utilizada como referência (Rego & Cunha, 2005, p. 20). Segundo Bass & Bass (1990), é mesmo possível afirmar que existem quase tantas definições de liderança, como o número de pessoas que se dedicaram a esta temática. Yukl (1998, p.20) sustenta mesmo que o número de definições aumenta consoante a área de estudo em que cada autor/investigador trabalha, bem como varia conforme a experiência pessoal de cada um – o seu percurso.

No entanto, o conceito de liderança traduz-se numa temática que não pode ser desassociada dos estudos organizacionais e da gestão empresarial, pois é uma temática de estudo relevante para múltiplas áreas (Rego & Cunha, 2005, p. 20).

O termo liderança é uma expressão que muitas vezes se torna ambígua devido às conotações distintas que pode receber (consoante o seu autor), associadas a palavras como: poder, autoridade, gestão, administração, controle e supervisão (Yukl, 1998, p. 21).

Iniciando a conceptualização deste tema, Richard & Engle (1986), conforme referido em Yukl (1998, p.21) afirmam que a liderança é vista como a possibilidade de articular visões, incorporar valores e criar um ambiente no qual as metas conseguem ser atingidas. Nesta definição sobressai uma característica da liderança que se prende com a orientação para metas – uma abordagem que se foca nos objetivos.

Por outro lado, Jacobs & Jaques (1990), conforme cita Yukl (1998, p.21), olha para esta temática como um processo que permite dar um propósito, uma direção significativa ao esforço coletivo, permitindo assim alcançar determinado propósito com sentido.

Aqui encontramos a ideia de esforço conjunto e de procurar atingir um fim que tenha um propósito. Neste significado do termo liderança conseguimos reconhecer a ideia de grupo e também a ideia de que os objetivos devem ter um propósito com significado.

Outra definição que gostaria de destacar é a de House (1998) como referido em Rego & Cunha (2005), que também aborda a liderança como um processo, mas refere-se a outra ideia-chave importante, a influência social. Assim, para o autor a liderança é este processo de influência social que tem como fim o alcance de determinado resultado.

Ora, com estas três definições é possível identificar que a liderança pode ser um processo de influência social, orientado para objetivos que tenham realmente sentido, que pressupõe um esforço coletivo para serem atingidos.

Assim, é possível encontrar várias perspectivas de diferentes autores, originando as diferentes interpretações do mesmo termo (Hunt, 1996; Rego & Cunha, 2005).

Para Yukl (1998, p.26) a liderança é efetivamente um processo, mas trata-se de um processo onde a influência social (House, 1998) é projetada nos indivíduos liderados como forma de os guiar, estruturar e facilitar as suas atividades e relações em determinado grupo ou organização (Yukl, 1998, p. 21).

Normalmente, a liderança é destaque em grandes eventos ou atrocidades, como o 11 de Setembro, no ataque às Torres Gémeas (Vugt & Ahuja, 2010, p. 12). Nestas situações, é mais fácil para a mente humana aperceber-se como a liderança é necessária, que planos fazem os líderes, como combatem e orientam os seus subordinados numa situação como esta. E os próprios líderes ganham destaque porque são situações de crise em que eles são chamados a assumir o comando de determinado grupo.

No entanto, não é apenas em situações catastróficas ou mais graves que a liderança está presente. A liderança está em todo o lado, em todos os sistemas existentes, a começar pelo simples facto de todas as nações terem um líder que as orienta, alguém que representa o país ou estado, independentemente da forma como foi eleito (Vugt & Ahuja, 2010, p. 12).

Trata-se de um fenómeno universal que além de acontecer na espécie humana é também observado na espécie animal. Ambas as espécies, sempre viveram em comunidades onde se orientavam segundo determinada organização social. Num sistema de organização social são sempre necessários um líder e um processo de liderança que conduzam e orientem os seres (Bass & Bass, 1990, p. 32).

Segundo Jesuíno (1999, p.16), este processo que ocorre nas várias espécies tem vindo também a sofrer uma evolução na concretização do conceito de liderança. Com isto, o autor explica-nos que a definição de liderança também tem evoluído de acordo com os tempos em que se vive e os contextos em que é aplicada.

Este processo sempre foi uma forma de gerir e, simultaneamente, orientar a população. Em muitas culturas, as proposições de liderança mantêm a sua validade ao longo do tempo (Bass & Bass, 1990, p. 33).

A liderança pode parecer de facto dispersa, analisada de diferentes formas e inúmeros pontos de vista, correndo até o risco de se tornar mais um conceito teórico do que uma ação prática. Contudo, a complexidade desta temática deve-se mesmo à forma como cada um percebe a liderança (Hunt, 1996, p. 3).

Até porque o facto de este conceito se poder tornar teórico ou prático depende da interpretação de quem o estuda: se uma pessoa acreditar na liderança como uma conceção que existe na sua cabeça, esta será completamente diferente de outra pessoa que acredite na liderança como um conceito real que existe efetivamente no dia-a-dia (Hunt, 1996, p. 3).

Este processo depende da interpretação de cada um, mas está ainda mais dependente do líder. Está nas mãos do líder treinar os seus liderados (Blum, 2019).

A liderança é assim uma ferramenta fundamental, um processo partilhado que envolve pessoas numa equipa, em determinada organização e que tem em vista o crescimento de cada indivíduo (Jaap, 1989, p.6; Yukl, 1998, p. 20).

Deste modo, todas as pessoas estão envolvidas no alcance de determinado objetivo ou resultado e são capazes de o fazer eficazmente. Assim, a liderança estará presente transversalmente nas várias equipas, podendo passar/ ser transmitida de uns indivíduos para os outros – todos são convidados a participar e a colaborar na obtenção de resultados (Jaap, 1989, p. 58).

Segundo Hunt (1996, pp.27-28), um líder e a sua forma de liderar serão sempre influenciadas pela sociedade e ambiente onde se inserem (a própria cultura da organização tem impacto), pelas suas tarefas e papéis que desempenha (as suas responsabilidades, objetivos e missão dentro da organização) e, por último, a capacidade individual do líder.

São as suas competências individuais que irão influenciar o desenvolvimento de determinado líder. Um líder mais voltado para a sua capacidade individual pode revelar confiança em si próprio e no seu trabalho, crendo que o completará de forma eficaz. Um dos aspetos importantes deste modelo é também o facto de incluir o ambiente organizacional, nomeadamente ao nível dos valores e cultura de uma organização. Esta dimensão engloba as crenças partilhadas dentro de cada organização, entre os seus vários membros.

Isto remete, de facto, para o que a organização é e represente. E, este ponto tem impacto num líder que desempenhe determinado cargo nessa organização. Se o líder se identificar com o ambiente organizacional a sua liderança poderá ser mais consistente e eficaz (Hunt, 1996, pp. 28-32).

A liderança é este processo que exige proatividade e uma boa capacidade de “dar a cara” pelas mais variadas situações. É por isso que, em situações menos positivas, onde o medo, a dúvida ou o desespero insistem em estarem presentes, é fundamental que um líder consiga adotar uma postura de amor-próprio. Aqui, neste sentido, o amor próprio advém de uma boa estrutura emocional (se conjugada com outros fatores), onde o líder consegue ter uma mente forte para enfrentar as situações mais pesadas.

É deste fator que advém a inteligência emocional, a resiliência, uma mentalidade em crescimento, integridade e compaixão também sobre os outros (Fernandez & Stern, 2020).

Atualmente, a liderança é desafiada pelo período em que vivemos, acentuando-se o ambiente vivido no mundo dos negócios (Siggelkow & Rivkin, 2005; Rego & Cunha, 2005). A liderança passou a ser vista como um tipo consultoria, onde há partilha da tomada de decisão (Bass & Bass, 1990, p. 50), que tem vindo a ser estudada de pontos de vista mais vastos.

Vivemos numa era em que um processo de liderança não está tão focado na hierarquia, mas na partilha de competências que são colocadas ao dispor de um objetivo comum. Acredita-se que, este modelo em que há uma colaboração das várias partes, atualmente, é uma peça fundamental ao sucesso de uma organização. E, esta colaboração é conseguida através de treino – ou seja, através de líderes que se caracterizam por serem treinadores, mentores que escutam e fazem as questões corretas aos seus liderados, ajudando-os, por um lado, a conhecerem-se a eles próprios melhor e, por outro, a crescerem em termos de aprendizagens (Blum, 2019).

É importante que um líder manifeste o exemplo de ser o primeiro a tomar as rédeas de determinada situação, ou mesmo indo em primeiro lugar. Assim, é possível afirmar que nos nossos dias, um líder deve estar preparado para treinar os seus subordinados, pois a melhor forma de aprender a liderar e a treinar os outros é sendo treinado (Hammett, 2020).

Como refere o fundador do escutismo, o líder do maior movimento mundial de jovens que “não há ensino que se compare ao exemplo” (Baden Powell), pois só sendo “liderado”, sentindo-se como tal, é que determinado indivíduo consegue liderar e orientar os seus liderados.

É necessário sentir o que é a liderança para se conseguir também liderar. A liderança acaba por ser um processo que se aprende e que se vai desenvolvendo, mas para uma melhor compreensão do que significa, nada como ser liderado (Blum, 2019).

Remetendo agora também ao conceito da liderança no nosso país, em português a liderança advém da conceção de “arte do comando”, revelando também a curiosidade inicial em torno de quem comanda: o líder, debruçando-se mais sobre esta figura do que sobre o próprio processo em si que é a liderança (Jesuino, 1999, p. 8)

Rego & Cunha (2005, p.22) também tocam na questão de a liderança ter começado a ser analisada a partir dos traços pessoais de cada indivíduo. Ou seja, inicialmente, este estudo começou por procurar perceber quais as características que permitiam que determinada pessoa tivesse, ou não, mais apetência ou carisma para liderar. Atualmente, sabe-se que os traços e personalidade dos líderes dão ênfase à situação e contextos nos quais um processo de liderança toma lugar (Bass & Bass, 1990, p. 32).

Estes contextos em que a liderança ocorre obrigam a que este processo se adapte às circunstâncias e mudanças que a sociedade enfrenta, por isso é extremamente importante que um líder acompanhe estas mudanças e procure estar em constante crescimento (Chima & Gutman, 2020).

Os contextos são assim alterados pela mudança. Este é um fenómeno que acaba por ser sempre um processo que deixa as pessoas e as organizações fora das suas zonas de conforto, podendo deixá-las vulneráveis. Nestes casos, o papel de um líder é fundamental para manter a coesão, ser sinal de resiliência e colaboração com os demais, a fim de conseguir orientar os liderados por um processo em que o contexto e a situação tenham influência e origemem uma mudança (Chima & Gutman, 2020).

Se analisarmos bem o processo de liderança, compreendemos que esta dimensão, de facto, está sempre dependente e interligada ao líder, enquanto autor de comportamentos e processos de liderança. É do líder que parte a questão da autoridade e da influência, um processo de liderança começa com o responsável pela orientação dessa mudança. Assim, o líder ganha um papel de relevo na análise desta área, uma vez que é do seu carisma e dos seus subordinados que a liderança se desenvolve (Jesuino, 1999, p. 9).

Um processo de liderança envolve então, uma relação entre o líder e os seus subordinados, pressupondo que este os conheça e que lhes faça as perguntas certas. É fundamental que um líder faça as perguntas corretas e coloque os seus liderados a pensar. Um líder dá ferramentas aos seus subordinados, procurando fornecer-lhes os materiais de que precisam para responderem às questões, ao invés de lhes dar a resposta (Blum, 2019).

Assim, através do processo de liderança podemos inferir que um líder deve desenvolver um tipo de mentalidade ou pensamento que é trabalhado, em constante crescimento e evolução. A forma como pensam, aprendem e se comportam define a sua mentalidade e, a mentalidade de um líder é fundamental para o sucesso da organização. Um líder é um ser em aprendizagem que deve procurar superar-se e alcançar uma mentalidade adequada que inclua todos, mas que também seja capaz de se colocar do lado dos seus subordinados (Gottfredson & Reina, 2020).

2. Líderes e Liderados

Para melhor podermos caracterizar um líder, é importante começarmos por distinguir a liderança da gestão, uma vez que estas duas funções são usualmente confundidas.

A liderança é diferente da gestão, mas não significa que alguma destas áreas seja melhor que a outra. A liderança e a gestão são dois sistemas que se completam, pois, ambas são necessárias e, em equilíbrio, conduzem ao sucesso de determinada atividade (Kotter, 2001).

Por um lado, a gestão debruça-se sobre a complexidade das organizações, tornando-as mais organizadas e funcionais. Uma boa gestão permite que haja consistência em dimensões cruciais ao sucesso de uma organização. Por outro lado, a liderança foca-se na mudança que a atualidade exige: nova tecnologia, competição internacional, as novas indústrias e os novos desafios do mercado são alguns dos exemplos. As grandes mudanças são cada vez mais necessárias para a sobrevivência das empresas no mundo volátil e competitivo em que vivemos (Kotter, 2001).

Trata-se, portanto, de dois processos completamente distintos: quer nas suas formas de exercer, quer nos resultados obtidos (Hunt, Hosking, Schrisheim, & Stewart, 1984, p. 1).

No caso da gestão, as empresas gerem a partir do planeamento e orçamentação, estabelecendo objetivos para o futuro próximo (normalmente os gestores pensam num futuro a curto prazo). Neste processo a gestão estabelece os passos detalhados que devem ser cumpridos para atingir os determinados objetivos ou metas, assim como as ferramentas necessárias para tal (Kotter, 2001).

Em oposição, a liderança, requer o uso de poder para influenciar pensamentos e ações de outras pessoas e assim movê-los para o alcance de determinada visão (Zaleznik, 1977, p. 76).

Assim, este processo caracteriza-se por estabelecer uma direção, desenvolvendo uma visão de futuro (um futuro a longo prazo). Os líderes têm esta visão e procuram comunicá-la aos outros, envolvendo estratégias que ajudem na produção das mudanças necessárias a fim de que uma determinada visão seja igualmente alcançada (Wajdi, 2017, p. 75; Kirjavainen, Björklund, Eloranta, & Laakso, 2010, p. 340).

A ideia de conseguir que as pessoas se movam na mesma direção, para os gestores pode parecer um problema organizacional. No entanto, como a função da liderança é efetivamente originar uma mudança, definir a direção dessa mudança acaba por ser crucial para este processo. Para conseguir tal feito é importante alinhar as pessoas, ou seja, implica falar com as várias pessoas da organização (qualquer pessoa que possa ajudar a implementar a visão e estratégias) e ajudá-las a compreender a visão da organização, que é o que um líder procura fazer (Kotter, 2001).

Na liderança, alcançar uma visão pressupõe motivar e inspirar, ajudando as pessoas a seguirem a direção certa, procurando “trazer” mudança. Já na gestão, o alcance de determinado plano é “garantido” através do controlo e solução de problemas. Gestores tendem a ver o trabalho como um processo que envolve algumas combinações de pessoas e interação de ideias para estabelecer estratégias e tomar decisões (Kotter, 2001; Zaleznik, 1977, p. 76; Toor & Ofori, 2008, p. 64).

A liderança e a gestão distam não apenas na parte conceptual, mas porque, envolvem processos e poderes diferentes. Enquanto que o processo de liderança consiste num processo que conta com o poder da influência, a gestão é um processo que conta com o poder pelo papel/ posição ocupada (Toor & Ofori, 2008, p. 64).

A gestão, por sua vez, desenvolve abordagens novas para problemas a longo prazo e abre as questões a novas opções. Já a liderança, para o seu sucesso, projeta as ideias em imagens que motivem as pessoas (Zaleznik, 1977, p. 77).

Os gestores preferem trabalhar com pessoas, não gostam de trabalhar individualmente. Sentem uma necessidade de procurar os outros com quem possam trabalhar e colaborar. No entanto, acabam por não se envolver emocionalmente nessas relações ou envolvem-se pouco, acabando por não serem capazes de desenvolver intuição sobre os pensamentos e sentimentos dos outros que lhes são subordinados. Os líderes, por sua vez, envolvem-se e procuram desenvolver uma perceção sobre o que os outros pensam ou sentem (Robbins, 2002, como referido em Toor & Ofori, 2008, p. 66).

É possível perceber que o desafio da gestão e da liderança é dificultado pela diversidade de abordagens, fases e comportamentos (proativos, reativos, empáticos, etc) adquiridos ao longo de cada um dos processos (Kirjavainen, Björklund, Eloranta, & Laakso, 2010, p. 340).

Os líderes preocupam-se com ideias, relacionam-se de modo mais intuitivo e empático. O gestor preocupa-se em “como” ter as coisas feitas e um líder foca-se no que os ventos e as decisões significam para os participantes/ liderados (Zaleznik, 1977, p. 78).

Para Taylor (2020), um líder destaca-se por ser uma pessoa que se preocupa mais com os outros e investe nas relações com as pessoas que coordena.

Os gestores são, por norma, administradores. São também mais conservadores na medida em que se adaptam às circunstâncias, enquanto os líderes procuram mudá-las (Toor & Ofori, 2008, p. 66).

Os gestores acabam por ter uma atitude mais reativa enquanto que os líderes têm uma atitude proativa, ao invés de reagirem às abordagens, ideias ou circunstâncias, são eles que as criam e desenvolvem (Zaleznik, 1977, p. 78; Toor & Ofori, 2008, p. 66).

A liderança pode considerar-se um processo mais emocional, que envolve mais a alma, do que propriamente a gestão, que é mais racional e se relaciona mais com um controlo mental (Rego, Pina e Cunha, Campos e Cunha, & Cabral-Cardoso, 2003, p. 269; Toor & Ofori, 2008, p. 64).

Trata-se de um processo mais necessário em ambiente de mais tensão, como as crises, ao passo que a gestão é necessária em ambientes e momentos de estabilidade (Rego, Pina e Cunha, Campos e Cunha, & Cabral-Cardoso, 2003, p. 270).

Deste modo, é possível concluir que líderes e gestores trabalham de forma diferente, têm comportamentos diferentes e têm motivações distintas (Hunt, Hosking, Schrisheim, & Stewart, 1984, p.1; Wajdi, 2017, p.75).

Desempenhar uma função de liderança não significa que determinado indivíduo saiba efetivamente liderar. A liderança envolve mais do que ocupar um cargo, prende-se com as capacidades desse indivíduo em prol dos outros, na forma como orienta, motiva e inspira os seus subordinados com vista a alcançarem determinados objetivos comuns (Valcour, 2020). Assim, um líder pauta-se não só pelos comportamentos e atitudes mencionados, mas por funções e virtudes que marcam a sua presença numa organização.

Segundo Rego, Cunha & Clegg (2012, pp.161-162), algumas das funções dos líderes devem ser as seguintes:

- i) Desenvolvimento de estratégias inovadoras;
- ii) Abertura a novos paradigmas;
- iii) Desenvolvimento da motivação e vontade necessárias para enfrentar situações menos familiares e fora da sua zona de conforto;
- iv) Procura da verdade sobre os factos;
- v) Capacidade de enfrentar situações éticas extremas, difíceis e complexas;
- vi) Negociar globalmente com parceiros de múltiplas culturas;
- vii) Saber adotar comportamentos de liderança consoante o contexto;

- viii) Desenvolver a confiança necessária para estimular relações de trabalho colaborativas;
- ix) Adotar uma liderança responsável para lidar com os vários tipos de problemas que possam surgir.

Um líder, ao adotar estas funções, fará um “treino” que lhe permite ter as suas virtudes e forças mais trabalhadas. Ora, estes dois traços conjugados permitem chegar a um “reforço da sua missão” e, por isso, a um estilo de liderança que potencialmente será mais eficaz (Rego, Cunha, & Clegg, 2012, p. 164).

Aqui entramos no campo das forças e virtudes de um líder. As virtudes devem ser trabalhadas e ajudam um indivíduo a desenvolver-se não só enquanto líder, mas enquanto cidadão preparado para o mundo. Contudo, o aperfeiçoamento ou desenvolvimento de determinada virtude não resulta necessariamente no desenvolvimento de outras virtudes. Se um indivíduo aprofundar uma das virtudes, poderá ter dificuldade em aprofundar outras (Irwin, 1997; Rego, Cunha & Clegg, 2012, p.164).

Por exemplo, um líder que desenvolve a esperança, pode ter dificuldade em desenvolver a prudência. As virtudes não se excluem mutuamente, mas podem convergir e desenvolver atritos se não houver um equilíbrio e complementaridade (Rego, Cunha, & Clegg, 2012, p. 164).

Existem assim virtudes e também características que ajudam um líder no processo de liderança. No entanto, é importante ter em consideração que os processos de mudança mudam consoante o líder, porque são processos que estão relacionados com a personalidade do indivíduo (desde as suas competências, à motivação e cognição para explicar decisões e comportamentos – que são questões que variam de indivíduo para indivíduo) (Yukl, 1998, p. 35).

A ética, por exemplo, é uma das características que urge na exigência de líderes no mundo atual. Mais precisamente, “precisamos de líderes mais éticos”, com capacidade de refletirem

e efetivamente pensarem sobre o poder que têm e as relações onde estão inseridos (Rego, Cunha, & Clegg, 2012, p. 2).

Outros dois traços fundamentais que um líder deve adotar para a compreensão da complexidade do mosaico cultural onde se insere são: a sabedoria e a sensatez (Rego, Cunha, & Clegg, 2012, p. 153). A sabedoria é uma característica muito importante que não é necessariamente adquirida através de escolhas que conduziram o sucesso, mas uma sabedoria pensada a partir das aprendizagens. Ou seja, reunir todas as aprendizagens feitas e prosseguir caminho com as mesmas significa também atravessar o fracasso com sabedoria (Maxwell, 2008).

A coragem, por sua vez, é também uma característica que um líder deve ter e que o poderá ajudar no cumprimento da sua missão, principalmente na tomada de decisões. Esta poderá ser uma ferramenta que terá uma função importante no auxílio dos líderes na forma como lidam com problemas, nomeadamente na forma como as pessoas vão criar perceções sobre esse determinado líder (Rego, Cunha, & Clegg, 2012, p. 153).

A humanidade é também uma característica relevante que torna os líderes seres capazes de promover a confiança e relacionamentos cooperativos entre os seus liderados. É uma característica comum aos líderes que são preocupados e que, pela sua postura humana, conseguem efetivamente ajudar no crescimento das pessoas. Esta postura ajuda-os a serem prudentes sem deixarem de ser humildes, o que facilita no respeito pelos outros na tomada de decisões a que são sujeitos (Collins, 2001; Rego, Cunha & Clegg, 2012, p. 156).

De facto, entre as várias virtudes que um líder deve procurar ter, destaca-se o facto de que um líder apenas consegue exercer a sua função eficazmente se conseguir liderar-se a si próprio antes de qualquer outro passo. Lowney (2013, p.122) reconhece aqui uma dimensão de autodomínio que se revela fundamental para uma liderança eficaz. Yulk (1998, p. 35) chama a esta dimensão de “auto-gestão” ou “auto-liderança” e argumenta que um líder deve identificar os objetivos pessoais e as prioridades.

Por outro lado, uma outra característica que um líder deve equilibrar é o estar dentro das coisas, mas também a capacidade de dar um passo atrás e ver as coisas de um ponto de vista externo – ou seja, estar envolvido no mundo e afastar-se deste –, porque é extremamente necessário que um líder seja capaz de rever uma situação, vendo o panorama global. Esta capacidade de ver o mundo como um todo ajuda um líder a efetivamente liderar (Rego & Cunha, 2015, p. 124).

O poder ou o estatuto que a liderança confere são importantes, mas exigem uma gestão que requer que se saiba gerir o “xadrez do poder” (Rego & Cunha, 2015, p. 125). É nesta ideia de poder que é importante distinguir o *hard power* do *soft power*.

De acordo com Joseph S. Nye (2009, p.160) o poder em si, é a possibilidade de afetar o comportamento dos outros com o intuito de obter algo deles. Para tal, o autor defende que existem três formas de o conseguir, através da coerção, do pagamento ou da atração. Assim, o *hard power* é o poder que recorre à coerção ou ao pagamento para obter algo que se pretende dos outros. Já o *soft power*, por sua vez, é a capacidade de se obter os resultados pretendidos através da atração.

É nesta última forma de poder que Rego e Cunha (2015, p.126) acreditam que está o poder, e simultaneamente, a forma de liderar do Papa Francisco. O Sumo Pontífice lidera numa ótica de influência em que é capaz de “inspirar e mover os outros em prol de causas justas, corretas e nobres”. Assim, os autores defendem que o *soft power* pode ser mais forte que o *hard power*, utilizando a nossa influência para fatores positivos.

Há cada vez mais uma tendência nas empresas pela procura de grandes líderes. Mas estes líderes, atualmente, necessitam de ser cada vez mais ágeis nas respostas que dão, enquanto procuram estar um passo à frente. Ao mesmo tempo, há uma necessidade destes líderes compreenderem o outro, de deverem ser pacientes e, através da paciência permitirem e proporcionarem que as pessoas desenvolvam novas ideias e comuniquem de formas diversas e inovadoras (Tekeli, 2019).

Segundo Ivey (2002, p. 27), a capacidade de inovar é uma característica fundamental que um líder deve possuir, uma vez que esta competência permite ao líder adaptar-se constantemente ao mundo volátil em que nos encontramos – em constante alteração. Esta característica permite manter a competitividade e o sucesso de uma determinada liderança.

Ainda no contexto de adaptação e desenvolvimento inovador, também é defendido outro componente crucial da liderança: a integração. Um líder deve ser capaz de integrar-se e integrar os seus liderados, nomeadamente no que diz respeito às suas necessidades. Além de inovador, um líder deve ter a capacidade de ser integrador e inclusivo, procurando não excluir nem os seus subordinados, nem alguma das suas necessidades (Ivey, 2002, pp. 26-27).

Os líderes devem também procurar ser inclusivos, o que significa três comportamentos principais (Zandan & Shalett, 2020):

- i) Adaptar a linguagem à audiência a que se dirigem, procurando ir ao encontro do seu público. Para isto, os líderes procuram que os seus liderados compreendam as suas mensagens da melhor forma;
- ii) Demonstrar que percebem e dominam assuntos, posicionando-se como especialistas nos mesmos. Desta forma, com conhecimento sobre as coisas, os líderes conseguem também estar mais abertos sobre os assuntos e ajudaram na compreensão dos diferentes pontos de vista – consegue pensar com os outros.
- iii) Procura mostrar autenticidade e integridade – estes líderes são consistentes na sua postura e forma de agir, as suas atitudes estão alinhadas com os seus valores e princípios, são autênticos íntegros. Esta característica destaca a possibilidade de o líder ser genuíno, de conseguir realmente conversar com os seus liderados, criando este envolvimento entre líder e liderados (Ivey, 2002).

Aqui, entramos no campo dos subordinados, aqueles que o líder orienta – os liderados. Na época em que vivemos, a liderança pode e deve ser treinada, com o intuito de se desenvolver um meio de inspirar e potenciar a capacidade dos liderados. É através desta ideia da liderança

como um “treino” que os subordinados se tornam capazes de descobrir as suas próprias forças e confiarem em si próprios – isto fará com que os liderados estejam aptos para colaborem com os objetivos do líder (Blum, 2019).

A liderança é um processo que promove as habilidades e os talentos de cada um. Permitir ou potenciar a liderança é uma iniciativa que terá impacto no desenvolvimento de um clima onde as pessoas se sintam encorajadas a serem proativas e a receberem responsabilidades. O desafio da liderança é o de que os liderados sigam determinada direção, sugerida pelo líder que os orienta eficazmente (Jaap, 1989, p. 6 & Blum, 2019).

Focando agora um pouco nos liderados, estes são indivíduos que podem ser considerados como seguidores. Isto porque, mais do que seguirem uma pessoa, os liderados podem seguir uma determinada ideia ou movimento, sem estarem propriamente dependentes de um líder (Vugt & Ahuja, 2010).

No fundo, os liderados são indivíduos que orientam as suas ações em comunhão com outro indivíduo, sempre com um certo vínculo de dependência ou subordinação a este segundo. Isto acontece principalmente quando uma pessoa se depara perante um cenário em que não está completamente dentro de certos contextos, circunstâncias ou temas e, enquanto ser humano, tem tendência a procurar seguir quem domina essas determinadas temáticas. Deste modo, aqueles que são considerados *experts* passam a ser percecionados como líderes, tornando seguidores aqueles que os seguem (Vugt & Ahuja, 2010).

Existem várias teorias para a relação entre líder e liderado, mas os autores destacam o facto de que tanto os liderados dependem do líder como o líder deles. É uma relação que funciona circularmente e, quando bem conseguida, produz resultados eficazes (Vugt & Ahuja, 2010).

Assim, podemos concluir que liderar é um processo em que o indivíduo deixa de se concentrar apenas em si próprio, mas começa a pensar nas suas ações e no impacto das mesmas nos outros – implica um desenvolvimento pessoal de um líder. A liderança convida um determinado indivíduo que ocupa um cargo de orientação de outras pessoas a colocar-se

no papel e na posição do outro, procurando compreender e extrair o melhor dos seus subordinados (Valcour, 2020).

3. Modelos de Liderança e Inteligência Emocional

O processo de liderança caracteriza-se pela influência que o líder tem nos liderados. Dentro de uma organização, um líder pode influenciar os seus subordinados, mas também colaboradores que não trabalham diretamente com ele. Isto significa que, é possível que um líder influencie não só as pessoas que lhe estão subordinadas – liderança direta, mas também outras pessoas dentro da organização – liderança indireta (Yukl, 1998, pp. 22-23).

Este último tipo de liderança, indireta, reforça o facto de que a liderança, em geral, é um processo que não se materializa apenas no contacto ou observação direta do comportamento de um líder, mas num sistema que engloba todas as pessoas a quem a sua influência afeta, direta ou indiretamente (Yukl, 1998, p. 24).

É importante destacar que apesar de se tratar de tipos de liderança diferentes, não significa que não possam coexistir. Ou seja, numa organização pode haver liderança direta e indireta, uma vez que não são mutuamente exclusivas e, assim, é possível potenciar os resultados da liderança (Yukl, 1998, p. 24).

Segundo Cunha & Rego (2005, p.23), as conceções de liderança podem ser organizadas por personalidade e comportamento, pelo que a liderança pode ser organizada segundo diferentes modelos. Assim, os diferentes tipos de liderança estão subjacentes às características e comportamentos do líder.

Deste modo, segundo as características (Hunt, Hosking, Schrisheim, & Stewart, 1984) ou personalidade (Rego & Cunha, 2005, p. 23) existem sete tipos de líderes:

- i) Orientados para o processo, diplomáticos, respeitadores: líderes com boas competências interpessoais, facilita a interação no grupo, a cooperação e a coesão;

- ii) Preocupados, empáticos: líderes preocupados com o indivíduo, estão atentos aos problemas e necessidades dos seus subordinados;
- iii) Criativos, inteligentes: líderes inovadores, com competências conceptuais, procuram oportunidades únicas;
- iv) Astutos politicamente, orientados para as fontes: líderes muito atentos e sensíveis às condições exteriores, particularmente as que estão relacionadas com legitimidade, influência e aquisição de fontes;
- v) Orientados para as tarefas, focados no trabalho: líderes orientados para as ações, investem muita energia e ficam muito satisfeitos com trabalho produtivo;
- vi) Decisivos, de confiança: líderes consistentes, previsíveis, procuram manter a continuidade e o equilíbrio do grupo;
- vii) Especializados tecnicamente, bem preparados: líderes informados, com conhecimento, competentes, especialistas em matérias técnicas.

Inicialmente a liderança era analisada a partir dos traços que determinada pessoa tinha e que faziam dela dotada para liderar. Era uma virtude com a qual os indivíduos nasciam. Posteriormente, a liderança começou a ser analisada a partir dos comportamentos do líder, começando pela sua “orientação para as tarefas e para as pessoas”, pressupondo que estes dois elementos quando bem aplicados permitiam uma boa eficácia (Rego & Cunha, 2005, p. 23).

Assim, cada líder passa também a poder distinguir-se dos outros, consoante os seus comportamentos (Hunt, Hosking, Schrisheim, & Stewart, 1984):

- i) Facilita a interação: líder com capacidades interpessoais, facilita os processos grupais, encoraja os subordinados a expressarem-se, procura consenso e compromete-se;

- ii) Mostra consideração: este líder está consciente das necessidades individuais de cada um, ouve ativamente, é justo, objetivo, ouve pedidos legítimos e promove o desenvolvimento individual de cada um;
- iii) Prevê o futuro: líder que procura novas oportunidades, encoraja e considera novas ideias, corre riscos;
- iv) Adquire recursos: líder que desenvolve contactos interpessoais, monitoriza o ambiente, acumula poder e influência, mantém a imagem externa de unidade e segura os recursos;
- v) Inicia ações, proativo: líder preocupado com as tarefas, estimula performances apropriadas em todos os indivíduos necessários para a concretização da tarefa;
- vi) Fornece estrutura: este líder envolve-se na definição de objetivos e na clarificação de papéis, monitoriza o progresso, fornece feedback, estabelece expectativas;
- vii) Mantem a estrutura: líder mantém a estabilidade e o fluxo de trabalho através de horários, coordenação, resolução de problemas e visionamento das regras, *standards* e datas limite;
- viii) Dá informação: líder que compreende profundamente a tarefa do grupo, recolhe coletivamente e distribui informação, facilita o desenvolvimento de significados partilhados, desenvolve um sentido de grupo contínuo e seguro.

Goleman, Boyatzis, & McKiee (2002, p. 76) conseguiram concluir, que um líder que recorre a vários destes traços de liderança consegue alcançar melhores resultados e que, fazendo uso das emoções positivas, apresentam também potencial para alcançarem melhores resultados financeiros do que outros líderes.

Consoante o posicionamento acima descrito, os líderes podem estar mais perto da liderança democrática, que promove a sinergia (mais voltada para o esforço de equipa), ou autocrática (combativa) (Hunt, Hosking, Schrisheim, & Stewart, 1984).

É preciso perceber de que modo cada estilo de liderança se relaciona também com a inteligência emocional e respetivas competências, incluindo as suas consequências no

ambiente de trabalho. Assim, os autores Hunt, Hosking, Schrisheim, & Stewart (1984) e Goleman, Boyatzis, & McKiee (2002, p. 75), identificaram seis tipos de líderes que procuraram salientar os efeitos de determinada liderança no ambiente de trabalho dos seus liderados:

- i) Visionário – trata-se de um líder que consegue que os indivíduos tenham uma visão futura e partilhem sonhos/objetivos;
- ii) Conselheiro – é o tipo de líder que relaciona os desejos dos indivíduos com os objetivos da organização, procurando compreendê-los;
- iii) Relacional – o líder que cria harmonia melhorando o relacionamento entre as pessoas;
- iv) Democrático – valoriza o contributo dos indivíduos e permite que estes intervenham na tomada de decisão, dando-lhes alguma liberdade;

Os primeiros três tipos de líderes conseguem igualmente obter efeitos positivos sobre o ambiente de trabalho vivido na organização, sendo que este último, os democráticos, além do ambiente positivo, conseguem ainda obter melhores resultados dos colaboradores.

- v) Opressor – um líder que pressiona e, apesar de atingir objetivos difíceis e estimulantes, pode ter um efeito muito negativo no ambiente de trabalho dos colaboradores. Pressiona-os demasiado e está constantemente voltado para os objetivos.
- vi) Instrutor – um líder que dirige e orienta, capaz de acalmar os medos dando instruções claras em situações de emergência. Consoante a situação este líder pode obter efeitos positivos ou negativos para a organização.

No decorrer destes modelos, Bass & Bass (1990, p.1421) identifica dois tipos de liderança: autocrática e democrática. Deste modo, o autoritarismo (relacionado com a liderança autocrática) influencia a aceitação de uma abordagem autocrática, em detrimento de uma democrática. Neste tipo de liderança, espera-se que o líder seja fortemente patriarca, em que a sua postura pode depender do seu próprio carácter ou é influenciada por um poder coercivo,

que força os outros. Este é o caso de vários países muçulmanos em que as tradições familiares e culturais resultam numa liderança autocrática (Bass & Bass, 1990, p. 1423).

Segundo Flynn (2009), este estilo de liderança é caracterizado por ser dominador. Estes líderes desenvolvem as suas próprias leis e políticas e têm em si todo o poder de decisão sobre a sua implementação. Nesta corrente, os líderes costumam ser distantes e indiferentes ao grupo.

Para se atingir este tipo de liderança, normalmente, o líder pune, ameaça, exige e procura dos liderados como única função - cumprirem o que o líder ordena sem questionarem. É um estilo que é propício em ambientes de mudança ao nível de entrada de novos colaboradores, onde não há espaço para opiniões partilhadas e decisões conjuntas (Flynn & Simone I., 2009).

Por outro lado, a liderança democrática consiste no apoio e camaradagem que os líderes dão aos liderados, possibilitando a sua participação equitativa e a procura de inclusão. A liderança democrática ganha autoridade pelas suas responsabilidades, que se traduz na prestação de contas, delegação de tarefas e participação ativa. Os liderados, por sua vez, têm uma função muito mais participativa onde têm disposição para assumirem as responsabilidades das suas ações ou decisões. São assim, autónomos e participam nas decisões e discussões comuns. Este estilo é apropriado em ambientes específicos onde existe espaço para a cooperação coletiva (Jesuino, 1999, p. 60).

Para Rego e Cunha (2005, p. 218), uma organização que aposte numa boa liderança deve ser democrática porque, deste modo, concilia uma alta autonomia e variedade, com um intuito “fortemente partilhado”.

Os modelos de liderança, ao longo dos tempos, evoluíram também segundo teorias que ajudam a perceber como e o porquê de determinadas pessoas se tornarem líderes.

- i) A Teoria do Grande Homem (*Great/ Big Man Theory*) é uma teoria que se centra nos indivíduos percecionados como “nascidos para liderar”. Ou seja, trata-se de pessoas que possuem o talento e competências necessárias para adquirirem cargos de

liderança. Estas competências, como já referidas anteriormente passam pela inteligência e sociabilidade, mas também pelo carisma e atitude confiante. Esta teoria assume que os grandes líderes nascem líderes, não o aprendem, é algo que lhes está inerente, inato. A expressão “*Great Man*” parte do facto de que quando esta teoria ganhou forma eram essencialmente os homens que ocupavam estas posições, homens poderosos e automaticamente eficazes a liderar (Cherry, 2020).

- ii) Uma segunda teoria é a Teoria dos Traços de Personalidade. Esta centra-se, em semelhança com a anterior, nos traços e características com os quais um líder nasce. Traços estes que permitem ao indivíduo ser mais apto para desempenhar uma função de liderança com sucesso. Nesta teoria são identificados vários traços de personalidade que os líderes partilham, tais como autoconfiança, coragem, extroversão, equilíbrio emocional, entre outros. Tal como na teoria apresentada anteriormente, é defendido que os indivíduos capazes de liderarem têm de nascer com determinados traços de liderança (Demirtas & Karaca, 2020, pp. 6-7).
- iii) Outra teoria, a Comportamental, defende que as características com as quais um indivíduo nasce não são uma condição exclusiva para que este se torne num líder com sucesso. Nesta teoria, crê-se que os grandes líderes se constroem, não nascem dotados para tal. Aqui o foco é nas ações dos líderes e no seu comportamento, e não, propriamente nas suas qualidades e capacidades pré-adquiridas. Na Teoria da Liderança Comportamental a análise é centrada nas reações e comportamento do líder nas mais variadas situações (Winkler, 2010, p. 15; Demirtas & Karaca, 2020, p.9).

Nesta Teoria começa a haver uma análise do comportamento entre líder e liderado e da respetiva relação e adaptação do líder ao seu subordinado – nomeadamente comportamentos e atitudes que toma a fim de colmatar as necessidades dos seus liderados. O líder deve voltar assim os seus esforços não só para os objetivos/desafios ou tarefas a cumprir, mas também para os liderados (White, Hodgson, & Crainer, 1996, pp. 184-185).

- iv) Existe também a Teoria Contingencial que se foca nas várias variáveis que podem influenciar na determinação de qual o melhor estilo de liderança, consoante determinada situação. Esta teoria infere que o líder e a sua liderança estão dependentes do ambiente, das necessidades e do contexto dos acontecimentos, pelo que para os autores que defendem esta teoria não há “um melhor” estilo de liderança (Warren & Burt, 1985).

Há ainda autores que juntam ou consideram a teoria contingencial muito semelhante à teoria situacional. Isto, na medida em que a teoria situacional também defende que as diferentes situações requerem diferentes estilos de liderança. Segundo esta teoria, o líder deve optar pelo melhor estilo de liderança consoante a situação em si (Bass & Bass, 1990; Demirtas & Karaca, 2020; Warren & Burt, 1985).

Em ambas as teorias, o líder deve conseguir adaptar os seus comportamentos às diferentes ocasiões, conseguindo corresponder às necessidades exigidas em cada situação (Demirtas & Karaca, 2020, p. 13).

- v) Existe ainda uma outra teoria, que se foca numa qualidade forte do líder – o carisma. Uma liderança carismática caracteriza-se por um tipo de comunicação assertivo, proativo, destacando-se a autoconfiança (Avolio & Gardner, 2005, p. 330).

O povo Grego na Antiguidade definia o carisma como uma oferta de graça – uma característica que define quem mais facilmente gostamos e simpatizamos (Clark, 2019). Segundo Weber (1924/1947), referenciado em Bass & Bass, 1990), alguns acreditam que o carisma nasce com as pessoas como uma competência que Deus lhes dá, sendo que esta característica influencia no desenvolvimento das organizações. Esta crença de que o carisma pode ser uma qualidade dada por Deus, confere credibilidade aos líderes (Bass & Bass, 1990; Lang, 1991; Winkler, 2010).

Outras, por outro lado, acreditam que o carisma se aprende, como um comportamento que se desenvolve (Lang, 1991). Um líder carismático é um líder que de algum modo espelha

características excepcionais que nem todos os seres humanos apresentam, distinguindo-se por liderar pela influência (Clark, 2019; Lang, 1991).

Após as primeiras inferências de carisma feitas por Weber (1924/1947) em Bass & Bass, 1990), alguns autores acreditaram que a liderança carismática envolve também uma inovação radical. Neste sentido e uma vez que o carisma pode influenciar no desenvolvimento das organizações, é importante ter em consideração esta teoria como base das duas próximas teorias, nomeadamente a teoria transacional e a transformacional (Bass & Bass, 1990, p. 820; Winkler, 2010, p.32-33).

- i. Segundo Bass & Bass (1990, p. 872) a liderança pode organizar-se também segundo a interpretação que o liderado tem do líder. Assim, para os autores, trata-se de uma liderança transacional quando o liderado é recompensado por cumprir algo pré-estipulado ou castigado quando falha em algo que era suposto realizar. Este tipo de líderes motiva os seus seguidores a superarem-se e a fazerem mais do que se achavam capazes, mas tem por base os seus próprios interesses. Neste modelo de liderança, o líder explicita as suas aspirações e objetivos que os seus seguidores devem completar para alcançarem determinadas metas e objetivos (Winkler, 2010, p. 42). Os líderes transacionais são, muitas vezes, vistos como gestores (Kouzes & Posner, 1995, p.321; Bass & Bass, 1990, p.878).
- ii. Quanto à liderança transformacional convida-nos a uma mudança naquilo em que os liderados acreditam, tal como o nome indica, pretende transformar e, conseqüentemente, alterar visões (Lang, 1991). Neste tipo de liderança, os líderes devem motivar os seus liderados a irem além das suas preocupações pessoais e pensarem nas preocupações do grupo ou organização onde estão inseridos (Demirtas & Karaca, 2020; Winkler, 2010).

Os líderes procuram transformar o pensamento dos seus seguidores, para que estes se descentralizem do “eu” e se foquem nos objetivos do grupo, promovendo uma visão comum. Isto é realizado com base nas emoções e valores que caracterizam os liderados (Bass & Bass, 1990, p. 826; Demirtas & Karaca, 2020; Lang, 199).

A liderança transformacional é vista como um modelo “inspiracional”, onde há espaço para considerações individuais e é criado um elevado respeito pelo líder (Winkler, 2010). E, onde este agente (líder) é valorizado pela forma como consegue consciencializar os seus seguidores através de um apelo aos seus ideais e valores superiores (Charteris-Black, 2007, p. 6).

Os autores Bass & Bass (1990, p. 872) dão o exemplo de vários líderes que contribuíram para a mudança/ transformação de visões dos seus seguidores, sendo por isso considerados líderes transformacionais, tais como líderes de religiões mundiais, como: Jesus, Maomé e Buda.

Dentro da liderança transformacional, existem quatro dimensões que a caracterizam:

- i) A Liderança Carismática ou a Influência Idealizada, que consiste, por um lado, no facto de que um líder carismático não pode ser dissociado da componente transformacional (o que ao contrário já é mais possível de acontecer – ser um líder transformacional, mas não carismático). Por outro lado, esta dimensão ou componente foca-se em como os líderes têm esta influência e inspiração para os liderados – que os respeitam e seguem com confiança (Bass & Bass, 1990, p. 874).
- ii) A Motivação Inspiracional, que também é relevante uma vez que os líderes além de influenciarem, também inspiram e motivam os colaboradores, estimulando-os a alcançarem os seus objetivos e metas (Bass & Bass, 1990, p. 874).
- iii) Estimulação Intelectual: estes líderes ajudam os liderados a serem mais inovadores e criativos (Bass & Bass, 1990, p. 875) e dão-lhes ferramentas e o poder de tomarem decisões próprias.
- iv) Consideração Individual: os líderes procuram colmatar as necessidades dos liderados, mostrando preocupação e interesse pelos mesmos. Este trato personalizado de cada indivíduo permite que exista espaço para a consideração dos seus seguidores, ajudando-os a alcançarem os seus objetivos (Bass & Bass, 1990, p. 877).

Assim, existem várias dimensões a considerar na Liderança Transformacional, sendo que o líder acaba por optar por aquela com o qual se identifica mais. Neste sentido, é importante também perceber as características do líder que conduzem a determinado estilo de liderança.

No âmbito das várias virtudes que um líder deve possuir, Goleman (1998) debruçou-se sobre a Inteligência Emocional que pode ser um atributo chave que distingue uma performance notável de uma performance adequada ou suficiente. Esta competência é um dos fatores chave que tem implicações diretas numa boa liderança (Goleman, 1998, p. 98). É assim neste atributo chave da Inteligência Emocional que são destacadas cinco componentes fundamentais (Goleman, 1998, p. 91): i) o autoconhecimento; ii) a autorregulação; iii) a motivação; iv) a empatia; e v) a sociabilidade

i) Quanto ao autoconhecimento, Goleman (1998, p.91) explica-nos que este é o primeiro passo na inteligência emocional. É fundamental um indivíduo conseguir reconhecer as suas forças e também as suas fraquezas, sem ter medo de falar sobre elas.

Rego & Cunha (2015, p.127) explicam-nos que os líderes que fazem uso desta virtude além de conseguirem identificar os seus pontos fortes e fracos, conseguem também determinar as qualidades/ forças e fraquezas nos outros, descentralizando “o universo” de si próprios.

Para Bradberry e Greaves (2017, p.37), a autoconsciência exige um domínio da própria pessoa em que esta se conhece e procura controlar-se e dominar os seus impulsos, perdendo tempo e energia a pensar sobre eles – a conhecer-se a si próprio. Nestes momentos de reflexão existe o desenvolvimento de uma competência que parte do conhecimento e compreensão profundos do que afeta a pessoa.

ii) Conhecer-se a si próprio, significa saber e compreender o seu temperamento, percebendo o seu efeito nos outros. É então que surge o segundo ponto: a autorregulação/ autogestão, que permite ao indivíduo controlar as suas emoções e comportamentos, gerindo-os de forma equilibrada. Ao ser capaz de gerir o seu temperamento, um indivíduo pode usá-lo para bons propósitos, sendo capaz de ser consciente sobre as suas emoções (Bradberry & Greaves, 2017, p. 35).

- iii) Um terceiro fator que revela inteligência emocional, necessária a uma boa liderança é a motivação, ou seja, a vontade e a paixão por atingir determinado objetivo, o querer. Isto implica muito mais do que responder a um pedido, mas o desejo de ir mais além e ver esse pedido concretizado (Goleman, 2011, p. 100). Esta característica significa também o ser criativo, o indivíduo que gosta de ser desafiado e tem apetência para aprender e retirar um grande proveito de um trabalho bem conseguido (Goleman, 1998, p. 99).
- iv) Após estas três características de âmbito geral, entramos nas características que um líder deve ter na relação com os outros. Isto começa pela empatia que se deve criar em relação aos demais intervenientes, nomeadamente os liderados. É necessário ter em consideração os sentimentos dos outros no processo de tomada de decisão e isto é um exercício que se consegue através da empatia (Goleman, 1998, p. 91).
- v) Por último, uma habilidade fundamental na relação com os outros: a sociabilidade. Nesta competência entra a convivência e a construção com os outros – é necessário conseguir-se cooperar e mover os outros na direção pretendida e, para isso, um líder deve dar-se com os outros, criar relações sociais saudáveis. Este ponto foca a capacidade de um indivíduo compreender as emoções e comportamentos dos outros, saindo de si próprio (Bradberry & Greaves, 2017, p. 35).

A inteligência emocional é assim uma característica de extrema importância que permite identificar potenciais líderes. Identificar indivíduos que tenham perfil para liderar é um exercício muito complexo até porque dependendo das situações, são necessários determinados líderes (Goleman, 1998, p. 93). Contudo, um líder que recorra à inteligência emocional para liderar, vai conseguir adaptar-se muito melhor a situações diferentes, porque está treinado no sentido da elasticidade de servir os outros, e não, apenas a si próprio.

A inteligência emocional envolve um enorme autocontrole, em que um líder consegue manter a calma e dominar o seu temperamento, e, com isso, consegue também ser mais otimista, positivo e feliz (Fernandez & Stern, 2020).

As competências emocionais são fundamentais para uma melhor performance. No entanto, se por um lado, as emoções podem potenciar as nossas aprendizagens, por outro podem escondê-las. Assim, a inteligência emocional tem influência na nossa capacidade de regularmos melhor as nossas emoções, tornando-nos capazes de despertarmos também da melhor forma, o que de melhor há em nós (Kahn, 2013).

Para Kahn (2013) existem estudos que fundamentam o facto de que uma pessoa que trabalhe a sua inteligência emocional esteja mais propícia a lidar com situações complexas e stressantes, conseguindo alcançar uma saúde mental mais positiva e forte.

No que diz respeito à aprendizagem da inteligência emocional, para Goleman (1998, p. 94) é possível aprender-se, não se tratando de algo que nasça necessariamente conosco. Pode acontecer um indivíduo ter estes traços desde que nasceu, mas estas capacidades também podem ser desenvolvidas. Quanto mais velho um indivíduo é, maior será a sua apetência para a inteligência emocional – já viveu mais experiências de vida, já aprendeu mais como desenvolver esta capacidade.

Também Kahn (2013) conclui o seu pensamento defendendo que a inteligência emocional não só se deve aprender como deve mesmo ser ensinada. Mais do que dizer o que fazer, é necessário ensinar como o fazer e/ou como proceder.

Deste modo, é possível afirmar que todas as ações dos líderes no mundo são influenciadas pelas suas características. Pontos fortes como curiosidade, abertura de espírito, empatia pelo liderado, inteligência social e cidadania podem ser cruciais para o desenvolvimento de relações e interações positivas com as equipas de trabalho. Estes pontos ajudam os líderes a serem curiosos sobre outras culturas e povos e a criarem pontes. Isto contribui para uma maior inteligência social que os ajuda a estarem mais atentos sobre as atitudes dos outros que os rodeiam. As combinações entre as várias características de um líder são necessárias não só na tomada de decisões difíceis, mas também na promoção da confiança e da cooperação entre funcionários e *stakeholders* (Rego, Cunha, & Clegg, 2012, p. 158).

Quando as virtudes e as forças não são utilizadas em equilíbrio nem combinadas, os seus efeitos podem ser tudo aquilo que os líderes não precisam. Um líder que apesar de ser corajoso não seja íntegro, pode fazer ótimos negócios, mas em contextos completamente corruptos. Assim, a liderança apresenta várias características que apenas combinadas conseguem fazer surgir algum efeito (Rego, Cunha, & Clegg, 2012, p. 159).

4. O Impacto da Comunicação na Liderança

O processo da liderança não é estático, há um desenvolvimento que esta dimensão procura acompanhar: é um processo que varia e que se deve ir adaptando aos contextos em que se insere (Hooper & Potter, 2006, p. 22).

Desde sempre que a liderança contribuiu para o sistema de organização social, tendo sido usada para compreender múltiplos campos (Rego & Cunha, 2005, p. 22), nomeadamente, no que diz respeito à arte de comunicar, uma área decisiva para quem tem funções de liderança.

A comunicação é, no fundo, o que une uma organização, que liga as várias partes de um negócio (Klatt & Hiebert, 2001, pp. 239-241).

Num processo organizacional, a comunicação é o meio através do qual os líderes estabelecem contacto com os seus *stakeholders*, ou seja, a comunicação funciona como uma ponte entre cada organização e seus públicos, líderes e liderados (Harrison & Mühlberg, 2014, pp. 23-27).

Deste modo, é possível afirmar que a comunicação é um fluxo de informação dentro de uma organização. É a partir deste fluxo que as mensagens circulam, nomeadamente dentro da organização e para o seu exterior. Desta gestão de comunicação surgem as relações que se estabelecem entre o emissor (da mensagem) e os recetores (da mensagem).

Assim, podemos sustentar que existem estratégias comunicacionais quando há este envolvimento interno e externo organizacional na compreensão e interpretação de determinada mensagem (Harrison & Mühlberg, 2014, pp. 23-27).

Segundo Klatt & Hiebert (2001, p. 232) existem diferentes níveis de compreensão de uma mensagem numa conversa:

- i) Os dados que a pessoa consegue captar durante a conversa – o que se refere às principais mensagens que o recetor recebe;
- ii) A informação que a pessoa depreende pela conversa – o que o recetor percebe e entende da conversa;
- iii) A interpretação da conversa – o sentido que o recetor dá à conversa;
- iv) E a conclusão da conversa – que é o espaço onde o recetor avalia o momento comunicacional que experienciou.

Estes níveis têm influência na forma como a mensagem é recebida e no sucesso ou insucesso da comunicação. Segundo os autores (Klatt & Hiebert, 2001, pp. 235-237), uma comunicação eficaz pressupõe entre vários fatores que esta seja direta (uma vez que assim facilitará a compreensão da mesma ao nível da informação retida e interpretada – os níveis vistos anteriormente). Também terá um papel facilitador na confiabilidade e no desenvolvimento de um estilo de comunicação que se abre ao outro. Este último ponto refere-se a uma comunicação em que o recetor seja também escutado, em que a comunicação é bidirecional e ocorre entre emissor e recetor, mas também entre recetor e emissor.

Esta bidirecionalidade abre espaço para uma das características fundamentais de um bom comunicador – estar atendo ao feedback dos seus públicos (as pessoas a quem dirige as suas mensagens) (Klatt & Hiebert, 2001, p. 232).

Receber feedback é assim uma característica que um bom comunicador deve deter, uma vez que o ajuda a alterar o seu comportamento e a procurar responder às necessidades dos outros (Jaap, 1989, pp. 58-59).

Ser este bom comunicador depende da abertura aos outros, mas começa também, muitas vezes, com uma boa capacidade de explicar os pensamentos e as ideias, de forma simples e clara, de modo a que todas as pessoas consigam compreender a mensagem que se pretende passar. E esta é uma competência fundamental que um líder deve ter (Baldoni, 2009).

Isto, uma vez que, no fundo, os líderes são agentes que além de orientarem e conduzirem as pessoas devem gerir a comunicação dentro das suas organizações com os liderados (Groysberg & Slind, 2012)

A comunicação é um fator importante para a liderança uma vez que além de permitir comunicar internamente (comunicação interna) também é versátil e desdobra-se para o exterior, naquilo que é a comunicação da organização para com os seus diferentes e específicos *stakeholders* – mesmo naquilo que o líder, no exterior, diz da sua organização. A comunicação é fundamental na ação da liderança, pois um líder que não saiba comunicar não irá conseguir passar as mensagens que pretende. Assim, haverá uma rutura na informação, pelo que os liderados não irão fazer o que líder pretende, e assim, o processo de liderança não poderá decorrer naturalmente. É fundamental que um líder compreenda a função da comunicação e procure passar mensagens claras e concisas (Klatt & Hiebert, 2001, pp. 239-241).

Adicionalmente, o feedback é essencial ao líder e torna-se numa atividade ainda mais presente se um individuo tiver o cuidado de o observar e procurar nos outros. Procurar feedback é também um sinónimo de criação de empatia nas relações e, através delas, saber melhorar as relações que estabelece (Jaap, 1989, pp. 58-59).

Como líder é imprescindível não só saber comunicar, mas compreender a comunicação como um elemento fulcral da cultura de determinada organização que lidera. A forma como o processo de comunicar se estabelece dentro de uma organização tem um impacto direto na postura dos colaboradores que podem ou não melhorar o seu desempenho consoante a eficácia deste processo (Klatt & Hiebert, 2001, pp. 239-241).

Comunicar é um processo complexo que tem por base três pilares (Harrison & Mühlberg, 2014):

- i) O pilar do Conteúdo, que responde à pergunta: “O quê?”. Foca-se na fonte de informação, o recetor procura perceber qual é a nova informação e qual é a mensagem a reter.

- ii) O pilar do Contexto. Este atenta sobre a mensagem que é recebida, e responde às perguntas “quando?”, “como?”, “onde?”, “porquê agora?”, “e agora?”, “o que faremos a seguir” e “quem”.

- iii) O pilar alusivo ao Tom da mensagem, que pode ser pesado ou leve. O tom pode também indicar se o emissor está a tentar vender ou comprar algo. Este pilar debruça-se sobre a pergunta “como?” e é aqui que podemos controlar a forma e o estilo como a mensagem é transmitida.

O processo comunicacional é assim um processo que tem em conta vários aspetos no que diz respeito à mensagem a transmitir. Adicionalmente, o pilar do conteúdo da mensagem deve também considerar a forma como a informação é exposta, como é explicada. A explicação da mensagem deve ser realizada através de uma linguagem sem grande jargão técnico, pois ao assentar sobre uma comunicação mais simples, convida o recetor, que neste caso são os liderados, a entenderem melhor a mensagem, o que premeia a proximidade entre líder e liderados (Baldoni, 2009).

Groysberg & Slind (2012) defendem a importância da proximidade mental e emocional entre o líder e os seus colaboradores. Para os autores, um líder que leve a comunicação a sério deve ser capaz de ser próximo dos seus liderados, querer conhecê-los e ouvi-los.

Klatt & Hiebert (2001) defendem mesmo que as conversas “cara-a-cara” continuam a ser as ferramentas de comunicação mais importantes que os líderes têm para “chegarem” aos seus liderados.

Atualmente, é imperativo que os líderes procurem conversar e comunicar com os seus subordinados, ganhando assim, por um lado, a confiança dos liderados e, por outro, conseguirem reconhecer e descobrir as necessidades dos seus subordinados (Groysberg & Slind, 2012).

O propósito da comunicação na liderança é, em última instância, o de desenvolver e manter os *stakeholders* alinhados e focados face à organização em que se estabelece essa liderança. Deste modo, a comunicação na liderança é muito importante porque é a única forma de assegurar que o processo de transmissão de informação ocorre em duas vias: orador-recetor e recetor-orador (geração de feedback) (Harrison & Mühlberg, 2014, pp. 23-27).

Assim, de modo a implementar estratégias ou projetos, um líder organizacional tem, obrigatoriamente de comunicar, daí que os autores defendam que a liderança é comunicação – liderar é gerir e orientar pessoas e projetos, mas é também comunicar ao longo de toda esta linha de pessoas e projetos (Groysberg & Slind, 2012; Harrison & Mühlberg, 2014; Klatt & Hiebert, 2001).

A comunicação permite sustentar a liderança enquanto processo complexo que é, uma vez que permite estabelecer relações, transmitir ideias, pensamentos, e até reflexões. É através de uma liderança comunicacional que o líder consegue chegar mais eficazmente aos seus subordinados e assim, fazê-los evoluir e criar um espaço de trabalho positivo, onde há diálogo. A comunicação permite o fluxo de informação e isto potencia o diálogo (Groysberg & Slind, 2012; Harrison & Mühlberg, 2014; Klatt & Hiebert, 2001).

Bons líderes tendem a ser bons comunicadores, porque são líderes que são atentos aos sinais dos seus liderados. Um bom líder reconhece e dá a devida importância ao feedback, é um líder que se foca também sobre a comunicação não verbal, que diz respeito às várias mensagens que não são propriamente proferidas – como os gestos e a postura dos indivíduos (Charteris-Black, 2007, pp. 23-25).

Em suma, é possível afirmar que a comunicação é muito importante para o sucesso de um líder. O ser capaz de manter os colaboradores informados, de forma clara e assertiva,

atendendo ao conteúdo, contexto e tom da mensagem; perceber o que eles precisam e saber ouvi-los e ouvir a informação que eles querem transmitir – o referido feedback (Pauley & Pauley, 2009).

Capítulo II – A Liderança e a Comunicação do Papa Francisco

1. Contexto de Tomada de Posse de Jorge Mario Bergoglio como Papa Francisco

Ser líder da Igreja Católica foi também um desafio para o Papa Francisco. Foi o primeiro Papa do hemisfério sul, o primeiro da América Latina, o primeiro Papa Jesuíta¹ e ainda o primeiro Papa a tomar o nome de Francisco (Mooney, 2015; Glasman, 2015; Tfouni, 2016).

Jorge Mario Bergoglio nasceu a 17 de Dezembro em Buenos Aires, na Argentina. Aos dezassete anos, quando pensou em tornar-se padre não imaginou logo que fosse para a Companhia dos Jesuítas, mas acabou por ingressar e em 1960 faz os seus votos como jesuíta. Enquanto jesuíta, Jorge Bergoglio foi professor, uma vez que a educação é extremamente importante para os Jesuítas (Hansen, 2015).

Vinte e três anos após ser ordenado Padre, é nomeado Bispo auxiliar de Buenos Aires, um título que lhe foi concedido pelo Papa João Paulo II. Em 1998, o Arcebispo de Buenos Aires faleceu e Jorge toma o seu lugar, sendo nomeado Cardeal em 2001. No dia 13 de março de 2013 é eleito Papa (Hansen, 2015).

O Papa Francisco entra na liderança da Igreja Católica num contexto muito próprio, em que a eleição de um Papa se dá na sequência da renúncia de Bento XVI ao cargo de Sumo Pontífice. Na altura em que Bento XVI abdica do seu cargo, a Igreja Católica enfrentava uma crise de governo ao nível da cúria, uma vez que vários escândalos da própria Igreja tinham sido tornado públicos (Passos, 2015, p.1384).

É importante perceber que um Papa renunciar ao seu cargo como líder da Igreja Católica é algo raro, antes de Bento XVI, a última vez que um Papa tinha abdicado do seu cargo foi nos anos 1414/1415, com o Papa Gregório XII (Tfouni, 2016, p. 17). A saída de Ratzinger acata consigo a necessidade de escolher um substituto que traga simultaneamente inovação e abertura à Igreja; há uma urgência na reforma, renovação e reinvenção desta instituição e,

¹ Os jesuítas são uma comunidade cristã inaciana que segue os ensinamentos de S. Inácio de Loyola, que fundou este grupo em 1540. Têm uma formação muito voltada para a educação e justiça social (Woll, 2015).

Francisco surge como reformista e solucionador da situação que a Igreja enfrentava aquando da sua eleição, em 2013 (Krames, 2015).

Neste contexto singular, qualquer bispo que fosse eleito Papa já viria a ocupar o lugar numa situação própria que representava alguma fragilidade. Contudo, desde o primeiro dia em que Jorge Bergoglio é eleito Sumo Pontífice, tem introduzido várias reformas na Igreja, destacando-se logo no seu primeiro ano de pontificado como uma das figuras públicas mais populares da Europa (Glasman, 2015).

O contexto em que Francisco é eleito dá-se num momento de tensão entre várias áreas da Igreja enquanto organização, em que existem problemas complexos e “multifacetados” (Lowney, 2015, p. 16):

- A escassez de membros do clero nos diversos países;
- A redução da afluência de pessoas às Igrejas;
- A autoridade moral da própria Igreja manchada por escândalos de violações, sexuais e económicos.

Estas circunstâncias potenciam a que exista uma introdução de reformas na estrutura e funcionamento da própria Igreja. Ao mesmo tempo que Francisco tem aqui espaço para possibilidades, também é possível compreender que existem vários desafios, até porque a Igreja Católica é uma instituição que vive da tradição, não de mudanças (Passos, 2015; Krames, 2015).

Para Francisco, ser Papa é algo que pode ser vivido de modo mais simples, onde o poder não deixa de ter lugar, mas passa a ser exercido sem o sacrifício dos seus valores e princípios, nomeadamente as suas raízes jesuítas (Mooney, 2015, pp. 70-71).

É um homem que entra na Igreja e toca nos pontos sensíveis. Lava os pés a presos e a uma mulher muçulmana, procura incluir os marginalizados, mas também lutar por uma melhor relação inter-religiões. Quando toma o cargo, no Vaticano, começa por criar uma comissão representativa da sociedade que incluísse oito cardeais de vários continentes diferentes, que espelhassem exatamente os diferentes contextos de vida enfrentados nesses continentes. O

seu objetivo, com esta reforma passa por incluir pessoas diferentes nas tomadas de decisão, descentralizando e abrindo este “poder” a múltiplos pontos de vista que reconhecem realidades distintas (Wenders, 2018; Carroll, 2014).

Aqui podemos ver como se revela também a vontade do Papa Francisco em reformular radicalmente as estruturas administrativas da Igreja. O Santo Padre compreende que num mundo volátil e hiperconectado como aquele em que vivemos, os líderes têm uma tremenda responsabilidade e, quando necessário, devem fazer uso dessa responsabilidade e liderança para delegarem e rescontruirmos as estruturas que assim o precisam (Hamel, 2015).

Estas reformas introduzidas por Francisco advém não só do facto de este ser o primeiro em múltiplas questões, mas daquilo que terá sido a sua experiência de vida até assumir a liderança da Igreja Católica, a instituição com maior número de crentes – cerca de 2.300 biliões de fiéis (Bernate, 2014). Um Papa Jesuíta, vindo da Argentina, que se apresenta diante dos fiéis, na Basílica de S. Pedro apenas com as suas vestes brancas, sem os usuais sapatos e manto vermelhos que caracterizam a figura do Líder da Igreja Católica (Glasman, 2015, p. 320).

A escolha do nome Francisco transporta consigo um exemplo de um santo que representa por um lado a pobreza, o despojamento de bens e, por outro, a inclusão e dedicação aos outros, a vivência em prol dos outros. Este nome preconiza já aquela que tem sido uma das suas grandes preocupações na escolha pelos desfavorecidos (Mooney, 2015, p. 70; Krames, 2015, p. 16).

Bergoglio é oriundo da América do Sul. O seu país, a Argentina sofreu uma grande ditadura militar e, durante este tempo, Jorge Bergoglio era bispo de Buenos Aires. O país sentiu de perto uma grande austeridade e enfrentou uma crise financeira muito grande que levou muitos argentinos à pobreza extrema. Durante 20 anos, este foi o panorama com o qual Francisco lidou enquanto Bispo (Glasman, 2015, p. 320).

Perante extrema pobreza, o discurso de Francisco logo desde muito cedo que é voltado para os pobres e marginalizados da sociedade, há um enfoque na periferia da Igreja, nos que estão

sós. Há um vontade do Papa em enfatizar estas questões de justiça social que afetam a vida de milhares de pessoas, daí o seu apelo para que a Igreja esteja cada vez mais “em saída”, uma Igreja proativa que sai ao encontro dos outros (Mooney, 2015, pp. 70-71). A sensibilidade do Papa face à miséria e pobreza é uma das causas que move o seu pontificado (Tfouni, 2016, p. 15).

É nesta ideia de proatividade que o seu discurso se distingue de tantos outros. O Sumo Pontífice além de indicar o caminho, é também o primeiro a dar um passo nesse sentido – vai também à frente a “mostrar como se faz” – que é o que acontece quando, por exemplo, a sua defesa pelos pobres que se concretiza na sua saída indo ao encontro dos sem abrigo nas ruas do Vaticano (Glasman, 2015, p. 319).

Se por um lado, Francisco traz novas reformas à Igreja Católica, por outro, ele procura continuar o que S. João Paulo II procurou introduzir na Igreja após o Concílio² Vaticano II, onde houve uma grande mudança à forma como as Tecnologias da Informalção passaram a ser admitidas na Igreja e como as tradições passaram a ocupar um lugar mais flexível (Anderson, 2015, pp. 262-265).

S. João Paulo II foi um dos primeiros papas a fazer um melhor uso dos meios de comunicação para chegar às pessoas, e fazia-o através de uma linguagem clara e direta – uma característica deste líder da Igreja Católica (Anderson, 2015, pp. 262-265; Tfouni, 2016, p. 17).

Ao longo do seu primeiro ano de pontificado, além do seu enfoque ns pobres, a postura de Francisco era realçada pela simplicidade com que vivia. Foi neste contexto que começaram a surgir várias obras que procuravam aprofundar aquela que tinha sido a experiência de Francisco antes de chegar a Roma, como a sua vida até chegar a Papa havia moldado a sua postura e a forma de estar tão simples e característica (Garrett, 2014).

² Trata-se de uma reunião que congrega os vários Pastores da Igreja para julgarem ou definirem algo relativamente à doutrina católica ou relacionado com a disciplina eclesiástica. Neste caso, como o Concílio Vaticano II foi convocado pelo Romano Pontífice, estamos perante um Concílio Ecuménico. Habitualmente é presidido pelo Romano Pontífice e os decretos do concílio só são executados após serem promulgados pelo Sumo Pontífice (Lourenço, 1945).

De modo a justificar as suas escolhas mais simples, Francisco procura evocar Jesus Cristo como modelo e referência para tal, ao mesmo tempo que nos convida também a experimentarmos viver de modo mais simples e menos luxuoso (Glasman, 2015, p. 322).

Desde o momento em que tomou posse que Francisco tem mostrado, como exemplo, como a simplicidade deve ter lugar na Igreja. Quando se dirigiu à multidão que estava na Praça de S. Pedro em Roma, no dia em que foi eleito, Francisco recusou vestir as exuberantes vestes papais como a mozeta³ e os sapatos encarnados. Desde o primeiro dia que é Francisco a fazer as suas próprias chamadas telefónicas e muitas vezes trocou a limusine papal por um carro mais sóbrio (Wenders, 2018).

A influência de Francisco começou a notar-se imediatamente nos primeiros anos do seu papado. Em 2014, Francisco aparece na capa da revista Rolling Stones, algo que nenhum outro líder da Igreja alcançou até ao momento. Esta sua “aparência” nesta obra, sob o título (da revista): “*The times they are a-changin*” – referindo-se a um LP de Bob Dylan, em 1964, quando o mundo enfrentava transformações sociais e políticas extremamente relevantes, é já uma preconização das mudanças e reformas introduzidas pelo Santo Padre.

Em 2013, Francisco é capa na revista TIME, apresentado como a personalidade do ano, com destaque para o seu papel transformador na Igreja. É destacado como o “Papa do Povo”, voltado para os mais pobres (Tfouni, 2016, p. 18).

O Santo Padre é extremamente popular pela forma como se relaciona com o povo – desde os chefes de Estado aos mais pobres. Lidera com energia para a mudança que acredita que é necessária na Igreja Católica, procurando desafiar a própria Igreja a reinventar-se e adaptar-se às necessidades e exigências do século XXI.

Francisco mostra, sem pretensões que entende a dimensão da instituição que lidera e, fazendo uso positivo e inteligente da sua liderança rapidamente conseguiu conquistar crentes (mesmo de outras religiões) e não crentes, sem distinção de raças, nacionalidades, culturas ou orientação sexual. Ao conquistar as pessoas, não significa que as tenha convertido, mas

³ Capa vermelha que o Santo Padre veste em ocasiões específicas.

significa que as levou a olharem novamente para a Igreja (Glasman, 2015; Mooney, 2015; Bernate, 2014).

Apresenta-se como um pecador, que pede perdão pelas falhas da Igreja (reconhece portanto que ao longo dos anos existiram erros na Igreja Católica), mas também se apresenta como um peregrino da paz que experimenta a misericórdia de Deus (Glasman, 2015, pp. 320-322; Mooney, 2015, p. 70). O líder da Igreja Católica trouxe uma nova abordagem ao apresentar-se como servo, adiantando que a disciplina da liderança depende do serviço e da capacidade de servir como verdadeiras ferramentas que um líder deve possuir (Krames, 2015, p. 45).

Francisco tem uma certa espontaneidade que acaba por revelar como é sincero nas suas pequenas ações, mostrando ao mesmo tempo que é necessário ter os pés bem assentes na terra (Bernate, 2014).

Atualmente, na Igreja Católica, está a dar-se uma transformação na própria experiência humana da religião, com implicações ainda não totalmente perceptíveis no que diz respeito à fé religiosa, mas às quais o Sumo Pontífice está atento (Carroll, 2014).

A prioridade de Francisco foi, desde o início, desenvolver e promover uma Igreja mais inclusiva e mais aberta, onde haja lugar para todos, convidando os membros da Igreja que são “ultraconservadores” a serem “ultrainclusivos” (Krames, 2015, pp. 14-15). É, portanto, um líder aberto ao diálogo de temas em que a sua organização (a Igreja) já apresentava uma posição firmada, sem grande espaço para debate. Assuntos como o celibato, a homossexualidade e a questão do divórcio ocupam agora o papel central no novo discurso de inclusão proferido por Francisco – onde cada pessoa na sociedade merece ser respeitada e valorizada (Tfouni, 2016, p. 19).

Para o Sumo Pontífice, o desafio do diálogo é o de confrontar as diferenças reais existentes, sobressaindo além dos temas mencionados, também a relação inter-religião, em que há uma abertura para o diálogo entre as várias religiões em prol da justiça e da paz – uma ação que tem um impacto direto no contexto sociopolítico atual (Dias, 2016, p. 352).

Jorge Bergoglio, enquanto Papa, está a ajudar a Igreja e, de certa forma, o mundo a reconsiderar o seu caminho atual. E, por isso, o que antes eram desafios ou propostas impensáveis, não só para a Igreja, mas também para outras crenças e culturas, agora, devem ser desafios e propostas que se têm de concretizar. A influência da liderança do Papa Francisco “transcende, deste modo, a denominação” da religião em si (Carroll, 2014).

Segundo o *United Press International* (2013), “85 por cento dos Italianos aprovam o Papa Francisco”, avançando ainda, que o atual Papa tem índices de aprovação que muitos líderes mundiais não têm (Lowney, 2015, pp. 11-13), sendo que a justificação para que os índices de aprovação do atual Papa tenham disparado tanto, partem da eficácia da sua comunicação, uma vez que as suas palavras ecoam efetivamente nas pessoas (Allen Jr, 2013).

2. A Liderança do Papa Francisco

Na tradição Cristã da própria Igreja Católica, todas as missões começam com um chamamento, um convite a algo que, por norma, vai de encontro à vocação de cada um. Também o Papa Francisco, enquanto sacerdote católico entende que a sua missão enquanto líder da Igreja Católica advém de um chamamento (Bergoglio & Skorka, 2013, pp. 28-29).

Para os autores Bergoglio & Skorka (2013, pp.28-30) a liderança é claramente algo que parte da vocação e da aceitação do indivíduo para guiar outros. Francisco adianta que Deus procura colocar-se no caminho dos grandes líderes, desafiando-os a assumirem tais papéis, clarificando que, para ele, nenhum líder lidera sozinho.

Pegando no conceito de liderança, Francisco questiona a abordagem que fazemos dela e inova na sua conceção, apresentando-a como um projeto em prol do outro, um meio de serviço “ao próximo” (Lowney, 2015, pp. 19-20).

No âmbito religioso, os líderes devem ainda ter mais uma intenção clara de procura pela santidade, vivendo a sua vocação de líderes como uma missão ao serviço dos outros, numa efetiva postura de humildade e simplicidade, como as grandes referências bíblicas – desde Jesus aos profetas, como Moisés (Bergoglio & Skorka, 2013, pp. 38-39).

A revista Fortune (2014), considerou o Papa Francisco como o Líder número 1, na sua lista dos 50 melhores líderes mundiais. Durante os anos consecutivos de 2015 a 2017, Francisco esteve sempre incluído nesta lista; em 2015 e 2016 no 4.º lugar e em 2017, em 3.º lugar (Fortune, 2014; Fortune, 2015; Fortune, 2016; Fortune 2017).

Carroll (2014) destaca cinco principais características de Francisco enquanto líder:

- i. Lidera pelo exemplo – dá o exemplo no caminho a seguir começando ele próprio por tomar os primeiros passos na direção que aponta. Abre o diálogo a determinados temas de modo a introduzir essas mudanças.
- ii. Lidera pelo convite – convida as pessoas a verem o que se passa, alertando-as para as situações. O Papa vai até aos locais e aproveita ocasiões como a homília durante a eucaristia para apelar a assuntos e temáticas relevantes. Com a pressão mediática dos media que cobrem estes eventos, Francisco sabe que os assuntos terão de ser repensados e ganham um novo *boost*.
- iii. Lidera pela colegialidade – o Papa pode introduzir regras só pelo poder que tem, mas ele já deixou claro que quer mudar a perceção do poder. Criou uma estrutura para tomar as decisões dentro da Cúria. Consiste em oito cardeais, um de cada continente e apenas um membro da cúria, procurando ser o mais ilustrativo possível. Organizou esta estrutura de modo a que todas as regiões do mundo pudessem de algum modo estar representadas na tomada de decisão.
- iv. Lidera, quando necessário, por ordem executiva – a sua decisão radical de abdicar do luxo e estilo de vida papal, dando ordem direta a que vários cardeais e bispos para que também mudassem os seus estilos de vida. Substituiu vários cardeais de modo a que a instituição das finanças do Vaticano fosse mais transparente.
- v. Lidera, tomando consciência dos erros – “Quem sou eu para julgar?”. Francisco reconhece os erros da sua Igreja e consegue liderar “apesar” deles. Não se julga digno para julgar porque também ele reconhece que já pecou e cometeu erros.

Segundo Bennis & Thomas (2002), a ação da liderança também se tem de relacionar com as diferentes formas que as pessoas têm de lidar com a adversidade. O papel do líder revela-se, deste modo, fundamental também na forma como este ajuda os liderados a enfrentarem eventos mais negativos, reconhecendo o seu significado e procurando voltar mais comprometido e mais forte, motivando as suas equipas.

Liderar parte do conhecimento que os líderes têm dos seus subordinados aproximando-se deles, conversando e colocando-se nos mesmos contextos sociais em que os liderados estão inseridos. Krames (2015) reconhece nesta atitude de liderança o exemplo do Santo Padre, que “caminha ao lado dos seus liderados” (Krames, 2015, p. 45).

Abordando a questão da liderança, Francisco reconhece uma realidade que habitualmente não nos surge na mente quando falamos dela: as doenças ou, por outras palavras, as fraquezas/ fragilidades de um líder. Nas críticas apontadas à liderança, o Sumo Pontífice destaca quatro principais obstáculos que impedem os indivíduos em posições de liderança de prosperarem (Hamel, 2015), distanciando-os dos bons líderes.

- i. O primeiro obstáculo apontado é a rivalidade e a vanglória. Nem sempre perdemos o tempo a pensar profundamente sobre qual deve ser o objetivo de um líder. Por meio desta crítica, Francisco recorda alguns pontos que um líder deve integrar: não ser individualista ou pretensioso, mas ser humilde e comedido (Hamel, 2015), conseguindo olhar para além dos próprios interesses. O sumo Pontífice acredita na humildade autêntica e sincera como uma competência de extrema importância para os líderes (Krames, 2015). Rego e Cunha (2005) também apontam que um líder competente deve agir com integridade, zelando pela progressão dos seus colaboradores.
- ii. Outra característica que o atual Papa destaca negativamente num líder é a tentação de se deixar petrificar – ficar escondido entre burocracias e papeladas privando-se da sensibilidade humana, a habilidade de ser um ser social. Segundo Hamel (2015), ser este tipo de líder quer dizer ser humildade, altruísmo, desapego e generosidade

(Hamel, 2015), expressando-se francamente com os liderados (Rego & Cunha, 2005). O líder não deve viver para si próprio, mas voltar-se também para os outros (Lowney, 2015).

- iii. Um bom líder é um líder em construção, mas outra característica apontada como indispensável a um líder é a coordenação, para que consiga criar, entre os colaboradores, uma ideia de comunidade (Hamel, 2015). Conseguir que os liderados trabalhem juntos e colaborem para tal é um desafio muito grande, de modo a que um líder que tenha uma má coordenação, não irá conseguir que os seus colaboradores tenham um espírito de trabalho de equipa predominando, ou seja, neste sentido, um espírito dissonante. Assim, um bom líder é uma pessoa capaz de orientar os outros, guiá-los e contribuindo para a sua boa performance (Rego & Cunha, 2005); Segundo Lowney (2015) um líder é alguém que apoia os seus colaboradores, mas também alguém que vive no presente e respeita as tradições, sem medo de criar um futuro – sem medo da mudança, antes executando-a com otimismo e esperança.
- iv. Hamel (2015) destaca ainda que é importante que um líder não se esqueça das pessoas que o guiaram e apoiaram. No Papa Francisco podemos detetar este vínculo através do seu discurso em que nos convida a não construir “muros”, mas a sermos “construtores de pontes” (Oliveira, 2021). Com esta expressão, Francisco quer dizer que um líder não se deve isolar ou criar algum tipo de barreira, mas antes ser uma ligação que une as pessoas, construindo laços com os liderados (Rego & Cunha, 2005).

Francisco é muito claro quando explica que, muitas vezes, também a Igreja funciona como uma “organização”, pelo que estas fragilidades apontadas pelo Santo Padre se revelam igualmente úteis para os líderes nas mais diversas áreas (Hamel, 2015).

Segundo Krames (2015, pp. 32-33), Francisco acredita que a humildade é uma ferramenta para a mudança e que através desta potencialidade é possível combater o egoísmo e as superficialidades que muitas vezes são dadas às coisas. Francisco defende que ser simples é ser mais e que as coisas imediatas, por vezes, o distraem do caminho.

Para o Sumo Pontífice, ninguém é melhor do que ninguém, nem mesmo ele enquanto Papa está acima de ninguém, porque o poder deve ser uma ferramenta para conduzir os outros para o caminho acertado, não uma forma de se sobrepor a alguém. Este bispo da Igreja de Roma procura desconstruir esta questão de poder e transformá-la em liderança, unindo e criando pontos, ao invés de muros (Krames, 2015; Wenders, 2018).

Uma lição que Francisco enfatiza relativamente ao poder que lhe é conferido é que a questão de liderar pessoas nunca deve levar um líder a reter esse tipo de poder para si próprio ou usá-lo para seu proveito próprio com motivações egoístas. Mas antes, usar a liderança e o poder que esta acarreta para o bem de todos, o tal “bem comum” (Krames, 2015, pp. 32-33).

O Pontificado de Francisco é caracterizado pela mudança e pela resistência que tem demonstrado. Através da sua personalidade carismática, Francisco tem conseguido conduzir a Igreja com discernimento (Ivereigh, 2020).

O carisma do Papa Francisco destaca-se na sua personalidade, diferenciando-o da maior parte dos líderes que a Igreja Católica já teve. Os seus gestos surpresa – como optar por ficar alojado num pequeno quarto em Santa Marta e não no palácio apostólico revelam como a sua personalidade contraria os anteriores líderes da Igreja Católica (Passos, 2015, pp. 1385-1387).

Krames (2015, p.18), identifica em Francisco um líder que é capaz de “articular uma visão e fazer com que esta seja seguida por terceiros” e segundo um efetivo processo de influência social para a concretização de objetivos (Rego & Cunha, 2005).

É possível verificar que o Santo Padre tem, efetivamente influência sobre as pessoas, movendo-as para um determinado caminho que, segundo o Papa Francisco é o caminho do bem.

No entanto, o Sumo Pontífice não tem ambições na questão da liderança, tanto que começa por ser ele próprio o veículo de mudança que instrui. É um líder que inicia a sua liderança a partir de si próprio, conhecendo-se a si mesmo, “arregaçando as mangas” – em que vive e

contacta com o mundo, e procurando estar in e out – dentro do mundo, mas sem ser levado ou absorvido demasiado pelo mundo. Assim, ao mesmo tempo que traz uma nova versão de líder da Igreja, Francisco consegue captar pessoas com o seu estilo de liderança e inovar na forma como a Igreja sai à rua (Lowney, 2015, pp. 22-23).

O carisma está intimamente ligado às qualidades pessoais e aos traços da própria pessoa e, no caso de Francisco a sua origem contribui para esta postura que ele assume. É um Papa que “foge à tradição” e que o que experienciou na sua vida na América Latina, como já vimos, tem grande impacto nas suas escolhas. Também o facto de pertencer a uma congregação religiosa posiciona-o de forma diferente, onde também a sua congregação carga inúmeras vivências carismáticas (Passos, 2015, p. 1393).

É importante ter presente que a própria Igreja Católica é fundada num líder carismático, Jesus Cristo, que trouxe uma visão diferente à vida das pessoas, através de um estilo de vida que ainda hoje os Cristãos procuram seguir. A liderança carismática assenta, muitas vezes, num princípio de rutura que permita introduzir novas mudanças e transformações. Ao mesmo tempo que procura introduzir a mudança, Francisco não rompe com a tradição da Igreja Católica, apenas pretende dar-lhe um “upgrade” reformulando o que têm sido os seus costumes e hábitos da Igreja e do pontificado, adaptando as tradições.

Tendencialmente, as pessoas depositam nos líderes carismáticos a expectativa de que façam o que é necessário acontecer, que é exatamente a expectativa que colocaram no Santo Padre, aquando da sua nomeação. Francisco é mutuamente um líder carismático, mas também um líder transformacional porque, ao mesmo tempo que a sua personalidade representa uma rutura, inovação e novas ideias, a sua postura procura também transformar o que existe atualmente, começando pelas mudanças que já tem introduzido na Igreja (Passos, 2015; Lowney, 2015).

Como já vimos, o contexto de entrada do Cardeal Jorge Bergoglio no Vaticano como Papa envolveu condições muito específicas, onde há muita expectativa de quem será o sucessor de Bento XVI, o que propiciou a renovação. Desde o início, Francisco fez transparecer a sua personalidade carismática que, no fundo, é validada pelos fiéis, crentes que recebem esta

nova figura, a sua vontade de mudança e as suas transformações introduzidas como uma manifestação da sua personalidade carismática (Passos, 2015, p. 1390).

A personalidade de Francisco revela-se extremamente importante na forma como Francisco procura “encarnar” o que é o carisma introduzido por Jesus Cristo na sua forma mais simples e mais original. É aqui o ponto de partida para as transformações que introduziu. O carisma, só por si, é uma característica ligada aos traços pessoais de uma pessoa enquanto indivíduo. No entanto, a forma como o indivíduo se relaciona com a sociedade pode potenciar o carisma (Dias, 2016, pp. 1385-1387).

No caso do Santo Padre, as suas origens jesuítas têm um forte impacto na sua liderança carismática e transformacional. A sua espiritualidade jesuíta moldou-o para liderar e redefiniu também o seu pensamento, promovendo sempre a ação da sua liderança (Lowney, 2015, pp. 15-16).

A sua educação Jesuíta promoveu uma formação intensiva em liderança, uma vez que esta ordem religiosa procura preparar os padres para serem líderes, através de retiros de silêncio e retiros em que dão formação a crianças e jovens, a fim de posteriormente aconselharem adultos (Lowney, 2015, pp. 15-16).

Os Jesuítas têm tradições no que diz respeito à forma como as pessoas devem ser tratadas nas organizações, qual o tipo de investimento que se deve fazer nas mesmas, como as devemos valorizar e como nos devemos sentir sobre a hierarquia. Uma ferramenta que os jesuítas reconhecem como particularmente relevante relaciona-se com a posição que os líderes ocupam nas organizações, como não devem colocar os seus egos acima dos outros. Às vezes, as pessoas focam-se demasiado em si próprias e a liderança é uma área de intervenção que exige ir ao encontro do outro, descentralizar o foco de si próprio (Winford & Cherney, 2015).

Uma questão fundamental no tipo de postura que Francisco assume enquanto líder, prende-se com o facto de ser um líder espiritual, interligado à religião e, por isso, conduz a sua liderança discernindo sobre como deve conduzir as pessoas até Deus. Não se trata de um líder que ambiciona impor a sua agenda teológica ou um plano pré-concebido que os seus

liderados terão de seguir. Mas, é antes, a ideia de um “pastor” que conduz, acompanha e facilita o processo de conduzir as pessoas no caminho da conversão e na procura do bem (Ivereigh, 2020, pp. 15-16).

A diferença reconhecida no Papa Francisco que o leva a ser popular, é o facto de que as suas ações, o que faz não é em proveito próprio. Ele não teria escolhido ser Papa e mostrou-o desde o início, renunciando à riqueza e demonstrando que vinha para servir e não para ser servido. O Santo Padre tem a habilidade e compromete-se a ser ele próprio o veículo de mudança, liderando pelo exemplo e convencendo as pessoas de que é realmente um líder (Lowney, 2015, pp. 19-20).

A sua visão traz uma nova abordagem que faculta a transformação e influência que tem nos liderados (neste caso, todos os fiéis que o seguem). Há no papado de Francisco uma tentativa de criar uma comunidade com objetivos comuns, voltados para um mesmo propósito que permita uma evolução conjunta (Nassar, 2020, pp. 9-10).

Ainda segundo Nassar (2020, pp. 9-10), um líder deve esforçar-se por ser capaz de compreender a inovação como uma chave que permite à organização manter-se viva e preservar uma visão a longo prazo – visão esta que permita romper com a comodidade e resistência à mudança. Aqui, o autor destaca a transformação que Francisco provou na Santa Sé ao defender a regulação do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo – um assunto sobre o qual a Igreja não se pronuncia ou critica, introduzindo assim uma declaração histórica.

Francisco é o “maior líder global da atualidade” (Nassar, 2020, p. 10) e ainda um “líder exemplar” (Ivereigh, 2020, p. 15) na medida em que tem conduzido a maior reforma que a Igreja Católica viveu nos últimos séculos e, paralelamente, tem procurado resolver os conflitos e fragilidades da própria Igreja, falando abertamente sobre estes temas nos seus documentos oficiais.

A liderança do Papa Francisco culmina, essencialmente, na forma como dirige os seus discursos e em como reflete sobre cada palavra que diz, fazendo com a forma como comunica que seja característica, e não, por acaso (Krames, 2015, p. 48).

As suas mensagens e o teor dos discursos de Francisco, permitem-lhe ter uma influência significativa que contribui para a sua mediatização. Francisco é um líder que não tem medo de usar as palavras para transmitir as suas ideias, agindo em coerência com o que defende.

3. As Cartas Encíclicas *Lumen Fidei* e *Laudato Si*

Os discursos e atos de comunicação do Santo Padre concretizam-se nas palavras que dirige aos fiéis da Igreja Católica ou ao mundo, de um modo geral. O Santo Padre tem várias formas oficiais de comunicar, no entanto, vamos nos debruçar sobre as Cartas Encíclicas, uma vez que estas sintetizam vários temas que o Sumo Pontífice pretenda dar destaque. As Cartas Encíclicas revelam-se ainda especialmente úteis para informar de atualizações ou mudanças que a Igreja Católica esteja a realizar (Andrade, 2015).

Uma “Carta Encíclica é uma carta circular, escrita pelo Papa que é dirigida a todos os Bispos, ou aos crentes ou às pessoas em geral, versando algum assunto de interesse geral para a comunidade cristã” (Lourenço, 1945, p. 86).

Ao longo do tempo, vários Líderes da Igreja Católica escreveram Encíclicas que podem ser dirigidas aos Bispos⁴, ao Clero⁵, a todos os católicos e, mais recentemente, a todas as pessoas (não crentes incluídas) (Reese, 2020).

Ao longo do seu pontificado, Francisco escreveu três Cartas Encíclicas:

⁴ Os Bispos são os sucessores dos Apóstolos que presidem de forma específica na Igreja e, governam com poder ordinário sob a autoridade do Pontífice Romano, que é quem os nomeia. O Bispo corresponde à primeira Ordem do Clero. Um sacerdote, para ser nomeado Bispo, deve ter pelo menos 30 anos de idade e pelo menos 5 anos de presbítero. O bispo tem como funções o governo da diocese, tanto nas questões espirituais, como nas questões temporais com poder legislativo, judicial e coativo, exercendo as suas funções de acordo com os Cânones Sagrados (Lourenço, 1945).

⁵ O Clero corresponde ao corpo dos clérigos ou eclesiásticos que sob a autoridade dos Bispos desempenham funções sagradas na Igreja Católica. É importante distinguir que existe o Clero Regular, ou seja, todos os religiosos e o Clero Secular, que engloba todos os que não são religiosos (Lourenço, 1945).

- i. *Lumen Fidei* (Luz da Fé) – assinada a 29 de junho de 2013 (no mesmo ano em que foi eleito Papa). Esta Encíclica centra-se na questão da Fé e no fundo resulta de um trabalho iniciado pelo Papa Bento XVI, ao qual o Papa Francisco adiciona as suas contribuições (Papa Francisco, 2013).
- ii. *Laudato Si* (Louvado Sejas) – assinada a 24 de maio de 2015. Este documento centra-se no Louvor ao Criador, atentando para questões climáticas e ambientais que o mundo atual enfrenta. Há uma reflexão sobre o consumismo excessivo e a destruição ambiental, com um apelo a que o mundo se una no combate às alterações climáticas e à degradação do ambiente. É a primeira Encíclica escrita totalmente pelo Papa Francisco (Papa Francisco, 2015).
- iii. *Fratelli Tutti* (Todos Irmãos) – assinada a 3 de outubro de 2020. É uma Encíclica dirigida a “todas as pessoas de bem”, portanto a todas as pessoas que estejam abertas para ler este documento. Centra-se na amizade e fraternidade social, em prol de um mundo melhor, mais pacífico e mais justo. Este documento coloca à vista de todos os grandes temas do pontificado do Papa Francisco e, como é recente, aborda também a questão da atual pandemia que enfrentamos (Papa Francisco, 2020).

A primeira Encíclica, *Lumen Fidei*, dirige-se essencialmente aos crentes da Igreja Católica, partindo da “luz da fé” como base racional do conhecimento autêntico. Aqui aborda-se como a “luz” e a “fé” oferecem uma abordagem positiva para a compreensão da realidade (Mantovani, 2015).

Como já foi mencionado, esta foi uma Encíclica que foi maioritariamente escrita por Bento XVI, antes de resignar, pelo que a linguagem é diferente face às restantes Encíclicas que têm o tom do atual Papa mais presente. Francisco introduziu pequenas alterações nesta obra, tendo concluído o que havia sido iniciado pelo seu antecessor (Reese, 2020).

Estamos perante um documento quase como que de transição entre dois Papados, uma vez que a Encíclica *Lumen Fidei* foi maioritariamente escrita por Bento XVI. Como este

renuncia antes de a terminar, é o Papa Francisco, seu sucessor que a termina e a publica 3 meses após o início do seu pontificado (Aparicio, 2018).

Para enquadrar esta Encíclica, é importante ter em consideração que o Papa Bento XVI havia escrito duas outras Encíclicas, parte de um conjunto. Quase como se fosse uma trilogia: “*Deus caritas est*”, em 2005 e “*Spe salvi*”, em 2007. Estes dois documentos oficiais debruçavam-se respetivamente sobre a Caridade e a Esperança. A Encíclica *Lumen Fidei*, a terceira deste conjunto (simultaneamente a última com contributos de Bento XVI e a primeira assinada pelo atual Pontífice), debruça-se sobre a fé, pelo que assim estão concluídas as três virtudes teologais⁶ (em que cada uma é abordada numa Encíclica) (Almonacid & Lambert, 2014, pp. 80-81).

Esta Carta Encíclica traz assuntos abordados no Concílio Vaticano II, com o objetivo de reformar a presença da Igreja no mundo atual. O tema central é a “Fé” como objeto primário da Igreja Católica, mas também como motor de renovação dentro da própria Igreja. É um documento claramente mais voltado para a fé (Lloveras, 2013, p. 92).

Esta primeira Encíclica é o primeiro documento de comunicação oficial direcionado a toda a Igreja Católica do atual sumo Pontífice. Este documento procura trazer novas definições ao nível do dogma da fé (Aparicio, 2018).

Trata-se de um documento que conjuga as qualidades de ambos os Papas. Por um lado, conserva o pensamento e lado mais académico do Papa Bento XVI, por outro, permite usufruir já do pensamento do atual Papa, nomeadamente, as suas qualidades pastorais (Almonacid & Lambert, 2014, p. 87).

É importante destacar que este documento procura ser atual e fala sobre a fé no contexto e nos desafios que a atualidade impõe, tendo sido publicado no Ano da Fé – que se celebrou

⁶ Uma virtude, neste contexto, é uma disposição das faculdades da alma humana, inclinando o ser humano a procurar fazer o bem. As virtudes podem distinguir-se em virtudes naturais (adquiridas), que advêm da repetição de ações boas, que dispõem as nossas faculdades a atos moralmente bons; as virtudes morais, têm por objetivo os bens criados e que, podem sintetizar-se em prudência, justiça, fortaleza e temperança. As virtudes teologais, por sua vez, têm como objeto imediato Deus, e por isso, são as três: fé, esperança e caridade (Lourenço, 1945).

com o objetivo de assinalar os 50 anos da abertura do Concílio Vaticano II (Bertoldo, 2018, p. 158).

Esta Encíclica também faz referências à ciência e ao seu “papel” na fé, como ambas devem trabalhar para um melhor entendimento, em que a fé deve despertar um sentido crítico que pode e deve ser investigado através da ciência (Almonacid & Lambert, 2014, p. 96).

Nesta sua primeira carta circular, Francisco observa o sentido da teologia – em que não se trata apenas do discurso sobre Deus, mas sobre a aceitação e a demanda de um entendimento mais profundo que a palavra de Deus encaminha até cada um de nós (Fumagalli, 2019).

Lumen Fidei, como o nome indica centra-se na fé, nomeadamente, na forma como esta deve ser vivida nas diferentes dimensões da vida humana, sobressaindo a ideia de inclusão: há uma nova abordagem em que há um convite a que os cristãos procurem uma fé mais abrangente e, simultaneamente, mais inclusiva (Bertoldo, 2018, pp. 157-159).

De modo a expor a fé, a Encíclica subdivide-se em quatro partes (Almonacid & Lambert, 2014; Bertoldo, 2018):

- i. Desde Abrão, como Pai da Fé (e das várias religiões) até Jesus (que nos mostra a plenitude da fé), fazendo, portanto, um apanhado da fé desde o Antigo Testamento até ao Novo Testamento;
- ii. A verdade e o amor como temas centrais da fé, explicando também como a fé impulsiona o conhecimento;
- iii. A passagem e transmissão da fé, nomeadamente através dos sacramentos⁷;

⁷ Os sacramentos são sinais sensíveis que, por instituição divina manifestam a graça de Deus. Existem sete sacramentos: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Extrema Unção, Ordem e Matrimónio. Estes sete sacramentos providenciam a vida sobrenatural do homem enquanto ser individual e social (Lourenço, 1945).

- iv. A fé e o seu impacto no bem comum, focando na forma como a fé opera nas diferentes relações sociais.

Há ainda um momento final da Encíclica que é dedicado a Maria, enquanto Mãe que percorreu um caminho de fé notável (Almonacid & Lambert, 2014, p. 88).

Este documento termina a falar sobre a fé como elemento enriquecedor das diferentes relações humanas, como a família, a morte e até mesmo a natureza – que é o mote para a segunda Encíclica assinada pelo Papa Francisco (Almonacid & Lambert, 2014, pp. 88; 96-97).

Na sua segunda Encíclica, a primeira em que Francisco escreve completamente “sozinho” (a anterior tinha sido concebida em conjunto com o Papa emérito Bento XVI), dirige-se a um público mais global, uma vez que a temática abordada se prende também com uma questão universal: a proteção e conservação do ambiente, numa luta contra as alterações climáticas.

Esta carta Encíclica surge no contexto de outro documento onde Francisco já começa por expressar as suas preocupações com o meio ambiente, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*⁸, embora só com esta carta circular é que seja clarificado o problema e há, aqui, um claro incentivo à ação (Puglisi & Buitendag, 2020, p. 4).

Neste documento, o Sumo Pontífice faz um convite a que todos os crentes trabalhem também juntos para aquele que este considera o “desafio mais sério em termos sociais, éticos e religiosos”, ou seja, o cuidado e tratamento do planeta Terra, enquanto nossa “casa comum” (Dias, 2016, p. 352).

⁸ Uma exortação apostólica é um documento Papal oficial, que apesar de ser menos solene do que uma Encíclica, contém, igualmente, recomendações e, por norma, são documento publicados após alguma reunião do Papa, como um Sínodo de Bispos (Lourenço, 1945). A exortação *Evangelii Gaudium* (Alegria do Evangelho) é dirigida a toda a Igreja e surge precisamente na conclusão do Ano da Fé.

A Encíclica subdivide-se em seis capítulos, inspirado na nossa relação com o meio ambiente, nomeadamente na figura de S. Francisco de Assis. Esta carta tem a particularidade de ser o primeiro documento oficial que exorta, exclusivamente, sobre a preservação e cuidado do meio ambiente, advindo daqui um tema que tem estado presente na agenda do Papa Francisco: o “cuidado da casa comum”. Os antecessores de Francisco já tinham referido pontualmente a sua preocupação com o meio ambiente, mas este é efetivamente o documento oficial pioneiro que discute esta temática (Ottaviani, 2016, p. 494).

O contexto de lançamento⁹ da Encíclica foi pensado estrategicamente para que fosse lançada antes do COP21¹⁰ que decorreu neste mesmo ano, em Paris. Foi um documento que abriu a porta e colocou a temática do ambiente e da sustentabilidade em cima da mesa – fez da questão ecológica uma questão de agenda (Puglisi & Buitendag, 2020, p. 7).

Esta carta circular, que foi claramente uma ação em torno do tema mundo, nomeadamente a devastação ambiental e o aquecimento global, foi muito bem recebida, exceto por aqueles que rejeitam os problemas relacionados com o aquecimento global (Reese, 2020; Martins, 2018).

Isto, porque há aqui uma ressalva de que esta problemática é uma questão que diz respeito a todos, portanto todos a devemos cuidar e preservar. Há um apelo que nos lembra que estamos todos envolvidos neste problema, convidando-nos todos a agir (Puglisi & Buitendag, 2020).

Os autores Tucker e Grim (2016, conforme referido em Szrot, 2020, p.228) realçam o potencial alcance desta Encíclica que é inédito, uma vez que com os biliões de católicos que existem no planeta, a atenção para a preservação do ambiente e para as alterações climáticas são um problema que chegará a muitas mais pessoas.

⁹ Como referido anteriormente, a Encíclica foi assinada em maio de 2015, tendo sido a primeira publicação em junho de 2015.

¹⁰ COP21 foi a Cimeira das Nações Unidas relativamente às Mudanças Climáticas, entre novembro e dezembro 2015, em Paris.

Este documento desperta as ideias e mitos que foram criados sobre a forma como cuidamos do mundo e desafia-nos a repensarmos o uso ilimitado que procuramos obter dos recursos, levando-nos ao consumismo extremo. *Laudato Si* desafia-nos, ainda, a entrarmos em diálogo com as pessoas e com a própria sociedade relativamente à nossa “Casa Comum” (Jenkins, 2018, p. 405).

É, assim, um documento mais aberto porque se dirige a todas as pessoas que querem trabalhar para a construção e edificação de um futuro melhor para o planeta. Segundo o autor é um documento rico que expõe as várias questões, perspetivas e dimensões que este problema ecológico acarreta (Jenkins, 2018, p. 408).

O autor realça a importância do aspeto espiritual, mas não necessariamente religioso que advém do desafio ecológico que enfrentamos e que, na Encíclica é respeitado e aprofundado através da crença num Deus Criador (Puglisi & Buitendag, 2020, p. 2).

Ainda assim, o lugar que a Igreja ocupa no debate em prol do meio ambiente é notório e a religião pode mesmo ajudar a trazer de volta o diálogo ecuménico, pelo que a Encíclica do Papa Francisco foi um tanto de inesperada, mas completamente necessária e atual (Puglisi & Buitendag, 2020, p. 2).

O Papa relaciona ainda os problemas ecológicos com questões de vários foros: económicas, sociais e culturais, que são fatores sobre os quais devemos atuar já, no imediato. Com esta chamada à ação, os vários líderes foram convidados a repensar também o seu impacto nesta problemática e, após esta carta, inúmeros líderes das múltiplas áreas procuraram escrever documentos semelhantes, de modo a promoverem, igualmente, o combate à crise climática (Puglisi & Buitendag, 2020, p. 7).

Outro ponto desta Encíclica é a dimensão da pobreza. O Sumo Pontífice relaciona a crise ecológica também com a pobreza existente. A ligação entre a pobreza da sociedade e as fragilidades do planeta (Martins, 2018, p. 411).

É neste sentido que, na carta circular, Francisco se refere à crise das alterações climáticas como uma “crise educacional”. O Pontífice explica que este problema é a consequência de

uma crise educacional que a sociedade enfrenta. É necessário rever valores que estão enraizados e têm permitido que aconteça esta degradação ecológica a nível global. Francisco quer alertar as pessoas para que se apercebam desta dissonância e comecem a agir em prol de um futuro melhor (Morgan, 2018, pp. 1036-1037).

Assim, podemos sistematizar que esta Encíclica traz dois propósitos fundamentais: por um lado, convida-nos a cuidarmos da nossa casa comum e, por outro, chama-nos a este diálogo, a fazermos parte da “conversa” e a tomarmos parte na solução, em repensarmos para onde estamos a conduzir o mundo (Puglisi & Buitendag, 2020, pp. 8-9).

Ainda no contexto desta sua Encíclica, Francisco fez nascer o movimento “A Economia de Francisco”, que no fundo foi um evento, com mais de um ano de preparação, organizado por jovens. Este evento juntou líderes políticos, decisores, economistas, empresários, empreendedores sociais entre os vários cidadãos do mundo e do qual surgiu um compromisso desta demanda por uma economia mais justa, mais humana, assente numa ecologia integral (Lisboa, 2020).

No fundo, a partir do desafio de cuidar da casa comum, lançado na Encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco vai mais longe e liga a economia aos problemas da casa comum, mudando a perspetiva como o homem olha para a economia, uma vez que traz o conceito de fé para a mesma (Zózimo, 2020).

A Economia de Francisco, mais do que um encontro e do que um desafio, é um compromisso de jovens para jovens, ou seja, é pensado pelos jovens, para os outros jovens.

Estas duas Encíclicas abordam, portanto, temáticas diferentes que tomaram parte na agenda do Santo Padre. A terceira carta circular por ele publicada retoma também estes assuntos, trazendo mais questões que têm estado em discussão ao longo do seu papado – temas que tem procurado trabalhar e debater com os Bispos, leigos, crentes e não crentes, através dos seus diversos discursos.

4. A Carta Encíclica *Fratelli Tutti*

A terceira Encíclica de Francisco é, só por si, uma carta mais aberta a toda a população, ao mesmo tempo que invoca temas de vários âmbitos. Nas palavras do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, este documento é um “grito” e é, simultaneamente, uma “expressão do poder mobilizador”, que não se havia verificado nos documentos anteriormente escritos pelo Sumo Pontífice. Marcelo Rebelo de Sousa destaca ainda a “coragem ilimitada” desta carta (Expresso, 2020).

Nesta carta circular, Francisco justifica que a escolha do tema da Fraternidade Universal e da Amizade Social, como tendo sido inspirado no documento¹¹ que assinou em conjunto com o Grande Imam el-Tayyeb, o diretor de uma das universidades islâmicas mais conhecida: Al-Azhar (Duffner, 2020).

A *Fratelli Tutti* surge cinco anos após a sua última Carta Encíclica, *Laudato Si'* e, portanto, tem um contexto diferente. Desde o Brexit à Pandemia e ao próprio confinamento que esta nos trouxe, é pertinente que Francisco lance este documento nesta altura. É um documento que aborda precisamente a amizade entre os vários membros da sociedade, numa altura em que é imposto o distanciamento social. Aqui a visão de Fraternidade Universal prende-se com a intenção de colocar em diálogo a mensagem do Evangelho entre cada ser humano e, mais do que promover o diálogo sobre o Evangelho, o Santo Padre, chama-nos a convivermos uns com os outros (Howard, 2021, p. 21).

Esta Encíclica retoma muitas das temáticas que têm vindo a ser abordadas ao longo do Papado de Francisco (e que têm marcado e distinguido o seu pontificado), tratando-se no fundo de um documento de ensino da Igreja sobre os vários temas que têm estado na sua agenda (Reese, 2020).

¹¹ Trata-se do Documento sobre a Fraternidade Humana para a Paz e para a Coexistência Mundial (2019), que foi assinado em Abu Dhabi, em 2019, pelo Papa Francisco e pelo Ahmed el-Tayeb, Grand Imamo de Al-Azhar (Papa Francisco & Ahmad Al-Tayyeb, 2019).

Este documento constitui-se um apelo do Papa a que as pessoas assumam o que está a acontecer, tomem consciência dos problemas – aos quais chama claramente de problemas e trata-os pelos nomes, nomeadamente a questão das desigualdades económicas e sociais, o individualismo excessivo e ainda o desrespeito pela dignidade humana. Francisco faz uma crítica clara à sociedade, mostrando que todos somos culpados pelo que se passa no mundo (Rodrigues, 2020).

Há assim um apanhado de todos os temas que têm estado na sua agenda, entre os quais:

i. Crises Globais

No que diz respeito às crises globais que enfrentamos, Francisco começa por se focar na atual Pandemia que vivemos – uma vez que este documento foi assinado em novembro de 2020 é importante lembrar que o mundo inteiro já enfrentava a atual Pandemia causada pelo novo Coronavírus SARS-CoV 2 (Francisco, 2020).

Assim, no primeiro capítulo da sua Encíclica, Francisco começa por refletir sobre o contexto atual em que vivemos, a questão da pandemia que enfrentamos e, como esta atrocidade deve trazer também consigo uma oportunidade para a promoção da esperança, para crescermos (Reese, 2020).

A guerra é também um assunto brevemente discutido neste documento oficial, em que o Sumo Pontífice afirma que este tipo de confrontos são conflitos que não conduzem a uma solução, não oferecem uma resolução definitiva (NCR, 2020a).

A brutalidade da guerra e dos combates modernos torna difícil evocar a teoria do «just war». Esta é uma teoria que defende uma doutrina em que a guerra é eticamente e moralmente legítima se cumprir determinados critérios que a tornem necessária. É como se a guerra fosse aceitável enquanto última instância para a resolução de determinado conflito. Até recentemente, esta posição era também uma tradição com a qual a Igreja Católica se identificava. Contudo, o Papa Francisco vem agora dizer que não há uma justificação para que um conflito se resolva com outro conflito (McElwee, 2020).

Neste sentido, Francisco introduz também uma nova ideia para o seio da Igreja Católica, em que pede que também esta instituição esteja atenta e de algum modo intervenha neste tipo de desavenças. O Sumo Pontífice explica que a Igreja deve estar alerta e vigilante quanto à forma como os conflitos estão a ser “resolvidos”, deve haver uma visão e posição claras contra a violência (NCR, 2020a).

Assim, o atual Papa traz uma nova abordagem para a Igreja, que não só não deve achar legítimo a existência da guerra, como também não deve tolerar que existam confrontos e violência que, segundo o Santo Padre, só “geram mais violência” e mais conflitos, contribuindo para uma maior destruição da humanidade (Francisco, 2020).

No contexto da nova abordagem à questão da guerra, Francisco reflete sobre este acontecimento como um “afronto à dignidade da pessoa humana”, em que a violência nunca deve ser a primeira opção a tomar na resolução de qualquer situação, porque além de não solucionar efetivamente nenhuma questão (como já vimos), esta atitude viola a própria dignidade humana (McCarthy, 2020).

Há aqui uma declaração da real necessidade de haver uma maior aceitação das diferenças para que se desenvolva a tolerância, permitindo assim a criação de processos de aceitação (Francisco, 2020).

ii. Diálogo inter-religioso

No segundo capítulo, o Papa Francisco mostra-nos como podemos olhar para o bom samaritano¹² como um exemplo daquele que procura ajudar o outro, contribuindo para esta amizade social, sem olhar à sua religião, cultura ou estatuto social.

O Santo Padre explica mesmo que ao nível da esfera social, também a sociedade deve tomar atenção a este tipo de situações em que marginaliza indivíduos e nem sempre socorre aqueles

¹² Parábola (história) presente na Bíblia que traduz a história de um homem que sofre um assalto e não é socorrido pelas pessoas que vão passando e que até são da mesma cultura que este indivíduo, até que um outro homem de um povo “inimigo” é quem o socorre e o ajuda. Aqui, esta paragem tem como objetivo fazer alusão à importância de ajudar o outro independentemente da cultura, raça, crença religiosa ou política.

que precisam, reforçando ainda a importância de prestar atenção ao sofrimento à nossa volta ao invés de “passarmos a direito” (NCR, 2020b).

Para Jorge Bergoglio, esta é uma atitude que requer uma mudança no coração e que deve ser alimentada pelos cristãos e pessoas de bem, porque de outra forma a comunicação social e opinião pública continuarão a fomentar uma visão individualista (NCR, 2020b).

Partindo desta alegoria, Francisco retoma a questão da importância do diálogo inter-religioso, particularmente na questão do respeito entre as múltiplas religiões.

Na Encíclica, há uma reflexão sobre o impacto das nossas relações uns com os outros no bem-estar do próprio mundo e, na forma como a nossa relação com a humanidade se manifesta. Por este motivo, a forma como nos relacionamos com os outros têm uma repercussão não só nas nossas esferas pessoais e sociais, mas também nas esferas dos outros (Dandia, 2020).

Neste sentido, classifica-se a possibilidade da fraternidade humana como um fator que está subordinado à nossa própria relação com as outras religiões, quer isto dizer que a forma como convivemos e coexistimos com as outras religiões é o que permite a existência desta fraternidade humana universal. Para que isto aconteça, Francisco ressalva que a nossa abordagem às outras religiões deve ter presente que somos todos “iguais”, entre as diferentes crenças não devem existir adversários ou opositores (Dandia, 2020).

Há, ao longo de toda esta carta, uma procura e simultaneamente um apelo a uma linguagem comum, quase que transversal, às diversas religiões, que se espelha nas atitudes do Santo Padre (Dandia, 2020) que logo desde o princípio do seu Pontificado, se mostrou aberto a conversar com os líderes de outras doutrinas (Duffner, 2020).

Francisco procura ser o exemplo daquilo que prega e, desde cedo, destacou a relevância do diálogo inter-religioso, concretamente com os Muçulmanos, que declarou ser uma das suas prioridades. Desde esse anúncio, o Papa Francisco tem visitado inúmeros líderes, famílias e

países muçulmanos, procurando acima de tudo promover o respeito e o diálogo (Duffner, 2020).

A ideia do diálogo conduz-nos a um novo paradigma da solidariedade social em que as diferentes nações, tribos, culturas, crenças, religiões ocupam um papel preponderante no estabelecimento de relações benéficas e na promoção da comunicação, respeitando as diferenças existentes (NCR, 2020a).

A abordagem inter-religiosa presente na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* é também referida a partir de vários episódios da vida de S. Francisco de Assis¹³. Isto porque S. Francisco, aquando os períodos de conflitos religiosos em que viveu, procurou promover sempre o diálogo e a relação com o povo muçulmano, sendo este um dos traços que sobressai na vida de Francisco de Assis. Há de facto, neste Santo, uma procura por um espírito de coexistência, com serviço e hospitalidade entre ambas as religiões, que o atual Pontífice reproduz no seu pontificado (Duffner, 2020).

Há um realce para a importância de a Igreja Católica respeitar a forma como as outras religiões se organizam e vivem o seu carisma, com Francisco a afirmar que a Igreja Católica não rejeita nada do que é sagrado e verdadeiro para estas outras religiões, mas antes há um respeito pelo seu estilo de vida, conduta e doutrinas aplicadas. Na Encíclica, o atual Papa, promove um outro ponto de vista, convidando o povo cristão a olhar para as outras crenças como forças positivas que ajudam a alcançar o propósito de Deus, ou seja, uma fraternidade humana universal (Duffner, 2020).

O Papa destaca a importância da coexistência com as outras religiões e crenças, convidando os cristãos a respeitarem, mas também a terem um discurso aberto para que conversem diretamente e claramente sobre estes temas. Francisco desafia mesmo o povo cristão a dialogar com as outras religiões sobre o próprio significado da existência social. Isto, até porque é extremamente significativo respeitar a liberdade religiosa, lembrando que as crenças das diversas religiões são um aspeto crucial dos direitos humanos (Luby, 2020).

¹³ S. Francisco de Assis foi o Santo no qual Jorge Bergoglio se inspirou para escolher o nome de Francisco, enquanto líder da Igreja Católica.

Um pequeno gesto de Francisco que é já um passo na promoção deste diálogo inter-religioso e uma afirmação da sua estima profunda pelas outras religiões, é o facto de que a sua Encíclica termina com duas orações: uma oração apresenta uma linguagem claramente mais voltada para o povo cristão e, a outra oração, apresenta um louvor ao Criador – escrita de modo a que qualquer crente, independentemente da sua religião, possa sentir-se confortável a rezar esta prece de agradecimento, recorrendo até a uma linguagem presente nos discursos e documentos judeus e muçulmanos (Duffner, 2020).

iii. O Papel da Mulher na Sociedade

Esta é uma temática que tem vindo a ser recorrente no Papado de Francisco, bem como tem sido tema de agenda em Sínodos¹⁴ dos Bispos¹⁵. Neste documento, o Santo Padre refere apenas que a mulher deve ter a mesma dignidade que o homem e que ambos devem ter os mesmos direitos – clarificando, como tem vindo a fazer, a sua posição relativamente à desigualdade de géneros (que identifica como um problema na sociedade) (Francisco, 2020).

Ainda dentro desta temática, condena o tráfico humano e a violência contra a mulher. No fundo, a Encíclica vê tanto o homem como a mulher como parceiros iguais no confronto com os problemas no mundo, que devem ter os privilégios (Francisco, 2020).

iv. Críticas

Também nesta Encíclica o Papa aproveita para criticar o nacionalismo populista, os sistemas económicos que exploram os mais desfavorecidos e a democracia quando não funciona, lembrando que este regime político nem sempre permite que todos os indivíduos possam exercer livremente os seus direitos (NCR, 2020b).

¹⁴ Neste caso, trata-se de um Sínodo de Bispos. Este encontro é, no fundo, uma assembleia presidida pelo Papa que reúne com os seus bispos (aqueles que a isto têm direito) para discutir assuntos que dizem respeito às necessidades do povo cristão (Lourenço, 1945).

¹⁵ No Sínodo dos Bispos sobre “a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”, em 2015, entre as várias conclusões, uma delas reflete sobre a importância do papel da mulher na Igreja (Vatican, 2014).

Há uma crítica às ideias neofascistas sobre a nação e a raça, os mercados livres de capitalismo, libertinismo, consumismo e o individualismo excessivo e outras atitudes que não promovem a fraternidade social, mas que revelam antes as nossas tendências egoístas. Estas questões, segundo o Santo Padre, impedem que haja um tipo de política melhor, um modelo político que esteja verdadeiramente ao serviço do bem comum e da fraternidade universal (NCR, 2020b).

O documento em si, segundo os autores, não é perfeito, mas é pertinente e alerta para temáticas muito importantes como o hiato que há em torno da presença da mulher, a falta de vozes femininas; e reforça o que está a acontecer com a política e a economia mundiais atualmente. São palavras que segundo o autor, são oportunas quer pelo momento que o mundo enfrenta conjuntamente, quer pela altura específica que os EUA enfrentavam aquando o lançamento desta Encíclica¹⁶ (NCR, 2020b).

O Papa Francisco na sua obra nunca menciona diretamente Donald Trump, mas o autor acredita que Francisco se refere ao ex-presidente dos Estados Unidos da América enquanto líder populista que é capaz de “explorar politicamente a cultura das pessoas, sob o manto de qualquer ideologia, para sua vantagem própria” (NCR, 2020b).

A carta Encíclica *Fratelli Tutti* alerta ainda contra a demagogia para os seus próprios propósitos, em que os líderes acabam por conduzir os seus liderados consoante os seus próprios objetivos e interesses, sem preocupação pelos seus liderados mais vulneráveis (NCR, 2020b).

Francisco usa a mensagem evangelizadora como reforço sobre a importância da vida dos que são pobres, estão desempregados, sofrem doenças, aqueles que estão literalmente numa posição desconfortável e instável – os quais não devem ser esquecidos nem colocados de parte pela sociedade (NCR, 2020b).

¹⁶ A Encíclica *Fratelli Tutti* foi lançada semanas antes das eleições norte americanas que vieram a dar a vitória a Joe Biden (atual presidente dos Estados Unidos da América). Para o autor, a Encíclica tem indiretamente este propósito de alertar o povo norte americano para a onda populista defendida por Donald Trump (anterior presidente dos EUA).

v. Pessoas LGBTQ+ & Aborto

Apesar de estes dois temas: as comunidades LGBTQ+ e aborto serem assuntos que se têm vindo a discutir na Igreja devido à liderança de Francisco, esta Encíclica que aborda os diferentes temas do seu pontificado não focou em particular estes temas, como poderia ser esperado (Reese, 2020).

A carta Encíclica não sugere propostas específicas que os cristãos e as pessoas de bem devam adotar, mas sim as atitudes e os valores que devem ser alterados e repensados. Neste documento, Francisco convida todos (cristãos, católicos, crentes e não crentes) a reverem como estes padrões e convicções influenciam as suas vidas (Reese, 2020).

No contexto da promoção do diálogo inter-religioso e da promoção da tolerância, Francisco aproveita para fazer a sua primeira viagem Papal após o início da Pandemia ao Iraque – um país onde predomina a religião muçulmana, em março do presente ano.

A ida do Papa ao Iraque foi histórica, nomeadamente na afirmação das ideias de tolerância e fraternidade social, conceitos enfatizados na Carta Encíclica “Fratelli Tutti”. Sob a domínio do programa de valores proposto por esta carta circular, Francisco mostrou como a coexistência e convivência entre as múltiplas religiões deve ser vivida com respeito e tolerância (Arraf, 2021).

Esta viagem foi também um marco muito relevante para o país Iraquiano que se sentiu valorizado, uma vez que esta é a primeira vez que um Papa visita este país (Fernandes, 2021).

Por um lado, a escolha deste país foi justificada pelo facto de ser uma região que Francisco considera ter sido “martirizada durante longos anos” (Arraf, 2021).

Por outro lado, esta ida ao Iraque representa também a “referência simbólica” das três grandes religiões monoteístas¹⁷: a religião judaica, a religião cristã e a religião muçulmana.

¹⁷ Monoteísmo prende-se com a crença num único Deus (Lourenço, 1945).

Há aqui uma referência ao local de nascimento destas três religiões e, portanto, um ponto de partida igual para todas (Fernandes, 2021).

Neste contexto, o Papa Francisco faz esta visita “histórica” de modo a dar o exemplo na promoção do diálogo entre as diversas religiões, mas também com o propósito de encorajar e motivar as minorias cristãs que existem nesta região, lembrando-as que não estão sós (Arraf, 2021).

Também como esta Visita Papal que vem a propósito do grande distanciamento que os seres humanos têm sofrido, também a Carta Circular *Fratelli Tutti* é oportuna e surge numa altura complicada em que o mundo inteiro enfrenta uma crise pandémica e climática e começa a lidar com uma crise económica como consequência destes acontecimentos que pararam o mundo (Howard, 2021).

Em suma, Reese (2020) considera que esta é uma Encíclica aberta a todos, nas demais áreas, religiões, culturas e profissões, afirmando ainda que este documento reflete a visão do Sumo Pontífice na forma como a humanidade deve dar resposta às necessidades impostas pelo século em que vivemos.

Trata-se de um texto que mostra que Francisco, enquanto líder religioso e aqui pela primeira vez também com voz de liderança que sobressai no campo da política, consegue compreender a importância dos discursos como meio de comunicar. O Santo Padre compreende a relevância da palavra e da própria oratória, mostrando-o nesta Encíclica, ao tentar despertar uma conversa sobre a sociedade atual (Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020).

É, por conseguinte, um documento riquíssimo que engloba os principais temas presentes na liderança e seu estilo, do Papado de Francisco na partilha, encorajamento e reflexão. E que, é verdadeiramente uma carta que providencia linhas orientadoras de como devemos reger os nossos valores e repensar a nossa vida na atualidade (NCR, 2020b).

Há nesta Encíclica uma incitação à ação, um apelo e de certa forma um discurso mobilizador que nos chama a todos a agirmos (Rodrigues, 2020).

Capítulo III – Metodologia

1. Objeto de Estudo e Relevância da Investigação

Esta investigação tem como propósito aferir a questão da mudança transformacional, com base no modelo já pré-existente, identificado na revisão de literatura. Este modelo será uma base para averiguar se os indicadores de liderança transformacional correspondem aos traços de liderança do Papa Francisco, procurando perceber estes traços através da sua comunicação. Como a comunicação do Santo Padre é também muito vasta, percebeu-se que faria sentido escolher uma obra do Sumo Pontífice para servir de base de análise e como “pontapé de saída” para este estudo. Para tal, a mais recente Carta Encíclica, lançada em 2020, constitui-se como o documento mais indicado para tal, pelo seu cariz inclusivo e pelo facto de ser escrita em continuidade com o que tem sido a liderança do Papa Francisco.

Assim esta dissertação terá como objeto de estudo a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, um texto publicado pelo Papa Francisco em novembro de 2020.

Este é um texto que embora seja escrito pelo Santo Padre, órgão máximo de liderança da Igreja Católica no mundo, não é exclusivamente dirigido a Católicos. A Encíclica interpela um conjunto mais vasto de cidadãos que congrega católicos, não-católicos, crentes, ateus, agnósticos, procurando incluir todos os cidadãos do mundo. O Papa Francisco diz mesmo que é uma Encíclica direcionada para todas as pessoas de boa vontade (Papa Francisco, 2020, conforme referido em Mendonça, 2021).

É no contexto de ser um texto amplo, direcionado a toda a sociedade, que se revela interessante e relevante perceber como é percecionada a liderança do Papa Francisco através deste documento que é redigido a um público vasto. Aqui, neste ponto, a investigação torna-se até bastante curiosa, porque ao ser um texto voltado para todos, permite-nos perceber como é “experienciada” a liderança do Santo Padre enquanto líder – tanto para católicos, como não católicos.

Esta Carta é, por um lado, um resumo do Pontificado do Santo Padre (Mendonça, 2021), sendo que o nome da própria Encíclica retoma uma expressão de S. Francisco de Assis, o

Santo que serviu de mote à escolha do nome Francisco por parte do Cardeal Jorge Mario Bergoglio aquando a sua eleição.

No entanto, Mendonça (2021) recupera ainda um traço muito relevante relativamente à figura de S. Francisco de Assis: além da sua escolha pelos mais pobres e mais desfavorecidos, S. Francisco de Assis foi um Santo que promoveu o diálogo e estava aberto a falar com todos – crentes e não crentes, tendo introduzido um “reformismo social e uma nova visão” na própria Igreja. É claramente um Santo que defendeu a ecologia e também a inclusão.

Por outro lado, trata-se também um documento em que, de certo modo, Francisco levanta a sua “voz”, erguendo-a acima de tantos outros líderes (Rodrigues, 2020) e assume um papel crítico e claro na indicação das mudanças que a sociedade deve procurar. Neste texto, o Papa assume os nossos problemas, os desconcertos da sociedade e dá nomes aos problemas que efetivamente são reais. Aqui, além de denunciar os problemas, Francisco apela e convida também à ação, à mudança de comportamentos e de atitudes, apresentando uma “orientação programática” ao longo de toda a Carta Encíclica (Rodrigues, 2020).

É precisamente por se tratar de um documento resumo deste legado do Santo Padre, um texto que surge de forma pertinente no contexto em que atualmente vivemos, e o facto de consistir num documento em que há um forte apelo não só à consciência de cada um, mas à intervenção de cada um na correção destas fragilidades, que se acaba por considerar o documento indicado para perceber a liderança transformacional da própria pessoa do Papa Francisco, enquanto líder de um povo tão vasto.

2. Pergunta de Partida e Objetivos em Investigação

Segundo Quivy & Campenhoudt (1995, p. 31), uma investigação é uma demanda, é algo que procuramos. A investigação parte sempre de um caminho em que vamos em busca de conhecimento sobre determinado tema e, à medida que vamos caminhando, podemos estar mais próximos desse entendimento e conhecimento.

É neste contexto que os autores nos sugerem que para uma primeira fase do caminho, é muito importante identificar um primeiro “fio condutor” que seja claro e conciso e permita fazer progredir a investigação.

Tornou-se óbvio que este ponto de partida é exatamente o que o nome indica, um ponto de início que não é necessariamente a decisão final, mas algo provisório que se vai solidando à medida que a investigação vai avançando (Quivy & Campenhout, 1995, p. 32).

Assim, este estudo teve como pergunta de partida: “Será que as características identificadas na Liderança do Papa Francisco, através da Encíclica *Fratelli Tutti*, são correspondentes aos principais traços mais determinantes de conduta de uma Liderança Transformacional?”

O princípio desta investigação torna-se relevante para conduzir o raciocínio e escrita ao longo do Enquadramento Teórico, como forma de ajudar a precisar o presente estudo, e conseguindo-se assim, filtrar toda a informação identificada para a que realmente era relevante de acordo com a temática da proposta dissertação.

Assim, esta dissertação assenta em dois pilares fundamentais: a liderança e a comunicação. A liderança, por ser uma área tão vasta, houve assim, a necessidade de a analisar à luz de um líder em específico, neste caso, o Papa Francisco. Deste modo, numa altura em que ocorrem cada vez mais mudanças e transformações nos nossos tempos, torna-se relevante perceber como objetivos da presente investigação como é que essa mudança acontece e se transparece na liderança do Papa Francisco e se ela se manifesta através da Encíclica *Fratelli Tutti* numa liderança de cariz transformacional.

Para aprofundar o outro pilar desta dissertação, a Comunicação, procurou-se perceber o modo de comunicar do líder escolhido – o Santo Padre, até pelo facto de ter lançado a Carta Encíclica, *Fratelli Tutti*, e que pelos motivos já supracitados, entendeu-se que seria a melhor opção a seguir como objeto e objetivos de análise da presente dissertação.

3. Estratégia Metodológica

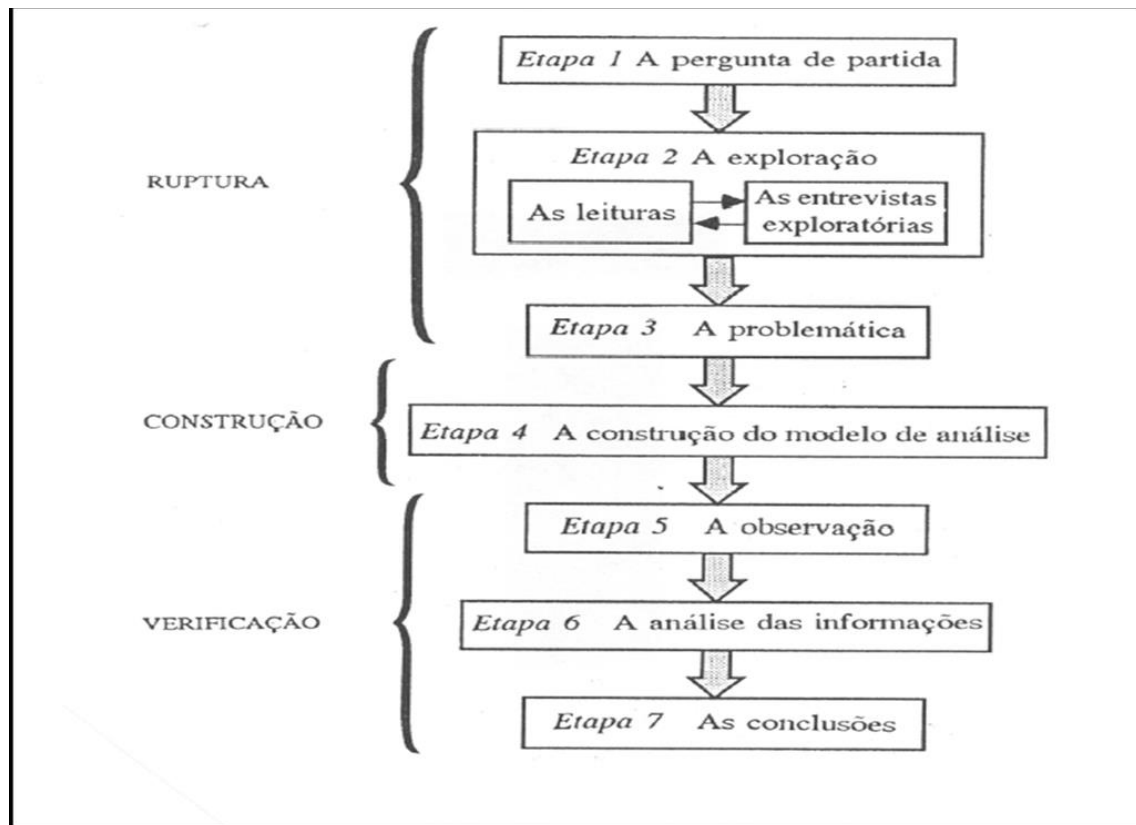
Uma investigação é um trabalho que tem com objetivo compreender ou aprofundar mais determinado tema, procurando a progressão dos quadros conceptuais e dos modelos de análise existentes. Trata-se de uma forma de fazer um ponto de situação ou uma reflexão que levará o investigador a aprofundar o assunto em causa (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 19).

É importante destacar que um processo de investigação deve reger-se por “alguns princípios estáveis e idênticos” que permitam que a investigação siga linha orientadoras para ir ao encontro de um objetivo. Assim, os autores Quivy & Campenhoudt (1995, p.25) destacam três atos ou fases do processo de investigação:

- i. Conquista/ Rutura dos preconceitos: que consiste em romper com os pré-fundamentos e ideias já existentes, para podermos procurar mais informação e sermos capazes de a admitir como novo conhecimento;
- ii. Construção: é o segundo ato do processo que consiste na existência de algum sistema ou construto organizado que permita que a organização siga um fio condutor. Esta construção teórica é o que permite a existência de uma experimentação válida;
- iii. Verificação: trata-se, portanto, do último ato do processo em que há um teste, uma validação dos factos encontrados, a fim de se conferir um estatuto científico a uma proposição.

Estes três atos ou fases podem desdobrar-se em sete etapas de procedimento que contemplam as várias fases ou passos de um processo de investigação (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 28-29):

Figura 1 - As etapas do procedimento científico.



Fonte: Quivy & Campenhoudt (1995, p.27)

A primeira etapa consiste na formulação da pergunta de partida, procurando que esta seja o fio condutor da investigação, mas que seja clara e também aberta o suficiente para nos permitir ter várias possibilidades de resposta e não uma resposta pré-definida (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 31-32). A segunda etapa prende-se com a exploração que no fundo é onde há um enriquecimento da pergunta de partida, a exploração dá-lhe consistência. Nesta fase existem duas ferramentas importantes: as leituras e as entrevistas que poderão ser complementares às primeiras. As leituras permitem adquirir conhecimento e informação, e as entrevistas podem fornecer uma visão mais ampla que permite captar novas ideias que de outra forma o investigador não se teria lembrado de as colocar (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 49). A terceira etapa foca-se na problemática em que há é definida a abordagem do problema, ou seja, decide-se como é que se vai tratar o problema proposto na pergunta de partida (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 89-90). A quarta etapa, por sua vez, prende-se com a definição das dimensões e no levantamento das hipóteses que servirão de base à investigação (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 109; 119-120). Na quinta etapa, o

investigador deve focar-se em analisar todos os fatores e procedimentos que vai utilizar para confrontar os dados observáveis com o modelo de análise e assim testar os factos. Aqui o método a utilizar vai depender também dos dados a recolher e como os queremos recolher (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 155-160). A sexta etapa consiste na análise das informações que foram já sendo recolhidas nas fases anteriores, com o objetivo de fazer uma verificação empírica e também interpretar os factos e ajustar as hipóteses. A última etapa, a da conclusão, pressupõe normalmente que haja três partes: i) A descrição e a preparação da informação; ii) análise da possível relação existente entre as variáveis identificadas; iii) comparação dos resultados observados (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 211; 216).

Existem diversos métodos que coexistem no que diz respeito à investigação exploratória. Atendendo à temática em questão, e após perceber os dados que pretendia reunir, optou-se por uma metodologia qualitativa, que se desdobrará em três técnicas de investigação: revisão de literatura, análise documental e recolha de dados através de entrevistas em Webinars.

Assim, este estudo segue um caminho inicialmente indutivo, uma vez que a metodologia utilizada é qualitativa. Deste modo, a literatura revista é utilizada com moderação, pelo que se optou por colocá-la no início, com o propósito de enquadrar a problemática em estudo (Creswell & Creswell, 2018, p. 69).

Seguidamente, e por forma a responder à pergunta de partida, que se foca na Liderança do Papa Francisco através da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, optou-se por realizar uma análise documental da própria Encíclica.

E ainda, porque se considerou que existiam conteúdos realmente relevantes, numa fase exploratória, incluíram-se dois webinars sobre esta temática: i) Diálogos sobre a *Fratelli Tutti*, um webinar organizado pela Universidade Católica Portuguesa, em dezembro de 2020, que contou com a presença do Cardeal D. José Tolentino de Mendonça, com a Reitora da Universidade Católica, Professora Doutora Isabel Capelo Gil e, entre outras presenças, a Reitora do ISCTE, Professora Doutora Maria de Lurdes Rodrigues que foi a principal oradora juntamente com o D. José Tolentino (ver anexo A); ii) o segundo webinar que se considerou intitulado de Curso “Caminhos Cruzados” – *Fratelli Tutti* (ver anexo B), que

consistiu numa exposição explicada da própria Carta Circular que o Santo Padre lançou, pela voz do D. José Tolentino.

É importante considerar ainda que a análise de dados qualitativa permite ao investigador interpretar os seus dados, alinhando esta interpretação com métodos e esquemas conceptuais. O objetivo desta investigação qualitativa é, no fundo, categorizar as notas dos dados recolhidos de forma sistemática e interpretar esses resultados, transformando dados em resultados com algum tipo de significado (Williamson, Given, & Scifleet, 2018, p. 453). Os autores destacam ainda a importância de se ir analisando a informação à medida que se vai recolhendo os dados, uma vez que assim é possível ir cruzando os dados e ir ajustando a necessidade de procura de novos dados, reforçando aqui a componente flexiva deste tipo de investigação (Williamson, Given, & Scifleet, 2018, pp. 453-454).

Na investigação qualitativa, o estudo pode ter início a partir da construção de padrões e categorias, com o intuito, como é o caso desta investigação, de se organizar os dados em variáveis. Trata-se, por isso, de um processo indutivo em que a informação é vista e revista até que o investigador tenha conseguido um conjunto integral de temáticas. Posteriormente, e de modo dedutivo, o investigador pode rever os dados e as informações recolhidas e perceber que fundamentos consegue para suportar as temáticas ou se é inevitável procurar mais informação (Creswell & Creswell, 2018, pp. 257-258).

Deste modo, tanto o pensamento indutivo (numa fase inicial, com a revisão de literatura), como o pensamento dedutivo (aqui realizado através da análise da Encíclica e da recolha de informação a partir dos Webinars assistidos) têm uma importância fulcral no desenrolar da análise.

3. 1. Dados Exploratórios

Os dados exploratórios são assim a segunda etapa do procedimento de investigação e permitem investigar para criar uma problemática de investigação.

São dados que ajudam a consolidar o que já foi lido e retirado das leituras e auxiliam, simultaneamente, a adicionar conteúdos que se tornam relevantes para o estudo. Os métodos

exploratórios constituem uma fonte de informação complementar para o estudo da problemática e têm como objetivo ajudar o investigador a encontrar pistas de reflexão e a abrir fronteiras ao seu estudo, para uma abordagem mais completa (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 49).

Revisão de Literatura

A revisão de literatura é um processo que pressupõe a pesquisa aprofundada de informação, para responder à pergunta de partida. Há aqui, uma oportunidade de se perceber a relevância e a viabilidade do tema, permitindo uma reflexão ao longo da investigação de informação sobre a temática a ser analisada. A revisão de literatura permite ainda comparar o estudo em que o investigador está a trabalhar com outros estudos de âmbitos semelhantes, bem como ajuda a conduzir o caminho de investigação e a levar-nos aos métodos de investigação mais adequados ao nosso estudo (Creswell & Creswell, 2018, pp. 62-66).

O que se procurou realizar foi toda uma pesquisa de material e conteúdos relevantes sobre as temáticas que são o cerne desta investigação. Para isto procurei retirar informação de livros, artigos de revistas científicas, artigos de jornais e revistas como a Forbes, *webinars*, entre outras fontes de informação.

Análise Documental da Encíclica *Fratelli Tutti*

É uma forma de analisar fenómenos macrossociais, demográficos, ideológicos, culturais e também fenómenos de uma organização. Ao mesmo tempo, permite verificar a credibilidade do documento e do que nele é expresso, bem como se este documento permite responder aos objetivos da investigação (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 202-203).

Neste sentido, analisou-se a Encíclica *Fratelli Tutti*, a partir da qual conseguiu-se destacar temas chave do pontificado do Papa Francisco, os quais utilizaram-se como referência para as variáveis identificadas.

Webinars

Um webinar é uma forma de reunir as pessoas via internet, que pode consistir numa apresentação, numa aula, num debate ou até mesmo num workshop online.

Este formato de encontro ou reunião digital pode ser transmitido em direto ou ser previamente gravado e ser transmitido posteriormente. É um formato bastante acessível, uma vez que para assistir a um webinar não há custos acrescidos, pode ser visto de qualquer parte do mundo bastando que os utilizadores se liguem à internet (Hennus & Dam, 2020).

Este formato constitui, portanto, uma forma de partilhar conhecimento e interagir com uma potencial e larga audiência.

Selecionou-se assim, dois webinars sobre a *Fratelli Tutti*, cuja escolha para análise teve como base as funções que os oradores desempenham profissionalmente e o conhecimento que demonstram na temática, permitindo-se garantir credibilidade ao estudo (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 71-72), constituindo-se, portanto, pessoas relevantes para esta investigação.

Assim, assistir a estes webinars vai possibilitar enriquecer a informação já obtida através da revisão de literatura e da análise documental e, também complementar essa mesma informação, com dados relevantes permitindo-se construir as tais variáveis que serão a base das entrevistas em profundidade que se destacará na próxima fase, alusiva ao apuramento dos dados primários da presente investigação.

3. 2. Dados Primários

O método de pesquisa qualitativa permite explorar a compreensão que as pessoas fazem de um determinado tema ou assunto da sociedade. O processo subjacente a este método assenta na importância da opinião do entrevistado, da sua interpretação da realidade e da forma como vê determinado problema (Creswell & Creswell, 2018, p. 41).

Assim, nesta segunda fase alusiva ao apuramento dos dados primários do estudo, o método utilizado foi o qualitativo com a aplicação de entrevistas estruturadas em profundidade (ver anexo C.), que pretendem avaliar ou analisar as percepções dos entrevistados, permitindo obter-se, assim, uma visão dos entrevistados sobre o objeto de estudo e suas inerentes questões de investigação.

Entrevistas em Profundidade

As entrevistas são aqui um método utilizado para aferir mais informação, mas de uma forma mais direta e sem grande interpretação por parte do investigador, uma vez que o entrevistado já está a expressar a sua opinião, a sua interpretação de algo.

As entrevistas a realizar serão estruturadas ou diretivas, idealmente conduzidas cara-a-cara ou, na impossibilidade de decorrerem por esse meio, serão realizadas via digital através de plataformas de videoconferência ou, em última instância, e-mail. A escolha das entrevistas estruturadas, prende-se com a necessidade de analisar as mesmas segundo a ordem pré-definida, com uma flexibilidade limitada, fazendo com que todos os entrevistados tenham acesso exatamente aos mesmos conteúdos e facilitando também a sua análise (Amado, 2014, p. 208).

Este método tem a vantagem de aproximar o investigador do entrevistado, numa experiência mais próxima; adicionalmente, também torna possível a gravação da informação e permite também que o entrevistado possa acrescentar conteúdo relevante, através da sua percepção sobre os determinados assuntos pré-definidos pelo investigador (Creswell & Creswell, 2018, p. 264; Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 191-192).

Através deste método, é possível obter dados pela percepção de cada um dos entrevistados, ouvindo na primeira pessoa as suas histórias, ideias e vivências – assim como a forma como interpretam e vêem os acontecimentos. Há espaço para o entrevistador conhecer a experiência do entrevistado, assim como a sua relação com o tema (Creswell & Miller, 1997).

Atendendo às necessidades e objetivos deste estudo, foram realizadas 14 entrevistas a vários membros da sociedade civil, procurando cobrir diferentes confissões religiosas e mesmo não crentes:

- i. Entrevista a Bernardo Trindade, Empresário Hoteleiro e Político (ex-secretário de Estado do Turismo) – Católico, ver anexo D
- ii. Entrevista a Fernando Martins, Médico Pediatra – Não Crente, ver anexo E
- iii. Entrevista a Alexandre Palma, Padre e Professor Universitário – Católico, ver anexo F
- iv. Entrevista a José Vera Jardim, Presidente da Comissão para a Liberdade Religiosa – Não Crente, ver anexo G
- v. Entrevista a Henrique Monteiro, Jornalista – Não Crente, ver anexo H
- vi. Entrevista a Assunção Cristas, Advogada e Professora Universitária – Católica, ver anexo I
- vii. Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, Advogado – Católico, ver anexo J
- viii. Entrevista a Esther Mucznik, Escritora – Judia, ver anexo K
- ix. Entrevista a Alfredo Teixeira, Professor Universitário – Católico, ver anexo L
- x. Entrevista a Pedro Vaz Pato, Juíz Desembargador – Católico, ver anexo M
- xi. Entrevista a Isaac Assor, Empresário – Judeu, ver anexo N
- xii. Entrevista a Fernando Soares Loja, Advogado – Aliança Evangélica, ver anexo O
- xiii. Entrevista a Sheik Munir – Muçulmano, ver anexo P
- xiv. Entrevista a Sofia Mendonça – Católica, ver anexo Q

Uma vez que o presente estudo se prende com a liderança do Papa, associa-se, de certo modo, à própria liderança da Religião Católica, neste caso. Esta dissertação tem por base esta perceção da liderança do Papa Francisco, à luz da Encíclica *Fratelli Tutti*, pelo que foi necessário perceber quem eram os públicos da Encíclica e adequar as Entrevistas de modo que se conseguisse também entrevistar um público-alvo semelhante.

Tratando-se de uma Encíclica Social, é um documento dirigido a todas as pessoas “de bem” – como o próprio Papa menciona (Francisco, 2020), pelo que o público é vasto – direciona-se a toda a sociedade civil.

Assim, o critério para a escolha destas pessoas prendeu-se com a necessidade de encontrar pessoas crentes de diferentes confissões religiosas, mas também pessoas não crentes, que não acreditem em Deus e que, portanto, não se identificam com a religião, de modo a conseguir, ao máximo, ilustrar a nossa sociedade atual.

Procurou-se também que as pessoas entrevistadas estivessem ligadas a diversos campos e áreas da sociedade, de modo a ser representativo das várias profissões. Assim, temos membros que representam a política, religião, educação, comunicação, saúde, letras, gestão e advocacia.

4. Modelo de Construto Metodológico

Para a construção do modelo de base para a investigação, começou-se por identificar os traços mais característicos de um líder transformacional. Para tal, suportamo-nos de vários autores que identificam já estes traços e, assim sendo, realizou-se uma lista exaustiva, identificando-se também o(s) autor(es) que destacavam determinados traços.

Após este levantamento percebemo-nos se, no que era dito sobre o Papa Francisco, à luz da sua Encíclica *Fratelli Tutti*, alguns destes traços sobressaiam. Sendo possível cruzar traços de liderança transformacional com os traços identificados pelos autores, a partir da Encíclica, chegou-se às variáveis finais que se pretendia analisar. A partir delas e tendo sempre o que é mencionado pelos autores presente, chegou-se às perguntas das entrevistas. Depois desta primeira fase, recorreu-se aos dados exploratórios para encontrar mais variáveis que nos levassem a destacar mais características de liderança transformacional que um líder deve apresentar. Para tal, suportamo-nos nos webinars assistidos e definiram-se mais cinco variáveis que se achou pertinente analisar através das entrevistas estruturadas.

Tabela 1 - Modelo de Constructo Metodológico.

Variáveis Modelo de Liderança Transformacional	Autores	Variáveis Liderança do Papa Francisco, identificadas pelos autores e pela Encíclica Fratelli Tutti	Autores	Perguntas das Entrevistas (ver anexo C)
Lidera pelo exemplo	(Carroll, 2014)	É um exemplo	Passos, 2015; Lowney, 2015; Ivereigh, 2020; Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 1
O líder guia os liderados	(Rego & Cunha, 2005)	Guiar e o orientar os liderados	Krames, 2015; Ivereigh, 2020.	Pergunta 2
O líder é sociável	(Goleman, 1998)	Sociabilidade	Lowney, 2015; Hamel, 2015; Rego & Cunha, 2015; Tfouni, 2016; Dias, 2016.	Pergunta 3
Carisma	(Bass & Bass, 1990)	Carisma	Passos, 2015, pp. 1385-1387; Dias, 2016, pp. 1385-1387.	Pergunta 4
Lidera, convidando as pessoas a tomarem parte da solução	(Carroll, 2014)	Ir ao encontro da sociedade	Winford & Cherney, 2015; Krames, 2015; Rodrigues, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 5
O líder é respeitado	(Winkler, 2010)	Líder Global // Liderança Mundial	Fortune, 2014; Fortune, 2015; Fortune, 2016; Fortune, 2017; Lowney, 2015; Nassar, 2020.	Pergunta 6
O líder influencia os liderados	(Charteris-Black, 2007)	Influência do líder junto da sociedade	Carroll, 2014; Lowney, 2015; Rodrigues, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 7
O líder inspira e motiva os liderados	(Bass & Bass, 1990; Goleman, 1998; Rego & Cunha, 2005)	Poder de inspirar e motivar	Bennis & Thomas, 2002; Krames, 2015; Wenders, 2018; Rodrigues, 2020; Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 8
O líder estimula intelectualmente os liderados (incentiva-os a serem inovadores e criativos)	(Bass & Bass, 1990; Nassar, 2020)	Estimulação intelectual	Carroll, 2014; Glasman, 2015; Mooney, 2015; Lowney, 2015.	Pergunta 9
O líder preocupa-se com as necessidades dos liderados	(Bass & Bass, 1990)	Preocupar-se com os liderados	Bergoglio & Skorka, 2013; Krames, 2015; Lowney, 2015; Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 10
O líder autoconhece-se	(Goleman, 1998)	Autoconsciência	Carroll, 2014; Mendonça, 2021.	Pergunta 11

Tabela 1 (Continuação) - Modelo de Constructo Metodológico.

O líder deve ser humilde	(Bergoglio & Skorka, 2013, pp.38-39)	Humildade e Aceitação das Diferenças	Collins (2001); Rego, Cunha & Clegg, 2012; Hamel, 2015; Krames, 2015.	Pergunta 12
O líder autocontrola-se	(Goleman, 1998)	Autocontrole	Lowney, 2015; Rodrigues, 2020.	Pergunta 13
O líder promove o diálogo	(Bass & Bass, 1990)	Promove o diálogo	Tfouni, 2016; Dias, 2016; Dandia, 2020; Duffner, 2020; NCR, 2020a; Luby, 2020; Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 14
O líder procura criar empatia para com os liderados	(Goleman, 1998)	Cria empatia	Allen Jr, 2013; Krames, 2015.	Pergunta 15
Dados Exploratórios	Entrevista por Webinar	Promoção da Fraternidade Universal Social	Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 16
Dados Exploratórios	Entrevista por Webinar	Promoção da tolerância e aceitação de diferenças	Medonça, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 17
Dados Exploratórios	Entrevista por Webinar	Denúncia corajosa	Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 18
Dados Exploratórios	Entrevista por Webinar	Clareza Moral	Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 19
Dados Exploratórios	Entrevista por Webinar	Voz de Liderança Política	Rodrigues, 2020; Mendonça, 2021.	Pergunta 20

Fonte: Elaboração Própria.

5. Limitações à Investigação

Este estudo é, em primeiro lugar, um trabalho exaustivo de perceção. Tratando-se de um estudo de perceções, face aquilo que são as ideias e a opinião pessoal das pessoas relativamente a determinado líder, os resultados são sempre subjetivos. Também é importante referir que é ousado explorar a liderança de uma figura com um peso religioso tão significativo no mundo. Assim, por um lado, pode ser uma limitação estudar alguém ligado à religião – e que tem por base uma crença, não uma verdade que seja assumida como absoluta por todas as pessoas. Por outro, também se constitui uma limitação refletir sobre o que é a liderança de um líder que além de ter um peso histórico, tem um número muito significativo de pessoas que podem ser consideradas os “liderados” – trata-se de um universo

muito extenso. Também o facto de alguns dos entrevistados serem de outras confissões religiosas ou não crentes, pode ser uma limitação para aferir variáveis que se prendem com a relação entre líder e liderados.

Outro ponto a mencionar, é o de que o número de entrevistados será sempre apenas indicativo de uma porção da sociedade que, seguramente, não representará a sociedade no seu todo, embora reúna indicadores que nos permita ter esse propósito.

Uma nota relevante é o facto de esta dissertação ter sido realizada entre setembro de 2020 e novembro de 2021, pelo que já decorreu em plena pandemia. Por esse motivo, as entrevistas foram todas realizadas via zoom e, por dificuldades técnicas, duas foram realizadas por via de chamada telefónica.

6. Questões de Investigação

Face às duas questões que nortearam a presente investigação serão assim associadas às seguintes perguntas do guião de entrevista e que se poderão depois ver expressas na íntegra nos anexos da presente dissertação:

Q1: As características identificadas na Revisão de Literatura, referentes à Liderança do Papa Francisco, correspondem ao traço identificador da Liderança Transformacional?

Q2: A escrita da Encíclica *Fratelli Tutti* contribui para aferir se o Papa Francisco é um líder transformacional?

Tabela 2 - Relação das Perguntas do Guião de Entrevista com as Questões de Investigação

Questão de Investigação	Pergunta do Guião de Entrevista
Q1	Perguntas: 1 a 13
Q2	Perguntas: 14 a 20

Fonte: Elaboração própria.

Capítulo IV – Análise dos Dados do Estudo

1. Análise dos Dados Exploratórios

A revisão de literatura permitiu que se conseguissem obter *insights* que auxiliaram a compreensão de como construir o restante processo de investigação (Creswell & Creswell, 2018, pp. 62-66; 68).

Análise Documental

No que diz respeito à análise documental, destacou-se a Carta Encíclica mais recente do Santo Padre pelo facto de se constituir, como já referido, um escrito central do seu Papado, mas também por ser um documento de leitura fácil e atual, possibilitando a que um maior número de indivíduos conhecesse a obra. Esta Carta Encíclica, a *Fratelli Tutti*, já foi abordada exaustivamente no último subcapítulo do segundo capítulo, pelo que aqui será feita uma síntese de exposição da mesma.

Esta Carta Encíclica está entre as Encíclicas Sociais, tratando-se, portanto, de um documento que retrata a sociedade, focando-se nos seus problemas. No enquadramento da mesma, o Papa Francisco começa por expô-la como uma “humilde contribuição” (Francisco, 2020) para a sociedade, alargando o público alvo a todas as pessoas de bem que queiram ler e deixar-se debruçar sobre este documento.

É um documento que vem no seguimento do tratado assinado em Abu Dhabi em 2019 (conforme mencionado no quarto subcapítulo do segundo capítulo do Enquadramento Teórico), em que decorre da conversa entre o Papa Francisco e o Grande Imã Ahmmed Al-Tayeb no sentido de promoção do diálogo entre as várias confissões religiosas.

Assim, no primeiro capítulo deste documento, Francisco começa por falar da atualidade e da própria pandemia. Da forma como este acontecimento impactou a sociedade e aponta também as pontas soltas que sobressaíram, criticando as desigualdades e injustiças do mundo. Aqui há uma ideia de denúncia do que não está certo que é completado com a ideia de clareza e transparência.

No segundo capítulo, Francisco fala-nos da parábola do Bom Samaritano, onde nos convida a colocarmo-nos na pele de todas as personagens da história. Há aqui um reforço da tese de que nos devemos ver todos com irmãos, em que Francisco revisita a ideia de Fraternidade – tema central da Encíclica. O Santo Padre aproveita ainda a explicação dos vários lugares que poderíamos ocupar na parábola para retratar a vocação e a forma como a vida deve ser vivida enquanto um espaço “de encontro”.

Se no segundo capítulo há uma chamada de atenção, no terceiro capítulo da Carta Encíclica, Francisco começa por abordar a questão da fraternidade para nos convidar a construir uma sociedade voltada para os outros que se traduz no “mundo aberto”. Nesta questão sobressai também a necessidade de amarmos os outros, atribuindo-lhes um rosto e sendo concretos nesta resposta a sermos fraternos e realmente irmãos uns para com os outros. Aqui, Francisco explica a amizade social, sob a premissa de reconhecermos e respeitarmos os outros, mesmo sem sermos todos iguais. Para que esta fraternidade se concretize, o Papa Francisco convida-nos a nós a fazermos parte da solução, continuando a ideia de construção de uma sociedade melhor e mais fraterna.

O quarto capítulo é uma reflexão sobre as relações inter-humanas, um convite a irmos ao encontro dos outros e do bem. Neste seguimento, Francisco alerta sobre a questão dos migrantes e a atenção que a sociedade deve ter para com eles, acolhendo-os, integrando-os e protegendo-os.

No quinto capítulo, o Sumo Pontífice debruça-se sobre a política e como esta pode ser utilizada em prol do que é o bem “comum” e “universal”, uma política que tem o verdadeiro sentido de servir o povo – uma verdadeira cidadania apoiada na caridade. Neste capítulo, Francisco explica exhaustivamente naquilo em que deve consistir a política, alertando para a importância de ser um ato de amor e preocupação para com a sociedade.

No sexto capítulo, o Papa Francisco ressalva a necessidade de se perder tempo a conversar e a compreendermo-nos mutuamente através do diálogo. Para tal, reforça a importância do respeito pelas diferenças, pela pluralidade de ideias e fomenta a procura por uma “cultura do encontro”.

No que diz respeito ao sétimo capítulo, Bergoglio continua seguindo uma linha de percurso que promove a tal “cultura do encontro”, expressando aqui a importância do perdão como alavanca para a verdadeira reconciliação e reconstituição das relações. Aproveita também para chamar à atenção para a necessidade de curarmos feridas, mencionando ainda os problemas da guerra e da pena morte, por exemplo.

No último capítulo, o oitavo, o Santo Padre dirige-se um pouco mais ao universo crente, referindo também o papel das religiões ao serviço da fraternidade no mundo. Francisco também reflete sobre o propósito do diálogo entre as religiões como motor de promoção de paz e de igualdade. Nestas páginas, o atual Papa também fala sobre a identidade cristã, bem como a importância do culto sincero a Deus. Aqui, falando aos cristãos, convida-os a construir esta paz e esta fraternidade universal, não sendo meros intermediários, mas serem já estes autênticos “mediadores”, sendo homens novos a construir pontes e caminhos “de diálogo”.

A leitura e análise desta Encíclica permitiu que se conseguissem definir pontos fulcrais abordados pelo Papa Francisco, onde se poderia evidenciar a sua liderança.

Webinars

É também por base na leitura e interpretação da *Fratelli Tutti* que se partiu para outro instrumento de investigação exploratória utilizado, mais precisamente, os webinars focados na Carta Encíclica em questão.

- i) Diálogos sobre a *Fratelli Tutti* – webinar que teve lugar em dezembro de 2020. Este webinar, conforme já mencionado, contou com as intervenções principais do Cardeal D. José Tolentino de Mendonça e da Reitora do ISCTE, Professora Doutora Maria de Lurdes Rodrigues, tendo também contado com a presença da Reitora da Universidade Católica, Professora Doutora Isabel Capelo Gil (ver anexo A):

Neste webinar, a primeira intervenção foi a da Professora Doutora Maria de Lurdes Rodrigues que começa por explicar que não se insere no universo católico e que, portanto, terá uma visão que se posiciona “fora” da Igreja Católica.

Maria de Lurdes Rodrigues expõe uma das ideias que para si são principais sobre a Encíclica – a dimensão política que para a reitora do ISCTE extravasa os bordos da Igreja Católica. Assim, para a referida reitora, o Papa Francisco ganha uma voz de liderança política ao apontar e destacar vários temas que aponta como “desconcertos” da sociedade. Afirma mesmo que Francisco é uma voz que convida à ação, dando voz aos outros – para Maria de Lurdes Rodrigues, Francisco tem mesmo esta capacidade de dar voz aos outros, tornando-os seus “interlocutores”.

Um apontamento que também faz nesta Encíclica, remete-nos para a posição de Francisco enquanto líder que não tem segundas intenções. Chama-nos à atenção, mas sem falsas pretensões no seu discurso. Quer mesmo fazer esta chamada à razão, para que nos apercebamos do rumo que o mundo está a levar, mas sem fazer campanha da sua individualidade ou algo do género.

Retomando a ideia do Papa Francisco se assumir enquanto voz de liderança política, a reitora do ISCTE explica que a forma de Francisco se posicionar no meio político parte da sua influência junto dos verdadeiros decisores políticos, uma vez que a docente reconhece que Francisco não tem outros meios se não a palavra. Assim, acredita que Francisco tem uma influência que é alicerçada no seu discurso, discurso este que incita à ação, que convida à mudança.

Entre outras ideias, Maria de Lurdes Rodrigues destaca a clareza moral presente no Santo Padre, associada à transparência com que escreve toda a Encíclica *Fratelli Tutti*, começando por referir a denúncia que Francisco faz em chamar todos os problemas da sociedade com os verdadeiros nomes, sem contornar ou evitar mencionar determinados problemas, remetendo para os direitos humanos que estão a ser violados atualmente (ou, pelo menos, ignorados).

A docente também acredita que esta Encíclica se constitui um documento de “orientação programática”, em que mesmo sem grandes meios de ação, o Papa atual procura orientar e dar pistas para que as pessoas possam ser proativas na ação. Assim, para a reitora do ISCTE, a Encíclica constitui-se um documento que congrega um programa de ações que impellem à mudança e à realização de algumas ideias concretamente propostas na Carta Encíclica.

Outra ideia destacada por Maria de Lurdes Rodrigues é a ideia de coerência que se desdobra no facto de a mensagem do Papa coincidir muito com as suas ações, explicando mesmo que Francisco tem consciência das repercussões do que diz e daquilo que faz.

Na segunda intervenção, D. José Tolentino Mendonça, começa a sua intervenção por explicar que o público desejável desta Encíclica são todas as pessoas de bem, aliás, de “boa vontade (Francisco, 2020).

Tolentino também reconhece nesta Encíclica uma capacidade que Francisco tem de ser claro e chamar os problemas pelos nomes, sendo franco nisso. O orador do webinar acredita que Francisco é muito claro e passa uma mensagem de “reformismo social” que pretende introduzir uma nova visão na sociedade, com vista a mudar ou alterar o que não está a ir pelo melhor caminho.

Assim, D. José Tolentino reconhece que toda esta Carta Encíclica é escrita como se fosse uma conversa, um diálogo, que tem com premissas centrais a questão da fraternidade e da amizade social que têm vindo a ser temáticas fulcrais no Magistério do Papa Francisco.

Assim, Tolentino também reconhece a dimensão do diálogo neste documento, começando pelo facto já apontado de ser escrito como um diálogo, e continuando com a ideia de promover o respeito e a abertura (o diálogo) com todos, incluindo as outras religiões.

O bispo português também aponta as críticas feitas na Encíclica como denúncias ou chamadas de atenção que o Papa Francisco nos faz com o objetivo de nos mostrar que vivemos numa sociedade onde permitimos a existência de inúmeras lacunas que promovem o que depois são as desigualdades sociais.

Uma ideia que Tolentino traz a partir da expressão “dimensão artesanal”, presente na Encíclica, é a de que este documento é pensado para uma sociedade em construção, que vai sendo construída e que vai construindo. Sabendo que a fraternidade humana universal é difícil de concretizar, Francisco sabe que pode acontecer em cada um e isso revela esta “dimensão artesanal”.

- ii) Curso “Caminhos Cruzados” – *Fratelli Tutti*, protagonizado por D. José Tolentino Mendonça, no início de 2021 (ver anexo B):

Neste webinar, inserido num curso de Filosofia, Literatura e Espiritualidade, D. José Tolentino de Mendonça faz uma análise extensa da Encíclica *Fratelli Tutti*, começando por contextualizá-la enquanto documento síntese do que têm sido as principais ideias defendidas no legado do Papa Francisco, no seu pontificado. E, é neste seguimento, que apresenta a ideia de fraternidade – como uma ideia muito presente ao longo de todo o magistério do Santo Padre.

Também numa fase introdutória, Tolentino repete a ideia que trouxe no primeiro webinar, sobre o Papa Francisco ter esta vontade de que este documento seja “acolhido” e “debatido” por todas as pessoas, explicando que é um texto muito atual, de encontro ao momento que vivemos, começando pela própria pandemia. A questão da pandemia é um tema abordado no primeiro capítulo da Encíclica, conforme supracitado.

D. José Tolentino explica que esta Encíclica se inclui na categoria das Encíclicas Sociais, no sentido em que retrata temas da sociedade, passando por temáticas da própria Doutrina Social da Igreja Católica.

Também neste enquadramento inicial que faz, o Cardeal português explica a questão desta encíclica ser o resultado do diálogo entre o Papa Francisco e o Grande Imã Ahmmed Al-Tayeb, começando logo por expor a ideia do diálogo (à semelhança do que faz na sua intervenção no webinar anterior). Esta ideia de é contínua ao longo da escrita da Encíclica, mas também na questão da promoção do diálogo com todos, principalmente o diálogo entre as diferentes confissões religiosas, como já vimos. Nesta fase explica ainda a ligação do Papa

Francisco com S. Francisco de Assis, este último enquanto alguém que promoveu a irmandade, a noção de sermos todos irmãos e o cuidado para com o outro que se estendeu à natureza como a criação de Deus para os homens, que deve ser cuidada por estes.

Tolentino prossegue, refletindo sobre o alcance que esta Encíclica pretende ter, ultrapassando aquilo que possam ser os limites ou as fronteiras da Igreja Católica, passando para lá deste campo. O orador insiste muito na ideia de que este é um texto que pode ser acolhido por todos, pelo que Francisco ganha aqui um público mais vasto.

De seguida, D. José Tolentino prossegue na sua intervenção explicando a estrutura da Carta Encíclica que se organiza em oito capítulos organizados por temas e, entrando mais aprofundadamente, explica de forma sumária o que é dito em cada um destes capítulos.

Para o bispo português, esta Encíclica pode ser percecionada como uma viagem em que Francisco começa por fazer um diagnóstico da sociedade e do mundo contemporâneo, no primeiro capítulo, que se segue por uma chamada de atenção em que, no segundo capítulo, Francisco nos apresenta um “modelo” de vida através da parábola do Bom Samaritano.

Seguidamente, no terceiro capítulo, Tolentino explica que Francisco insiste na fraternidade como uma forma de amor. Seguindo esta linha de pensamento, no quarto capítulo, segundo o orador, o Santo Padre debruça-se sobre os migrantes e as relações humanas, fazendo aqui uma ponte para a dimensão política que é abordada no quinto capítulo. Neste capítulo, D. José Tolentino destaca as ideias de que a política deve ser realmente uma área colocada ao serviço da comunidade e da sociedade, havendo espaço para o respeito.

Prosseguindo nesta viagem, D. José Tolentino de Mendonça, enfatiza a questão do diálogo escrita pelo Santo Padre no capítulo seis da *Fratelli Tutti*. Ainda neste capítulo, Tolentino detém-se também sobre a importância da amizade social (uma das matérias fundamentais desta Encíclica).

Avançando, Tolentino fala novamente da ideia artesanal desta fraternidade que se vai construindo (conforme já explicado aquando a intervenção de D. José Tolentino de

Mendonça no webinar anterior) e ainda do “elogio da gentileza” que o Santo Padre destaca na forma como nos devemos relacionar uns com os outros, sendo verdadeiramente “amáveis” e simpáticos para com os outros.

No sétimo capítulo, o Cardeal destaca a ideia da reconciliação e do perdão como temas centrais abordados pelo Santo Padre e, de seguida termina esta análise da viagem da Encíclica no oitavo capítulo, que para D. José Tolentino se trata de um capítulo “alicerçante”, uma vez que aqui, para o orador, Francisco direciona o seu discurso aos crentes, falando ainda da questão da liberdade religiosa.

Neste sentido, como forma a abrir pistas e ideias de reflexão, os temas discutidos nos dois webinars que se consideraram sobre a *Fratelli Tutti* permitiram, por um lado confirmar a informação e as ideias principais que se aferiram a partir dos dois métodos anteriormente referidos e, por outro, em se permitir ampliar o horizonte de informação sobre a Encíclica *Fratelli Tutti*, bem como em se conceber novas variáveis que foram determinantes para a sustentação dos dados primários da presente investigação.

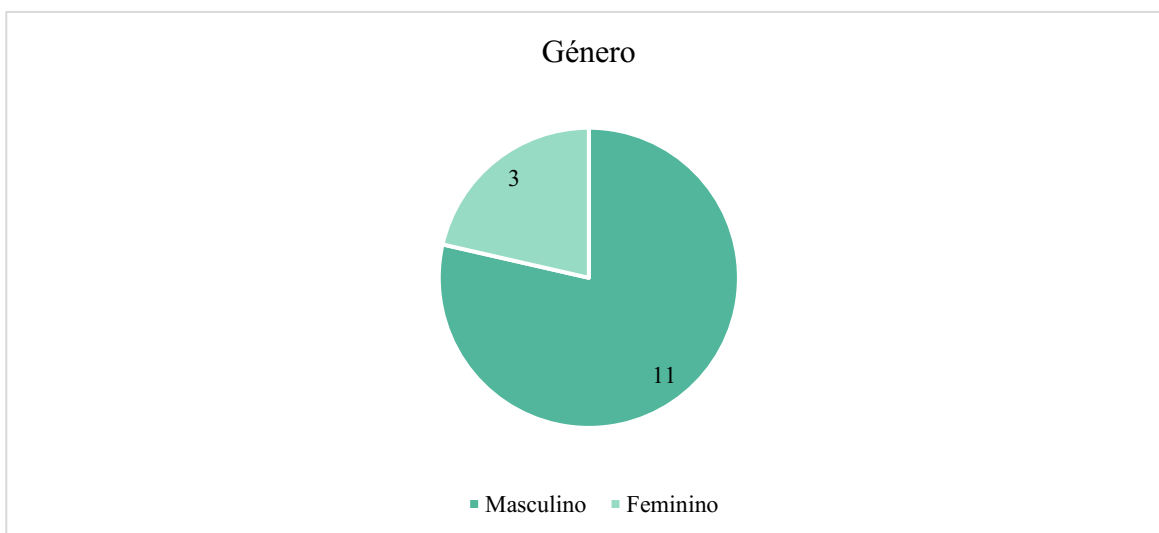
2. Análise dos Dados Primários

2.1. Dados de Caracterização dos Entrevistados

Para a realização destas entrevistas e, conforme já mencionado, procurou-se entrevistar crentes e não crentes, alcançando um conjunto de catorze indivíduos que pudessem ilustrar ao máximo a sociedade atual.

Assim, em termos de caracterização geral, os indivíduos podem ser organizados por género, tendo sido entrevistados onze homens e três mulheres:

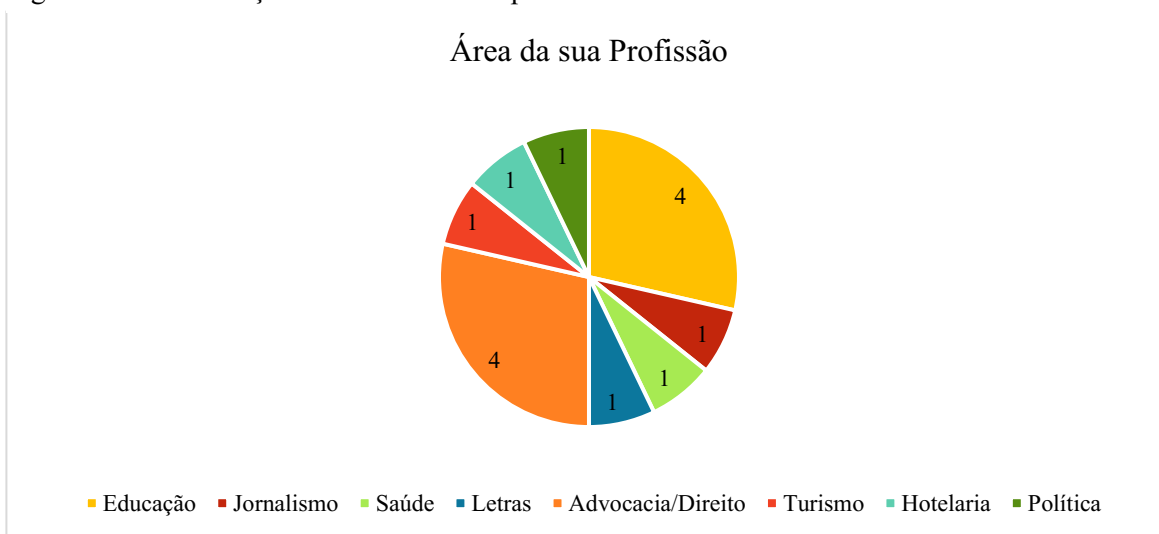
Figura 1 - Classificação dos entrevistados por Género.



Fonte: Elaboração Própria.

Num outro tipo categorização, mas respeitando o princípio de ilustrar a sociedade, organizou-se também os entrevistados em termos de áreas profissionais de destaque, por forma a mostrarem-se os setores da sociedade representados (tendo a religião como transversal a todos). Deste modo temos 1 pessoa ligada ao turismo, 1 pessoa ligada à hotelaria, 1 pessoa ligada à política, 4 pessoas ligadas à educação, 1 pessoa ligada ao jornalismo; 1 pessoa ligada à saúde, 1 pessoa ligada a letras (escritora) e 4 pessoas ligadas a advocacia/direito:

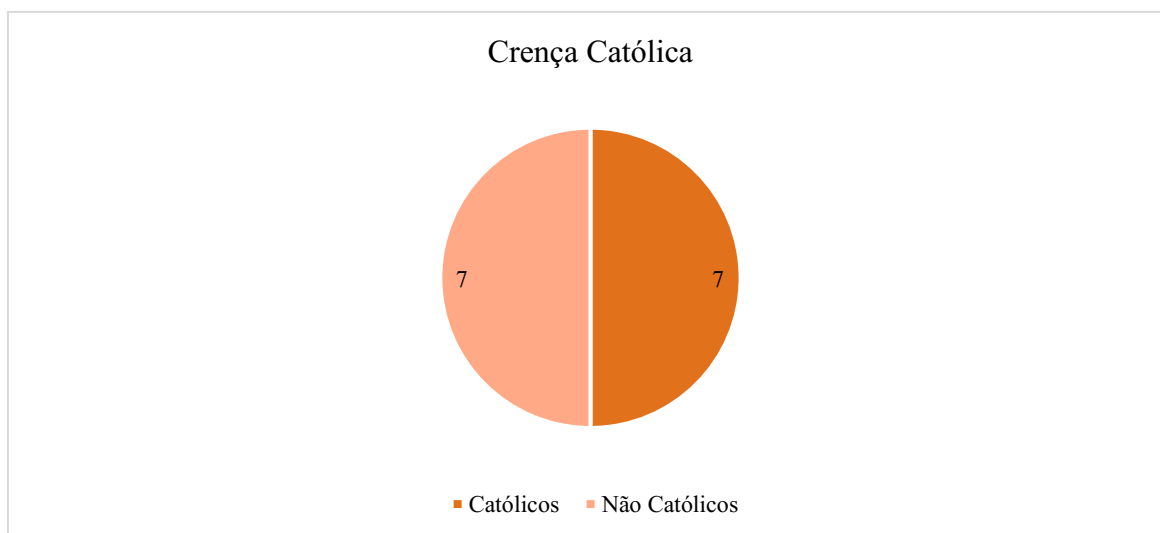
Figura 3 - Classificação dos entrevistados por Área da sua Profissão.



Fonte: Elaboração Própria.

No que diz respeito à Crença Católica foram entrevistados 7 indivíduos católicos e 7 indivíduos não católicos:

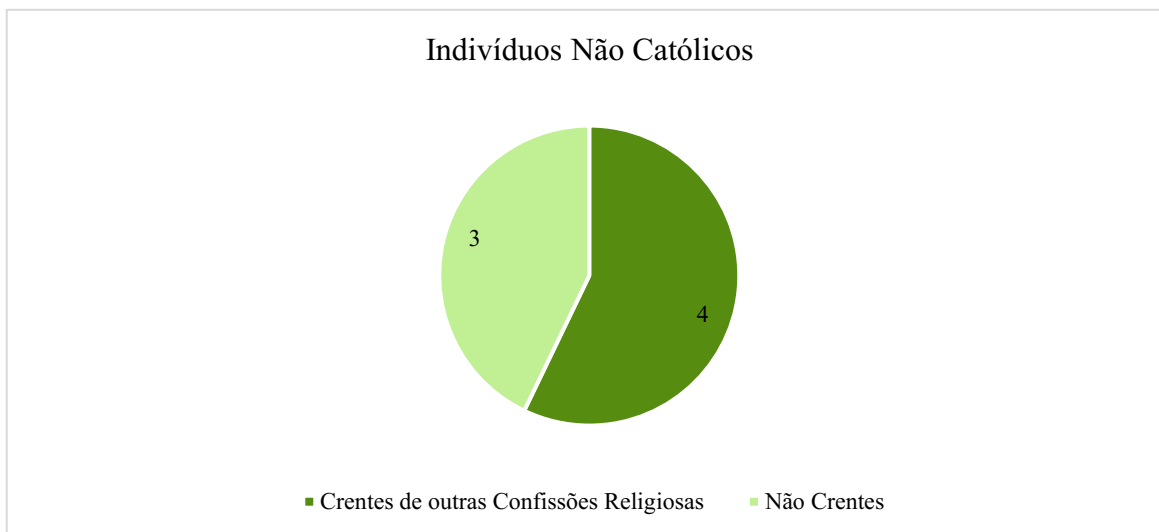
Figura 5 - Classificação dos entrevistados quando à Crença Católica.



Fonte: Elaboração Própria.

Destes últimos, indivíduos não católicos, conversou-se com crentes (4 crentes de outras confissões religiosas) e não crentes (3 não crentes):

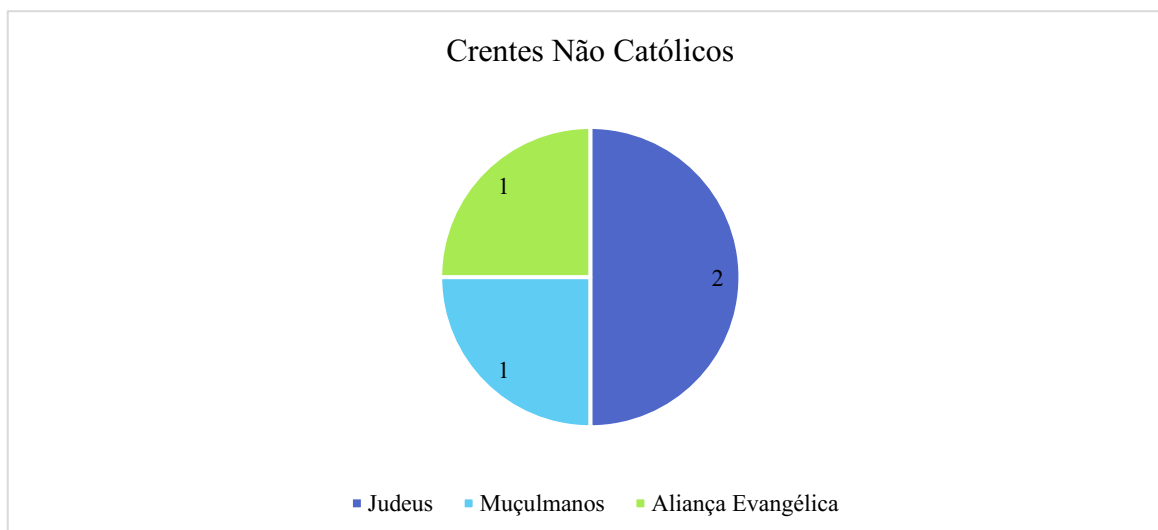
Figura 7 - Classificação dos entrevistados Não Católicos como Crentes de outras Confissões Religiosas e Não Crentes.



Fonte: Elaboração Própria.

Entre os Crentes Não Católicos, também foi importante ter representadas as diferentes religiões, pelo que entre os 4 indivíduos nestas condições, foram entrevistados 2 judeus, 1 muçulmano e 1 membro da Aliança Evangélica:

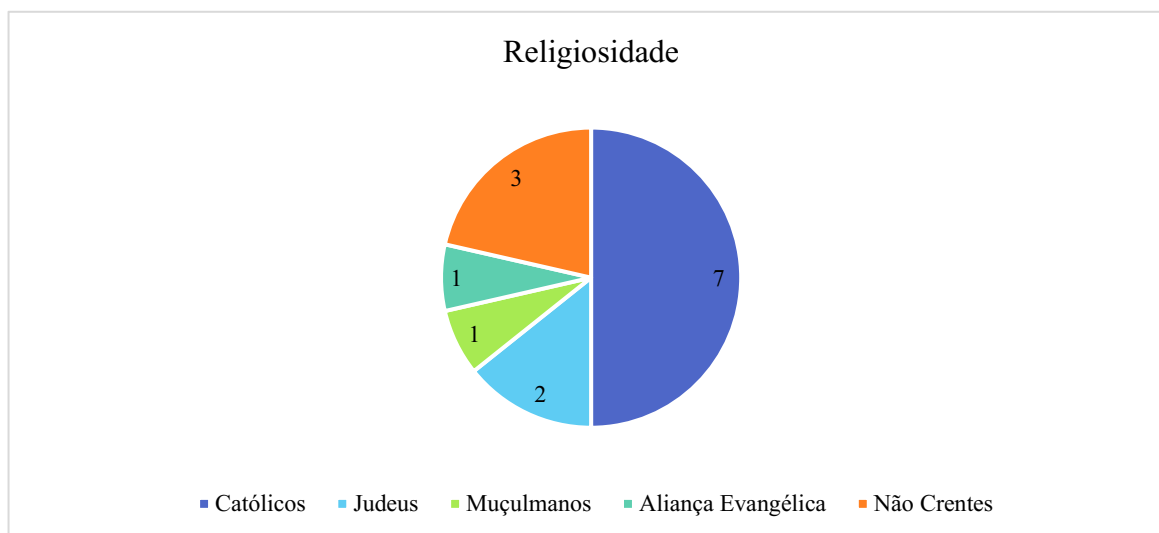
Figura 9 - Classificação das diferentes Crenças Religiosas entre os Entrevistados Crentes Não Católicos.



Fonte: Elaboração Própria.

Em suma, e no que diz respeito à religiosidade, os 14 indivíduos podem organizar-se em 7 católicos, 3 não crentes, 1 membro da Aliança Evangélica, 1 muçulmano e 2 judeus:

Figura 11 - Classificação dos indivíduos consoante a sua posição/ crença religiosa.



Fonte: Elaboração Própria.

2.2. Análise dos Dados obtidos através das Entrevistas

Pergunta 1 – De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

A maior parte dos entrevistados considera que o Papa Francisco é exemplar, destacando alguns dos níveis onde mais sobressai a sua exemplaridade, como o “diálogo ecuménico à escala global”, no “olhar pelo outro”, (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D), a simplicidade das suas atitudes (Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P), no sentido de ser uma “que é justa, que é correta” (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F) e ainda do seu “testemunho de coerência cristã de amor” e de “solicitude e proximidade com os mais pobres” (Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

Destaca-se ainda a ideia de que lidera pelo exemplo “faz da pedagogia do exemplo um instrumento de liderança” (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F) transporta-nos através do seu testemunho de “forma muito fácil e muito pedagógica”, “é exatamente o exemplo da fé transformada em testemunha e ação” (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa,

anexo J), acrescentando ainda que se trata de um testemunho “relevante” e “não meramente teórico” (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, anexo J), a ideia de ser alguém que leva à ação, alguém que sabe os atos têm mais impacto do que as palavras (Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

Uma outra conjectura que um dos entrevistados assinalou, foi a exemplaridade como a sua missão, no quadro do reformismo que traz à Igreja. Um líder que pretende fazer uma reforma e que efetivamente adotou os meios para a desencadear (Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L). Sofia Mendonça (ver anexo Q) considera ainda que Francisco é exemplar, na medida em que é um “modelo” a seguir.

Contudo, os entrevistados também lhe reconhecem limitações, destacando que nem tudo é irrepreensível e que ninguém é “infalível”, pelo que há coisas que o Papa possa ter dito ou feito que os entrevistados reconhecem que no seu lugar não o fariam, compreendendo que algumas das posições tomadas não são do consenso completamente geral (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Fernando Soares Loja, ver anexo O).

Pergunta 2 – Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Contrariamente à pergunta anterior, esta pergunta tem respostas mais díspares.

Por um lado, a utilização do termo “pastor” leva os entrevistados a acharem que a questão se foca mais na esfera eclesial (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F); por outro, este termo remete para a ideia de alguém que “apascenta as suas ovelhas, que olha por elas, que não as discrimina, que tem sempre um olhar muitíssimo atento à diversidade” (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D), reforçando a justificação do termo utilizado.

Alexandra Palma (anexo F) ressalva ainda a importância de clarificar que a Igreja não existe fora da Sociedade e que, portanto, compreende que a questão do pastor se refere à Igreja – enquanto envolvente da sociedade – e que é aí que está o “múnus do Papa”. Ou seja, o Papa

pode de algum modo influenciar a sociedade, mas não é a sua intenção primeira – uma opinião que também é corroborada por Sofia Mendonça (ver anexo Q).

Sobressai também a ideia do Papa como alguém que está a apontar um norte, alguém que aponta nortes em relação às várias esferas da vida, mas não obrigatoriamente alguém que esteja a guiar (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E). Dentro da linha de pensamento dos entrevistados que não acreditam que o Papa esteja a guiar, Esther Mucznik (ver anexo K), acha que este não é o papel dele na sociedade, porque apesar da sua influência lhe parecer importante, não é a única.

Há ainda quem acredite que sim, que o Papa lidera até pelo exemplo (Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I) e que é um ator global cujos discursos “vão além das fronteiras da Igreja Católica Romana (Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L), mas que reconhecem que a sociedade é já muito influenciada e que, portanto, nem toda a gente o segue, mesmo (Entrevista a Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K). Esta ideia é corroborada por Henrique Monteiro (ver anexo H), que concorda que o Papa tem capacidade para mobilizar a sociedade, mas que acha que “a sociedade já não se deixa mobilizar dessa maneira”.

Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J), afirma ainda que o Papa orienta e guia a sociedade “por contraste” em relação ao Papa anterior, dando continuidade a João Paulo II, que segue e leva mais a fundo, fazendo-o com base numa orientação teológica, mas não faz desta orientação “uma condição necessária para dialogar com as outras pessoas” (Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

Os crentes de outras religiões que não a católica, reconhecem o Papa Francisco como líder, mas não o seu líder e, portanto, reconhecem-no como líder junto dos católicos, onde também veem que o Santo Padre possa ter algumas dificuldades de liderança (Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Fernando Soares Loja, ver anexo O e Entrevista a Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P).

Pergunta 3 – Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Todos os entrevistados responderam afirmativamente a esta questão, concordando que o Papa é sociável e destacando a proximidade que Francisco alcança com a desconstrução que faz daquilo que é o próprio cargo de ser Pontífice. Ou seja, ao “desmistificar o trono de Pedro” (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J), Francisco consegue “temperar uma certa inevitabilidade da distância” (Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I), que é no fundo, a forma como Francisco se faz simples e próximo quebrando a distância que o seu papel como líder da Igreja lhe poderia impor. Assim, Francisco acaba por fazer da proximidade um instrumento da sua liderança, fugindo muitas vezes aos protocolos e passando essa vontade de ser social e próximo (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P).

Outro aspeto destacado pelos entrevistados, é a importância que Francisco dá ao diálogo, abrindo-se aos outros – voltando-se para eles como característica da sua ação (Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N).

Para alguns entrevistados, Francisco é mais do que sociável, uma vez que se “afirma como irmão dos outros” e é tão interessado e próximo das pessoas, tendo uma “grande humanidade” (Entrevista a Vera Jardim, ver anexo G e Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H). Os entrevistados exemplificaram ainda porque é que consideram o Papa sociável, explicando que Francisco já o era antes de ser Papa (Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q) e ainda, dizendo que o Sumo Pontífice “acredita naquilo em que diz e pratica aquilo que diz”, ri e brinca com as pessoas, “beija os pés das pessoas” e preocupa-se com a “humanidade”, com os “seres humanos”, preocupa-se com os mais “desvalidos”, com os mais “pobres” e os “mais frágeis” (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E e Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K).

Pergunta 4 – Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

A maior parte dos entrevistados reconhece no Papa Francisco uma personalidade carismática, que se revela na sua proximidade com o outro, na simplicidade e despojamento e preocupação para com os outros que representa (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q). Para Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J), o carisma é diferenciação – trata-se de alguém “que marca a diferença, que nos mostra algo de diferente” – características que reconhece em Francisco.

Esta ideia de proximidade e disponibilidade para acolher os outros, é algo que para os entrevistados marca o Pontificado de Francisco (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

Dentro dos entrevistados que o consideram carismático, sobressaem dois aspetos que os entrevistados consideram fundamentais da sua personalidade: o “símbolo e a palavra”, ou seja, os gestos e os discursos, a forma como dialoga (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N).

Na primeira, a ideia de que Francisco prima pela “doutrina feita ação”, uma vez que nos seus gestos, o Papa concretiza “aspetos do dia-a-dia e questões essenciais do nosso quotidiano (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J).

Na segunda dimensão, a palavra, Francisco é caracterizado como tendo uma “grande dimensão de comunicação”, que se estende para lá da comunicação verbal, como já vimos, mas que apresenta um discurso que “toca o coração das pessoas que o ouvem”, o que o torna “muito carismático” (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K). Alexandre Palma (ver anexo F) acredita que Francisco “exibe” o seu carisma na forma como comunica por

símbolos e palavras, provocando sempre determinada reação no auditório (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F).

Alexandre Palma (ver anexo F) destaca ainda outras duas dimensões que considera relevantes para a caracterização do carisma do Papa Francisco: a sua capacidade de decisão – que se funde com a sua assertividade (mesmo sabendo que as suas decisões não agradaram, certamente, a todas as pessoas) e ainda a sua inteligência estratégica, nomeadamente, na escolha que faz dos canais a utilizar para transmitir determinadas mensagens e na forma como gere as diversas relações (quer seja com outras religiões, ou mesmo dentro da Igreja) (Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N). Henrique Monteiro (ver anexo H) também aponta outro aspeto no seu carisma que é a confiança que o Santo Padre “transmite quando fala”, ou seja, a confiança que o Pontífice tem naquilo que ele diz.

Alfredo Teixeira (ver anexo L) faz também uma distinção, esta entre o carisma pessoal e o carisma de funções do Papa Francisco. O primeiro relacionado com o facto de Francisco ter uma história, ser um “ator global que tem uma narrativa”, aqui como Bergoglio, na sua pessoa que tem esse carisma. Já o carisma de funções diz respeito ao cargo que ocupa enquanto líder de uma religião.

Francisco é ainda caracterizado por ser portador de um carisma natural que é fácil de aceitar, revelando-se um homem “sério” e “honesto”, considerado “extremamente popular” (Fernando Martins, ver anexo E e Henrique Monteiro, ver anexo H), nomeadamente entre as camadas mais jovens que reconhecem no Papa um exemplo (Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P).

Fernando Soares Loja (ver anexo O), por outro lado, considera que o atual Papa não é “a pessoa mais carismática que eu já vi”, considerando que outros Papas anteriores o cativam mais.

Pergunta 5 – Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

As opiniões a esta pergunta não são completamente consensuais. O termo “unificação” deixa os entrevistados divididos e há quem acredite que unir a sociedade não é exatamente o que o Papa Francisco quer, mas antes que haja um respeito pela diferença – ser como irmãos, mas sem termos que ser todos iguais e unidos, “trabalhar para um fim comum não quer dizer que seja unido” (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D e Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E). Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) também partilha desta opinião e atesta que as diferenças nos enriquecem e que Francisco “não pretende que se unam todos de uma forma acrítica” (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J), mas que se criem pontes que favoreçam o diálogo dentro da sociedade, com os seus diferentes setores (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

Noutra perspetiva, alguns entrevistados concordam que Francisco tem esta demanda pela unificação da sociedade, mostrando como procura passar uma mensagem “anti-individualista”, de que só juntos conseguiremos alcançar a salvação (Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G). Sheik Munir (ver anexo P) concorda que o Santo Padre tem tido este trabalho, que é o seu trabalho principal, mas reconhece que não se trata de uma tarefa fácil e que a idade não lhe facilita esta dinâmica.

Assunção Cristas (ver anexo I), por sua vez, responde afirmativamente à questão e fundamenta este trabalho do Sumo Pontífice de procura pela unificação da sociedade, através da sua preocupação em “mostrar uma Igreja de braços abertos, que compreende o mundo contemporâneo”, lançando a questão do cuidado pela “Casa Comum” como um tema que contribui para esta dimensão de unidade da sociedade, “para além de todas as diferenças” (Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

Também Alexandre Palma (ver anexo F), utiliza o exemplo desta Encíclica Social, a *Laudato Si* para responder a esta questão, explicando que neste documento o Papa Francisco conseguiu projetar a sua voz e a própria agenda ecológica para lá do campo da Igreja Católica

(Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N). Esther Mucznik (ver anexo K) corrobora e destaca ainda a coesão social como um aspeto fulcral para esta unificação da sociedade, explicando que Francisco “não se preocupa só com as suas ovelhas”, mas “com o ser humano”. Também Sofia Mendonça (ver anexo Q) argumenta que Francisco se preocupa com temáticas fraturantes da humanidade, alertando para isso através de uma postura construtiva – revelando a sua mensagem central da “fraternidade universal”, que “abarca todos” (Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

Fernando Soares Loja (ver anexo O), acredita que Francisco tem procurado “soluções para a humanidade”, mas não sabe “se serão as melhores”.

Pergunta 6 – Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Quatro entrevistados concordam que Francisco é um dos maiores líderes, se não o líder que marca a atualidade (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Vera Jardim, ver anexo G, Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P). E argumentam esta opinião, pela forma como a sua liderança é reconhecida, no sentido de autoridade moral – como as pessoas aceitam e escutam o que ele diz, destacando a sua personalidade ímpar e incontornável (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

No entanto, embora o reconheça como um dos maiores líderes da atualidade, Alexandre Palma (ver anexo F), acredita que não é consensual e que não necessita de o ser, explicando que “os grandes líderes do passado” não foram sempre consensuais porque as sociedades são “cada vez mais plurais”.

Por outro lado, os entrevistados recordam também que “um Papa tende a ser sempre um líder da atualidade”, por “inerência” do cargo que desempenha, remetendo-nos para a importância do seu papel junto da sociedade, que se materializa no “peso histórico” da religião, no “peso numérico” dos católicos no mundo e no “peso da dispersão geográfica” – o facto de se tratar de uma religião espalhada por todo o mundo (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F;

Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

Contudo, Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) vai mais longe e explica que o seu papel na Igreja Católica faz qualquer um líder, mas que o Papa Francisco também “confere” liderança ao “Trono de Pedro” pela forma como é afirmativo e manifesta a sua opinião de forma clara. Ou seja, Francisco é líder “pela via do cargo que tem e, pelo papel que tem desempenhado” (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K).

Dois entrevistados destacam ainda tópicos muito presentes na liderança de Francisco: a promoção do diálogo e a necessidade de falar dos grandes temas que “perturbam a humanidade”, abrindo-lhe caminho com as “diferentes culturas” e no mundo global (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I).

Para Vera Jardim (ver anexo G), Francisco é um líder que se diferencia dos demais líderes pela sua influência e pelo facto de querer “tornar o mundo melhor”. Esther Mucznik (ver anexo K) também considera o Sumo Pontífice um “homem que influencia” embora não utilizasse a expressão “líder mundial”, que muitas vezes é uma associação a um líder político. Esta é uma visão partilhada por Sofia Mendonça (ver anexo Q), que vê o atual Papa como um líder espiritual e não político, acreditando que Francisco tem capacidade para influenciar decisões muito importantes no mundo – uma opinião corroborada também por Pedro Vaz Patto (ver anexo M) e Isaac Assor (ver anexo N).

Outra ideia presente ao longo das impressões dos entrevistados sobre esta questão é a força da palavra, força do exemplo e o poder espiritual que marcam a liderança de Francisco (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H e Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I), o que se traduz na coerência que sobressai na sua liderança: “aquilo que ele faz é muito coerente com aquilo que ele diz” (Entrevista a Fernando Martins, anexo E).

Contrariamente, Fernando Soares Loja (ver anexo O) reconhece que Francisco é um líder, mas não o considera como “um dos maiores”, uma vez que acha que o Papa “não tem

mecanismos, não tem instrumentos”, apenas tem como ferramenta a “persuasão” que, para si, não é suficiente.

Pergunta 7 – De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Alguns entrevistados reconhecem a influência de Francisco como importante, reforçando a importância da sua mensagem e do seu discurso para influenciar decisões importantes no mundo. Segundo os entrevistados, Francisco vai repetindo as suas ideias para forçar a que, de algum modo, estas entrem na agenda do mundo (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N).

Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) enumera três tipos de influência que reconhece na liderança do Papa Francisco: a influência persuasiva, a invasiva e a inclusiva.

- Persuasiva porque “não pretende impor”, mas “convencer-nos de que o raciocínio que está a fazer, faz sentido” (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J);
- Invasiva porque nos invade “pela força e convicção das suas ações e das suas palavras” (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J). Trata-se desta coerência entre a doutrina que ele prega e as ações que ele efetivamente tem, a forma como o seu discurso se torna legítimo porque o Papa procura agir de acordo com as suas preocupações e não prega coisas que ele próprio não faça (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Pedro Vaz Pato, ver anexo M);
- Inclusiva porque o Papa Francisco cria “uma gradual aproximação daqueles a quem se dirige” (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J), incluindo as pessoas – um exemplo disso é o facto de Francisco ter juntado no Vaticano judeus, árabes, cristãos e não cristãos (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E). Isto permite-lhe não só incluir os vários membros da sociedade, como “ser ouvido e fazer chegar a sua mensagem a um leque muito alargado de pessoas” – revelando um “grande carisma do Papa Francisco” (Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I).

Um conceito utilizado por dois entrevistados na resposta a esta questão foi o de “Magistratura de Influência” (Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L), explicando que a influência do Sumo Pontífice advém da autoridade moral e credibilidade que a sua função dentro da Igreja Católica lhe confere (Entrevista a Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L e Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

Henrique Monteiro (ver anexo H) caracteriza ainda a influência de Francisco como algo não mensurável, uma influência com base no *soft power*, que é, sobretudo, uma influência espiritual e moral que não tem meios para “mudar” ou “alterar a realidade” – uma influência “polenta”, que não está “do lado propriamente das decisões” (Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

Seguindo este pensamento de uma influência mais nível espiritual, também dois entrevistados não católicos concordam que a influência do atual Papa é limitada por falta de meios (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K) e porque “há católicos que não o ouvem assim tanto”, pelo que se torna restrita ao “círculo de pessoas que partilham dos seus ideais” (Entrevista a Fernando Soares Loja, ver anexo O).

Esta é uma visão partilhada por Sofia Mendonça (ver anexo Q) que acredita que se trata de uma influência espiritual e que, fora do âmbito religioso acaba por ser limitada, uma vez que tanto a fé como a moral são disciplinas que geram discórdia e que, portanto, mesmo que pessoas fora da Igreja sejam influenciadas por Francisco, nem todas o vão ser. Sheik Munir (ver anexo P), por sua vez, reconhece influência na figura de Francisco, mas também vê esta influência como limitada, acreditando que o atual Papa poderia ser mais influente.

Pergunta 8 – Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Doze entrevistados concordam que Francisco tem competências para tal (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a

Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q), mas ressalva-se a ideia de que os primeiros a serem inspirados e mobilizados devem ser “os cristãos e o clero” (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E).

Alexandre Palma (ver anexo F) explica que Francisco tem conseguido tal feito através da pedagogia do exemplo, em que as pessoas podem ter a “tentação de o repetir, de o copiar”, o que poderá ser uma forma de inspiração e mobilização dos outros a agirem por impulsionamento de Francisco – caracterizando este método como a liderança inspiracional. Também Assunção Cristas (ver anexo I) comenta a forma “disruptiva” como Francisco tem conseguido fazê-lo: através de diálogo e respeito muito grandes para com as diversas religiões e crenças.

A inteligência emocional e a inteligência “pura” de Jorge Bergoglio são igualmente destacadas como competências para este efeito, nomeadamente através das cartas Encíclicas *Laudato Si* - que é um dos documentos oficiais do Papa mais citados por políticos em discursos – (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L) e *Fratelli Tutti* (Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I e Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J), que inspiram todos a refletirem e a reagirem (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J).

Pedro Vaz Patto (ver anexo M) retoma a ideia de coerência para explicar que considera que Francisco terá estas competências a partir da “coerência das suas atitudes”. Sofia Mendonça (ver anexo Q) acredita que o atual Papa é “consciente” e compreende as consequências do que diz.

Isaac Assor (ver anexo N) considera que o Pontífice prioriza um discurso universalista, mas que a forma como inspira e mobiliza a sociedade vai depender de cada membro da sociedade, porque é uma experiência individual daqueles que recebem a sua mensagem. Contudo, este

entrevistado não tem dúvidas de o Santo Padre “é um motivador e uma alavanca muito grande para a sociedade”.

Apesar de acharem que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade, alguns entrevistados têm dúvidas: se a sociedade se irá efetivamente mobilizar, apresentando-se com uma visão mais pessimista da sociedade (Entrevista a Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H); e se o Papa tem meios para que tal aconteça (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K) e ainda a limitação de que estas competências possam manifestar-se apenas no “grupo de cristãos que o ouvem” (Entrevista a Fernando Soares Loja, ver anexo O).

Pergunta 9 – De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Uma parte considerável dos entrevistados concorda que Francisco tem trabalho no sentido da inovação (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Pedro Vaz Pato, ver anexo M; Entrevista a Fernando Soares Loja, ver anexo O).

Para Fernando Martins (ver anexo E), a liderança passa pela motivação, mas também pela modificação, mudança do sítio onde se está. Assim, dois entrevistados acreditam que Francisco o tem feito de forma exemplar, explicando que a religião evoluiu ao incluir as outras religiões e crenças na sua mensagem (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N).

Por sua vez, Sofia Mendonça (ver anexo Q) considera que o Santo Padre é inovador na forma como estimula os liderados e procura também inovar na mensagem da Igreja Católica, dando o exemplo da ideia de uma Igreja aberta, de uma Igreja em saída, voltada para os outros – que é uma nova visão trazida por este pontificado. A entrevistada destaca ainda a capacidade

que o Papa Francisco tem de ser compreensivo com as várias partes da sociedade, não limitando as situações ao “preto e branco”, mas estando consciente de que cada caso é um caso e que “a realidade da vida é cinzenta”.

Alexandre Palma (ver anexo F) explica que o foco do Papa é “inspirar” e “sugerir caminhos”, levantando questões que de algum modo sejam uma “provocação às lideranças sociais e políticas”. O Papa Francisco traz assuntos como a ecologia integral e a fraternidade (temas apontados nas suas últimas Encíclicas), para a agenda política e isso é uma inovação.

Outros entrevistados partilham da opinião de que o Papa coloca as pessoas a pensar, contribuindo fortemente para uma inovação social, mas também inovação no próprio âmbito da Igreja Católica e das tradições que lhe são inerentes (Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P), assumindo assim a “missão de renovar a Igreja para responder ao tal meio social envolvente”, naquilo que é a elasticidade desta instituição (Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

Dentro daquela que é a inovação do Papa, os entrevistados dão alguns exemplos, como a questão de assumir os erros da Igreja, no reconhecimento dos outros como iguais (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K) e ainda pelo envolvimento das pessoas no processo de tomada de decisão (Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

Contudo, para José Vera Jardim (ver anexo G) e Sheik Munir (ver anexo P), o Papa não consegue efetivamente inovar porque tem algumas barreiras, a sociedade não consegue mudar, está muito enraizada nos seus maus hábitos.

Pergunta 10 – Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Os entrevistados concordam que esta é uma das preocupações do Papa Francisco (Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Fernando Soares Loja, ver anexo O e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P), a preocupação com “o outro”, nomeadamente no que diz respeito

aos mais fragilizados da sociedade (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

Dentro das suas preocupações, sobressai também a questão do diálogo que se concretiza na sua preocupação por aqueles que não são católicos: a mensagem do Papa Francisco é “para toda a humanidade” (Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G), com um sentido muito afirmado de inclusão, de do acolhimento aos outros (Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I).

Os entrevistados também lembram que as suas Cartas Encíclicas *Laudato Si* e *Fratelli Tutti* são exatamente a prova de que ele se preocupa com a sociedade e com o mundo (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L), naquilo que são questões da humanidade e da civilidade (Entrevista a Fernando Martins), mas também no sentido de revelar a sua preocupação em alertar e sensibilizar os próprios católicos para os problemas da sociedade (Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I).

Há ainda a ideia de que o Papa se preocupa mais com as pessoas do que com as “burocracias” da Igreja (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K), procurando, para tal, não “ofuscar” com as riquezas do Vaticano. Isto significa que Francisco tem uma grande preocupação em credibilizar a própria Igreja, procurando agir em conformidade com a doutrina cristã (Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H).

Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J), por sua vez, destaca a preocupação pró-ativa de Bergoglio em agir, antecipar e confrontar os problemas da sociedade.

Alexandre Palma (ver anexo F) justifica ainda esta postura humanista do Papa, com base na sua crença religiosa, uma vez que sendo cristão, a preocupação para com os outros é uma consequência natural da sua fé.

Pergunta 11 – Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

No que diz respeito aos erros, limitações e fragilidades pessoais de Francisco, alguns entrevistados têm dificuldade em responder no que diz respeito à personalidade pessoal do Papa Francisco, porque não vivem de perto com o mesmo, mas de um ponto de vista exterior, naquilo que é a sua conduta enquanto líder da Igreja Católica, concordam. (Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L e Entrevista a Fernando Loja, ver anexo O).

Grande parte dos entrevistados concordam que o Papa tem esta consciência das suas fragilidades limitações e mesmo de alguns erros cometidos (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q) e dão alguns exemplos onde o próprio Francisco o mostrou, como a sua capacidade de se colocar na posição das outras pessoas (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D), o facto de pedir que rezem por ele (Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q) e a escolha estratégica de ter nove cardeais a ajudá-lo nas decisões e a reverem um “conjunto de dossiês” com ele, como forma de reconhecer as suas limitações e saber que precisa de contar com os outros (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F).

Fernando Martins (ver anexo E), Alfredo Teixeira (ver anexo L) e Pedro Vaz Patto (ver anexo M) também sublinham um exemplo onde o Papa reconheceu que teve uma conduta menos correta, que foi a questão de defender cardeais pedófilos, num primeiro momento e de, posteriormente, perceber que a situação era mesmo verdadeira e pediu desculpa às vítimas, destituindo estes cardeais e punindo-os de acordo com a lei canónica, mostrando assim a sua frontalidade na resolução de problemas (Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P).

José Vera Jardim (ver anexo G) afirma que Bergoglio demonstra imensa humildade em reconhecer os erros e as situações em que eventualmente tenha estado menos bem, permitindo uma abertura que leva ao diálogo (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K). Também Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) e Isaac Assor (ver anexo N) seguem este pensamento e explicam que Francisco ao reconhecer os seus limites, erros e fragilidades reintroduz uma dimensão mais humana à Igreja e à própria função de Papa.

Assunção Cristas (ver anexo I), explica ainda que Francisco é um homem feliz e alegre e que, para o ser, ele teve que ter a capacidade de se saber limitado e de reconhecer que erra e que tem as suas fragilidades.

Pergunta 12 – Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

A maior parte dos entrevistados concorda que o Papa é um líder humilde (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Pato, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q) e apontam ainda alguns traços que mostram esta humildade:

Por um lado, a origem de Jorge Bergoglio, o facto de vir da Argentina, revela a sua atenção para com os mais desfavorecidos, enfatizando a importâncias das suas raízes para o seu modelo de liderança (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D).

Por outro, Alfredo Teixeira (ver anexo L) menciona a forma como Francisco se despoja do que constitui a sua autoridade Papal, faz dele um líder humilde, até porque o Pontífice recria essa autoridade Papal pela aproximação que faz às pessoas. Esta proximidade, o facto de ser alguém que poderia facilmente estar a falar connosco (Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H) permite também que a humildade seja uma “tónica” comum do Sumo Pontífice (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J).

Também o facto de beijar os pés de presidiários, bem como beijar a tatuagem de vítimas do holocausto, é uma imagem apontada pelos entrevistados, que releva a sua humildade (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K).

Alexandre Palma (ver anexo F), apesar de concordar com a afirmação sublinha que o Papa Francisco não deixa de ser “assertivo no processo de decisão”, o que o entrevistado reconhece que pode nem sempre ser visto como humildade. Destaca também o facto de Francisco ser jesuíta enquanto uma característica que potencia as suas capacidades para liderar e obedecer.

Fernando Loja (ver anexo O), contrariamente aos restantes entrevistados não concorda que o Papa Francisco seja um líder humilde e considera que a humildade não é a “característica principal” do Sumo Pontífice.

Pergunta 13 – Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Onze entrevistados reconhecem neste equilíbrio coerência entre as suas ações e o seu discurso, reconhecendo o mérito de Jorge Bergoglio (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Pato, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Fernando Loja, ver anexo O e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

Fernando Martins (ver anexo E) e Sheik Munir (ver anexo P), também concordam, mas não deixam de referir que se trata de um exercício muito difícil uma vez que a Igreja está dividida e ainda há um espaço grande entre o que o Papa diz e aquilo que quer efetivamente concretizar.

Indo mais longe, Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J), explica que Francisco faz este equilíbrio através de uma “ótica ousada” e “não resignada” naquilo que são os seus discursos e as próprias ações que “condizem com esses discursos”, dando o exemplo de o Papa ir a Bagdá, capital do Iraque, como forma de mostrar esta coerência (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J e Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K). Nesta ideia de coerência situa-se também a resposta de Pedro Vaz Pato (ver anexo M), que acentua a harmonia entre a “doutrina” e os “gestos” adotados por Jorge Bergoglio, explicando também que outro ponto que contribui para esta congruência é a forma espontânea com que Francisco discursa – o que potencia a sua autenticidade e credibilidade.

Uma ideia recorrente que sobressai na resposta a esta pergunta é a de que a posição/ cargo de Papa permite que Francisco tenha uma enorme projeção nas suas palavras e também nas suas ações, pelo que a sua consciência sobre o que diz e o que faz é necessariamente maior. Francisco tem consciência deste impacto e, portanto, tem um sentido de ver e perceber que tem de ser coerente (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H e Entrevista a Pedro Vaz Pato, ver anexo M).

Para dois entrevistados, este equilíbrio conduz a que o Papa Francisco tenha um impacto “muito grande” que se estende para lá da Igreja Católica e do mundo crente, tendo influência noutras esferas como a política, porque se trata do impacto do exemplo (Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N).

Pergunta 14 – Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

A maioria dos entrevistados acha que Francisco é um líder aberto a este diálogo (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Fernando

Loja, ver anexo O; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

O exemplo mais apontado é o facto de Francisco ter juntado líderes de várias confissões religiosas no Vaticano e o facto de falar com todos e de ser recebido nos vários sítios, promovendo o diálogo com as outras religiões (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P) e, ainda, Francisco citar outros líderes não católicos como Gandhi, Martin Luther King e Foucault (Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G). Sheik Munir (ver anexo P) comenta mesmo que a ida do Papa a mesquitas, enquanto líder da Igreja Católica reforça a sua procura pelo diálogo entre as diversas crenças religiosas. Também junto dos que não são crentes, Sofia Mendonça (ver anexo Q) sublinha que há uma grande vontade de dialogar e de criar pontes por parte do Papa Francisco.

Pedro Vaz Patto (ver anexo M) aponta ainda outro exemplo que foi a assinatura da Declaração de Abu Dhabi ou a ida do Papa ao Iraque, como atitudes que contrariam a tendência que é o “conflito das civilizações”, promovendo um diálogo, neste caso, entre católicos e muçulmanos. Esta capacidade de dialogar do Sumo Pontífice, para Fernando Martins (ver anexo E) é algo que não se vê “em mais ninguém”.

Esther Mucznik (ver anexo K) também dá um exemplo de como Francisco consegue fazer esta promoção do diálogo: através do reconhecimento que faz do outro como igual, apesar do pensamento, da crença e da fé serem diferentes.

Centrando-se no seio da Igreja Católica, por um lado, Bernardo Trindade (ver anexo D) destaca a necessidade de renovar a mensagem cristã e a forma como é transmitida; por outro lado, Alexandre Palma (ver anexo F) ressalva também a importância do diálogo interno da própria Igreja, que por vezes é mais complicado do que este diálogo mais externo.

Assunção Cristas (ver anexo I), Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) e Pedro Vaz Patto (ver anexo M) referem ainda a sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti* como uma obra que mostra

exatamente esta abertura do Sumo Pontífice ao diálogo. Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) explica mesmo que o Papa tenta ao máximo ser abrangente e inclusivo com o seu discurso e com a sua conduta.

Mesmo concordando, Alexandre Palma (ver anexo F) lembra que esta procura pelo diálogo é algo que começa mais atrás na história da Igreja, com o Concílio Vaticano II, e que Francisco assume como preocupação prioritária, da qual é um “ator cimeiro”.

Também Alfredo Teixeira (ver anexo L) e Sofia Mendonça (ver anexo Q) lembram que a procura pelo diálogo inter-religioso marca a maior parte dos Pontífices contemporâneos, mas Alfredo Teixeira (ver anexo L) explica que na sua opinião este ponto não contribui para que Francisco se distinga dos restantes Papas, apesar da continuidade que Francisco dá a este tema.

Pergunta 15 – Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

A maioria dos entrevistados não tem dúvidas de que Francisco é realmente um ser humano empático (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Fernando Loja, ver anexo O; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q), sobressaindo a ideia de que esta empatia se deve ao facto de que ninguém fica indiferente ao Papa Francisco, ele impacta todos com quem se cruza (Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

Bernardo Trindade (ver anexo D) argumenta que Francisco é citado “abundantemente” as pessoas concordam com a sua mensagem, mas também porque respeitam a sua ação, nomeadamente na forma como convive com as pessoas simples, com as pessoas doentes,

com as crianças, refletindo nestas ações o afeto espontâneo que se desenvolve por Francisco (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F).

Para Henrique Monteiro (ver anexo H), a empatia do Sumo Pontífice é um caminho para que este seja “carismático”, dando como exemplo a forma como Jorge Bergoglio consegue “convencer as pessoas só com palavras e silêncios”.

Há ainda outros aspetos destacados pelos entrevistados que corroboram para que Francisco seja tão empático: para Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) existem dois pontos a assinalar, a sua “inteligência emocional muito viva”, mas também a capacidade que Francisco tem para não se deixar levar tão a sério, não se deixando falsamente deslumbrar pelo poder inerente ao seu cargo; Esther Mucznik (ver anexo K), por sua vez, também salienta dois motivos que levam Francisco a ser empático: a sua preocupação para com as pessoas e, também, a sua atitude “humilde” em que se abre realmente aos outros.

Sofia Mendonça (ver anexo Q), exprime a sua opinião corroborando com a ideia de que se trata de um líder que atrai muito as pessoas, conseguindo chegar até aos outros, pela forma como se coloca na posição destes, saindo de si próprio. De um ponto de vista mais prático, Pedro Vaz Patto (ver anexo M) responde a esta questão relatando a sua experiência pessoal aquando de um congresso em Roma que contou com a presença do Santo Padre, em que Francisco cumprimentou um a um todos os participantes do evento, explicando como isto mostra a empatia do atual Papa.

Pergunta 16 – Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

A maioria dos entrevistados considera que Francisco trabalha neste sentido (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Fernando Loja, ver anexo O; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça,

ver anexo Q), esclarecendo que a sua mais recente Encíclica, *Fratelli Tutti* é exatamente sobre esta questão de sermos todos irmãos, mesmo daqueles que são diferentes de nós – o que é a verdadeira fraternidade (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P).

Sofia Mendonça (ver anexo Q) também pega na mais recente Encíclica, para expor a forma como o atual Papa centra as suas preocupações na fraternidade – levando-o a escrever uma Encíclica exatamente sobre este tema.

Além da Encíclica lançada em 2020, também é mencionado o Acordo de Fraternidade, assinado pelo Santo Padre em Abu Dhabi, em 2019, que espelha a sua preocupação em lutar pela fraternidade “entre os povos” e “entre as culturas” (Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N).

José Vera Jardim (ver anexo G) destaca ainda que se trata da “primeira vez que um Papa de diplomacia publica essa virtude da fraternidade”, que em Francisco se revelou como ideia central do seu magistério. Alguns entrevistados referem mesmo que esta Carta Encíclica é um manual do seu Papado ou como que um testamento (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

Também são destacadas as mensagens e ações de Francisco, enquanto evangelizador que quer levar Cristo aos outros, mas consciente de que o respeito pelos crentes de outras confissões religiosas, ou não crentes é fundamental (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I).

Uma outra ideia trazida nesta pergunta foi a questão de a Fraternidade ser um ideal fundamental que advém da Revolução Francesa e que atualmente está perdida (Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H).

Noutro prisma, Esther Mucznik (ver anexo K) explica como acredita que a promoção da Fraternidade é um desejo do Santo Padre, mas reconhece que este não tem meios para isso, argumentando, à semelhança de Sheik Munir (ver anexo O) que a fraternidade é uma ideia utópica para a sociedade atual.

Pedro Vaz Patto (ver anexo M) também lembra que Francisco tem procurado promover a fraternidade humana universal pela “importância que dá ao diálogo”, pela sua vontade de “construir pontes” e pela empatia que gera nos outros.

Pergunta 17 – A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

A ideia que sobressai na resposta a esta questão é a de que o Papa tem procurado promover um discurso de tolerância e uma luta pela aceitação das diferenças. Sofia Mendonça (ver anexo Q) defende esta visão, explicando que o Sumo Pontífice procura sempre encontrar pontos comuns para um aluta conjunta. No entanto percebe-se que é uma ação limitada, naquilo que são as possibilidades do Santo Padre, que poderia ir mais longe e que o próprio gostaria de ir mais a fundo neste processo, uma vez que ainda não é o suficiente (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

A tolerância, na resposta a esta pergunta, também é algo que os entrevistados destacam: para José Vera Jardim (ver anexo G) o Papa prega para que, mais do que sermos tolerantes, sejamos realmente irmãos; Henrique Monteiro (ver anexo H) explica que para sai a tolerância consiste em mais do admitir que as outras pessoas também têm direitos, consiste em resistir à dor ou à provocação que os outros nos podem causar. Sofia Mendonça (ver anexo Q) crê que esta tolerância “nem sempre é bem entendida por algumas pessoas”, apesar de Francisco fazer um esforço por esta promoção.

Os entrevistados lembram que o Papa tem procurado fazer este exercício também dentro da própria Igreja, nomeadamente na questão da comunhão dos divorciados recasados (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Alexandre Palma, ver anexo F e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L), reforçando a visão do Papa pela necessidade que este tem de acolher, aceitar e incluir as pessoas, todas as pessoas.

Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) também partilha da opinião de que o Papa aceita totalmente e que está a avançar “plantando sementes” porque sabe que tem oposição, mas não deixa de notar a evolução e conquista de espaço alcançada pelo Papa Francisco, no que diz respeito ao diálogo.

Num ponto de vista diferente, José Vera Jardim (ver anexo G) sublinha que o Santo Padre também se apoia noutras pessoas, não relacionadas com o catolicismo, para explicar que aprendeu muito com elas, tais como o Gandhi e o Martin Luther King.

Assunção Cristas (ver anexo I), Pedro Vaz Patto (ver anexo M), Isaac Assor (ver anexo N) e Fernando Loja (ver anexo O), também invocam a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* para explicar a importância que o Papa dá à aceitação e às próprias diferenças entre as pessoas. Pedro Vaz Patto (ver anexo M), reproduz uma metáfora apresentada pelo Santo Padre: o poliedro. Segundo o mesmo, o poliedro é apresentado em contraposição à esfera, porque o poliedro tem várias faces que se enriquecem mutuamente (ou seja, as diferenças – poliedro – como uma ferramenta que potencia o enriquecimento coletivo, em oposição à esfera que não tem diferenças, é mais uniforme), sobressaindo assim o olhar positivo com que o Santo Padre encara as diferenças entre as culturas.

Para Sheik Munir (ver anexo P) Francisco tem tido esta preocupação, mesmo pela forma como vai conversando com as pessoas, seguindo a ideia de que somos todos iguais. No entanto, o entrevistado realça a limitação do estado de saúde de Francisco, que está cada vez mais frágil, o que pode ter impacto no retardar do processo.

Pergunta 18 – Considera que as críticas feitas na Encíclica Fratelli Tutti, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Uma parte significativa dos entrevistados reconhecem que estas ideias como denúncias, mas denúncias que vêm já de trás, identificando que outras pessoas já o têm vindo a dizer (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M). O que poderá diferir aqui é a força, a intensidade e a amplitude que Francisco coloca nestas mensagens, pela forma como as diz e como age de acordo com as mesmas (Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I e Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

Alguns entrevistados, apesar de concordar que é uma denúncia, têm reservas quanto à sua classificação como “denúncia corajosa” (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L), reconhecendo que de facto se dirige a pontos centrais da nossa cultura contemporânea. Fernando Loja (ver anexo N) não acredita que se trate de uma denúncia corajosa, uma vez que acha que há outros acontecimentos em que o entrevistado “gostaria de ver o Papa fazer denúncias corajosas e ele não faz.”

Bernardo Trindade (ver anexo N) e Sheik Munir (ver anexo O) concordam que trata de uma denúncia corajosa apesar de reconhecerem o Papa tem limitações e que ainda há trabalho a ser feito para que esta mobilização continue a acontecer. Isaac Assor (ver anexo N) também considera estas denúncias muito corajosas e explica que o Papa até menciona algumas interpretações de Rabinos feitas também a criticar estes pontos, explicando que Francisco é um “homem universal”.

Sofia Mendonça (ver anexo Q) também concorda, mas não deixa de referir que estas críticas se incluem em pontos “dominantes na sociedade”, pelo que já são valores conhecidos.

É também importante não esquecer o contexto latino americano de onde o Papa Francisco é oriundo, que sendo um contexto muito próprio, sensibiliza-o para estas questões, às quais ele dá a máxima importância (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F).

José Vera Jardim (ver anexo G) reforça que o Papa tem feito este trabalho de apontar um caminho contra a corrente, por forma a combater as guerras e conflitos que a sociedade tem enfrentado.

Por último, Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) responde a esta questão de outro ponto de vista, citando Frei Bento Rodrigues, numa crónica escrita para o jornal Público, explicando que estas ideias, presentes na Encíclica *Fratelli Tutti* contribuem para que esta carta oficial do Santo Padre (a Encíclica) seja vista como um “manual de antropologia, um testamento”.

Pergunta 19 – Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Dos entrevistados, alguns reconhecem que há essa clareza moral (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Pato, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo O e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q), mas também se aponta que ainda não terá a abrangência pretendida, uma vez que o Sumo Pontífice não consegue avançar ao ritmo que gostaria – mas antes, começando por pequenos passos para que haja efetivamente alguma evolução (Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J).

Os entrevistados também procuram clarificar o que é que se entende por “moral”, uma vez que o termo pode levar a várias interpretações ou discussões (Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H). Assim, para Bernardo Trindade (ver anexo D) vê a moral como o respeito pelos outros e pelas diferenças, assegurando que a sua ação proporcionará um mundo melhor. José Vera Jardim (ver anexo G), por sua vez, complementa a resposta a esta pergunta explicando que “as mensagens do Papa são sempre mensagens que assentam numa

moral” que é a católica, enfatizando a ideia de que aquilo que o Papa diz ou escreve é sempre suportado por regras morais.

Fernando Martins (ver anexo E) explica que Francisco foi às origens e está a mudar a percepção daquilo que é a figura do Papa ao despojar-se de certas mordomias, adotando uma aproximação das pessoas, agindo em linha com o que diz por forma a também influenciar as pessoas.

Dentro desta ideia de agir de acordo com o que diz, também sobressai a coerência de Francisco. O Santo Padre é claro e não permite que haja espaço para dúvidas, por ser coerente entre o que diz, o que defende, a doutrina e depois aquilo que propõe e que é efetivamente a sua ação (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q). Assunção Cristas (ver anexo I) e Alfredo Teixeira (ver anexo L) explicam que o Sumo Pontífice procura transpor esta clareza para o tecido interno da própria Igreja Católica, nomeadamente na forma como conduz as dificuldades internas desta instituição.

Sofia Mendonça (ver anexo Q) acredita que Francisco é muito claro, vendo-o como alguém que sabe qual é a divisão entre o bem e o mal, não havendo espaço para relativismos morais.

Em contraposição, Fernando Loja (ver anexo O) discorda que Francisco tenha uma clareza moral, reconhecendo que o atual Papa tem a sua moral, que é algo próprio de cada um, mas com a qual não se identifica.

Pergunta 20 – Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Na resposta a esta questão, as opiniões dividem-se. Por um lado, Bernardo Trindade (ver anexo D), Fernando Martins (ver anexo E), Alexandre Palma (ver anexo F), Assunção Cristas (ver anexo I), Pedro Rebelo de Sousa (ver anexo J) e Alfredo Teixeira (ver anexo L) reconhecem que os temas e mensagens que o Papa Francisco evoca são, muitas vezes,

questões relacionados com o âmbito político, explicando que a “polis” se prende com o que se passa no meio social, na forma como nos envolvemos. Assim, para alguns destes entrevistados o Sumo Pontífice é claramente uma voz de liderança política (Entrevista a Bernardo trindade, ver anexo D; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo e Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G), até pela forma como ao falar de determinados temas os coloca na agenda política mundial, onde acaba por ser ouvido e recebido por líderes internacionais – sem esquecer que o Vaticano é um dos Estados com mais relações estabelecidas com outros Estados do “mundo inteiro” (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F).

Assunção Cristas (ver anexo I) e Pedro Vaz Patto (ver anexo M), no entanto, explicam que Francisco tem uma liderança que é política no sentido de chamar à atenção para os problemas e dar pistas para a sua resolução, tendo algum tipo de impacto sobre as decisões, mas não no sentido partidário ou de execução das leis.

Assim, por outro lado, alguns entrevistados acreditam que Francisco não tem a pretensão de ser uma voz de liderança política, que essa não é a sua ambição (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q), explicando que Francisco acaba é por ter uma função de influenciar determinados líderes políticos no sentido das mudanças que pretende ver na sociedade (Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H), tendo como missão apontar o bem (Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

Fernando Loja (ver anexo O) também não concorda que Sumo Pontífice não é uma voz de liderança política, apesar de acreditar que muitas ideias são “bonitas” e “poéticas”, acha que outras são “impraticáveis”, “perigosas” e “utópicas”.

No que diz respeito à influência que Francisco possa ter junto de líderes políticos, alguns entrevistados acreditam que a sua influência poderá eventualmente manifestar-se junto de líderes políticos que partilhem dos seus ideais (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P), mas que, mesmo assim, estes provavelmente terão uma ação limitada naquilo que seria a mudança de comportamentos desejável na sociedade (Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G;

Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N).

Contudo, Alfredo Teixeira (ver anexo L) reconhece que a carta Encíclica *Laudato Si* é um exemplo de uma influência e pressão do Santo Padre que foi amplamente recebida, até pelo contexto em que foi lançada, em que a problemática do ambiente estava a ser muito discutida. Para este entrevistado, a influência política de Francisco acaba por ser “complexa e diversificada no tempo”.

Adicionalmente, Isaac Assor (ver anexo N) e Sheik Munir (ver anexo P) refletem sobre a relação entre a política e a religião. Enquanto para Isaac Assor (ver anexo N) a religião deve ter um papel ativo na sociedade, para Sheik Munir (ver anexo P) a política e a religião não se devem misturar. Este último entrevistado, lembra que a política e as leis civis partem das leis religiosas, mas que atualmente não considera que seja positivo haver um cruzamento entre ambas.

3. Reflexões sobre os Resultados

Partindo da revisão de literatura apresentada nos dois primeiros capítulos e, suportando esse trabalho na metodologia aplicada na investigação, nomeadamente nas entrevistas exploratórias e primárias, é agora possível cruzar os dados do estudo com o intuito de responder às questões de investigação formuladas.

A triangulação de dados é uma técnica metodológica que permite o cruzamento de vários métodos de análise, sendo um processo que pode permitir uma comunhão de conclusões, através da confirmação de resultados ou complementaridade dos mesmos, por evidenciarem pontos comuns.

Contudo, a triangulação também pode fazer sobressair a divergência dos resultados obtidos – o que pode acontecer, neste caso, por perceções díspares ou por consequente de uma metodologia com imprecisões. Uma outra causa para a divergência de resultados pode prender-se com a inadequação dos conceitos aplicados (Denzin, 1989).

Tendo isto em consideração, apresentam-se, de seguida, as reflexões sobre a triangulação de dados apurados aplicada, com vista a responder às duas questões de investigação formuladas:

Q1: As características identificadas na Revisão de Literatura, referentes à Liderança do Papa Francisco, correspondem ao traço identificador da Liderança Transformacional?

Para um líder ter um modelo de liderança transformacional, ou ser considerado um líder transformacional, existe um conjunto de valores, aqui identificados como variáveis, que o líder deve possuir.

Para responder à primeira questão de investigação foram identificados treze variáveis, que correspondem às características que um líder transformacional deve ter:

- i. Ser exemplar* (Carroll, 2014)

Passos (2015), Lowney (2015, pp. 19-20), Ivereigh (2020), Rodrigues (2020), Mendonça (2020 e 2021) identificam a exemplaridade como um traço presente no Santo Padre, referindo que o mesmo lidera pelo exemplo.

Por sua vez, os entrevistados também concordam que Francisco tem este traço, uma vez que reconhecem na sua liderança uma doutrina que se concretiza em ações, através de uma pedagogia centrada no exemplo (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J), pelo que o atual Papa é efetivamente um líder que procura ser um exemplo para a sociedade, sendo coerente nessa postura (Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

ii. O líder deve guiar os liderados (Rego & Cunha, 2005)

Krames (2015) acredita que Francisco consegue não só conduzir, mas também fazer com que a sociedade o siga. Ivereigh (2020) corrobora e acrescenta que esta é uma tarefa que Francisco tem cumprido com “discernimento”.

No que diz respeito aos entrevistados, estes acreditam que o Papa Francisco tem esse papel junto da Igreja Católica, e não junto de toda a sociedade, expondo ainda que junto da Igreja Católica, ele também tem dificuldades, uma vez que nem todos o seguem (Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Fernando Soares Loja, ver anexo O e Entrevista a Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P). Assim, nesta variável, percebemos que Francisco tem esta competência, mas nem todos liderados estão numa posição de se “deixarem liderar”.

iii. Sociável (Goleman, 1998)

Segundo Dias (2016, pp. 1385-1387) Francisco é um líder que se relaciona com a sociedade, dá-se a conhecer e é identificado como a personalidade do ano pela revista TIME (Tfouni, 2016). Também Rego & Cunha (2015), Hamel (2015) e Lowney (2015) identificam no Sumo Pontífice um ser sociável.

Esta opinião é complementada pelas entrevistas, uma vez que todos os entrevistados concordaram que este é um traço presente no atual Papa, destacando ainda a forma como Francisco é sociável pela proximidade (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P) e diálogo que promove (Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N).

iv. Carismático (Bass & Bass, 1990)

No que diz respeito ao carisma, os autores partem da forma como Francisco se relaciona com a sociedade para explicar a sua personalidade carismática, enquanto diferenciação face a outros líderes (Passos, 2015; Dias, 2016, pp. 1385-1387).

Para grande parte dos entrevistados, o seu carisma revela-se de forma muito concreta nos seus gestos e nas suas palavras (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N), mas também a inteligência emocional e estratégica que sobressaem neste traço (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J).

Um dos entrevistados distingue mesmo a forma como esta característica se manifesta no Papa Francisco, não só pelo seu cargo de Papa, mas também pela sua personalidade individual, corroborando com as ideias já explicadas anteriormente. Este é um traço muito vincado na personalidade do Papa Francisco.

v. Convidar as pessoas a tomarem parte da solução (Carroll, 2014)

Esta variável foi traçada tendo em vista a capacidade de o líder se descentrar de si próprio e ir ao encontro do próximo (Winford & Cherney, 2015; Krames, 2015). Também na análise documental da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, conseguimos compreender que Francisco pensa nos outros ao escrever um documento que apela à ação de todos – a Encíclica é dirigida a todas as pessoas “de bem” que estejam abertas a tal (Rodrigues, 2020; Mendonça, 2021).

Em resultado dos comentários tecidos nas entrevistas, destacam-se as duas cartas Encíclicas mais recentes, *Laudato Si* e a *Fratelli Tutti*, onde Francisco não só lança o apelo como apresenta soluções, explicando a importância de uma ecologia integral e da fraternidade humana universal (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M e Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N).

vi. *Respeitado* (Winkler, 2010)

A variável respeito foi revelada essencialmente através da liderança global/ mundial de Francisco. Vários autores apontaram esta característica explicando que Francisco é um dos grandes líderes da atualidade (Nassar, 2020), que tem índices que revelam que é aprovado em Itália, no país onde reside, que são superiores a muitos outros líderes (Lowney, 2015), esteve classificado entre os melhores líderes mundiais entre 2014 e 2017 (Fortune, 2014, 2015, 2016 e 2017).

Cruzando esta informação com os resultados obtidos das entrevistas, conseguimos perceber que uma parte considerável dos entrevistados concorda que Francisco é um dos maiores líderes da atualidade, explicando que ele lidera por diferentes vertentes: por um lado pela força do cargo Papal e, por outro, pela sua liderança enquanto indivíduo com um background e experiência de vida específicos (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

No que concerne ao respeito, uma ideia recorrente é a de que o Papa Francisco é respeitado pela sua conduta exemplar e pela forma como este respeita os outros, mesmo com outras crenças diferentes da sua (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I e Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K).

vii. *Influencia os liderados* (Charteris-Black, 2007)

No que tange para a influência, reconhece-se que Francisco é atrativo e consegue que as pessoas o ouçam (Lowney, 2015) pela forma como tem um discurso ativo. Assim, pode dizer-se que o atual Papa é influente (Carroll, 2014) e interpela as pessoas (Rodrigues, 2020).

Este pensamento é complementado pelos entrevistados que embora reconheçam influência espiritual em Francisco, não chegam a um consenso sobre se a sua influência tem um alcance significativo fora da Igreja Católica. Contudo, Henrique Monteiro (ver anexo H) e Alfredo Teixeira (ver anexo L), destacam a ideia da magistratura de influência, em que Francisco no fundo lidera também por esta capacidade de influenciar decisores. Assim, podemos concluir que Francisco é influente, mas não conseguimos saber até onde se manifesta esta influência.

viii. *Inspira e motiva os liderados* (Bass & Bass, 1990; Goleman, 1998; Rego & Cunha, 2005)

Para os autores Bennis & Thomas (2002), Krames (2015), Wenders (2018), Rodrigues (2020) e Mendonça (2020 e 2021), no Papa Francisco estes atributos são reconhecidos pela forma como guia os liderados, inspirando-os e motivando-os a seguirem a sua visão e aquilo que é a sua mensagem.

De um modo geral, os entrevistados acreditam que o Papa tem essas competências, mesmo que depois a sociedade não se deixe orientar ou conduzir (Entrevista a Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H e Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K). Ora, aqui, podemos perceber que o Papa Francisco, de facto procura influenciar além da esfera católica, mesmo que não o concretize inteiramente, os entrevistados afirmam que Francisco segue um modelo de liderança inspiracional, uma vez que pela coerência do seu discurso e das suas ações, reconhecem nele um exemplo (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F e Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M). Por fim, um ponto que deve ser destacado é a inteligência emocional que sobressai em Francisco como ferramenta que utiliza para inspirar e apelar à ação (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F e Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J).

ix. *Estimula intelectualmente os liderados (Bass & Bass, 1990; Nassar, 2020)*

Esta é uma faculdade que associada à sua inteligência “pura” e emocional (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F e Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J), como referido na questão anterior, permite que o atual Papa desafie constantemente os liderados a agirem, no sentido de inovarem e fazerem progresso. Trata-se de um traço que se revela já pelas reestruturações e transformações levadas a cabo pelo Santo Padre na Igreja Católica (Glasman, 2015; Carroll, 2014) que têm permitido a que a própria Igreja também inove na forma como a sua mensagem é transmitida (Lowney, 2015), posicionando a Igreja atual como uma “Igreja em saída” (Mooney, 2015).

Assim, o Papa começou por fazê-lo no seio da Igreja Católica introduzindo reformas, mas também para lá dos limites da Igreja, com as suas Encíclicas Sociais, destacando-se a *Laudato Si* e a *Fratelli Tutti* (Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F). Na generalidade, os entrevistados acreditam que Francisco procura estimular os liderados e lança constantemente o desafio a que a Igreja evolua (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M; Entrevista a Fernando Soares Loja, ver anexo O e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q). Mas que, sendo uma instituição com tanta história e tradições este é também um processo difícil, pelo que alguns entrevistados acham que a sua vontade não é absolutamente concretizada (Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P).

Assim, é possível perceber que há de facto esta vontade e iniciativa de progressão por parte de Francisco que se manifesta de forma concreta através das Encíclicas e outros atos de reformismo na Igreja que este Papa tem vindo a protagonizar. A questão da implementação destas mudanças é que é mais dúbia, mas no que diz respeito a esta estimulação intelectual, o Papa Francisco faz esse trabalho.

x. *Preocupa-se com as necessidades dos liderados* (Bass & Bass, 1990)

Um líder deve preocupar-se com os outros, o que vai ao encontro da tese de descentralização de si próprio (apontada na quinta variável), mas que também se prolonga naquilo que se revelam ser as preocupações do líder. No Papa Francisco, este traço é identificado pelos autores Krames (2015), Bergoglio & Skorka (2013) e Lowney (2015) que explicam que nesta personalidade se revela pelo serviço, pela forma como se entrega em missão ao outro.

Rodrigues (2020) e Mendonça (2020 e 2021) também destacam este atributo como um dos principais na personalidade e conduta do Santo Padre. Os entrevistados materializam este traço, destacando sobretudo a constante preocupação de Francisco com os mais debilitados – está sempre a chamar à atenção para as suas necessidades (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

Trata-se, portanto, de um traço consensual no Sumo Pontífice, em que tanto na revisão de literatura, como nas entrevistas exploratórias e nas entrevistas primárias é possível reconhecer esta característica de preocupação pelo outro.

xi. *Autoconhece-se* (Goleman, 1998)

O autoconhecimento e a autoconsciência de si próprio é um aspeto fulcral que permite a um indivíduo ser considerado líder. Carroll (2014) explica que Francisco é um líder com consciência dos seus erros que possa já ter cometido. Para Mendonça (2021) o reconhecimento das limitações de Francisco é feito pelo próprio, mesmo na *Fratelli Tutti*, quando expõe as falhas da própria Igreja ao longo dos anos.

Estas ideias são corroboradas pelos entrevistados que concordam que Francisco reconhece as suas fragilidades e pede desculpa por elas, dando também “a cara” pelas limitações e erros da própria Igreja (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera

Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

A ideia de que Francisco tem esta consciência mostra que é um líder autoconsciente e ao afirmar publicamente os seus erros, mostra-se humano, conferindo essa dimensão à própria Igreja.

xii. Humilde (Bergoglio & Skorka, 2013)

Os autores Collins (2001) e Rego, Cunha & Clegg (2012) explicam que a humanidade (no seguimento da última variável apontada) conduz a um comportamento humilde num líder, o que em Francisco é confirmada pelos autores Hamel (2015) e Krames (2015).

Também a maior parte dos entrevistados reconhece esta valia no Santo Padre, associada à sua simplicidade (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q), havendo um entrevistado que não concorda (Entrevista a Fernando Soares Loja, ver anexo O).

Assim, na generalidade esta é uma característica reconhecida em Francisco.

xiii. Autocontrola-se (Goleman, 1998)

O autocontrolo do Santo Padre Francisco, para Lowney (2015) advém da sua formação jesuíta que o leva a gerir equilibradamente o seu discurso e depois aquilo que são as suas

ações. Isto é confirmado pelos entrevistados que afirmam que Francisco tem uma conduta ativa, em que sobressai a coerência entre o seu discurso e os seus gestos (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N e Entrevista a Fernando Loja, ver anexo O).

Sintetizando, é curioso perceber que o Papa Francisco é duplamente líder, digamos assim, uma vez que, por um lado é líder pelo cargo que desempenha enquanto Sumo Pontífice da Igreja Católica que tem um grande peso na sociedade e que, por outro, é líder porque na sua personalidade sobressaem características que permitem identificar “o homem”, fora do seu cargo, como líder pelas competências que ele enquanto indivíduo tem.

Assim, é possível afirmar, com base no que os autores referem e no que é percecionado a partir das entrevistas realizadas que a questão de investigação 1 obteve uma resposta positiva. Mais precisamente, que o Papa Francisco, na generalidade, apresenta um conjunto de características que permitem identificá-lo como um líder transformacional, mas também como um líder inspiracional.

Q2: A escrita da Encíclica *Fratelli Tutti* contribui para aferir se o Papa Francisco é um líder transformacional?

Para responder a esta questão, foram consideradas sete variáveis (que as designamos de xiv a xx, de acordo com a sua apresentação no construto metodológico) que se basearam na Encíclica Social escrita pelo Papa Francisco, em novembro de 2020, a *Fratelli Tutti*. Estes traços têm por base as entrevistas exploratórias, os webinars, onde se fez um levantamento de características que poderiam contribuir para se perceber se Francisco é um líder transformacional.

xiv. *Promover o diálogo* (Bass & Bass, 1990)

No que se refere ao diálogo, este é um traço claramente apontado em praticamente todas as entrevistas (exploratórias e primárias), podendo afirmar que é uma das faculdades de Francisco que mais sobressai de toda a análise realizada. Destaca-se também que esta capacidade de diálogo vai para lá da esfera da Igreja Católica, sublinhando o diálogo inter-religioso e não religioso (político, ecuménico, etc).

Este atributo é suportado pelos autores Tfouni (2016), Dias (2016), Dandia (2020), Duffner (2020), NCR (2020a), Luby (2020) Rodrigues (2020), Mendonça (2020 e 2021) e, ainda, pelos entrevistados Bernardo Trindade (ver anexo D), Fernando Martins (ver anexo E), Alexandre Palma (ver anexo F), José Vera Jardim (ver anexo G), Henrique Monteiro (ver anexo H), Assunção Cristas (ver anexo I), Esther Mucznik (ver anexo K), Isaac Assor (ver anexo N), Fernando Loja (ver anexo O), Sheik Munir (ver anexo P) e Sofia Mendonça (ver anexo Q).

Também a Carta Encíclica em análise neste trabalho se constitui uma prova em como Francisco tem esta preocupação com o diálogo, destacando-se particularmente nesta obra o diálogo inter-religioso (Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J e Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M).

xv. *Criar empatia com os liderados* (Goleman, 1998)

Krames (2015) mostra que Francisco tem esta característica pela forma como procura conhecer os liderados. Allen Jr (2013), argumenta também que o seu discurso ecoa nas pessoas pela forma como se mostra próximo. Esta é uma visão partilhada por todos os entrevistados, em que todos concordaram que Francisco é um ser extremamente empático (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J, Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M;

Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Fernando Loja, ver anexo O; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q), assinalando o impacto que o Santo Padre tem nas pessoas, a forma como as pessoas não ficam alheias à sua presença.

xvi. *Promover a fraternidade humana universal (Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020 e 2021)*

No que respeita à fraternidade, esta é uma variável muito presente na *Fratelli Tutti*, mas vários autores referem que não é uma problemática que só surgiu agora (Mendonça, 2021 e Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H).

Contudo, Francisco tem feito um esforço extra, dedicando aquilo que tem sido o seu legado a pensar este tema e a agir em conformidade com o mesmo (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a José Vera Jardim, ver anexo G; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Pato, ver anexo M; Entrevista a Isaac Assor, ver anexo N; Entrevista a Fernando Loja, ver anexo O e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P).

Os autores explicam ainda como Francisco tem feito este trabalho, propiciando a paz e a justiça na sociedade (Krames, 2015; Dias, 2016 e Duffner, 2020) – respeitando valores, sobretudo respeitando acima de tudo o ser humano e a sua dignidade (Tfouni, 2016 e McCarthy, 2020).

Dois dos entrevistados, contudo acham esta fraternidade humana universal que Francisco promove, algo utópico (Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P).

Neste contexto, pode-se referir que Francisco tem realizado este trabalho, ainda que na prática possa parecer uma realidade difícil de ser alcançada.

xvii. Promover a tolerância e a aceitação das diferenças (Mendonça, 2020 e 2021)

Através da leitura da Carta Encíclica, lançada em novembro de 2020, podemos perceber que este tema é agarrado pelo Santo Padre, havendo uma grande promoção neste sentido de tolerância e de nos aceitarmos e respeitarmos mutuamente (Francisco, 2020).

Os entrevistados também mostram acreditar que Francisco tem desempenhado este papel, apesar de se tratar de uma ação muito limitada que não foi ainda até onde Francisco certamente desejaria (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

Assim, os entrevistados consideram que Francisco tem esta preocupação, corroborando com as entrevistas exploratórias e com a análise documental da Encíclica, apenas realçam o aspeto da limitação que Francisco tem encontrado.

xviii. Ter uma atitude de denúncia corajosa (Rodrigues, 2020; Mendonça, 2020 e 2021)

Esta é uma variável trazida pelas entrevistas exploratórias que entre os entrevistados não nos permitiu chegar a uma única conclusão, uma vez que uma parte significativa dos entrevistados reconhece a atitude de Francisco como fazer as denúncias corretas (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M), mas não classificariam como “corajosa” esta atitude, até porque acreditam que se trata de uma ação limitada.

xix. Ter uma clareza moral (Rodrigues, 2020; Mendonça, 2021)

A clareza moral é um dos traços apontados nas entrevistas exploratórias, que conferem liderança a Francisco. Ora, esta visão é partilhada pelos entrevistados que creem que Francisco é um grande exemplo de coerência – entre o que diz e o que procura fazer

(Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Esther Mucznik, ver anexo K; Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L; Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

Neste sentido, apesar de um entrevistado não concordar que Francisco tem esta clareza, a maioria dos entrevistados concorda permitindo-se, deste modo, concluir que Francisco é um líder que tem uma clareza moral e coerência pelas quais pauta o seu pontificado.

xx. *Voz de liderança política (Rodrigues, 2020; Mendonça, 2021)*

Por fim, a última variável identificada é a ideia de Francisco se posicionar como voz de uma liderança política com a escrita da Fratelli Tutti, uma vez que apela ao mundo para agir, interpelando os decisores políticos.

De acordo com os entrevistados, por um lado, Francisco tem este papel de influenciar que realmente toma as grandes decisões, e isso ele fá-lo (Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H, Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I e Entrevista a Pedro Vaz Patto, ver anexo M). Por outro, política e religião, são âmbitos diferentes que não se devem tocar, pelo que esta não deverá ser uma pretensão de Francisco (Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Henrique Monteiro, ver anexo H; Entrevista a Sheik Munir, ver anexo P e Entrevista a Sofia Mendonça, ver anexo Q).

Os entrevistados explicam ainda que as mensagens de Francisco acabam sempre por se relacionar com a política, uma vez que temas como a ecologia, a fraternidade, a dignidade humana, a economia integral, entre outros, se relacionam com a política (Entrevista a Bernardo Trindade, ver anexo D; Entrevista a Fernando Martins, ver anexo E; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

Assim, nesta última variável, podemos sustentar que Francisco poderá ter uma voz no sentido de influência política, mas para uma parte dos entrevistados, a sua missão não passa por ser uma voz de política ativa.

A escrita desta última Carta Encíclica, a *Fratelli Tutti*, é no fundo um resumo, um sumário do Pontificado do Papa Francisco, com a apresentação da sua visão, dos seus valores e da forma como ele percebe o mundo e os seus problemas. Este é assim um documento fundamental para compreender o próprio pensamento do Santo Padre – o que nos leva a crer que não haveria documento melhor para utilizar como base para perceber a sua liderança transformacional.

Ora, se neste documento estão presentes as temáticas que o Sumo Pontífice mais defende, então, à partida este documento já é extremamente útil para a compreensão da sua liderança, contudo, é importante referir que este documento foi concebido durante a Pandemia causada pelo vírus SARS-Cov19. Assim, é um documento escrito numa altura de mudança e, simultaneamente, de crise, pelo que o apelo de Francisco à ação é ainda maior – o que contribui para perceber que transformação se pretende introduzir aqui.

Sabendo que a liderança transformacional é um modelo ou estilo em que os líderes encorajam, inspiram e motivam a que haja uma mudança em determinada organização (Cherry, 2020), convidando os liderados a encontrar soluções para os problemas, e reconhecendo que a escrita desta Encíclica é um apelo à ação, uma denúncia dos problemas que interpela as pessoas (Rodrigues, 2020 e Entrevista a Assunção Cristas, ver anexo I) então, é possível afirmar que a escrita desta Carta Encíclica é um convite de um líder à mudança, um líder que implementa reformas (Bernate, 2014; Carroll, 2014; Glasman, 2015; Passos, 2015; Krames, 2015; Wenders, 2018; Ivereigh, 2020; Entrevista a Alexandre Palma, ver anexo F; Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, ver anexo J e Entrevista a Alfredo Teixeira, ver anexo L).

Assim, a escrita desta Encíclica, permite aferir que o Papa Francisco é um líder inspiracional e, pelas reformas implementadas e inovações que tem introduzido, é conseqüentemente, um líder transformacional, o que nos permite responder também afirmativamente face à segunda questão que norteou esta investigação.

Conclusão

A investigação é, no fundo, um processo em que se adquire conhecimento sobre determinada temática e se vai crescendo com isso, reaprendendo coisas sobre as quais julgávamos saber tudo. Ler em profundidade e com calma de quem sabe que hoje lê uma coisa que pode ser relevante e talvez amanhã não seja.

O primeiro passo para a execução deste documento foi saber que nunca ia saber tudo sobre o tema, mas que ia querer procurar saber o máximo possível. Este pensamento permitiu que se realizasse uma investigação ambiciosa sobre a percepção da liderança do Papa Francisco.

Ao longo de toda a presente dissertação procurou-se assim, problematizar qual a percepção da Liderança do Papa Francisco através da Encíclica *Fratelli Tutti*, tendo utilizado uma metodologia qualitativa que nos permitiu aferir percepções e diferentes opiniões sobre o que é a liderança do atual Papa da Igreja Católica.

A partir dos resultados obtidos foi possível perceber que o Papa Francisco é percebido como um líder, mesmo que para os crentes de outras religiões Francisco não seja o seu líder. Mesmo estes reconhecem nele traços de liderança. A investigação sugere que Francisco seja efetivamente um líder reconhecido como tal, não só pela força que o seu cargo lhe confere, mas porque reúne as características para tal. Os temas mais apontados que distinguem Francisco de outros líderes são exatamente algumas das variáveis identificadas: o diálogo, a proximidade/ empatia com as pessoas, a sociabilidade e a coerência entre o seu discurso e as suas ações. Globalmente, Francisco tem uma forte influência, mostrando esta investigação que o Santo Padre tem tido uma liderança mais transformacional nas reformas implementadas na Igreja Católica e que, globalmente, perante a sociedade, procura mostrar as suas ideias de mudanças, mesmo que nem todas acabem por se concretizar.

Os resultados levam-nos a concluir que o Pontificado de Francisco marca a história da Igreja no mundo, mas também a própria sociedade que é surpreendida por um Papa que expressa as suas preocupações mais ecuménicas e que investe muito na comunicação com todas as partes envolvidas.

Este estudo poderá constituir-se com uma base de pesquisa para futuras investigações sobre como a Igreja Católica vive em sociedade, como um líder transformacional tem um impacto tão extenso, como determinados traços permitem esta aceitação.

Após esta investigação e já com a análise concretizada e com a triangulação de resultados elaborada, é possível levantar alguns pontos que poderão servir de pistas para uma futura investigação neste âmbito.

Em primeiro lugar, e partindo daquilo que também poderá ter sido uma limitação deste estudo é a questão do universo sobre quem o estudo é aplicado. Neste caso, foi analisada a liderança do Santo Padre, à luz das perceções de vários membros da sociedade civil. Ora, entre estes membros, nem todos eram católicos, portanto as perguntas podem ter feito menos sentido para aqueles que não se sentem “liderados” ou “conduzidos” por este Papa. Isto leva-nos a crer que este estudo poderia ser aplicado em nova investigação apenas junto de católicos para o apuramento reflexivo de uma liderança interna. Por outro lado, também poderia ser interessante aplicar este estudo a pessoas que reúnam as mesmas características das que foram entrevistadas neste estudo, mas com uma revisão mais profunda das variáveis apresentadas.

Em segundo lugar, pensamos que este estudo sendo aplicado a um maior número de pessoas, realizando-se um estudo de perceções ainda maior, poderia concentrar-se apenas nas variáveis de liderança transformacional ou apenas nas variáveis inferidas da Encíclica, possibilitando um estudo ainda mais aprofundado e específico do tema.

Por último, poderia ser também relevante perceber de que modo a comunicação atual – rápida e eficaz – contribui para posicionar o Papa como um líder reconhecido globalmente.

A realização de um estudo sobre um líder que está vivo no presente, é sempre um estudo que terá continuidade, até porque o Papa Francisco, em concreto, continua em funções e, portanto, continua a marcar a vida das pessoas e a própria forma como a Igreja Católica se

dá com o mundo. Assim, acreditamos que haverá aqui ainda muito espaço para futuras investigações que se espera possam ser desenvolvidas e aprofundadas.

Em suma, a investigação da presente dissertação teve o privilégio de contar com a opinião de pessoas que se disponibilizaram a ser entrevistadas e conversarem sobre o atual Papa, mesmo não sendo católicas ou sequer crentes. A sua disponibilidade permitiu-nos também inferir que um líder com um alcance como o Papa Francisco é efetivamente um exemplo que faz com que estes indivíduos tenham vontade de falar sobre ele.

O Papa Francisco através da sua Humanidade veio abrir um caminho onde as pessoas se tornaram mais abertas e mais inclusivas, com um maior senso de respeito uns para com os outros. Neste sentido, gerar uma atitude reflexiva sobre o Papa Francisco possibilitou-nos o desenvolvimento de relações e de privar com pessoas com experiências e crenças diferentes através das entrevistas realizadas, mas muito interessantes enquanto seres humanos que refletiram sobre a Humanidade da Liderança do Papa Francisco.

Referências Bibliográficas

- Allen Jr, J. (2013). A Revolution Underway with Pope Francis. *National Catholic Reporter*.
- Almonacid, C., & Lambert, C. (2014). Pistas para una lectura e interpretación de la Encíclica Lumen Fidei. *Palabra y Razón*, 5, pp. 87-97.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. doi:<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Anderson, J. (2015). Innovations in Communication Technology and the Restructuring of the Roman Catholic Church. *Journal for the Academic Study of Religion*, 28(3), pp. 255-273.
- Andrade, D. Q. (2015). O que é uma Encíclica. *Observador*. Obtido de <https://observador.pt/programas/explica-me/o-que-e-uma-enciclica/>
- Aparicio, M. C. (2018). La fe, luz que ilumina todo el camino. En torno de la Encíclica Lumen Fidei del Papa Francisco. *Revista de Espiritualidad*(77), pp. 397-425.
- Arraf, J. (2021). Pope Francis Ends Historic Trip at a Critical Moment for Iraq. *The New York Times*. Obtido em 11 de março de 2021, de <https://www.nytimes.com/2021/03/08/world/middleeast/pope-francis-iraq.html>
- Avolio, B. J., & Gardner, W. (2005). Authentic Leadership Development: Getting to the root of positive forms of leadership. *The Leadership Quarterly*, 16, pp. 315-338.
- Baldoni, J. (2009). Great Communicators are Great Explainers. *Harvard Business Review*. Obtido em 17 de January de 2020, de <https://hbr.org/2009/06/great-communicators-are-great>
- Bass, B. M., & Bass, R. (1990). *The Bass Handbook of Leadership*. New York: FREE PRESS.

- Bennis, W., & Thomas, R. J. (2002). *Crucibles of Leadership*. *Harvard Business Review*.
- Bergoglio, J., & Skorka, A. (2013). *On Heaven and Earth*. Bloomsbury.
- Bernate, G. (2014). Examples of XXI Century Leadership. *PM World Journal*, III(VI).
- Bertoldo, F. C. (2018). A Encíclica Lumen Fidei e a Fé Cristã. *Encontros Teológicos*, 33(1), pp. 151-164.
- Blum, A. (2019). Want to be a Great Leader? Be a Great Coach. *Forbes*. Obtido em 21 de november de 2020, de <https://www.forbes.com/sites/forbescoachescouncil/2019/12/18/want-to-be-a-great-leader-be-a-great-coach/?sh=110a966d4dd0>
- Bradberry, T., & Greaves, J. (2017). *Inteligência Emocional 2.0*. Editorial Presença.
- Carroll, J. (2014). Why We Can't Stop Talking About Pope Francis. *Harvard Business Review*.
- Charteris-Black, J. (2007). *The Communication of Leadership*. *Routledge*.
- Cherry, K. (2019). Verywell mind Theories. *Understanding the Trait Theory of Leadership*.
- Cherry, K. (2020). The Great Man Theory of Leadership. *Verywell mind Theories*. Obtido em janeiro de 2021, de <https://www.verywellmind.com/the-great-man-theory-of-leadership-2795311>
- Cherry, K. (2020). Transformational Leadership. *Verywell mind*.
- Chima, A., & Gutman, R. (2020). What It Takes to Lead Through an Era of Exponential Change. *Harvard Business Review*. Obtido em 21 de november de 2020, de <https://hbr.org/2020/10/what-it-takes-to-lead-through-an-era-of-exponential-change>
- Clark, B. (2019). What Makes People Charismatic, and How You Can Be, Too. *The New York Times*. Obtido em 17 de january de 2021, de

<https://www.nytimes.com/2019/08/15/smarter-living/what-makes-people-charismatic-and-how-you-can-be-too.html>

- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2018). *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*. California: SAGE Publications.
- Creswell, J. W., & Miller, G. A. (1997). Research Methodologies and the Doctoral Process. *New Directions for Higher Education*.
- Dandia, A. (2020). «Fratelli Tutti» offers a new language for Muslim-Catholic solidarity. *National Catholic Reporter*. Obtido em 30 de janeiro de 2021, de <https://www.ncronline.org/news/opinion/fratelli-tutti-offers-new-language-muslim-catholic-solidarity>
- Dawson, C. (2009). *Introduction to Research Methods*. Begbroke: How To Books.
- Demirtas, O., & Karaca, M. (2020). *A Handbook of Leadership Styles*. Cambridge Scholars Publishing.
- Denzin, N. K. (1989). *The Research Act*. New Jersey: Prentice Hall.
- Dias, D. J. (2016). Fifty Years and Learning; Developments in the Roman Catholic Church's Encounter with Religions. *Toronto Journal of Theology*, 32(2), pp. 341-361. doi:<https://doi.org/10.3138/tjt.4202j>
- Duffner, J. (2020). Catholic encounters with Muslims frame «Fratelli Tutti». *National Catholic Reporter*. Obtido em 30 de janeiro de 2021, de <https://www.ncronline.org/news/opinion/catholic-encounters-muslims-frame-fratelli-tutti>
- Expresso. (2020). Marcelo elogia "coragem ilimitada" de Encíclica do Papa Francisco. É um grito brutal". *Expresso*. Obtido em 3 de abril de 2021, de <https://expresso.pt/sociedade/2020-10-04-Marcelo-elogia-coragem-ilimitada-de-enciclica-do-Papa-Francisco.-E-um-grito-brutal>
- Fernandes, J. A. (2021). Pela primeira vez na História: um Papa na "Terra de Abraão". *Público*. Obtido em 27 de abril de 2021, de

<https://www.publico.pt/2021/03/04/mundo/noticia/primeira-historia-papa-terra-abraao-1953135>

- Fernandez, R., & Stern, S. (2020). Self-Compassion Will Make You a Better Leader. *Harvard Business Review*. Obtido em 21 de novembro de 2020, de <https://hbr.org/2020/11/self-compassion-will-make-you-a-better-leader>
- Flynn, S. I., & Simone I., F. (2009). Authoritarian, Democratic, and Laissez-Faire Leadership. *Salem Press Encyclopedia*.
- Fortune. (2014). The World's 50 Greatest Leaders. Obtido de <https://fortune.com/2014/03/20/worlds-50-greatest-leaders/>
- Fortune. (2015). The World's 50 Greatest Leaders. *Fortune*.
- Fortune. (2016). The World's 50 Greatest Leaders. *Fortune*.
- Fortune. (2017). The World's 50 Greatest Leaders. *Fortune*.
- Francisco, P. (2013). *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Encontro da Escrita.
- Francisco, P. (2015). *Carta Encíclica Laudato Si*. Lisboa: Paulus.
- Francisco, P. (2020). *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Assis: Paulinas.
- Fumagalli, A. (2019). *Journeying in love: Pope Francis' moral theology*. Coventry Press.
- Garrett, L. (2014). Getting to Know Pope Francis. *Publishers Weekly*, pp. 41-43.
- Ghez, J. (2020). Four Qualities You Need To Be An Impactful Leader In The 21st Century. *Forbes*.
- Glasman, M. (2015). Beloved of the people: The popularity and political mastery of Pope Francis. *Juncture*, 21(4), pp. 319-323.
- Goleman, D. (1998). What Makes You a Leader? *Harvard Business Review*.
- Goleman, D. (2011). *Leadership: The Power of Emotional Intelligence*. Northampton MA: More Than Sound LLC.

- Goleman, D., Boyatzis, R., & McKiee, A. (2002). *Os Novos Líderes. A Inteligência Emocional nas Organizações*. Gradiva.
- Gottfredson, R., & Reina, C. (2020). To Be a Great Leader, Your Need the Right Mindset. *Harvard Business Review*. Obtido em 21 de november de 2020, de <https://hbr.org/2020/01/to-be-a-great-leader-you-need-the-right-mindset>
- Groysberg, B., & Slind, M. (2012). Leadership is a Conversation. *Harvard Business Review*. Obtido em 10 de december de 2020, de <https://hbr.org/2012/06/leadership-is-a-conversation>
- Hamel, G. (2015). The 15 Diseases of Leadership, according to Pope Francis. *Harvard Business Review*.
- Hammett, G. (2020). Tech Isn't the Problem or Solution for Better Productivity. Instead, Look to Your Own Leadership. *Inc*. doi:<https://www.inc.com/gene-hammett/tech-isnt-problem-or-solution-to-better-productivity-instead-look-to-your-own-leadership.html>
- Hansen, G. (2015). *Pope Francis: Religious Leader*. ABDO Group.
- Harrison, E., & Mühlberg, J. (2014). *Leadership is Communication*.
- Hennis, M. P., & Dam, M. v. (2020). Presenting a Webinar - The need for a standard operating procedure? *Medical Teacher*. doi:<https://doi.org/10.1080/0142159X.2020.1752366>
- Hooper, A., & Potter, J. (2006). *Liderança Inteligente, Criar a Paixão pela Mudança*. Actual Editora.
- Howard, D. (2021). Thinking Faith. Saving Liberalism from Itself. *The Way*, 60(1), pp. 21-27.
- Hunt, J. G. (1996). *Leadership. A New Synthesis*. SAGE Publications.
- Hunt, J. G., Hosking, D.-M., Schriesheim, C., & Stewart, R. (1984). *Leaders and Managers. International Perspectives on Managerial Behavior and Leadership*. Pergamon Press.

- Ivereigh, A. (2020). Pope Francis: Reform and Resistance. *The Way*, 59(4), pp. 13-28.
- Ivey, J. M. (2002). Five Critical Components of Leadership. *Leadership and Management Engineering*, pp. 26-28.
- Jaap, T. (1989). *Enabling Leadership*. Gower Publishing Company Limited.
- Jenkins, W. (2018). Introduction to Focus Issue on Laudato Si'. *Journal of Religious Ethics*, pp. 405-409.
- Jesuíno, J. C. (1999). *Processos de Liderança*. Livros Horizonte.
- Joseph S. Nye, J. (2009). Get Smart: Combining Hard and Soft Power. *Foreign Affairs*, 88(4), pp. 160-163.
- Kahn, J. (2013). Can Emotional Intelligence Be Taught? *The New York Times Magazine*. Obtido em 16 de november de 2020, de <https://www.nytimes.com/2013/09/15/magazine/can-emotional-intelligence-be-taught.html?searchResultPosition=1>
- Kirjavainen, S., Björklund, T., Eloranta, M.-M., & Laakso, M. (2010). The impact of leadership, management and power in an international knowledge-intensive organization. *EBAPE*, 8(2), pp. 340-352.
- Klatt, B., & Hiebert, M. (2001). *The Encyclopedia of Leadership. A Practical Guide to Classic and Contemporary Leadership Theories and Techniques*. McGraw-Hill.
- Kotter, J. P. (2001). What Leaders Really Do. *Harvard Business Review*. Obtido em 28 de september de 2020, de <https://hbr.org/2001/12/what-leaders-really-do>
- Krames, J. (2015). *Liderar com Humildade*. Editorial Presença.
- Krames, J. (2015). *Liderar com Humildade - As 12 Lições de Liderança do Papa Francisco*. Lisboa: Editorial Presença.
- Lang, D. L. (1991). Transformational Leadership is not Charismatic Leadership: Philosophical Impoverishment in Leadership Continues. *Human Resource Development Quarterly*.

- Lisboa, A. D. (2020). A Economia de Francisco. *P2P E INOVAÇÃO*, pp. 6-17. doi:10.21721/p2p.2020v6n2
- Lloveras, E. (2013). Comentario a la Carta Encíclica Lumen Fidei, de S.S. Francisco. *Revista Digital de estudios de la Universidad FASTA*, 2(1-2), pp. 91-104.
- Lourenço, P. J. (1945). Dicionário da Doutrina Católica. Porto.
- Lowney, C. (2015). *A Liderança Segundo Francisco, o Homem que Guia com o Coração*. Lisboa: Marcador.
- Luby, B. (2020). Pope Francis' encyclical inspires me to speak boldly for interfaith inclusion. *National Catholic Reporter*. Obtido em 30 de janeiro de 2021, de <https://www.ncronline.org/news/opinion/pope-francis-encyclical-inspires-me-speak-boldly-interfaith-inclusion>
- Mantovani, M. (2015). Lumen Fidei e Lumen Rationis: Algumas notas de leitura do recente Magistério Eclesial. *Lumen Veritatis - Revista Tomista*, 8(31), pp. 236-264.
- Marcelo elogia "coragem ilimitada" de Encíclica do Papa Francisco. "É um grito brutal". (2020). *Expresso*.
- Martins, A. A. (2018). Laudato Si': Integral Ecology and Preferential Option for the Poor. *Journal of Religious Ethics*, pp. 410-424.
- Maxwell, J. C. (2008). *O Livro de Ouro da Liderança*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.
- McCarthy, E. (2020). Francis'«Fratelli Tutti» weaves the threads of nonviolence and just peace. *National Catholic Reporter*. Obtido em 30 de janeiro de 2021, de <https://www.ncronline.org/news/opinion/francis-fratelli-tutti-weaves-threads-nonviolence-and-just-peace>
- McElwee, J. J. (2020). Catholic activists praise Pope's move away from just war theory. *National Catholic Reporter*. Obtido em 30 de janeiro de 2021, de

<https://www.ncronline.org/news/justice/catholic-pacifists-praise-popes-move-away-just-war-theory>

- Mendonça, J. T. (2020). Diálogos sobre a Fratelli Tutti. *Universidade Católica Portuguesa*.
- Mendonça, J. T. (2021). Curso "Caminhos Cruzados" - Fratelli Tutti . *Capela do Rato*.
- Mooney, M. M. (2015). Habemus Papam. *Christian Bioethics*, pp. 69-72.
- Morgan, J. (2018). 'Yet all is not lost!' An account and defense of Ecological Conversion in Laudato Si'. *The Heythrop Journal*, pp. 1036-1048.
- Nassar, A. (Dezembro de 2020). New Leaders. New Workers. New Life. *LÍDER*.
- NCR. (2020a). National Catholic Reporter. *Thanks Francis, but please say more about «just war»*. Obtido em 30 de janeiro de 2021, de <https://www.ncronline.org/news/opinion/editorial-thanks-francis-please-say-more-about-just-war>
- NCR. (2020b). Americans need to heed pope's countercultural message on the common good. *National Catholic Reporter*. Obtido em 30 de janeiro de 2021, de <https://www.ncronline.org/news/opinion/editorial-americans-need-heed-popes-countercultural-message-common-good>
- Oliveira, M. A. (2021). Papa no Iraque: "temos que derrubar muros e construir pontes". *Vatican News*. Obtido em 30 de abril de 2021, de <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-03/artigo-assinado-viagem-papa-francisco-ao-iraque-andre-oliveira.html>
- Ottaviani, E. (2016). Usus pauper e poesia no cuidado com a casa comum. *Encontros Teológicos*, 31(3), pp. 493-506.
- Papa Francisco, & Ahmad Al-Tayyeb. (3 a 5 de fevereiro de 2019). Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum. *Viagem Apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos*. Emirados Árabes Unidos.

- Passos, J. D. (2015). Os limites do carisma na instituição tradicional: Reflexões sobre as reformas do Papa Francisco em chave weberiana. *Horizonte*.
- Pauley, J. A., & Pauley, J. F. (2009). *Communication: The Key to Effective Leadership*. ASQ Quality Press.
- Puglisi, A., & Buitendag, J. (2020). The religious vision of nature in the light of Laudato Si': An interreligious reading between Islam and Christianity. *Hervormde Theologiese Studies*, 76(1).
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Reese, T. (2020). Five things to look for in Pope Francis' new encyclical, «Fratelli Tutti». *National Catholic Reporter*. Obtido em 30 de janeiro de 2021, de <https://www.ncronline.org/news/theology/signs-times/five-things-look-pope-francis-new-encyclical-fratelli-tutti>
- Rego, A., & Cunha, M. P. (2005). *LIDERAR*. Publicações Dom Quixote.
- Rego, A., & Cunha, M. P. (2015). *Papa Francisco - As Lições de Liderança*. Edições Sílabo.
- Rego, A., Cunha, M. P., & Clegg, S. R. (2012). *The Virtues of Leadership*. Oxford: OXFORD University Press.
- Rego, A., Pina e Cunha, M., Campos e Cunha, R., & Cabral-Cardoso, C. (2003). *Manual de Comportamento Organizacional e Gestão*. Editora RH.
- Rodrigues, M. d. (2020). Diálogos sobre a Fratelli Tutti. *Universidade Católica Portuguesa*.
- Sobral, F., Furtado, L., & Islam, G. (2019). *Revista de Administração de Empresas*.
- Syroit, J., Marques, C., & Cunha, M. (1996). *Liderança Organizacional. Comportamento Organizacional e Gestão de Empresas*. Lisboa: Dom Quixote.
- Szrot, L. (2020). From Stewardship to Creation of Spirituality: The Evolving Ecological Ethos of Catholic Doctrine. *Journal for the Study of Religion, Nature and Culture*.

- Taylor, B. (2020). Great Leaders Understand Why Small Gestures Matter. *Harvard Business Review*.
- Tekeli, C. (2019). A Call for Humility In Leadership. *Forbes*. Obtido em 21 de november de 2020, de <https://www.forbes.com/sites/forbescoachescouncil/2019/12/03/a-call-for-humility-in-leadership/?sh=6deae0465045>
- Tfouni, F. E. (2016). Entre o acontecimento e a memória: discursos sobre o Papa Francisco em Capas de Revista de Grande Circulação. *Linguagem em (Dis)curso*, pp. 11-33. doi:<https://doi.org/10.1590/1982-4017-160101-1515>
- Toor, S.-U.-R., & Ofori, G. (2008). Leadership versus Management: How They Are Different, and Why. *Leadership and Management Engineering*, pp. 61-71.
- Valcour, M. (2020). Anyone Can Learn to Be a Better Leader. *Harvard Business Review*. Obtido em 21 de november de 2020, de <https://hbr.org/2020/11/anyone-can-learn-to-be-a-better-leader>
- Vatican. (2014). A Vocação e a Missão da Família na Igreja e no Mundo Contemporâneo. *Vatican* . Obtido em Abril de 2021, de http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141209_lineamenta-xiv-assembly_po.html
- Vugt, M. v., & Ahuja, A. (2010). *Why some people lead, why others follow, and why it matters*. London: Profile Books.
- Wajdi, M. B. (2017). The Differences between Management and Leadership. *SINERGI*.
- Warren , B., & Burt, N. (1985). *Leaders: The strategies for taking charge*. New York: Harper & Row.
- Wenders, W. (Realizador). (2018). *Pope Francis: A Man of His Word* [Filme].
- White, R. P., Hodgson, P., & Crainer, S. (1996). *The Future of Leadership*. London: Pitman London.

- Williamson, K., Given, L. M., & Scifleet, P. (2018). Qualitative Data Analysis. *Research Methods: Information, Systems, and Contexts*.
doi:<http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-08-102220-7.00019-4>
- Winford, K., & Cherney, I. (2015). A conversation with Chris Lowney. *Creighton Journal of Interdisciplinary Leadership*, 1(1).
- Winkler, I. (2010). *Contemporary Leadership Theories. Enhancing the Understanding of the Complexity, Subjectivity and Dynamic of Leadership*. Physica-Verlag.
- Woll, K. (2015). *Pope Francis: Catholic Spiritual Leader*. ABDO Publishing.
- Yukl, G. (1998). *Leadership in Organizations*. New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- Zaleznik, A. (1977). Managers and Leaders: Are They Different? *Harvard Business Review*, pp. 74-81.
- Zandan, N., & Shalett, L. (2020). What Inclusive Leaders Sound Like. *Harvard Business Review*. Obtido em 21 de november de 2020, de <https://hbr.org/2020/11/what-inclusive-leaders-sounds-like>
- Zózimo, R. (2020). Economia de Francisco: que novo paradigma é este? *VER*. Obtido de <https://www.ver.pt/economia-de-francisco-que-novo-paradigma-e-este/>

Anexos

ANEXO A: Webinar - Diálogos sobre a Fratelli Tutti | 9 dezembro 2020

Maria de Lurdes Rodrigues: Bom, muito obrigada a todos, eu agradeço muito esta oportunidade de uma conversa com o Senhor Cardeal Tolentino Mendonça e todos os participantes, a professora Isabel Capelo Gil, que estimo muito, é para mim um grande gosto.

Eu, eu devo confessar que eu fui um bocadinho na curva, porque estávamos a conversar à hora de almoço, na reunião do grupo e eu referi a Encíclica e disse qualquer coisa como: “O Papa arrisca-se a ser o principal líder político desta geração, destes tempos modernos”. E porquê? Porque eu tinha estado numa reunião há 2 dias, 3 dias, umas semanas a tratar de assuntos da organização de um pequeno curso de verão sobre a Europa e um dos meus colegas trazia a Encíclica e leu umas frases que eu recordei e fixei, e foram frases que me impressionaram. Vou só partilhar convosco o conteúdo dessas frases, porque são frases eminentemente políticas, elas não têm à primeira vista, sobretudo para uma pessoa como eu – muito afastada das questões da Igreja, muito ignorante também e, por isso, também peço a desculpa com a minha ignorância de me atrever a vir falar de um assunto que diz tanto para os crentes e para o Papa, mas eram frases como estas: “Durante décadas pareceu que o mundo tinha aprendido com tantas guerras e fracassos, lentamente ia caminhando, por exemplo, avançou no sonho de uma Europa unida, capaz de reconhecer raízes comuns e regozijar-se com a diversidade que a habita, lembremos a forte convicção dos pais fundadores da União Europeia” e por aí fora, “mas a história dá sinais de regressão, reacendem-se conflitos anacrónicos que se consideravam superados ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos” e depois outras frases do mesmo tipo, tanto na propaganda de alguns regimes políticos populistas, como na leitura de abordagens económico-literais: “Defende-se que é preciso evitar a todo o custo a chegada de pessoas migrantes, simultaneamente argumenta-se que convém limitar a ajuda aos países pobres” e vai por aqui fora outras frases do mesmo tipo: “partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção, que favorece um setor humano digno de viver sem limites”. Muitas vezes constata-se que “os direitos humanos não são iguais para todos. O respeito destes direitos é condição preliminar para o próprio sucesso económico e social de um país” e a frase prossegue, não vos vou maçar lendo tudo.

Depois há uma outra frase que me recordo, que me ficou na memória, que interpela as próprias Organizações das Nações Unidas, dizendo: “nesta linha lembro que é necessária uma reforma quer da Organização das Nações Unidas, quer da Arquitetura Económica e Financeira a nível internacional, para que seja possível uma real concretização do conceito de família de nação. Isso pressupõe, sem dúvida, limites jurídicos precisos, para evitar que seja uma autoridade coaptada” etc etc

Mas há mais, há mais frases que na altura me impressionaram. “Gostaria de insistir que a política”, diz o Papa, “não se deve submeter à Economia e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma efficientista da tecnocracia, embora se deva rejeitar o mau uso do poder, a corrupção, a falta de respeito das leis e ineficiência, não se pode justificar uma economia sem política, porque seria incapaz de promover outra lógica de governar os vários aspetos da crise atual”.

São frases que me impressionaram, que me foram lidas – repito – numa reunião em que estávamos a organizar um curso de verão para tratar as questões europeias, em que se tratam assuntos dos organismos transnacionais como é a União Europeia, mas também de outros organismos como o FMI e a Organização das Nações. E, eu fiquei verdadeiramente impressionada porque estas frases contém uma dimensão política que extravasa, que vai muito para lá do mundo da Igreja, do meu ponto de vista, e acaba por formar um discurso que não é dirigido exclusivamente aos Católicos. É um discurso político muito mais vasto que interpela os cidadãos em geral, interpela os crentes, os ateus, os agnósticos, mas que interpela de forma muito particular os governos, os organismos nacionais e transnacionais, os empresários. No fundo interpela todos os cidadãos – não apenas individualmente, mas também coletivamente. E quando vou ao texto integral, também curiosa (com a curiosidade suscitada por essa conversa – e ainda antes daquele meu atrevimento, no almoço do grupo, ainda antes disso), percebo que a leitura do texto confirma esta minha primeira impressão.

Há uma parte do texto que eu considero que é sobretudo destinada aos católicos, em que o Papa procura argumentar e fundamentar, na parábola do bom samaritano toda a mensagem que pretende transmitir e, portanto, há um fundamento nos textos bíblicos, nos textos

religiosos para toda a mensagem, esse fundamento está lá, mas – não é – na minha opinião, o essencial da Encíclica que se destina muito para lá desse Universo.

É uma carta, que por mim foi lida, a Encíclica foi lida como uma carta, como uma voz, uma palavra que incita à ação, que incita à intervenção, sobretudo na defesa dos valores da dignidade humana e da igualdade de direitos e este é que para mim é o ponto absolutamente essencial. E o Papa, aliás, assume isto porque diz explicitamente, em determinada parte do texto, que ele deseja dar voz a tantos percursos de esperança. Apesar do quadro do diagnóstico que apresenta, ele assume-se como uma voz e, nesse sentido, é essa que é a questão para mim que é a Voz de Liderança Política, que de facto falta. Falta nas Nações Unidas, falta na União Europeia, falta nos principais países do mundo Ocidental – não é preciso explicar muito o que se passa nos Estados Unidos, o que se está a passar em Inglaterra, o que se passa na Alemanha. Apesar da bondade e do perfil de alguns destes líderes, a sua voz não se ergue acima daquilo que são os interesses dos seus diferentes países, ou da situação circunscrita das instituições que representam e por isso, eu ouvi, eu li esta voz como uma voz que ultrapassa todos estes patamares, digamos assim, de comunicação.

E o meu contributo para esta conversa é mesmo um contributo muito singelo. Eu apenas posso dar contas do que eu vi, daquilo que entendi e do significado que eu atribuo a estas voz que se ergueu com muitíssima força. E dou este contributo a partir da minha circunstância e a minha circunstância é, ser simultaneamente académica que teve responsabilidades políticas e que continua a assumir responsabilidades políticas. Tenho hoje responsabilidades de liderança, desta instituição universitária, do ISCTE e, tenho ainda uma outra circunstância que é prezar ter isso em comum com esta Encíclica que é prezar os valores da Dignidade Humana e da Igualdade de Direitos e de oportunidades e isso é para mim uma linha contínua que atravessa o meu percurso não apenas académico, mas também político. E, é um contributo muito singelo. Eu procurei não fazer leituras sobre a Encíclica, eu não quis que o meu pensamento e a minha participação nesta conversa fosse influenciada por aquilo que terceiros ouvem. Eu quis ouvir eu própria por esta voz, e com – como digo – na minha situação transmitir, de uma forma bastante humilde, aquilo que eu ouvir. E o que é que eu ouvi? Eu diria que ouvi 4 coisas, para mim muito importantes:

- Eu ouvi uma clareza moral, absolutamente invulgar. Não há vestígios de tibieza, nem de tergiversação neste discurso. Não há qualquer hesitação, dúvida (no sentido da pouca

clareza, quando a dúvida obscurece ou torna opaco aquilo que se está a tentar passar) e, portanto o Papa identifica nas nossas sociedade contemporâneas, no nosso quotidiano atual, na nossa atualidade, na nossa atividade, aquilo que são os descontentamentos, os desconcertos, as ilusões e desilusões, afirmando que elas radicam – no diagnostico que faz – e passa todos os problemas no facto de que em muitas circunstâncias, em muitos países, em muitas situações não se respeitar o princípio fundador da Declaração Universal dos Direitos Humanos que é todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e isto à data de 1948. E o que o Papa vem dizer, com toda a clareza, é que os nossos males, os nossos desconcertos, os nossos descontentamentos radicam do facto de a diferentes níveis – em diferentes situações, em diferentes países (e ninguém é poupado na sua responsabilidade), este princípio fundador não estar a ser respeitado.

- Depois encontro ainda um outro traço muito importante que é a denúncia corajosa, sem medo, de designar os problemas pelos seus nomes. É não só corajosa, como clara, a forma como aponta os exemplos do tal desgosto ou desconcerto nos dias de hoje, em que a dignidade humana é posta em causa, chamando desigualdades às desigualdades – não são meras diferenças – são desigualdades sociais económicas, e não há nenhuma hesitação em chamar os problemas pelos nomes. Desigualdades sociais, económicas e territoriais entre os países; de pobreza – não há nenhuma hesitação em chamar pobreza à pobreza e diagnosticar as suas causas como causas que respeitam todos. Não há nenhuma hesitação em chamar concentração de riqueza aquilo que é de facto uma concentração da propriedade e da riqueza; em chamar ao racismo, racismo; à xenofobia; aos défices de integração dos migrantes e por aí fora. Os problemas que estão na base do tal desconcerto e descontentamento, são pelo Papa identificados pelos nomes próprios que têm e com isso é feito o diagnostico. Porque os problemas como sabemos não têm uma natureza própria, eles podem ser designados de uma maneira, o desemprego pode ser visto como um problema cujas causas radica na preguiça das pessoas que não querem trabalhar ou como um problema que tem que ver com a estrutura económica de determinados países que se preocupam mais ou menos com a promoção do emprego, ou mais ou menos com a promoção económica. E é esta denúncia corajosa, chamando os problemas pelos nomes, associando-os sempre aquilo que o Papa identifica como a causa primeira – que é o desrespeito pelo valor da dignidade humana, eu considero um traço muito, muito importante.

- Depois é a afirmação da liderança política a nível global que foi talvez a minha primeira impressão mais forte. Ver o Papa assumir-se como um líder político, não apenas um líder religioso, mas um líder político, interpelando todos. Interpela os católicos, os não católicos, os empresários, os políticos, os governantes, os organismos internacionais— já repeti isto, e isto é, faz um apelo não apenas à consciência individual, mas coletiva – na construção da solidariedade – a que chama de amor fraterno, e com um apelo à ação. Não é apenas um apelo à consciência à tomada de conhecimento de consciência dos problemas, é mesmo um apelo à ação e esse é talvez o quarto traço que eu encontro nesta Encíclica, que é a orientação programática. Apesar de ser apenas uma voz, sem meios de ação – não é suposto que o Papa tenha meios de ação, mas a sua voz ergue-se apelando e propondo uma orientação programática para a construção da tal solidariedade ou fraternidade. Vai muito para além da construção dos problemas, vai muito para além da identificação das causas desses problemas: ele apela a uma mudança, ele apela a que sejamos proativos na transformação da situação que somos dados a observar.

E são muitos os tópicos que eu poderia aqui apontar, que retive para mim, como são justamente os meios que o Papa considera – os meios, a forma, os instrumentos – é muito evidente, por exemplo, quando fala da necessidade de mudar as políticas no que respeita, as políticas de integração, de acolhimento, no que respeita aos imigrantes, é muito claro, diz assim: “os nossos esforços a favor das pessoas migrantes, que chegam, podem resumir-se em quatro verbos, em quatro verbos! Acolher, proteger, promover e integrar.”

Isto é todo um programa de ação, isto não é apenas uma voz que declama, isto é uma voz que apela à intervenção e à ação. E diz, com efeito: “não se trata de impor algo de programas existências, mas de percorrer unidos um caminho, através destas quatro ações, para construir cidades e países que, mesmo conservando as respetivas identidades culturais e religiosas, estejam abertos às diferenças” e dá exemplos concretos: “isto implica algumas respostas indispensáveis, sobretudo, em benefício daqueles que fogem de graves crises humanitárias, por exemplo: incrementar e simplificar a concessão de vistos, adotar programas de patrocínio privado e humanitário. Abrir corredores humanitários para refugiados mais vulneráveis. Oferecer um alojamento adequado e decente; garantir a segurança pessoal e o acesso aos serviços essenciais; assegurar uma adequada assistência consular. O direito a manter sempre

consigo os documentos pessoais e de identidade; um acesso imparcial à justiça” – é um programa! É um programa que não existe em muitos dos programas eleitorais ou mesmo dos programas dos governos na maior parte dos países da Europa, e por isso, este traço de orientação programática é um apelo que eu considero absolutamente irresistível.

É impossível não considerar esta Encíclica desse ponto de vista. Há muitos outros pontos programáticos, o ponto que tinha referido anteriormente no que respeita à Organização das Nações Unidas é para mim absolutamente exemplar – e nos últimos meses que temos desenvolvido aqui algum trabalho na organização dos cursos em ação humanitária, tenho compreendido melhor o que é que é, e o que podia ser o papel de alguns destes organismos internacionais – do Bando Mundial aos FMI, e mesmo à Organização das Nações Unidas – quando se percebe, quando se conhece um pouco melhor a sua intervenção no terreno, nos locais onde estão os refugiados, onde acontecem as catástrofes, percebe-se muito bem este apelo que o Papa faz.

E terminava com uma nota final que é no fundo uma reflexão sobre esta relação entre a “palavra” e a “ação”, a importância dos discursos e a importância da intervenção. O Papa percebe muito bem com esta Encíclica, a importância da palavra e a importância dos discursos. Ele tem uma consciência, revela uma consciência da importância dos discursos políticos, mas também da responsabilidade de quem a usa, de quem usa essa palavra, de quem usa a palavra e de quem faz os discursos políticos. Na atividade política, já sabemos, quando não é o uso da força, o uso da palavra, o uso do discurso político é muito importante, e talvez nas atividades religiosas tenha um equivalente semelhante. É muito importante a palavra, sobretudo quando não é suposto existirem os meios de ação para a promoção da transformação. E, portanto, a centralidade da palavra é relevante no caso da atividade política, é relevante na atividade religiosa, não tem a mesma relevância em muitas outras áreas da atividade humana, da ciência, mesmo na atividade comercial, industrial, mesmo quando a palavra e o saber, os saberes são importantes, a palavra não tem a mesma centralidade que tem nas atividades políticas. E muitas vezes as palavras refletem as relações de força, refletem relações de poder, refletem sobretudo ideias, mensagens e promessas, mas têm como objetivo convencer – têm sempre. Acho que na atividade religiosa, como na atividade política, o objetivo é convencer, convencer o outro.

Se não queremos fazer política de outra maneira, pela força diria, é pela palavra – que é o instrumento essencial. Convencer seja para a guerra, seja para a paz, convencer para incluir ou para excluir; convencer para mobilizar ou para paralisar, gerando o medo; convencer para negociar ou para ameaçar; convencer para lançar uma reforma ou uma nova visão do mundo, ou uma nova visão dos problemas e, por isso, os discursos podem ser muito, muito importantes na indução das mudanças. Não serão suficientes, mas serão muito importantes. E no final, os discursos permanecem. Às vezes aquilo que nos resta, o rasto histórico que fica, sim os acontecimentos, sim um pouco os protagonistas, mas se houve uso da palavra, a palavra fica, permanece como uma referência. E não é apenas porque se acionaram os truques de comunicação, porque se comunicou bem, não. Elas permanecem na medida em que permanece um conjunto de ideias, uma mensagem forte, um desejo forte de mudança ou de mudança pelo convencimento ou pela mobilização daqueles a quem a mensagem se dirige. E, por isso, penso que o Papa tem muita consciência do poder da palavra nesta mobilização para induzir uma mudança – não é apenas uma declamação do seu estado de alma e da sua indignação do seu estado do mundo, é muito, muito mais do que isso. E é talvez essa a dimensão que eu mais valorizo que é ele ser um apelo a todos, a que nos não descartemos (que é também um verbo muito utilizado, o descartar) das nossas responsabilidades nesta matéria.

Já falei muito, não quero ocupar mais tempo, era o que eu tinha para dizer neste momento. Muito obrigada pela vossa atenção.

José Manuel Pereira de Almeida (moderador): Muito obrigado, professora Maria de Lurdes Rodrigues, pela luminosidade da sua intervenção. Eu poderia agora querer assim atabalhoadamente fazer um resumo, para quê? Já passou claramente para o Cardeal Tolentino, ao sublinhar a “centralidade da Palavra”.

Ele é um mestre e um discípulo da Palavra e por isso, ao Cardeal Tolentino, que bem conhecemos, vice-reitor da Universidade Católica, já com a última etapa com a Professora Isabel Capelo Gil, o Papa Francisco chamou-o a Roma, para o cargo de Bibliotecário e Arquivista da Santa Sé, e depois fê-lo Cardeal no penúltimo Consistório.

Eu ia dizer no último, já não é verdade. Isto dos Cardeais já és mais antigo do que outros, que são mais recentes agora. Senhor Cardeal Tolentino, a palavra é sua.

D. José Tolentino de Mendonça: Muito obrigado, queria saudar muito esta iniciativa da Universidade Católica Portuguesa, na pessoa da sua Reitora, a Professora Isabel Capeloa Gil; no seu Vice-Reitor, o Professor José Manuel Pereira de Almeida, a Rita Paiva e Pona, que está a fazer também aqui um trabalho de articulação e todos aqueles que nos seguem através deste Webinar. É uma palavra muito especial, e para dizer-lhe quando para mim é uma honra poder estar aqui a conversar consigo, caríssima Professora Maria de Lurdes Rodrigues e ouvir uma pessoa com a sua sensibilidade, com o seu percurso, confrontar-se com este texto do Papa Francisco. E penso que ouvi-la é perceber o impacto que este texto é chamado a ter na atualidade. Um texto que se pretende exatamente aberto, disponível para ser apropriado, não apenas pelos crentes, pelos católicos, mas por todas as pessoas de boa vontade. E por isso, exatamente alguém que se situa fora do âmbito religioso, é o interlocutor desejável desta Encíclica. Por isso, ouvi-la, durante este tempo, foi verdadeiramente sentir o potencial que este texto tem para colocar as mulheres e os homens a conversar de uma forma muito livre sobre tópicos que são fundamentais para a nossa casa comum e para a nossa vida em comunidade. Este texto, *Fratelli Tutti*, é um texto por um lado que se situa em continuidade no Pontificado do Papa Francisco. É a sua segunda Encíclica. A primeiríssima, ele escreveu a quatro mãos com o Papa Bento, ele escreveu no fundo duas Encíclicas: a *Laudato Si*, há 5 anos atrás e esta agora, *Fratelli Tutti*.

E são duas Encíclicas Sociais, de maneira que isso, que a senhora Reitora sublinhou muito bem, da dimensão política desta palavra, é uma dimensão deliberada, porque no fundo é a tentativa de despertar um diálogo sobre a nossa sociedade e fazê-lo com uma franqueza de quem chama as coisas pelos nomes, de quem não cede à facilidade de encontrar uma visão falsamente consensual, mas ao mesmo tempo, de quem arrisca no espaço comum que é este mundo global, ajudar a fazer contas com o presente e com o futuro.

De maneira que esta Encíclica está verdadeiramente em continuidade com o Pontificado do Papa Francisco, e não é por acaso que ele a chama assim: “*Fratelli Tutti*”, recuperando uma expressão de S. Francisco de Assis, que nós sabemos que é uma inspiração espiritual para o

Papa Francisco. Mas também é mais do que isso. Não é por acaso que o Francisco de Assis é, possivelmente, um dos Santos da tradição Católica que é capaz de falar a todos: crentes e não crentes; precisamente pela posição de reformismo social e de uma nova visão, muito mais integradora da realidade, inclusive do ponto de vista da ecologia e das relações ambientais e das relações das religiões entre si e com o mundo dos pobres, que penso que S. Francisco de Assis prefigura. E quando o Papa, de novo, vai buscar essa figura, não é apenas para incensá-la, mas para recolher aí uma fonte de inspiração que nos faz como que entrar dentro de um sobressalto. O mundo precisa de uma nova visão.

E, de maneira que, desde o início do pontificado do Papa Francisco, a questão da fraternidade e da amizade social é uma questão central. Um elemento muito curioso nesta Encíclica, é precisamente que ele a pensa como um diálogo, por exemplo, com o Grande Imã Ahmmed Al-Tayeb, com quem, em 2019, tinha assinado a grande declaração sobre a Fraternidade Universal, juntando assim duas grandes religiões: o cristianismo e a tradição muçulmano, em torno, precisamente, a ideia de Fraternidade. De maneira que, a ideia de Fraternidade é um traço central na visão do seu lugar e do seu legado, que o Papa Francisco tem. Ao mesmo tempo, esta Encíclica é nova, porque nós vivemos também tempos novos. Não é por acaso, que o Papa situa a gestação desta Encíclica no contexto desta Pandemia. E a pandemia não é só um acidente de percurso. Esta pandemia é uma aceleração do futuro e vem de encontro àquilo que o Papa tem repetido, que é “nós não vivemos apenas num tempo com mudanças, nós vivemos numa mudança de tempo, nós vivemos numa mudança de época” e, precisamente porque estamos a entrar numa época nova, é como se a modernidade precisasse de fazer contas consigo própria. E quando nós olhamos para o projeto da modernidade, de que todos somos também herdeiros, não crentes e crentes, nós percebemos que da tríade fundadora do igual moderno, a liberdade, a igualdade e a fraternidade, nós percebemos que claramente a liberdade e a igualdade, mesmo que não respeitadas são integradas nos projetos das nossas sociedades, estão inscritas nas nossas constituições, mas de certa forma a modernidade fica incompleta quando aceita que a fraternidade seja um assunto privado. E não um ideal que todos juntos como comunidade temos de perseguir, e é aqui que o Papa Francisco insiste muito, mostrando como é insustentável nos podermos viver em sociedades livres e sociedades igualitárias se não aceitarmos viver em sociedade fraternas. E, no fundo, o diagnóstico com que ele abre a Encíclica e intitula “As Sombras de um Mundo Fechado”,

é um diagnóstico que todos nós podemos constatar. E o que ele faz é sistematizar as impressões que diariamente nós temos acerca deste mundo, um mundo onde o sonho de liberdade e de igualdade, muitas vezes, é feito em pedaços; um mundo onde nos sentimos a voltar para trás, onde alguns fantasmas, algumas ameaças à liberdade, à dignidade da pessoa humana, ao reconhecimento da igualdade fundamental – coisas que nos julgávamos adquiridas nas nossas sociedades, pelo contrário, hoje voltam a ser postas em questão.

Depois, o facto das nossas sociedades, de certa forma, nossas sociedades em grande medida liberais, de certa forma desistiram de construir um projeto para todos. Um projeto social para todos. E aceitamos desigualdades, dissimetrias, aceitamos que há nações de primeira e nações de segunda, que há países descartáveis e, no mundo global de certa forma continua aquilo que George Orwell dizia “nós somos todos iguais, mas há uns mais iguais do que outros”. Porquê? Porque como diz o Papa, e a professora Maria de Lurdes Rodrigues bem sublinhou, é verdade que nós temos a Carta Magna dos Direitos Humanos, mas essa carta não é suficientemente universal.

Os seres humanos hoje do mundo e de um mundo global, não se vêm refletidos nem protegidos naquilo que é hoje a Declaração dos Direitos Humanos Fundamentais, e o Papa dá exemplos concretos, que são exemplo com os quais hoje a Europa e o mundo se debatem, nomeadamente a questão dos refugiados, a questão do emigrantes, a questão dos pobres que são, digamos, muros erguidos àquilo que poderia ser, que deveria ser a vivência dentro de um mundo mais humano, de um mundo mais fraterno.

E aqui o Papa quer de facto dar um contributo importante. Nesta época nova da história, que certamente trará coisas empolgantes à humanidade. E nós vemos por exemplo, nesta pandemia, como esta coisa extraordinária de praticamente em menos de um ano a ciência ter chegado à descoberta de uma vacina, por múltiplos caminhos, quer dizer a potencialidade da ciência, a força da política quando nos unimos para o bem, a força dos povos quando fazem uma política internacional, uma ordem internacional justa é de facto uma coisa verdadeiramente admirável. E a nova ordem social e epocal que está a nascer, sem dúvida, nos deve encontrar esperançosos. Mas ao mesmo tempo há aqui um vazio. Um vazio que vem também com a derrocada das grandes ideologias e de um pragmatismo que entrou em toda a ordem nas nossas sociedades, em como dizia a professora Maria de Lurdes Rodrigues, de facto, nós encontramos mesmo os líderes mundiais melhor intencionados, dificilmente falam para lá dos interesses que representam, dos interesses dos seus próprios países e a

verdade é que falta um pensamento para o mundo. Um pensamento que vá para lá das nossas pequenas fronteiras e que possas ajudar a humanidade a enfrentar os seus grandes desafios que é no fundo o desafio da humanização e o desafio de vivermos nesta casa comum, em que a sensibilidade ao ambiente, ao clima, à relação com as outras criaturas, há um equilíbrio, têm de ser melhor equacionadas.

O Papa sabe que isto não se resolve de um dia para o outro ou com golpes de magia e há uma expressão muito precisa que ele usa em duas passagens, no capítulo sexto e no capítulo sétimo, dedicados ao diálogo. Ele diz: “a paz tem uma dimensão artesanal”. Então, digamos, esta dimensão artesanal da construção da convivência entre os homens é alguma coisa que nos deve comprometer a todos, porque não há propriamente uma solução que de um momento para o outro nos coloque num plano diferente, mas há este esforço repetido, há este compromisso assumido, há esta vontade de diálogo, há este caminho que o Papa descreve como um caminho exigente e longo, mas que pede de nós todos uma vontade de diálogo e de encontro. Aqui, sem dúvida, as religiões têm um papel muito importante, e um dos contributos do Papa Francisco tem sido exatamente mostrar como as religiões estão ao serviço da paz e ao serviço da fraternidade. E aí, desde João Paulo II quando recusou a noção de Guerra Justa, até digamos os grandes momentos da Doutrina Social da Igreja, que o Papa volta aqui a confirmá-los e depois todo o esforço que o Papa tem feito de diálogo com as outras religiões. E, por exemplo, o facto de anunciar agora, estes dias ter anunciado para março próximo uma visita ao Iraque, mostra um desejo muito grande de artesanato, de construir relações concretas de paz, de aproximação. Mas não apenas as religiões. As religiões são parceiras num diálogo mais global e não só o Papa fala de todas as pessoas de boa vontade, mas fala também dos não crentes, e fala dos ateus, dizendo que somos todos juntos. Todos juntos. Que temos, de facto, de encontrar formas de diálogo sobre estes temas que dizem respeito a nós todos. A *Fratelli Tutti* é uma carta de cidadania, porque fala desta cidadania global. A *Laudato Si* era uma carta sobre a casa comum, sobre esta casa que todos habitamos e a *Fratelli Tutti* é uma carta aos habitantes da Terra, aos moradores, aos locatários do planeta que somos todos nós e que precisamos de uma nova visão. O Papa em alguns momentos, de uma forma mobilizadora diz: “precisamos de um sonho, precisamos de um sonho”. E, de facto, há na nossa geração um défice de sonho, de capacidade de sonhar e precisamos, precisamos juntos de construir de uma forma polifónica, porque não pode ser de outra maneira – e isso é bom. Não pode ser de outra maneira e isso é bom, de uma forma

polifónica, de uma forma universal, nos possamos construir a visão de um mundo mais justo, mais fraterno, onde a amizade social e esta vontade de entrar em diálogo por este património que a todos nos pertence, seja de facto uma realidade.

José Manuel Pereira de Almeida (moderador): Muito obrigado, Cardeal Tolentino, a minha proposta é que agora, se a professora Maria de Lurdes quiser reagir rapidamente a alguma destas provocações, se quiser fazer alguma pergunta ao Cardeal Tolentino é uma boa hipótese e depois vice-versa e era o primeiro tempo do debate final neste diálogo, se achassem bem. Espero um sinal da professora Maria de Lurdes.

Maria de Lurdes Rodrigues: Não é uma conversa para trocar impressões. A única questão que eu talvez propusesse que conversámos era: Porquê a palavra “fraternidade” e não a palavra “solidariedade”? O que é que as distingue? Porque o Papa usa a palavra solidariedade. Não tantas vezes como a palavra Fraternidade, mas ela é usada.

A leitura desta Encíclica fez-me lembrar – e voltei um pouco – ao último livro do Tony Judt, sobre aquilo que se chama um Tratado sobre os nossos atuais descontentamentos, porque tem alguma coisa de semelhante. Que é também dedicado aos filhos, às novas gerações, e que também interpela os jovens a uma reflexão sobre aquilo que é a memória, sobre aquilo que foi uma trajetória, os adquiridos, digamos assim, e o que se está a perder. Os descontentamentos que também prevalecem até hoje. Eu sei que há, para muitos académicos e para muitos pensadores e políticos até, uma grande diferença usando a palavra fraternidade ou solidariedade. Fraternidade aponta mais para a condição de irmãos – ainda por cima, sou filha única, nem sequer tenho a vivência, essa experiência de ter tido um irmão verdadeiro natural – mas, interrogo-me sobre se aquilo que é o apelo ao respeito pelo outro, a considerar o outro como um semelhante, vem da condição de irmandade, ou se deve ser cultivada do lado da cidadania. Enfim, não vou dizer mais nada, não sei se o Senhor Cardeal Tolentino...

José Manuel Pereira de Almeida (moderador): Bem, parece-me muito oportuno. Isso. Vamos a isso.

José Tolentino de Mendonça: É de facto um debate muito interessante e, de certa forma, o facto de a Encíclica se intitular sobre a Fraternidade e a Amizade Social, quer dizer que há

um esforço de tornar a categoria de Fraternidade mais ampla, através da outra, a Amizade Social. Mas, por de trás destas categorias está no fundo a experiência, a convicção de que fraternidade não é um determinismo. A Fraternidade é de facto uma escolha, e é uma escolha ética. Mas, eu acredito que esta palavra – e aqui as universidades têm um papel muito importante, porque todos nós sabemos como a linguagem tem os seus limites, toda ela e era muito importante que as universidades trabalhassem este vocabulário e o testassem a partir da contemporaneidade, porque a solidariedade implica um desejo muito grande de introduzir uma prática de colaboração e de assumir uma responsabilidade ética face ao outro, que está muito bem, mas a fraternidade é ainda um discurso mais radical, no sentido em que vai, precisamente ao princípio anterior, quer dizer, mais do que um dever e uma escolha de solidariedade, há como que uma genética social comum que é esta igualdade traduzida na Fraternidade, que nos torna verdadeiramente todos semelhantes, todos vizinhos. Compreendo que haja uma hesitação e um debate e é muito interessante, em relação a estas tipologias “Fraternidade”, “amizade”, “solidariedade”, mas precisamente essa discussão, penso que nos ajuda a perceber uma coisa que a contemporaneidade mostra muito: nós precisamos de novas palavras, nós precisamos de encontrar novas gramáticas para enfrentar um futuro que em grande medida nos é a todos muito desconhecido, que nos é a todos muito novo. E estas novas gramáticas, muitas vezes são a reelaboração daquela linguagem primeira, que todos nós experimentamos antropologicamente. E penso que mesmo os filhos únicos sabem o que é a Fraternidade, não apenas porque a idealizaram, mas porque nos seus amigos, nas grandes escolhas de vida, sabem verdadeiramente o que é a experiência fraterna.

José Manuel Pereira de Almeida (moderador): Entretanto, a Rita vai recolher alguma outra pergunta que nos possa chegar de um dos participantes. Eu atrevia-me a acrescentar que, de facto, a solidariedade tem, no decorrer da Doutrina Social da Igreja, uma entrada relativamente tardia porque ela foi contraposta primeiro que tudo à caridade e é João Paulo II, com a vinda da Polónia e dessa tradição, que introduz e apresenta a solidariedade como virtude. Virtude até nos sentidos clássicos de virtude, na solicitude, Reis clássico 38 diz que não é um sentimento vago e superficial, mas a vontade firme e determinante de contribuir para o bem comum, porque todos somos responsáveis por todos e cita um autor, sem o dizer, como era. E depois liga logo a seguir à solidariedade, ou seja, a solidariedade vive-se na

fraternidade, porque todos somos efetivamente irmãos. Isso é da nossa tradição cristã, de uma forma clara.

ANEXO B: Webinar - Curso “Caminhos Cruzados” – Fratelli Tutti - sessão com o Cardeal José Tolentino de Mendonça | 11 janeiro 2021

Dou as boas vindas a todos vós, e a todas, desejando uma boa tarde a esta edição, a sexta do nosso curso Filosofia, Literatura e Espiritualidade.

Saúdo, em primeiro lugar, o nosso Cardeal José Tolentino de Mendonça, que a partir de Roma, nos honra em abrir a presente edição do curso, partilhando connosco a sua reflexão sobre a recente Encíclica do Papa, *Fratelli Tutti*. Muito obrigado, Cardeal Tolentino, pela sua disponibilidade e generosidade.

Escreve Alberto Manguel, na sua obra *Uma História da Leitura*: “É o leitor que dá sentido. Todos nós lemo-nos a nós mesmos e lemos o mundo que nos envolve, a fim de perceber o que nós somos e onde nos encontramos. Lemos para compreender ou para começar a compreender. Não podemos se não ler. Ler quase como respirar é a nossa função essencial.” Com a presente edição, este ano, do curso Filosofia, Literatura e Espiritualidade transgredimos fronteiras, atravessamos territórios, desconfinamos saberes e procuramos encontrar pontos de convergência e de aliança. Escreveu Immanuel Kant: “A intuição sem o conceito é cega, e o conceito sem a intuição é vazio. A racionalidade filosófica sem a experiência interior, sem a espiritualidade, é vazia e a espiritualidade sem a racionalidade é cega. O rigor do conceito não se opõe à imaginação da ficção nem à metáfora poética. Se a experiência espiritual é a procura de uma unidade de vida, podemos afirmar que toda a filosofia e também toda a literatura, é uma aventura espiritual.”. Escreveu o teólogo belga, Adolphe Gesché, que transgrediu as fronteiras entre a filosofia, a literatura e a teologia, cito: “A leitura do homem que a literatura nos dá pode parecer por vezes, ou mesmo frequentemente, mais rica do que a leitura filosófica ou fenomenológica. Na aventura da leitura de uma obra compreendemo-nos a nos mesmo lendo, interpretamos o enigma da condição humana e o enigma de nós mesmos. A leitura é uma aventura espiritual, um dilatar da consciência de si, da nossa consciência humana comum, e nos tempos atuais um ato de resistência política à banalidade quotidiana acelerada e ao triunfo fanático de uma alucinação coletiva.”

E aqui estamos, unidos, com esse propósito. A pandemia tem afetado profundamente a vida cultural, todos o sabemos: livrarias, bibliotecas, museus, teatros, salas de concertos, foram encerrados. Ficamos mais pobres e mais solitários, mas este empobrecimento e este silêncio

solitário, esta suspensão dos laços e de pertença e de identidade, pode ter, assim o esperamos, a sua fecundidade criativa.

Quantos ensaios, quanta criação literária, artística, musical, não está a brotar do presente caos deste doloroso gemido de toda a humanidade. Se a cultura é uma das grandes vítimas da pandemia, acreditamos que será também pela cultura que nascerá a humanidade do futuro, que, entretanto, já começa a germinar. O confinamento em março do ano passado obrigou-nos a todos a nos recolhermos em nossas casas. O nosso curso de 2020 não passou da quarta sessão. No presente, perante a incerteza e agora o anúncio previsível de um novo confinamento, seguimos ponderando arriscar e inovar. Vamos percorrer caminhos desconhecidos. Inovar organizando o curso este ano por esta via, num formato à distância, que para muitos de nos já se tornou familiar – odioso até – e que para muitos pode ser a primeira vez.

Perdemos em presença concreta, na alegria partilhada corpo-a-corpo na Capela do Rato. Não nos é possível uma assembleia compacta, mas, todavia, aqui estamos para uma aventura comum. Ficamos surpreendidos com o grande número de inscrições que continuavam até há pouco a aparecer. Exigiu de algumas pessoas um serviço intenso, stressante até de secretaria e de resposta. Repito, vamos percorrer um caminho inédito. Pedimos a vossa compreensão e benevolência para eventuais disfuncionamentos, falhas e imprevistos. O que perdemos em presença ao vivo, estamos a ganhar em alargamento público, mas isto também tem os seus inconvenientes e as suas possibilidades dissonantes.

Temos gente connosco de todo o país, do Norte ao Sul, passando pelas ilhas e pelo estrangeiro. A Capela do Rato alarga-se para além do seu espaço físico.

Este curso tem sido possível graças à eficácia organizativa, a rede de contactos, de amizades pessoais, da professora Doutora Luísa Ribeiro Ferreira, catedrática jubilar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi incansável in sondar as possibilidades dos conferencistas, ao ritmo das soluções que, entretanto, iam aparecendo, e foram várias as hipóteses. O seu património de conhecimento, de contactos de relações pessoais, é colocado ao serviço de toda a comunidade do rato e através desta via alargado a um vasto público. Obrigado, querida Luísa.

Agradeço também reconhecido a generosidade de cada um e de cada uma das conferencistas que aceitou fazer dom do seu tempo e do seu saber, na partilha das catorze sessões que vão, entretanto, acontecer.

Desejo a todos vós uma fecunda viagem, no cruzamento de livros, autores e conferencistas.
Dou a palavra à Professora Doutora Luísa Ribeiro Ferreira.

Luísa Ribeiro Ferreira: Boa noite a todos e a todas, é com grande alegria que apresento este curso caminhos cruzados: Filosofia, Literatura e Espiritualidade.

...

Muito obrigada

D. José Tolentino de Mendonça: Muito boa noite, queria saudar na pessoa do Pe António Martins e da professora Luísa Ferreira e de toda a equipa, queria saudar esta comunidade de leitores que se reúne para o sexto curso de filosofia, literatura e espiritualidade. Estar perante uma comunidade de leitores é um grande, é uma experiência de esperança em concreto, porque os leitores mantêm ativa a curiosidade a capacidade crítica de entenderem o mundo e de se entenderem a si mesmos e de procurar novos horizontes de confronto e isso e alguma coisa de que o nosso mundo muito precisa. Por isso, é com enorme alegria que estou aqui convosco nesta forma nova que a pandemia ajudou a tornar mais desinibida que é na distância encontrarmos formas de proximidade e de relação.

A mim cabe-me apresentar um livro singular, uma Encíclica, esta *Fratelli Tutti*, que no oitavo ano da sua nomeação, o Papa Francisco publicou, ou acaba de publicar e que é um texto, podemos dizer, de síntese. É um texto onde, de uma forma, madura, mas muito reconhecível, nos podemos compreender a visão, o legado, o projeto que o Papa Francisco oferece ao nosso tempo e aquele que virá. De facto. A fraternidade é uma palavra, uma ideia, uma experiência, um desafio que acompanha o Pontificado do Papa Bergoglio, desde o primeiro momento. Porque mesmo no discurso inaugural, no balcão da fachada da basílica de S. Pedro, falando da relação entre o bispo de Roma e o povo cristão, o Papa expressou como um caminho de fraternidade, e disse estas palavras: “rezamos uns pelos outros, rezemos pelo mundo, para que o mundo seja uma grande fraternidade”. Então, esta intuição da fraternidade, nós podemos encontra-la no primeiríssimo discurso do Papa Francisco e podemos encontra-la agora sistematizada nesta Encíclica, *Fratelli Tutti*. Uma palavra de aviso à navegação, em relação ao que é uma Encíclica, porque num curso de Filosofia, Literatura, pode parecer um objeto excêntrico uma Encíclica, porque não tem, pensamos nós, o estatuto filosófico e literário das outras obras que serão estudadas. E, com tudo, o poder

documental e o poder expressivo de uma visão. O transporte que um texto desta natureza faz de uma visão generosa, ousada, larga, também nos diz alguma coisa do que é o contributo, que as ideias, que o pensamento, que a palavra. Dos corações, das mentalidades, dos contextos das sociedades. Recordo-me de uma tira da banda desenhada do Quino, aquele autor Argentino, por sinal, de textos desta natureza, é serem textos muito aplaudidos, textos recebidos com a reverência com que as palavras de um Papa normalmente são recebidas, mas que verdadeiramente depois nos como que os desmontamos na prática, porque não o consideramos um desafio concreto, um desafio realizável.

Ora, penso que a melhor receção à Encíclica *Fratelli Tutti*, é olhá-lo como um texto que vem precisamente de encontro a este momento que nos vivemos e que é um texto para ser debatido, é um texto para ser acolhido na diversidade dos pontos de vista, para ser lido, para ser assim como nós estamos a fazer, comunitariamente estudado e, depois, para que cada um de nós possa encontrar uma verdadeira síntese.

Esta Encíclica pertence ao subgénero das Encíclicas, que é as chamadas Encíclicas sociais, que o Papa Leão XIII em 1991 inaugurou com um texto histórico do cristianismo moderno que é a Encíclica *Rerum Novarum*. E, depois, todos os papas do século XX escreveram Encíclicas Sociais: o Papa João XXIII escreveu duas; o Papa Paulo VI escreveu duas; o Papa João Paulo II escreveu três e o Papa Francisco, agora, esta é a sua segunda Encíclica Social. Porque é que nós distinguimos as Encíclicas Sociais das Encíclicas mais dogmáticas? Porque as Encíclicas Sociais dialogam diretamente com as problemáticas que afligem de uma forma concreta as sociedades e revisitam a partir do presente as grandes temáticas da doutrina social da igreja e, e em muitos casos, atualizando, ampliando as fronteiras dessa doutrina social, nomeadamente os temas clássicos da doutrina social da igreja, os direitos da pessoa humana, a cidadania, a reflexão sobre o bem comum, sobre o trabalho humano, a crítica aos modelos de desenvolvimento, a reflexão sobre a destinação universal dos bens, a reflexão acerca da propriedade a construção da justiça e da paz e depois os fenómenos que em cada tempo se vão mantendo ou intensificando, como as migrações, a regulação económica, o papel da política, a condenação do racismo, o papel sobre o avanço tecnológico que a Igreja vem fazendo desde os anos 60, as questões da ecologia - que talvez na *Laudato Si* encontraram o seu momento mais importante e sistemático de reflexão, os desafios que esta sociedade da informação e do digital nos colocam. De maneira que, esta é uma Encíclica Social e é uma Encíclica que o Papa assumidamente quer que seja compreendida como um diálogo, como

uma conversa. Não é um monólogo do Papa a dizer as suas ideias, mas verdadeiramente é um diálogo. Ele pensou já assim o texto que escreveu há 5 anos, a Encíclica *Laudato Si*, que nesse momento foi tudo num diálogo muito grande com o Patriarca Bartolomeu que se tem dedicado muito às questões da ecologia e para a Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa pensou-a como uma continuação e um alargamento do diálogo com o Grande Imã Ahmmed Al-Tayeb, com o qual em fevereiro de 2019, em Abu Dabi, assinou o Grande Documento sobre a Fraternidade Universal. De maneira que a Fraternidade não é uma ideia nova no percurso do Papa Francisco e nem é uma ideia solitária porque ele tem feito, em termos da diplomacia vaticana, mas também das grandes propostas do seu pontificado, tem feito da fraternidade um tópico central da proposta que ele vem fazer. É por isso, um texto tecido de muitos diálogos, autores, uns previsíveis outros mais imprevisíveis desde o S. Francisco de Assis ou Charles de Foucauld, mas também cristãos não católicos como Martin Luther King, Mahatma Gandhi, como Desmond Tutu ou então de outras tradições religiosas como Mahatma Gandhi. É um texto que o Papa Francisco deseja que seja aberto a todas as pessoas de boa vontade. Algumas Encíclicas que são antes de tudo dirigidas aos bispos ou as pessoas católicas, esta Encíclica tem uma natureza mais vasta e pretende, de facto, chegar a todos. O título, e é alguma coisa importante também como chave para entender as linhas místicas do pontificado do Papa Francisco, o título é uma herança de Francisco de Assis que no relato que faz S. Boaventura, ele chama todas as criaturas, por mínimas que fossem, seres humanos ou as outras criaturas que nos acompanham nesta aventura comum no planeta, chamava-as de “irmãs” e de “irmãos”. E é ao Santo do amor fraterno, S. Francisco de Assis, que o Papa Francisco vai buscar inspiração para escrever esta Encíclica, que ele quis assinar precisamente junto do túmulo do *poverello* de Assis, deste Santo Universal, muito transfronteiriço, como é Francisco de Assis; ele quis assinar precisamente junto do túmulo de S. Francisco a Encíclica para, assumidamente, fazer depender esse texto desta espécie de linhagem espiritual. E quis fazê-lo também no momento específico das comemorações dos oitocentos anos de um episódio da vida de S. Francisco de Assis que foi quando decorria, em 1219 a quinta cruzada, S. Francisco de Assis, quis fazer, de uma forma inesperada uma peregrinação da paz, indo ao Encontro do Sultão do Egipto. E o diálogo e o encontro afetuoso que ele teve com o Sultão, aparentemente não alterou a história daquela época, mas como que construiu uma imagem. E o poder das ideias e também o poder da espiritualidade é essa construção, muitas vezes de uma imagem que é capaz de operar uma grande transformação

e de, de repente nos projetar num futuro muito diferente. Esse abraço entre um católico e um sultão há oitocentos anos atrás, diz Francisco, é uma das imagens que o acompanhou também na elaboração desta Encíclica, que tem, digamos, um forte componente de desejo. É um texto desidrante. Não é simplesmente um documento sobre a atualidade, ou sobre a doutrina, mas é verdadeiramente uma espécie de corpo de fogo atirado mais longe, de um bólido espiritual lançado ao presente e ao futuro e que, nas palavras do Papa Francisco é um novo sonho de fraternidade e amizade social que ele deseja muito que não se limite as palavras, mas que possa ser acolhido verdadeiramente por todos. O texto foi elaborado no contexto também desta pandemia. Quando o Papa estava a redigir este texto e rompeu de forma inesperada a Pandemia do Covid 19, que como ele diz “deixou a descoberto as nossas falsas seguranças” e, digamos, era impossível escrever este texto isolando-o da conjuntura

do presente. E então, o Papa de uma forma porosa deixou que as questões trazidas pela pandemia, que de certa forma comportam uma aceleração do futuro, comportam uma nova encruzilhada da história, um novo momento epocal, que essas questões pudessem aparecer no texto que ele estava a escrever. E isso é muito curioso, porque muitas vezes pensamos que a literatura e a filosofia são escritas contra a realidade, ou negando a realidade. É fascinante ver, digamos, na elaboração mental deste texto, com ele é feito, acolhendo a realidade e em cima do borbulhar contraditório, paradoxal, desta realidade que nós estamos a viver.

A Encíclica tem uma construção interessante na sua arquitetura, é composta por oito capítulos, introduz-nos o interior de uma viagem, mas esses oito capítulos não são em si completamente distintos, porque há uma espécie de vaivém do pensamento, das palavras das mensagens. Eu diria que é numa arquitetura aparentemente linear, é, porém, uma espécie de construção em espiral – aquela que nós podemos constatar na *Fratelli Tutti*. A minha intenção é percorrer estes oito capítulos, chamando de forma sucinta a atenção para algumas das ideias, das propostas chaves que o Papa Francisco faz em cada um dos capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “As Sombras do Mundo Fechado” é uma espécie de diagnóstico do presente. O Papa parte, de facto, de uma leitura da realidade. E não de uma leitura romântica ou cor de rosa do que estamos a viver, mas de uma leitura sensível às dificuldades que o desenvolvimento da fraternidade universal encontra no presente. Este primeiro capítulo não diz nada que nós não saibamos, mas de uma forma articulada dá-nos um diagnóstico que é como um murro no estômago, porque é também a possibilidade de

tomarmos consciência do difícil presente em que nós vivemos e da responsabilidade que significa habitar este momento histórico preciso. O Papa descreve o momento presente e não apenas, digamos, o momento pandémico, o momento pré-pandemia era também assim, como um momento em que a história dá sinais de regressão. Em vez de avançarmos e termos uma atitude propositiva, projetual, positiva, otimista em relação à história. Pelo contrário, o nosso presente parece um lugar, repentinamente anacrónico, onde os conflitos, as questões, as lutas, os debates, que nós pensávamos já resolvidos, de novo se reacendem. Pelos discursos dos nacionalismos fechados, de novas formas de egoísmo, de acentuações identitárias que funcionam sobretudo numa contraposição e numa defesa acirrada dos próprios interesses, na legitimação de uma grande indiferença. Indiferença que nos faz com que perder o sentido social. E algumas conquistas, que lutas de gerações passadas, nós pensávamos que eram adquiridas, hoje percebemos que temos de trilhar de novo esse caminho.

Há um domínio, como denuncia o Papa, da economia e das finanças que como que lideram a visão predominante da realidade. E como pessoas nos vemos a dimensão comunitária a esboroar-se, a dimensão comunitária cada vez mais ameaçada e sentimo-nos mais sozinhos neste mundo massificado que privilegia os interesses individuais. É um mundo que de repente perdeu a sua densidade, é como se nós fôssemos habitantes de uma amnésia histórica, como se nos tivéssemos esquecido do que foi a história, do que foram as grandes batalhas pelos direitos humanos, pelos direitos dos trabalhadores, as grandes, os grandes e sofridos caminhos a favor da paz, a favor de uma cultura do diálogo, do respeito mútuo e, de repente de uma forma muito exasperada, exacerbada, polarizada, nós voltássemos ao ponto zero, aceitando na nossa distração ou indiferença, aceitando coisas inaceitáveis, e o Papa enumera algumas, por exemplo: “que partes da humanidade pareçam sacrificáveis, que os velhos possam ficar para trás, que os jovens não tenham lugar nesta sociedade, que o desemprego atinja as proporções que atinge ou que as margens da pobreza possa conviver de uma forma aparentemente insensível com expressões de riqueza, sem que haja uma contaminação em termos de justiça.

Por outro lado, os direitos humanos, diz o Papa, não parecem hoje suficientemente universais. São válidos para quem os reconhece e para quem os pode viver. De certa forma ainda não têm validade, aquela validade universal que nós desejamos. Nomeadamente, por exemplo, e o Papa refere essa questão, com clareza, perceber que as mulheres e a participação das mulheres têm exatamente a mesma dignidade daquela, da dos homens. “Nós

vivemos um tempo”, diz o Papa, “em que nos falta um rumo comum”, sentirmos que vivemos numa casa comum, pertencemos à mesma humanidade e precisamos de um discurso, de uma narrativa, de um projeto onde, verdadeiramente, caibamos todos. A experiência desta tragédia global que é a pandemia da Covid 19, deu-nos a consciência da nossa vulnerabilidade e como lembrou o Papa naquele seu discurso último, de Março, e que aparece transcrito na Encíclica *Fratelli Tutti*, ali percebemos que estamos todos na mesma barca e que ninguém se salva sozinho e que só juntos podemos salvar-nos e que ao mesmo tempo, esta vulnerabilidade enorme que as nossas sociedades vivem é como que a possibilidade de percebermos as outras patologias, as outras vulnerabilidades que estavam escondidas numa ideologia de garantismo, onde parecia que estava tudo adquirido, onde parecia que tudo era fácil, em que a tecnologia resolveria todas as questões e a liberdade de mercado era suficiente para garantir tudo. Como dizia o Papa, “alimentamo-nos com sonhos de esplendor e grandeza e acabamos por comer distração, fechamento e solidão. Empanturramo-nos de conexões e perdemos o gosto da fraternidade. Buscamos o resultado rápido e seguro e encontramos-nos oprimidos pela impaciência e a ansiedade, prisioneiro da virtualidade, perdemos o gosto e o sabor da realidade. A pandemia e este desastre mundial em que nós estamos mergulhados, nós temos de vê-la também como uma oportunidade também para encarar a realidade e aqui o Papa cita um verso do poeta Virgílio, que ele cita diversas vezes e que diz que: “as peripécias dos mortais confrangem a alma e fazem chorar as coisas e trazem lágrimas às coisas”. De facto, os modelos de desenvolvimento, os modelos de mundo, da sociedade, que nós construímos, de certa forma mostram a sua fragilidade neste momento, que temos de aproveitar como um momento de transformação, porque “a tentação do salve-se quem puder vai-nos levar”, diz o Papa, “a um caminho de autodestruição, em que estaremos todos contra todos” A última palavra deste diagnóstico é uma palavra de esperança, e o Papa diz que tendo consciência profunda de todas estas dificuldades e a morfologia do presente, todos nós a acompanhamos, pudemos olhá-la, tocá-la de perto, mas o Papa diz: “não basta, não basta este realismo pessimista em relação ao presente. Deus continua a lançar sementes de bem na humanidade e mesmo a recente pandemia tem mostrado como tantos e como as nossas sociedades no fundo têm sido capazes de valorizar a vida, uma cultura do cuidado, uma cultura do serviço, compreendendo que ninguém se salva sozinho”. Partindo deste diagnóstico, nós começamos propriamente a viagem. E a viagem, o Papa começa lendo um texto Bíblico. Quem está habituado à filosofia

e à literatura e aos textos de espiritualidade, sabe como esses textos têm uma natureza ideológica, não partem do nada, mas são uma espécie de conversa, de revisitação de outros textos. E o Papa vai buscar um texto do Evangelho de S. Lucas, uma das Parábolas que Jesus contou, a parábola do Bom Samaritano, mas curiosamente, vai partir dela para ajudar-nos a pensar um novo modelo social. O Bom Samaritano na *Fratelli Tutti*, não é apenas, digamos, o exemplo do que ser um crente, do que deve ser um ouvinte do texto evangélico, mas é também, digamos, um modelo de ordem política, social e civil, mostrando o que podem ser as relações entre os homens. Nós conhecemos todos a parábola do Bom Samaritano. É muito curioso o método que o Papa utiliza, porque é um método que faz o leitor identificar-se com cada uma das personagens que integram essa parábola, porque o Papa recorda que essa parábola nasce de uma pergunta, de uma pergunta que alguém faz a Jesus: Quem é o meu próximo? E a própria parábola é uma resposta, sem responder, é uma resposta. O meu próximo é aquele de quem eu me faço próximo. Mas para nos tornarmos próximos uns dos outros, sejamos realistas: há um longo caminho a fazer. A fraternidade, no fundo é essa a conclusão que o Papa nos quer fazer chegar, a fraternidade não é um automatismo, a fraternidade não é uma inevitabilidade da nossa espécie, a fraternidade não é simplesmente ouvir o arquétipo da nossa natureza, a fraternidade é uma construção ética, a fraternidade a é uma decisão. E, muitas vezes, para assumir a fraternidade eu tenho de transgredir a linha de fronteira, tenho de ir além da minha cultura e da história para acolher verdadeiramente o outro com irmão. Mas aquilo que Jesus diz no final da parábola e essa é, digamos, a pragmática que Jesus conta, é “vai e faz tu o mesmo”. O Papa neste capítulo elabora uma espécie de “*mea culpa*”, em relação ao papel do cristianismo na história e diz que em relação à igreja católica por exemplo, é triste, ele diz “deixa-me triste perceber que a Igreja demorou tanto tempo a condenar energeticamente a escravatura e tantas outras formas de violência. E que hoje nós não temos desculpas para continuarmos dentro de lógicas de violência, de xenofobia ou de desprezo pelos outros seres humanos”. O Papa diz, “nós não temos desculpa e a nossa fé, de modo algum nos autoriza a esse tipo de posicionamentos. Pelo contrário, nós temos de ler o texto evangélico”, diz o Papa “com um vivo, com um profundo sentido crítico e compreendermos que a espiritualidade tem necessariamente um sentido social”. Porque aquela divisão entre a caridade ou o cristianismo social e a mística e a oração essa divisão no fundo não faz sentido porque a verdadeira espiritualidade cristã expressa-se sempre numa

conceção fraterna da existência e num compromisso social com a nossa vida, colhendo sim da fé as motivações para acolher a amar a todos.

O terceiro capítulo é um capítulo nesta linha muito desafiador. O Papa que começou por fazer o “*mea culpa*” no segundo capítulo, vai desafiar-nos e é esse o título do terceiro capítulo a “Pensar e a Gerar um Mundo Aberto”. E isso só é possível se nós formos mais além, mais além até, digamos, experiências absolutamente legítimas e necessárias, como a experiência da minha própria família, a experiência do meu grupo, mas eu tenho de ir além. Porque se a minha vida se esgota, se o meu amor, se o meu sentido de fraternidade se esgotam no meu pequeno grupo eu não percebi até ao fundo a estrutura espiritual da vida e não compreendi a medida do amor a que somos todos chamados. Porque o amor coloca-nos sempre em tensão para uma comunhão universal. E, aqui, o Papa faz uma reflexão sobre a fraternidade a partir dos outros dois tempos, que de certa forma foram uma bandeira da liberdade, do projeto da modernidade em que nos aparece a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

As nossas sociedades, de certa forma, as nossas sociedades democráticas acolheram, e isso está por exemplo na nossa Carta Constitucional, acolheram a liberdade e a igualdade. Todos nascemos iguais e livres. Mas a fraternidade ficou de fora, como se não se pudesse legislar, como se não pudesse ser operacionalizada como dever, como uma proposta ética concreta a efetivar a praticar nas nossas sociedades, e nesse sentido o Papa diz que o projeto da modernidade persistirá como um projeto incompleto e em grande medida abstrato se nós continuarmos a insistir na liberdade e igualdade, sem termos em conta a urgência de construir a fraternidade. Porque é a fraternidade que dá, concreteza, que dá uma propriedade prática à própria liberdade e igualdade. E aqui, o Papa vai aos detalhes concretos, revisitando alguns dos temas tradicionais da doutrina social da igreja, recorda-nos e sublinhando-os. Por exemplo, neste terceiro capítulo poderão encontrar uma reflexão do Papa sobre a função social da propriedade. Sobre a propriedade e sobre a legítima propriedade privada que é uma coisa que vem desde os primeiros autores cristãos e que, por exemplo, o Papa João Paulo II insistiu muito nisso. Sobre a propriedade recai uma espécie de hipoteca social que nos obriga a perceber que os nossos próprios bens, individuais, é chamado a contribuir para a construção da justiça da paz, ao combate das assimetrias no interior das nossas sociedades. “Trata-se de encontrar”, diz o Papa, com a fraternidade, trata-se de encontrar uma nova lógica, uma nova lógica”. A fraternidade é uma nova maneira de ver o mundo. “Se não”, diz o Papa, “as minha

palavras serão vistas como um devaneio, um romantismo, e se não forem situadas no plano de uma reflexão prática e possível”.

O quarto capítulo continua, de facto, esta grande abertura porque a fraternidade não é uma reflexão sobre as relações familiares, mas sobre as nossas relações inter-humanas. Como é que eu tenho de olhar para um desconhecido como um irmão. E aqui, o quarto capítulo, um coração aberto ao mundo inteiro é, de facto, não ficar pela abstração, mas tornar a verdade da fraternidade encarnada e concreta nos desafios do momento presente.

Neste quarto capítulo, por exemplo, o Papa desenvolve longamente a questão da figura do migrante. Que na contemporaneidade tem uma presença crítica, social, muito premente, mas de certa forma, é uma figura, é uma figura de todos os tempos. Se pensarmos que Abraão, o pai de todos os crentes, é um imigrante, é um nómada que faz esse itinerário que os imigrantes de todos os tempos repetem-se. De certa forma, a Bíblia está cheia de emigrações. E o tempo presente obriga-nos a pensar, a migração e a relação com a pessoa migrante a partir da chave da fraternidade. Ora, isso implica o quê? Isso implica olhar para o migrante, para o refugiado, não de uma forma unívoca, como de alguém que tem ou não tem direito, ou uma assistência, ou nem tem direito a estar no território de um determinado país, de uma determinada cultura, mas percebermos que a cultura, a civilização, a espiritualidade só se sedimentam verdadeiramente no encontro entre pessoas e culturas, e que a migração não é a história de uns estranhos estrangeiros que vêm à procura de novas oportunidades, mas é também as sociedades aonde eles aportam quem neles encontram novas oportunidades, novas histórias, novas culturas, novas mundividências que devem ser contextualizadas como um intercâmbio fecundo, que não nos autoriza a olhar para os migrantes e refugiados como usurpadores inúteis ou perigosos, mas para percebê-los a partir da lógica da fraternidade. E aqui o Papa lança um desafio concreto às nossas sociedades, nomeadamente sociedade europeias de trabalharmos, refletirmos sobre o conceito de cidadania, que é um conceito muitas vezes demasiado restritivo, quando nós não podemos separar completamente o conceito de cidadania do conceito de humanidade. E isso, de facto, é uma reflexão de futuro que as nossas sociedades têm de fazer.

Essa reflexão, em grande medida, é uma reflexão política e é uma reflexão do presente, da hora presente e no quinto capítulo, precisamente, o Papa ocupa-o a pensar a política. A pensar uma política adjetivada que ele chama “A Política Melhor”, isto é, “A política

colocada ao serviço do verdadeiro bem comum”. E, de novo, como é próprio das encíclicas sociais, o Papa, digamos, tenta dialogar com o presente fazendo algumas acentuações a partir do diagnóstico contemporâneo e, nomeadamente o Papa tem uma visão crítica em relação aos populismos e aos neoliberalismos exacerbados que pensam que o mercado aberto é suficiente para regular todas as assimetrias sociais, e o Papa desafia os atores políticos, no fundo, a reencontrarem a nobreza da atividade política como a grande expressão do amor comum. Um político deve estar apaixonado pelo bem comum e pela ideia de comunidade. “Um governante”, diz o Papa, “tem de olhar para o futuro, não pode simplesmente viver da agenda do imediato, da aparência, do marketing, das diferentes formas de maquilhagem mediática, mas tem de governar para um futuro que provavelmente ele não verá, mas que se constituirá o seu verdadeiro contributo. Uma política que semeia apenas divisão, inimizade, ou um ceticismo desolador. Uma política que é incapaz de um projeto comum, inclusivo”, diz o Papa, “é uma política condenada ao fracasso. As grandes perguntas de um político”, diz o Papa, “talvez aquelas mais dolorosas, aquelas perguntas que acabam por julgar a atividade política e pública é quanto amor coloquei no meu trabalho, em que fiz progredir o povo, que marcas deixei na vida da sociedade, que laços reais construí, que forças positivas desencadeei, quanta paz social sociiei, que produzi no lugar que me foi dado. No papel dos agentes políticos, o Papa alarga a uma reflexão, digamos, onde todos estamos incluídos em dois capítulos, o sexto e o oitavo, onde fala desta dinâmica de compromisso, que são gerativas. São geradoras de uma fraternidade efetiva. A primeira, no capítulo sexto é o diálogo e a amizade social. O Papa diz: “para nos encontrarmos serve o diálogo, para redescobrir a força do diálogo”, percebendo e aqui, de facto, sentimos o eco de muito do pensamento do Papa Francisco – percebendo a realidade como um poliedro, de múltiplas fazes, uma unidade rica de matizes, onde o todo é superior às partes. Este é o princípio do diálogo. Perceber que não é a minha razão contra a razão do adversário, ou do outro, mas que o todo é superior às partes. E esta figura do poliedro que aparece a pontuar muito do discurso público do Papa Francisco, diz ele, no número 215: “o poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem-se integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente,” embora, digamos, necessariamente isso implique um trabalho de fundo longo, por isso, o Papa não tem ilusões, ele sabe, sobretudo, com ele diz: “conta abrir processos”. Se calhar nós não vamos conseguir pessoalmente viver a fraternidade universal de forma plena, mas é importante abrir processos, é importante começar sabendo que a

fraternidade é laboriosa e artesanal, artesanal. Isto é, é um trabalho onde a manualidade, a tutilidade da vida está bem presente. E aqui, neste capítulo, o Papa fala talvez de uma coisa surpreendente, mas que é, segundo ele, um traço político fundamental para a construção da fraternidade que é esta espécie de elogio da gentileza. Elogio da gentileza. Elogio da amabilidade, que o Papa Francisco faz. E o que é a gentileza? A gentileza é o reconhecimento do outro, o prazer, como diz o Papa, “de reconhecer o outro, que é o contrário do salve-se quem puder”. Nós vivemos em sociedade com um ritmo em que esbarramos uns nos outros, mas não nos encontramos. Em que nos atropelamos no diálogo, mas verdadeiramente não dialogamos, não entrecruzamos os nossos pensamentos e o Papa diz: “é importante encontrar tempo, energias disponíveis, para se demorar a tratar bem os outros. A fraternidade é também esta gentileza, esta capacidade de tratar bem os outros” e de forma muito simples diz ele, “dizendo com licença, desculpe, dizendo obrigado”. E diz ele, “na paisagem do mundo, o milagre de uma pessoa gentil é um milagre muito necessário”. O milagre de uma pessoa gentil que deixa as suas preocupações e urgências para prestar a tenção, para oferecer um sorriso, para possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença, para facilitar a busca de consensos, para abrir caminhos de paz, onde a exasperação e a polarização parecem destruir as pontes, é uma coisa”, diz o Papa, “muito necessária”.

E o sétimo capítulo que continua esta linha fala do percurso necessário para um novo encontro. Nós como humanidade, na linha da fraternidade e da amizade social, precisamos de um novo encontro. Mas esse novo encontro pede que as feridas sejam tocadas. Que nós possamos culturalmente estabelecer processos de cura, cicatrizando as feridas, que nos tornemos verdadeiros artesãos de uma paz, que não é a apenas a paz das armas, mas é a paz dos corações, a paz das cesuras, a paz da vitória dos hiatos sociais que nos distanciam. E aqui, há uma arquitetura de que nós precisamos de nos tornar protagonistas e que é uma tarefa que nos envolve a todos que é a tarefa de viver o perdão e de facto, as nossas sociedades são as sociedades que precisam de perdão. Precisam de reconciliação. E uma reconciliação que não é enxotar para debaixo do tapete. As dificuldades ou as feridas, mas é partir das próprias feridas, partir da própria memória, como diz Francisco: “sem memória nunca se avança, nunca se evolui para uma nova etapa, uma etapa luminosa. E perdoar não é esquecer”, diz o Papa, “perdoar é renunciar a deixar-se dominar pela mesma força destruidora que nos lesou. Perdoar é quebrar o ciclo vicioso é frenar o avanço das forças da

destruição, injetado na realidade das sociedades uma nova energia que é a esperança e que é o amor”. E aqui o Papa de novo revisita alguns temas da doutrina social da igreja: o tema da guerra – durante muito tempo discutia-se se poderíamos admitir o conceito de guerra justa, em algumas circunstâncias, e o Papa diz que: “a guerra nunca é justa, a guerra é sempre um fracasso da política e da sociedade”. Outro tema que o Papa fala é a pena de morte que teve em João Paulo II um momento muito importante, porque o Papa condenou a pena de morte, de uma forma muito firme – o Papa João Paulo II – e o Papa Francisco volta a fazê-lo, a dizer que “quer no plano moral, quer no plano penal, a pena de morte é inadmissível”. E tanto a pena de morte como a prisão perpétua – que diz o Papa Francisco é uma espécie de pena de morte escondida, camuflada.

O oitavo capítulo, é um capítulo final, mas de certa forma, é um capítulo alicerçante, não é a cúpula, mas é o alicerce desta reflexão que o Papa faz na *Fratelli Tutti*, porque o Papa no final e ele guarda precisamente para o fim, por considerar que esse é o fundamento do qual ele parte, o oitavo capítulo intitula-se: “As Religiões ao Serviço da Fraternidade no Mundo”. E aqui, o Papa fala como homem religioso e fala a crentes, dizendo que “como crentes sem uma abertura ao Pai de todos, nós não descobrimos as razões sólidas e estáveis para um apelo à fraternidade. E que a religião é uma força ao serviço da fraternidade, precisamente porque parte do reconhecimento de Deus como Pai”. O Papa faz um apelo ao reconhecimento da liberdade religiosa (e nós sabemos que vivemos num tempo em que tantas sociedades, onde os crentes são perseguidos, nomeadamente os cristãos que hoje são vítimas de perseguição em tantas zonas do planeta). E o Papa insiste precisamente nisso: “é preciso perceber como a religião não é uma ameaça à paz e à fraternidade, mas pelo contrário é a religião que nos ajuda a perceber como o vínculo fraterno é estabelecido desde sempre”. É estabelecido, digamos, do ponto de vista da criação e que o itinerário espiritual, como que nos permite atualizar esse vínculo criacional.

Aqui o Papa faz um, digamos, um passo ao encontro do ecumenismo e lembra, nomeadamente, o seu encontro com o Grande Imã Ahmmed Al-Tayeb e a Declaração de 2019, sobre o grande documento sobre a fraternidade humana e universal, onde se diz que a fé em Deus todo poderoso, a defesa do Seu nome, só pode gerar paz, justiça e fraternidade e que em nome de Deus só se pode adotar a cultura do diálogo como caminho, da colaboração comum como conduta e do conhecimento mútuo como método e critério.

Esta, em linhas gerais, é a mensagem da Encíclica *Fratelli Tutti*. Num curso, o sexto de Filosofia, Literatura e Espiritualidade, nós percebemos que este texto penetra agudamente o nosso presente, nos destabiliza, nos coloca interrogações que nós não podemos não enfrentar, ou que nós não podemos sentir que nos são dirigidas e, ao mesmo tempo, como é próprio da palavra escrita, ela constitui um desafio à leitura, ao acolhimento, à culminação, à *culminateo* – como diziam os padres espirituais – à decantação desta palavra em nós, à crítica, ao debate vivo que esta Encíclica pode trazer e, ao mesmo tempo sentido há palavras que iluminam o presente. Há palavras que nos ajudam a ver, há palavras que nos movem, há palavras que transportam uma projetualidade, há palavras que tem esta força esta *dinamus* capaz de transformar o mundo. Transforma os seus leitores. E aquilo que podemos desejar é que nós sejamos autores apaixonados e críticos desta Encíclica e que sejamos capazes de torna-la vida operacionalizada.

Muito obrigado todos.

Moderadora: Muito obrigada Padre Tolentino por todas estas pistas que nos veio trazer. Houve toda uma série de questões que foram levantadas ao longo da sua exposição. Penso que talvez valesse a pena aproveitar algumas, não podemos aproveitar todas, mas que o Padre Tolentino escolhesse duas ou três para as responder ou para as comentar.

Rita: Eu não sei se me estão a ouvir. Há temas que o Padre Tolentino já abordou, como por exemplo o tema da pena de morte, que é logo a primeira pergunta. Acho que o vamos passar. Eu peço desculpa à Ana Lúcia. Vamos passar então à segunda:

“Como podemos exercer a cidadania nestes dias para vencermos a resistência de uma sociedade cada vez mais líquida?”, pergunta Jorge Soeiro Matos. Depois, Maria Cândida Novais, diz: “Pode deixar-nos uma mensagem de uma estratégia de esperança para os jovens continuarem a acreditar no amor do fraterno?”

D. José Tolentino de Mendonça: Bem, aproveito e começo já o discurso, antes tudo para valorizar muitas perguntas. Este é um texto para nos deixar com perguntas e as perguntas são um capital muito importante. As perguntas não são necessariamente para encontrar uma resposta ou uma imediata resposta. As perguntas permitem-nos fazer um caminho, uma procura. As perguntas inquietam-nos e isso, digamos, é um potencial que o pensamento nos

traz. Às vezes, a coisa mais importante é fazer um caminho com uma pergunta, fazer um caminho com uma pergunta. E esse caminho será necessariamente um caminho precioso para nós. E num texto desta natureza, é um texto tão, se quisermos tão provocador que acende um debate real dentro de nós que vivemos, digamos, tira-nos da nossa zona de conforto, faz-nos, tira-nos do sofá onde estamos sentados. É natural que muitas, múltiplas perguntas nos ocorram, que nós queiramos partilhar e outras com as quais ficamos. Mas é um tesouro. É o tesouro. Talvez o impacto maior da Encíclica seja ter metido uma pergunta na nossa cabeça. Uma pergunta que antes nós não fazíamos e que agora nós vamos fazer.

Por isso, mas importante do que responder às perguntas é aplaudir que haja perguntas e desafiar-vos a agarrarem-se às vossas perguntas, como possibilidades de uma viagem, de uma habitação tensional, de uma busca interior que era importante que fosse mais profunda.

ANEXO C: Guião de Entrevista

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?
2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?
3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?
4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?
5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?
6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?
7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?
8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?
9. De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?
10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de ser autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?
12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?
13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.
14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?
15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?
16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?
17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?
18. Considera que as críticas feitas na Encíclica Fratelli Tutti, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?
19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?
20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

ANEXO D: Entrevista a Bernardo Trindade, Empresário Hoteleiro e Político (ex-secretário de Estado do Turismo), Católico

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Bernardo Trindade: Eu acho que a conduta do Papa Francisco é de facto exemplar em vários níveis. Em primeiro lugar, numa lógica de ser de facto, hoje à escala global um grande líder. Não sei se é o maior líder, mas depende sempre do olhar e do ponto de vista e daquilo que as pessoas no fundo reconhecem como uma excecional, uma extraordinária capacidade de mudança. A capacidade que ele tem tido de no fundo assegurar este princípio, que no fundo é um princípio muito importante que é *“Leadership is partnership”* (liderança é parceria). Ou seja, encetando um diálogo ecuménico à escala global no fundo procurando junto de todas as religiões monoteístas, das diferentes Igrejas, quer dizer o olhar, concentrando se no essencial e o essencial hoje é no fundo não só propagar a mensagem de Deus, mas uma mensagem muito assente no olhar pelo outro, no cuidado que temos que no fundo assumir enquanto comunidade e isso acho que ele tem sido um protagonista fortíssimo nessa mensagem e penso que atenção, não são só os crentes ou os mais crentes ou os mediana ente crentes, acho que não, acho que é um traço reconhecido um pouco por todo o mundo independentemente da convicção religiosa, independentemente de serem mais ou menos praticantes. Não, é algo que é reconhecido à escala global e isso é absolutamente inequívoco.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Bernardo Trindade: Eu acho que esse epídoto está muito bem colocado. O pastor no sentido de alguém que, no fundo, apascenta as suas ovelhas, que olha por elas, que não discrimina, que tem sempre um olhar muitíssimo atento à diversidade, sim porque nós somos muito diferentes uns dos outros e é precisamente nesse respeito da sociedade que nós podemos, no fundo, construir, se quiser, uma Igreja melhor, mas no fundo um mundo melhor. E nisso, acho que o Papa Francisco é absolutamente, tem sido absolutamente exemplar o seu magistério.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Bernardo Trindade: Eu vou-lhe dar um exemplo. Eu não sei se Mariana, tu estiveste... Há quantos anos teve o Papa Francisco em Portugal?

Mariana: Foi em 2017, no Centenário das Aparições, em Fátima.

Bernardo Trindade: 2017. Foi há 4 anos. Não sei se tu tiveste a graça e o gosto de ir a Fátima nesse dia, eu não sei se tu és uma do milhão de pessoas que teve naquele Santuário. Eu cheguei muito cedo, portanto tive a possibilidade de ter um lugar onde eu estava relativamente perto à Capela das Aparições. E é dos momentos que eu guardo, que reflete bem não só a importância do Papa Francisco, mas uma certa ideia de Deus que dessa eu me aproximo mais. Eu não sou muito do aspeto burocrático da Igreja Católica, interessa-me pouco. A Igreja Católica tem no fundo coisas boas e coisas menos boas que marcaram um percurso de anos, ponto de final. Mas, de repente, há ali um momento em que ele está na Capela das Aparições e que reza e tu sabes o que é um milhão de pessoas, não se ouvia absolutamente nada. Um silêncio, mas um silêncio que arrepiava e isso é um reflexo um bocadinho da importância dele e sobretudo da forma solidária como estávamos lá.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Bernardo Trindade: Eu acho que a imagem que eu te estava a dar do silêncio e a forma como as pessoas de forma ordeira, obediente, respeitavam o tempo, é a prova evidente que do ponto de vista do carisma ele tem uma personalidade profundamente carismática.

É uma história fantástica, aliás eu recorde-me, deves ter visto com certeza esse filme, *Os Dois Papas*, em que, no fundo, se conta a história dele na Argentina e como é que ele chega e como é que ele percorre, como é que ele se relaciona. E aquele diálogo com o Papa Bento XVI é qualquer coisa. É evidente que é interpretado por dois grandes atores, um deles o Anthony Hopkins que é o meu ator preferido, e, de facto, é extraordinário, porque ele sabendo que podia ter sido escolhido mais cedo como Papa, não, sabia que foi o tempo do Papa Bento XVI, porque sabia que tinha acontecido assim e depois, se quiseres, um tempo mais descontraído de maior proximidade com o outro, que é no fundo aquilo que marca indiscutivelmente este magistério do Papa Francisco, esta disponibilidade permanente, e atenção que até fisicamente nós sentimos, por exemplo, eu vejo o estado daquela anca cada vez que o vejo caminhar, mas mais importante do que, digamos, esta maleia física, estar dor

pessoal, é sobretudo esta vontade de prosseguir e acho que isso é muito importante, evidentemente.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Bernardo Trindade: Eu acho que a unificação é um termo um bocadinho redutor. Acho que tem muita força. A unificação, no sentido, da partilha do respeito pela diferença. Isso sim, indiscutivelmente. E a prova disso é um bocadinho este seu magistério, em que ele está em todo o lado, e sobretudo busca muito um entendimento num quadro de diálogo inter-religioso, e acho que isso é fundamental. O Papa João Paulo II já tinha esses traços, mas eu acho que o Papa Francisco tem-no conseguido com maior acutância. Acho que não é indiferente, o Karol Wojtyla era polaco, o Jorge Bergoglio é argentino, portanto há aqui um sangue argentino, uma vontade férrea de caminhar, de dialogar, de perceber. Acho que é mais nítido com o Papa Francisco.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Bernardo Trindade: Eu acho que sim, como é e vidente. Eu acho que se nós avaliarmos a liderança pelo reconhecimento. Pelo reconhecimento que as pessoas têm independentemente do seu credo, da sua prática, independentemente da sua crença, não deixam de reconhecer no Papa Francisco como uma personalidade absolutamente ímpar e incontornável, no quadro do diálogo entre diferentes culturas e no mundo em geral.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Bernardo Trindade: Eu acho que essa capacidade de influência tem sido indiscutivelmente importante. É evidente que nós temos temas por resolver, por exemplo, o diálogo no mundo árabe é um tema muitíssimo difícil. Muitíssimos difícil porquê? Porque implica cedências, porque implica no fundo o respeito pelas liberdades individuais e por um quadro de relacionamento global que seja aceitável há luz de um ocidental. E acho que a sua mensagem, o seu olhar, a sua mensagem de preocupação não faz ninguém indiferente. E acho que desse ponto de vista tem sido importante.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Bernardo Trindade: Sem dúvida, muito ligado a isso. Portanto, no fundo, se a minha mensagem for suficientemente difundida, como lhe dizia dos credos. E, portanto, em resultado desse reconhecimento, como é evidente, a comunidade internacional, seja, enfim, um quadro dos regimes democráticos, seja, se quiser um quadro dos regimes mais ditatoriais ou menos respeitadores das liberdades individuais, acho que tem influência, com certeza que sim.

9. De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Bernardo Trindade: Eu acho que sem dúvida. Eu acho que a sua condição de pastor tem este enorme mérito de convidar várias opções, vários credos em torno de uma mensagem comum. E é uma mensagem, no fundo, que está centrada no respeito pelo nosso semelhante e, portanto, aliás, compreende uma das bem-aventuranças, que, portanto, “tratemos os outros como gostaríamos de ser tratados”. E eu acho que ele tem sido exemplar, nesse ponto de vista.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Bernardo Trindade: Não, eu há pouco estava a dar o exemplo do Papa Bento XVI que o antecedeu no cargo e sem dúvida nenhuma que era um intelectual. Era um intelectual, mas simultaneamente alguém mais fechado, um alemão por natureza, mas mais fechado, mais preocupado com as questões que se relacionavam com, digamos, com o próprio desenho de funcionamento da Igreja Católica. Enquanto que o Papa Francisco não é isso. Nós entendemos sempre, permanentemente, um olhar ao outro e uma preocupação para os mais fragilizados que é no fundo o grande princípio, o grande intuito da própria Igreja.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Bernardo Trindade: Eu acho que sim. Curiosamente, uma das razões porque nós cristãos, nos sentimos tão próximos, é porque ele podia ser uma das pessoas aqui em casa a jantar connosco.

Curiosamente, eu quando olho para o Papa Francisco sinto, num quadro de absoluta normalidade, que ele podia estar cá em casa a provar um prato qualquer; ou podia estar cá em casa sentado (porque eu sei que ele gosta de futebol e nós também), a ver, não era o San Lorenzo, mas o Sporting que pronto, que é capaz de ser o equivalente a, e estarmos aqui de forma disponíveis. E pronto, respondo um bocadinho à tua pergunta que é esta capacidade de se colocar no lugar do outro.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Bernardo Trindade: Completamente, aliás as suas origens mostram isso, o seu percurso na Argentina é a prova evidente de que o seu olhar pelos mais fragilizados é uma evidência, as Igrejas, as paróquias, por onde ele professou, deixou sempre uma marca, um olhar, um cuidado muito grande pelos mais desfavorecidos. E, portanto, o seu magistério hoje enquanto Papa é só a consequência desse percurso. Aliás o Ortega y Gasset identificou isso, que nós, todos nós, somos sempre produto da nossa circunstância. Portanto, como é evidente, se ele tiver toda esta experiência, este saber, pôde, no fundo, aplica-lo agora num magistério com uma responsabilidade diferente.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Bernardo Trindade: Eu acho que provavelmente está aí exatamente o mérito, que é no fundo as pessoas sentirem eu a força da sua mensagem está muito ligada à força da sua ação. Ou seja, há uma consequência, há umnexo de causalidade e isso faz toda a diferença. Com é evidente, se pensarmos um bocadinho no nosso dia-a-dia, ficamos todos contentes quando não temos que aplicar aquela velha máxima do Frei Tomás, não é? “Faz como eu digo, não faças como eu faço.” Pronto, como é o caso.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Bernardo Trindade: Eu acho possível. Eu acho, como é evidente, que a Igreja Católica (isto não é o diálogo das Igrejas, mas estou a falar da Igreja Católica porque é aquela que eu conheço diariamente), está confrontada hoje com uma necessidade de renovação da própria mensagem. É a renovação da mensagem e a forma como se transmite a mensagem. E isso é, claramente, um salto que as novas gerações de Padres têm que protagonizar. Mas nós somos exigentes. Nós como público somos exigentes, nós não aceitamos qualquer prato de livros. Não. Têm de me explicar e nós somos convocados e partilhamos e avançamos. Bom, o Papa Francisco, de facto, ajuda muito nisso. Porque ele é claramente, mesmo para os não praticantes, para os não crentes, ninguém é indiferente. E é com a maior naturalidade que vemos em qualquer ambiente, seja um ambiente familiar, um ambiente empresarial, inúmeras citações do Papa Francisco. Porquê? Porque as pessoas reconhecem de facto esta capacidade mobilizadora.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Bernardo Trindade: Acho, indiscutivelmente. E é isso que lhe estava a dizer. Quer dizer, hoje, as pessoas citam-no abundantemente, porque não só concordam com a sua mensagem, como também respeitam a sua ação. Portanto, acho que isso é uma consequência natural do seu magistério.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Bernardo Trindade: Acho que ele, sobretudo através da sua ação, da sua mensagem, procura, no fundo, ir evangelizando cada vez mais. Nós que somos ovelhas atentas, no fundo responder afirmativamente a este desafio, caminhamos conjuntamente. Reforcemos este seu rebanho porque nós estamos bem representados. Ou seja, a nossa condição de irmão, a nossa condição comum. Que na nossa diversidade possamos, de facto, também fazer caminho, acho que é interessante e ele tem sido um ótimo protagonista disso mesmo.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Bernardo Trindade: Mariana, eu acho que sim. Mas acho que provavelmente não basta. Ou seja, sabemos que, digamos esta sua ação de grande tolerância, de grande abertura, de questionar alguns dos seus princípios, alguns dos princípios da própria Igreja Católica tem sido objeto de grande questionamento. E, portanto, este caminho é um caminho, às vezes é um caminho de trevas. Mas é um caminho que vale a pena. Porquê? Porque é nesta renovação que teremos mais Igreja.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Bernardo Trindade: Acho que sim, mas como te disse, acho que temos de continuar a trabalhar. É evidente que esta mensagem é muito importante, ela mobiliza, mas é evidente que eu tenho consciência de que não basta. Ou seja, no fundo, esta mensagem tem que continuar a ser passada. Nós vivemos hoje num mundo, às vezes, descartável, profundamente explicado pela vontade inquebrantável de atingirmos a felicidade o bem-estar. Mas isso, em circunstância alguma pode ser à custa de alguém. Isso não pode ser. No fundo, a nossa liberdade, o nosso bem-estar, enfim, também termina quando começa o do outro, portanto proporcionar que isto tudo também funcione em vasos comunicantes. E o que é essencial é que nós, enfim, também passados mais de 2000 anos da institucionalização da Igreja Católica no sentido Clássico como o percebemos, é fundamental que o continuemos a percorrer. Porquê? Porque há desigualdades que se mantêm e é importante não só reforçar uma mensagem, mas também a ação dos protagonistas que asseguram, de facto, termos uma sociedade geral mais justa, com igual acesso a oportunidades e com a possibilidade de haver aqui regulação e aí a importância dos estratos, no sentido de podermos e, o caso da pandemia, mostrou isso ainda muito muito claro; ou seja, ainda bem que temos saúde pública, educação pública, porque de outra forma seria, de facto, muito negativo, e penso que aí o Papa Francisco está completamente alinhado.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Bernardo Trindade: Claro. Quanto tu perguntas moral, no sentido do respeito pelo outro, no respeito pela diferença, no, enfim, de cada vez caminharmos, sim senhor, eu quero o meu bem-estar, dos meus, da minha filhinha, isso, mas também quero ter também um pensamento um bocadinho mais largo. Ou seja, no fundo assegurar que a minha ação, a minha ação diária pode contribuir para uma sociedade melhor, para um coletivo melhor, para uma comunidade melhor.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Bernardo Trindade: Eu acho que tudo é política. E eu aí facilito. E como eu já fui político, eu aí nem brinco com as palavras. Eu acho que tudo é política, no sentido da etimologia da palavra, daquilo que se passa na polis, daquilo que é a nossa envolvente, na forma como nos envolvemos e participamos e contribuímos e tudo isso. E, portanto, uma comunidade, uma sociedade para avançar precisa de lideranças fortes, e a liderança protagonizada pelo Papa Francisco é exatamente aquilo que é necessário. Olhe, juntem-se, juntem-se outros pastores para fazermos uma sociedade melhor.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Fernando Martins: Sim, absolutamente.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Fernando Martins: Eu não sei se ele está a guiar a sociedade, ele está a apontar. Está a ser uma bússola, está a apontar o norte, está a apontar um norte. Há mais nortes. Mas eu acho que ele está a apontar um caminho, sem discussão. O que não quer dizer, guiar é pegar. E a liderança também é isso, é pegar num grupo e levá-lo atrás de si, do seu projeto, da sua crença. Mas eu acho que eles está a apontar Nortes. Vários Nortes. Nortes em relação ao mundo, em relação à sociedade, em relação à nossa relação uns com os outros, à nossa relação conosco próprios, à nossa relação com o além, com Deus, com o que lhe quiser chamar. Portanto ele está a apontar vários Nortes. É um homem, é uma bússola plurifacetada, se lhe quiser chamar. Tem muitos Nortes aquele senhor.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Fernando Martins: Se consegue ser sociável? Eu acho que sim, uma pessoa que se ri com as pessoas, que brinca com as pessoas que beija os pés das pessoas é uma pessoa que tem uma relação muito, muito próxima com as pessoas. E acho que a relação que ele cria com as pessoas é uma das características de liderança. Quer dizer, se uma pessoa está muito distante, não é líder. Poderá ser um Farol, mas não é líder. Ele aponta caminhos e segue caminhos. Ele segue, ele cumpre aquilo que faz, ele acredita naquilo em que diz e pratica aquilo que diz, e eu acho que isso é uma das coisas que é importante nele, que faz com que as pessoas acreditem nele.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Fernando Martins: Eu acho que ele é um homem com um carisma natural. O carisma as pessoas nascem com ele e depois treinam-no, não é? E desenvolvem-no e educam-no, e a

experiência e isso ajuda, quando a pessoa não fica tonta e ele ainda não está tonto. E, portanto, o carisma dele é muito natural, é fácil de aceitar. E, por isso, desde os muçulmanos até aos animistas, desde as pessoas ateias, agnósticas, o que quer que seja, acham que o homem é um homem sério, que é um homem honesto e está a pontar caminhos certos. Cada um pode escolher outros caminhos, mas que estes caminhos não são errados, não são. Há muitas maneiras de chegar a Roma e ele se calhar quer chegar de Roma, em muitas maneiras de chegar ao céu, penso eu. Mas enfim, será o trajeto dele.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Fernando Martins: Eu acho que unir a sociedade não sei se é exatamente aquilo que ele quer. Não sei, tem que se lhe perguntar a ele, não é? Eu acho que ele está a trabalhar. Quando se escreve uma coisa como a *Fratelli*, em que se explica que todos somos irmãos e que devemos atuar como tal e que tem de haver uma ética de relação entre as pessoas e que tem que haver uns comportamentos que sejam sérios e honestos e que, no fundo, todos nós que vivemos aqui temos que ser irmãos. Não quer dizer que tenhamos quer ser todos iguais e todos unidos. Se calhar a Mariana tem irmãos a viver no Porto e no Algarve e estão unidos de outra maneira, portanto, não sei muito bem o que é que entende por união.

Mariana: Eu aqui, ao colocar esta questão, que por acaso vem de encontro a uma variável retirada precisamente da Encíclica, no sentido de contribuir no fundo para que a sociedade seja mais coesa, não seja tão dispersa. Ou seja, no fundo, se eu tiver alguém – por acaso não tenho, mas a minha irmã viveu no Canadá e nós continuávamos de certo modo unidas, mas aqui unido no sentido de trabalhar para um fim comum.

Fernando Martins: Mas trabalhar para um fim comum não quer dizer que seja unido. Eu posso estar a trabalhar com o... para um fim comum que é tirar a fome aos árabes da palestina, por exemplo. Nada unido com ele e tenho o mesmo objetivo, está a ver?

Eu acho que o Papa não quer que sejamos todos unidos, ele quer nós façamos um caminho bom e um caminho honesto. Eu acho que amanhã, se ele conseguir que os budistas caminhem todos para um caminho bom e de bondade e que os muçulmanos também e que os cristãos e

os católicos e os não católicos e também cristãos, cada um siga o seu caminho, um caminho de retidão, ele fica muito contente. Não temos que ir todos à missa à Sé em Lisboa, pois não? Ele é um pastor, ele é um apóstolo, portanto, ele está aqui a defender aquilo que o Espírito Santo disse aos antepassados dele, não é? Porque ele é descendente direto. Portanto a obrigação dele é convencer toda a gente que Jesus Cristo, o Espírito Santo, Deus, por aí fora, é que é a verdadeira religião. Mas eu se calhar até acredito que ele aceite que essa verdadeira religião se manifeste para nós de uma maneira e para os chineses de outra maneira e para os tipos que nascem na Montanha do Chile que se manifeste de outra maneira. Ele aceita com certeza isso, até porque senão tínhamos todos que estar à espera que a voz ele chegasse a todo o lado. Nunca mais isso aconteceria, não é?

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Fernando Martins: Sem dúvida, eu acho que é o líder da atualidade. É o líder, sem dúvida. *By far*. É a única pessoa que é responsabilizável por um projeto que as pessoas aceitam, visto de várias maneiras e que é aceite como uma pessoa que quando escreve qualquer coisa as pessoas leem. Pode não se estar completamente de acordo com o que ele diz, mas aquilo que ele faz é muito coerente com aquilo que ele diz. Isso é uma das características muito importantes da liderança. Portanto, acho que é sem dúvida nenhuma, eu não vejo, não há um líder. Mesmo um dos problemas graves que existe neste momento, é que não há líderes. Há chefes. Há pessoas que mandam, há tipos que estão desejosos de mandar, há tipos que querem mandar, por diversas razões. Até há gente que quer mandar por boas intenções. Eu acredito que a Merkel tenha boas razões e provavelmente é, se calhar, a líder que têm neste momento na Europa. Já há muitos anos nesta parte. E acredito que ela tenha boas intenções, enfim, mas vem de outros caminhos diferentes também.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Fernando Martins: Quando ele faz uma cerimónia no Vaticano e junta judeus, e árabes, e cristãos e coptas e não cristãos e toda aquela gente que está ali, e cada um reza da sua maneira, mas estão todos juntos e aceitam todos conversar com ele e todos simultaneamente, o que é que mais quer para demonstrar que está ali um líder?

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Fernando Martins: Eu gostava que ele tivesse competências para inspirar e mobilizar os cristãos e o clero. Começava por aí e é difícil. Pegar nisso e depois transferir para a sociedade é muito maior. Ele está tentando pegar no rebanho dele, no rebanho pequeno, no rebanho de pastores que ele tem. Eu acho que tem capacidade. As Encíclicas que ele vai fazendo, que todas elas têm uma sequência e a próxima tem que ser uma Encíclica Económica, não pode deixar de ser. Tem que ser e, provavelmente é a última. Ele está fazendo Evangelhos, está escrevendo evangelhos que lhe mandam escrever.

Há uma história engraçada sobre o *Laudato Si*, que lhe vou contar e se calhar não sabe. Vou-lhe contar a história que me foi contada por um dos 7 ou 8 participantes da génese da Encíclica, num restaurante em Lisboa comendo pasteis de bacalhau e bebendo vinho branco. Uma história muito engraçada. O Papa todos os meses se junta com a cúria, com os cardeais todos. E conversa com eles todos e no fim vai-se despendido deles todos, um por um e assim é. E um dia parou em frente de um, que é um Cardeal creio que queniano, que é um tipo importantíssimo. É um dos cardeais da grande confiança dele. E parou em frente dele e disse-lhe: “Sabe, eu acho que nós, se calhar, deveríamos trabalhar alguma coisa sobre a Ecologia”. E o Cardeal respondeu: “*Yes, your holiness*”. E ele seguiu. No mês seguinte, foi-se despedindo de todos, falando e falando e parou em frente ao Cardeal e disse: “Tenho mesmo a impressão que é isso que a gente devia fazer. Trabalhar a Ecologia é uma coisa muito importante.” E o Cardeal disse: “*Yes, your holiness.*” No terceiro mês, o Papa passa em frente ao Cardeal, dá-lhe uma palmada no peito e diz-lhe “*do it*”, e seguiu em frente. Sete meses depois estava escrito. Esse Cardeal era o coordenador de uma equipa de 6. Ele era Cardeal e não havia Bispos e eram Monsenhores todos eles da Cúria. Um deles já é Cardeal, foi feito Cardeal antes de ser bispo.

9. De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Fernando Martins: A liderança passa por isso, a liderança passa pela motivação das pessoas que se lideram, para modificar o sítio onde está e para se evoluir para outro caminho. E para um caminho melhor, não é? Para se sair do sítio onde se está. Parado não se vai a lado

nenhum. A andar a gente pode modificar o rumo, para a esquerda ou para a direita, para o norte ou para o sul.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Fernando Martins: Quando ele faz uma Encíclica como a *Laudato Si*, claro que sim. Preocupa-se não só com a sociedade, mas com o mundo, que é a sociedade onde nós estamos, não é? Claro que sim. Ele preocupa-se, por isso escreve uma Encíclica sobre isso. Por isso vai fazendo os seus evangelhos um atrás do outro, atrás do outro, cobrindo as coisas de que ele se preocupa. O amor entre as pessoas; a relação entre as pessoas; a relação com o mundo; a relação entre uns e outros; a relação com economia e depois vai morrer sossegado. Talvez na Argentina, coitado.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Fernando Martins: Claro que sim, então ele pegou em cardeais que nomeou para posições chave e depois destituiu-os quando percebeu que eles estavam ligados de alguma forma, a pedofilia. Quer mais reconhecimento de posições que se tomaram que não eram talvez as mais corretas? Atirou como Cardeal Pell, que era a pessoa mais, dos três tipos mais importantes, se não o mais importante da cúria e enfiou com ele num tribunal na Austrália e deixou-o condenar. O que é que mais quer? O que é que é isto se não uma pessoa reconhecer que fez mal. Defendeu-o enquanto pôde e acreditou. Quando deixou de acreditar disse-lhe “segue o teu caminho”. Eu acho que isto é uma liderança.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Fernando Martins: Eu acho que sim, acho que é um líder, ouça, um líder que beija os pés de presidiários ou é humilde ou é doido.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Fernando Martins: Ele tem um problema muito complicado que é a Igreja partida e a Igreja partida em duas fações muito, muito fortes. E ele tem 80 anos, não é? E com 80 nos é incrível a força que o senhor ainda tem. Ele primeiro terá que juntar e tomar conta do rebanho, nós tínhamos falado já nisso há um bocadinho. Não sei se é esta a resposta, se lhe posso estar a dizer isto.

Depois disso, eu acho que as pessoas obviamente seguem quem as motiva, as pessoas têm que ser motivadas, não é? Têm que acreditar no líder, têm que acreditar que ele é bom, têm que acreditar que ele tem um projeto que é credível, que é fazível, que ele dá o litro, que ele se põe à frente, que dá o peito às balas. E depois se ele segue em frente, as pessoas naturalmente seguem-no. É um esquema de pastor: o pastor vai e as ovelhas vão atrás.

Eu acho que sim, que consegue equilibrar aquilo que diz e aquilo que faz, mas tem tido grandíssimas dificuldades, grandíssimas dificuldades em não partir mais a Igreja que já está muito rachada. Está a tentar colar cacos.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Fernando Martins: Foi o que nós falamos há um bocadinho, ele já juntou líderes de todos os credos no Vaticano, não foi? Já falou com todos, ele é recebido em todo o lado. Ele foi ao Irão. O Grande Imã Ahmed el-Tayeb recebeu-o. Sim, uma pessoa que vai ao irão nestas circunstâncias, quando o Irão está em guerra contra todo o mundo, contra Israel, apoia os movimentos mais extremistas, árabes, e ele é recebido por eles é porque ele tem uma capacidade de diálogo que não se vê em mais ninguém. Quer dizer, não é o Joe Biden, nem era o Trump, nem é mais ninguém, Não se vê muito mais gente. Não há lideranças neste momento, não há líderes, não há. Por isso a gente está tudo perdido e cada um é para o seu lado, não é? E se isto é para ir ao fundo do barco, então eu vou ver se consigo levar a corneta porque a corneta é de ouro. E pronto, e assim estamos.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Fernando Martins: Claro que sim, claro que sim, claro que sim. É ver a alegria e o entusiasmo com que ele é recebido em todo o lado, é ver o entusiasmo com que vocês jovens estão a preparar a vinda dele daqui a 2 anos.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Fernando Martins: Claro, claro, claro. Ele, um dos seus escritos chama-se *Fratelli Tutti*, somos todos irmãos. É isto da fraternidade, não é? Uns de uma maneira, outros de outra, mas somos irmãos. Há irmãos que são ruivos, há outros morenos, há outros mulatos, há outros brancos e há outros pretos, são todos eles dizem, são todos irmãos.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Fernando Martins: Luta pela tolerância até onde consegue ir. Eu acho que ele gostaria de ir muito mais, de ser muito mais tolerante. Quando ele luta para que os divorciados possam comungar, quando ele luta por aceitar os homossexuais, os gays, quando ele luta por aceitar as diferenças que cada um que esses LOGBTQ+ todos têm e ele diz: “somos irmãos, somos diferentes, pensamos diferentes, mas não deixamos por isso de ser irmãos”, eu acho que é uma pessoa que aceita realmente tudo quanto há de diferente entre todos nós e continua a dizer “o rebanho é o mesmo” são as ovelhas que são mais pretas, mais castanhas, têm o pelo mais cumprido ou mais curto.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Fernando Martins: Mas isso não vem dele, isso vem muito mais de trás. Toda a gente diz isso há muito tempo. Há grandes pensadores que dizem isso há muito tempo. Talvez ninguém tenha dito com a força, com a capacidade de mobilização, com a capacidade de

chocar de parar de fazer pensar do Papa, mas penso que há mais gente a dizer isso e antes deste Papa. Antes deste Papa.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Fernando Martins: Ouça, ele não está a dizer problemas nenhuns que não tenham sido ditos há 2000 anos. Ele está a dizê-los de outra maneira, com outras frases, adaptados à sociedade que se vive 2000 anos depois. Todas estas críticas, estas sugestões, estas propostas, estas condenações, tudo isto foi feito já há 2000 anos. E está escrito, não é? Naquele tempo em que se diziam coisas não era, portanto ele não está a inventar nada, ele voltou à base, voltou à sua raiz, voltou à base, voltou à pureza inicial, se lhe quer chamar isso. Pelo menos é isso que ele está tentando fazer, e está tentando convencer os seus mais próximos auxiliares, que é isso que ele está a fazer. Voltou às origens, que é isso que eles não acreditam. Penso eu, há muito que não acreditam nisto. Eu lembro-me de ver o Papa em cima de um trono de ouro, pesava toneladas, levado por cinquenta tipos mentes e era o Papa Pio XII, a passar a Praça de S. Pedro toda, carregada de ouros que aquilo tudo brilhava ao sol e o Papa Pio XII era uma santa pessoa, que não digo que não seja, mas quer dizer, este senhor vive em S. Marta. Almoça com as pessoas que lá vivem, em S. Marta. Eu não chego a S. Marta, se calhar algum dia lá chegarei, mas quer dizer, não tentei, mas se eu vivesse em S. Marta, eu almoçava com ele. Ele entra num restaurante, num refeitório, seja o que for, à hora que lhe dá na gana e quem lá está, fica e almoça com. Portanto, isto mudou. A maneira como ele se comporta em relação às pessoas, a maneira como chega às pessoas, como se identifica com as pessoas, como se mimetiza com as pessoas, é quase uma forma camaleónica para depois as levar atrás dele. Não sei se é assim.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Fernando Martins: Uma voz de liderança política? Não há uma voz de liderança de política, há muitas vozes de liderança política. Ou, por outro lado, haverá, conforme as sociedades, as populações, as condições, os países, as situações económicas, as situações sanitárias, o que quer que seja e estas lideranças são preparadas para situações concretas que têm de ser resolvidas, concretamente, politicamente.

O Papa não quer ser um líder político, não está nada interessado nisso. Zero interessado nisso. O que ele quer é que haja ética, que haja comportamentos previsíveis, nas pessoas que lideram e que esses comportamentos previsíveis sejam bons. Porque, previsivelmente, um diretor da Al Qaeda, provavelmente, previsivelmente, vai matar gente, não é? E, portanto, a previsibilidade não chega, mas é importante que as pessoas tenham comportamentos que sejam previsíveis dentro daquilo que são considerados comportamentos éticos e sociais, para toda a gente, para os ricos, para os pobres, para os que vivem bem, mal, para os que não têm família, para os que vivem com muita gente, não sei. Penso eu, não sei, não sei. Mas acho que não, o Papa não é um líder político, de todo. Agora é muito complicado, um homem que defende aquilo que ele defende não esbarrar nos comportamentos que os políticos têm que defender porque os políticos têm que desenvolver qualidade de vida e o desenvolvimento harmónico das pessoas, e isso é a política. Isso é a política.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Pe Alexandre Palma: Sim, depois talvez fosse preciso trabalhar um bocadinho o que a Mariana entende aí por exemplar, porque a exemplaridade podemos vê-la aí em diversos níveis, podemos interpretá-la em diversos sentidos. Pode ser uma exemplaridade moral, por exemplo, aquela pessoa tem uma conduta exemplar, por exemplo. Isso é um sentido que tende a ter uma tonalidade moral no sentido de uma pessoa que é justa, que é correta, ou, parece-me que aqui seria mais o foco, é em termos de exemplar, em termos de liderança, no sentido em que assume contornos de um líder que pode servir de exemplo. Nesse sentido, sim, creio que sim. O que não quer dizer que seja tudo perfeito, como é óbvio, mas nesse sentido, sim.

Mariana: Aqui assim, ao fim ao cabo, eu acho que é um bocadinho mais voltada para esta questão se esta pessoa, a sua forma de estar, neste caso também de conduzir ou não a própria Igreja, se é efetivamente um exemplo. Pronto.

Pe Alexandre Palma: Sim, eu acho que esse é um terceiro sentido, Mariana, que me parece talvez até o mais interessante que é no fundo, liderando pelo exemplo, sobretudo em algumas coisas, que seguramente não pode ser em tudo, mas liderando pelo exemplo. Isso sim. Um líder exemplar nesse sentido, sim. Ou seja, faz da pedagogia do exemplo um instrumento de liderança de alguma forma, por isso acho que sim.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Pe Alexandre Palma: Acredito que sim. Talvez fizesse aí uma distinção entre Igreja e Sociedade, embora é uma distinção que tem os seus limites, embora a Igreja não exista fora da sociedade, não é? Portanto a Igreja é um dinamismo social neste sentido, portanto reconhecendo os limites dessa dicotomia, a ideia do pastor é uma ideia mais eclesial num sentido. Porque usou aí a palavra pastor na sua pergunta. A ideia do pastor tem um sentido mais eclesial. Em sentido de liderança social, porque a ideia do pastor tem a ideia de que é alguém que tem a função de conduzir o povo atrás de si e tudo mais. Esse é claramente o

múnus do Papa no ecossistema católico, por assim dizer. Não creio que a relação entre o Papa e a sociedade tenha que ser exatamente esse teor. Portanto, só com essa ressalva, embora admita que os Papas em geral, este em concreto, podem de alguma maneira servir de lideranças que conduzam os outros atrás de si, mesmo em campos sociais, isso é verdade. Ou seja, em certos sentidos, seria uma espécie de pastoral social, mas creio que a ideia de, sem exagerar na dicotomia, creio que é mais um tipo de conceptualização que se aplicaria mais à esfera católica, à esfera eclesial, do que propriamente à esfera social.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Pe Alexandre Palma: Sim, creio que sim. Creio que esse até é um dos traços, um bocadinho, da forma de liderança dele, independentemente de como nós depois a arrumemos, mais eclesial – mais social, aliás foi isso que de alguma maneira o Papa Francisco trouxe, e creio que o fez intencionalmente, uma certa desconstrução do seu lugar e usou isso como instrumento, também como instrumento de liderança. Essa desconstrução significou de alguma maneira – a expectativa é que de alguma maneira o Papa é uma figura relativamente distante, relativamente hierárquica. Depois na prática nem sempre é assim, ou muitas vezes não é assim, mas o cliché ou a ideia genética é essa: é distante, é uma figura hierárquica, tradicionalmente fechada num microcosmos muito *suis generis*, etc. Portanto, uma certa forma da desconstrução da liderança do Papa Francisco, trabalha um bocadinho a desconstrução dessa figura fechada num castelo de alguma maneira. E, portanto, nesse sentido aproxima-se daquilo que a Mariana identificava como – e de facto fez, tenta fazer da proximidade, até às vezes usando mediaticamente essa proximidade, um instrumento de liderança e até quase de reconstrução do que pode ser a presença do Papa seja no mundo católico, seja na relação com a sociedade e com o mundo.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Pe Alexandre Palma: É claramente uma figura carismática, por exemplo, eu reconheço que eu tive mais atento nos inícios dele como Papa, por exemplo, há uma grande valorização dos gestos. Na simbologia dos gestos, ou seja, usar a simbologia dos gestos, a maneira como interage com as pessoas, desconstrói a tal figura. Muitas vezes isto é uma coisa não dita, mas

é uma imagem que passa e, portanto, de alguma maneira isso também está a passar uma imagem de uma determinada forma de ser dele.

Outra característica, por exemplo, é em termos do discurso – e isso é muito interessante até de se analisar, porque obviamente um trabalho de um Papa, se é que posso assim dizer, pelo menos daquilo que é público, em grande parte é discurso, é discursar, não é? Portanto é uma grande dimensão de comunicação. De comunicação até verbal. Portanto, eu estava a enfatizar a dimensão da comunicação verbal, por exemplo, só para dar um exemplo mais recente: quando há um ano ele fez aquela oração, na Praça de S. Pedro, vazia, enquanto chovia e tal no contexto da pandemia, o que é que está ali? Ali está símbolo e palavra, não está mais nada. Ou seja, aquilo é uma construção até um pouco cénica, mas que é intencional, não é? E creio que isso é uma forma de ele exibir o seu carisma, ou seja, usa muito a linguagem dos símbolos, depois usa muito a linguagem das palavras. Não é por acaso que rapidamente entrou, mesmo no ouvido de um espectador que não precisa de ser o espectador mais atento destas coisas, entrar no ouvido um conjunto de expressões do Papa Francisco que usa imagens e metáforas muito fortes para falar, por exemplo. E isso é uma, repare, até na própria desconstrução daquilo que era o protocolo normal de ser Papa e isso hoje é muito comum – nós vemos que o Papa tem textos que estão escritos, tem uma comunicação para fazer, tem claramente textos que estão escritos e, depois até imediatamente eles são disponibilizados ao bem público, à comunicação social, mas nós vemos muitas vezes ele fugir do que está escrito e fazer, de alguma maneira, derivações ao discurso, introduzir... Claramente ele solta-se dos papéis e, de alguma maneira, aí usa uma forma de comunicação menos formatada. Mas normalmente mais forte na sua capacidade impressiva, de gerar uma reação do auditório.

E aí, para usar o mesmo exemplo, nessa noite no contexto um bocadinho daquele início da pandemia a ideia de que estamos todos na mesma barca – é uma ideia que ele vai buscar, não é de todo uma ideia nova, é a ideia do Evangelho, mas que ele vai, de alguma maneira, buscar para aplicar aquele contexto e, de alguma maneira, essa ideia de que estamos todos na mesma barca - creio que é uma imagem que ficou, mesmo que as pessoas não saibam que vem dele e mesmo que ficou ou no ouvido ou na mente de muitas pessoas que não são necessariamente católicas, por exemplo.

Dou uma outra imagem, que me lembro, mas esta é logo dos princípios dele como Papa, por exemplo a ideia de que criticando uma certa espiritualidade difusa, por exemplo, ele falava

da ideia do *Deus spray*. Que é uma metáfora forte que é muito impressiva, que se percebe muito bem o que ele quer dizer, mas causa aqui uma certa estranheza, esta ideia de um Deus spray. E o que é esta ideia de um Deus spray? É um Deus assim pulverizado no ar, mais ou menos difuso, independentemente do que se acha do que ele esteja a dizer, a forma como o faz é que uma forma que eu acho que é uma boa característica da sua liderança. Portanto, eu dizia um uso muito cuidado do gesto, depois um uso às vezes de uma comunicação verbal até bastante mais metafórica, mais simples, cá está, quando ele se solta dos textos escritos isso permite-lhe ter um discurso mais solto, às mais próximo das populações e, depois, posso acrescentar uma capacidade de decisão, apesar de tudo, grande, que é uma coisa difícil creio eu, naqueles lugares, que é a capacidade de decisão, porque obviamente as expectativas relativamente a um Papa, não são apenas muitas, como são contraditórias – daquilo que ele deve fazer, daquilo que ele deve dizer.

E, obviamente, isto não será sempre assim, mas em muitos casos, parece-me que em muitos casos o Papa toma uma decisão, apesar de saber que isso gerará o aplauso de alguns e também a crítica de outros, pronto. Creio que uma certa assertividade, talvez na forma de governo – embora ele diz que tenha menos percepção, porque obviamente a distância não lhe permite.

Depois, só para rematar, há de facto alguma inteligência estratégica, cá está, talvez também tenha a ver com isto, na forma como conduz os processos percebe-se que há ali também uma estratégia, por exemplo. A forma como às vezes usa os canais da comunicação social, vamos dizer assim, secular, como canais para fazer passar certo tipo de mensagens que provavelmente seria mais difícil de passar dentro da máquina eclesial, por exemplo.

Creio que há aí uma, quer dizer, a gente pode dizer “há o jornalista interpretou mal” ou “foi um lapso de língua”, isso justifica um vez ou duas, mas quando há vários anos em alguns dossiês se usa esta forma de comunicação, vamos dizer assim, paralela às vias oficiais, isso é claramente, creio que é instrumento de liderança ou de governo, ou uma estratégia de governo, independentemente se se está de acordo ou se não se está de acordo, se correr bem ou se correr mal, por isso é que eu distingi entre o caracterizar e o avaliar.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Pe Alexandre Palma: Sim, sim, isso claramente, às vezes até talvez para alguma sensibilidade católica até excessivamente, em certo sentido, ou seja, mas sim claramente. Quer dizer, repito, a maneira como ele se procura relacionar com o mundo mais secular, portanto mais relacionado com a sociedade civil, ou mesmo com o laicado católico, de alguma maneira a identidade dos leigos é, exatamente, estarem no meio do mundo. Portanto, uma certa empatia especial com o laicado mesmo católico. Mas um conjunto de dossiês, só para dar dois ou três exemplos – dois. Por exemplo, a agenda ecológica, repare como ele insere no mundo católico a agenda ecológica, e nesse sentido é relativamente novo, para não dizer que é bastante novo na forma como ele faz. É muito difícil de dizer que no catolicismo há qualquer coisa de novo, porque de alguma maneira dois mil anos, já muita coisa foi dita e muita coisa foi escrita. Portanto, é muito difícil de dizer que há qualquer coisa de novo que alguém faz na Igreja Católica. Devo dizer que a agenda da casa comum, da *Laudato Si*, ou seja, mas não é só apenas a acomodação da agenda ecológica no sentido geral, ou seja, é também uma visão propriamente católica sobre a agenda ecológica.

Mas claramente situou, lançou a voz da Igreja Católica muito para lá, ou seja, para o campo da sociedade civil – e não é por acaso que ele é uma liderança nesse campo, relativamente pacífica no campo social e político. Ou seja, de alguma maneira ele é um ator político nessa agenda, muito relevante. Independentemente de ser Papa, ou apesar de ser Papa, ou para lá de ser Papa.

Outra agenda, por exemplo, é alguma agenda para uma certa fraternidade universal, alguma aproximação. Eu sei que a Mariana estuda particularmente a *Fratelli Tutti*, mas não é por acaso que a própria Encíclica *Fratelli Tutti* acontece num contexto de aproximação a líderes, lideranças muçulmanas, lideranças judaicas, sobretudo neste caso muçulmanas, bom, procurando estabelecer aqui pontes que vai para lá do que é propriamente a esfera católica. Dou apenas estes dois exemplos, se quisermos: a agenda da fraternidade universal, se quiser, e a agenda da casa comum, da ecologia – as duas coisas estão obviamente relacionadas, mas seriam dois tópicos a quem o Papa Francisco parece ele próprio dar muita importância que obviamente projetam a sua liderança muito para lá do que é apenas a esfera Católica, para a esfera da sociedade civil, obviamente sempre colocando em crise e em cauda esta minha

dicotomia: Igreja – Sociedade, que serve mais para a gente falar, porque na realidade não é assim.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Pe Alexandre Palma: Sim, quer dizer, um Papa tende a ser sempre um líder da atualidade. Quer dizer, João Paulo II que era um Papa razoavelmente indiferente, por exemplo, também era um líder da atualidade – foi líder do seu tempo.

Paulo VI também foi líder do seu tempo. Ou seja, pelo lugar que exerce, pelos holofotes que estão debaixo desse lugar, etc. O facto de ser também um lugar hoje sem poder – propriamente – diferentemente de outras idades da história, mas o facto de ser um líder sem força política, no sentido militar. Ou seja, tem apenas a força da palavra, a força do exemplo – aquilo que falávamos há pouco, também, de alguma maneira, o próprio contexto do que é ser líder a partir deste lugar de ser Papa também obviamente transforma o que é ser líder nesse contexto.

Sim, é um dos grandes líderes da atualidade [o Papa Francisco], o que não significa ser consensual. Porque essa também é uma mistificação que temos que é os grandes líderes do passado foram sempre consensuais – o que não é verdade, ponto número 1.

Ponto 2, também há uma certa nostalgia de um certo consenso que as sociedades contemporâneas hoje, provavelmente, gostariam de ter, mas que hoje é impossível. Sociedades cada vez mais plurais dificilmente serão sociedade de consenso. Serão às vezes muito mais sociedades de pacto, de compromisso, ou mesmo de conflito, mas não necessariamente de consenso. Portanto, dizer é claramente um líder. Obviamente que a gente coloca sempre em contraponto com outras lideranças, que não há muitas, mas mesmo que as houvesse, eu creio que o Papa Francisco – a capacidade que ele tem da sua voz ser escutada, repito, para lá da Igreja, creio que confirma o sim à sua pergunta

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Pe Alexandre Palma: Portanto, a maneira como caracterizo creio que de alguma maneira remeto um bocadinho para aquilo que disse antes, ou seja, a maneira do exemplo, no sentido da própria exemplaridade, por exemplo... só para objetivar alguma coisa que terei dito, e que estava aqui na nossa conversa. Sei lá, o Papa tem uma grande preocupação pelos pobres,

por exemplo. Obviamente todos temos, não é? Em certo sentido, todos os Papas tiveram, mas por exemplo, a primeira viagem que este Papa escolhe fazer é Lampedusa – ao contexto dos refugiados e dos migrantes, por exemplo. Ou, por exemplo, uma forma mais ostensivamente pobre de ele viver, obviamente tem que ver com isso. Ou seja, não é que o seu discurso não valesse mesmo que ele não tivesse essa preocupação, mas obviamente esse seu discurso ganha uma legitimação quando a gente percebe que o Papa de alguma maneira faz um esforço (dentro do que é possível, do que é razoável), para aligeirar, de alguma maneira o seu estilo de vida. Portanto, isso traz o efeito da coerência, de uma certa coerência e que de alguma maneira, isso dá mais crédito a essa testemunha. Portanto, creio que essa ideia do exemplo e depois essa ideia da palavra, a ideia dos gestos, etc.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Pe Alexandre Palma: Sim, sim, obviamente, creio que seja, repito, pelos tópicos que ele tem valorizado no seu magistério, seja por esta pedagogia do exemplo. Pode haver aqui a tentação de o repetir, de o copiar e, portanto, isso é uma certa forma de inspirar, mas creio que apesar de tudo isso é pouco. Eu creio que inspirar aqui é de alguma maneira ajudar outros ou impulsionar outros a encontrar também a sua própria forma, o seu próprio registo. E eu creio que sim. Seja também, por exemplo, esta questão da agenda ecológica, só para dar este exemplo – que seja do mundo, seja no campo da Igreja Católica, é evidente que a reboque, por assim dizer, de algumas intervenções do Papa Francisco têm-se procurado, têm nascido, de alguma maneira, iniciativas que têm procurado corresponder um bocadinho a essas suas indicações, mesmo no campo católico. Que obviamente não estão pré-programadas: não é ele que disse vamos fazer assim, Não é? Mas ele trouxe para a agenda um conjunto de problemáticas que obviamente o campo católico recebeu, assumiu, portanto de alguma maneira está à procura, está a ensaiar formas de alguma maneira, corresponder a isso, até num certo sentido, será o efeito da tal liderança inspiracional.

9. De acordo com a sua percepção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Pe Alexandre Palma: Sim, ou seja, mesmo o foco do magistério de um Papa é sempre um foco de inspirar e de dar ideias, e de apontar caminhos, ou sugerir caminhos, ou levantar questões, ou de alguma maneira emprestar a sua voz a causas que têm menos voz. E, portanto, para pegar só nestes dois exemplos que já aqui referi. A *Laudato Si*, de alguma maneira, ele traz uma provocação às lideranças sociais, políticas – a diversos níveis, que é por exemplo: a questão ecológica não é apenas a questão do verde – que no fundo é a ideia da casa comum, mas sobretudo a ideia de uma ecologia integral – obviamente que inclui as questões, mas não é apenas uma ecologia do ambiente, no sentido vegetal ou animal. É todo o ecossistema do qual o homem faz parte que está, de alguma maneira, sobre o nosso cuidado. Portanto de alguma maneira, a ideia de uma ecologia integral e isso creio que é uma provocação mesmo para as lideranças, repito, de ONGs, lideranças católicas e políticas, etc., que quem o lê, de alguma maneira, não vou dizer que descobriu a pólvora – não vou tão longe – mas obviamente vê ali uma provocação a incorpora a agenda ecológica, mas incorpora num sentido amplo, não num sentido restrito, não é? E a mesma coisa se diga da ideia da fraternidade. Mariana, repare, o ideal da fraternidade, supostamente é um ideal da revolução francesa que, de alguma maneira, cresceu em tensão ou conflito com a própria Igreja Católica, com o catolicismo em França, não é? Um certo contraste entre o jacobinismo e o catolicismo. Ora, mas hoje temos um Papa de alguma maneira a ser um paladino da ideia da fraternidade, mesmo toda a gente diz que dos ideais da Revolução Francesa, a liberdade, de alguma maneira, foi aquela que se lutou em primeira onda. Segundo a questão da igualdade também se conseguiu por via da revisão dos normativos legais e das contribuições dos países etc. Mas a fraternidade é o ideal da Revolução que está por cumprir. Que não é apenas o ideal da Revolução Francesa, é o ideal da humanidade, muito para lá da Revolução Francesa. S. Paulo já fala da ideia da fraternidade mil e setecentos anos antes da Revolução Francesa e, portanto, provavelmente antes de S. Paulo também alguém já tinha falado, portanto, ou seja, é um ideal de humanidade. E, portanto, mas é um ideal que do ponto de vista político é muito difícil entrar na agenda política. Porque a agenda política esta tomada pelas questões do crescimento económico, etc. E, portanto, trazer para cima da mesa as

questões do crescimento económico é claramente uma provocação de uma liderança a outras lideranças – só para dar estes dois exemplos; ou para não sair destes dois exemplos.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Pe Alexandre Palma: Creio que sim, repare, questões da pobreza, no sentido social, a questão dos refugiados, para dar outro exemplo. Em certo sentido não é estritamente religiosa ou não é sequer propriamente religiosa, é uma questão social, é uma questão económica. Depois podemos fracionar a questão em muitos sub-considerandos, mas é claramente uma questão de humanidade e de civilidade. Neste sentido, não é estritamente católica, mas obviamente é uma questão em que ele se atravessou até ao pescoço. A questão ecológica, ou a questão desta fraternidade universal, ou a questão dos pobres, que já aqui falei: a ideia do grito dos pobres, ou a questão da educação, por exemplo. O Papa Francisco, por exemplo, tem apoiado movimento relacionados com o apoio à educação, que não são estritamente católicos, são abertos a todas as pessoas e, portanto, só claramente há um compromisso com questões que vai muito para lá do que é apenas uma questão religiosa e, portanto, com uma grande projeção social. Mas também é preciso dizer, e em bom da verdade, que não é que não é novidade no Papado, atenção. Sei lá, só para não ir mais longe, a ideia a ideia do progresso, por exemplo, é uma ideia que vem, que tem por exemplo em Paulo VI um grande um grande paladino, por exemplo, nos anos sessenta com *Populorum Progressio*, portanto são questões que estão que tem muito que ver com a ideia da Doutrina Social da Igreja. Ou seja, é preciso também, Mariana, percebemos que o catolicismo nunca se entendeu apenas – o catolicismo, ou o cristianismo em sido rigoroso – o tema consciência total na sua própria proposta, ou seja, não é uma questão setorial. O ser cristão de certa maneira acaba por transformar todas as esferas da vida: é isso que justifica que o cristianismo ou o catolicismo tenho uma doutrina social. Não tem apenas uma doutrina religiosa também tem uma maneira de ver a sociedade, a política, e a economia, e o trabalho, e a justiça e todas estas questões, não é? E as migrações, e a saúde, e a educação e, portanto, obviamente para um cristão participar desses debates é uma consequência natural da sua fé. Não é nada estranho que um Papa, este Papa ou outros acabassem por, de alguma maneira se comprometer também com questões sociais e políticas como essas.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Pe Alexandre Palma: Essa é uma ótima pergunta. Quer dizer, eu teria que conhecer com uma intimidade que não tenho e, portanto, obviamente não o conheço pessoalmente, e não sei dizer, mas eu creio que sim, eu creio que sim.

Dou um exemplo, é evidente que estes exemplos – o exemplo que eu possa dar corresponda à sua questão, mas por exemplo: o Papa quando chegou, este Papa, o Papa Francisco quando tomou, quando se tornou Papa, para simplificar, criou um conselho de nove cardeais para de alguma maneira reverem com ele um conjunto de dossiês. Eu não sei daí de pode inferir, ou concluir reconhecimento dos seus próprios limites; se é apenas também – cá está, uma estratégia do governo – provavelmente será também as duas coisas, não é? Será também a consciência de que existem áreas onde ele não é expert, não tem que ser expert, mas tem que se circundar de gente – eventualmente que o pode auxiliar nisso. Sei lá, a questão por exemplo do diaconado feminino na Igreja: pediu a uma comissão que produzisse, estudasse o assunto. Portanto, nesse sentido sim. Agora, também devo dizer – repito –, isto é o *modus operandi*, a questão do conselho dos nove cardeais é novo: isso sim é novo; os Papas criarem de alguma maneira grupos de consulta, de investigação, de alguma maneira, isso já é comum. Quer dizer, e depois há aquelas coisas que a gente não sabe, não é? Mas, por exemplo, seguramente a *Laudato Si* e outros textos dele são escritos por outras pessoas, isso aí. Porque obviamente, depois há um conhecimento e uma competência técnica que obviamente um Papa se socorre de experts nessas áreas e, portanto. Isso ataxicamente é também o reconhecimento. O Papa não tem que saber sobre emissões de gases de efeitos de estufa, ou coisas do género, ou seja, não tem de saber os meandros do processo químico, ou sei lá. Mas, nesse sentido sim.

Mas creio que sim, ou seja, interpretando os sinais e posso apenas fazer isso, creio que sim é alguém relativamente lúcido. Aliás, um homem quando chega à idade que ele tem creio que já o tem a bons olhos a esse respeito, já bateu de frente com os seus limites várias vezes na vida, a vida já lhe demonstrou isso.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Pe Alexandre Palma: Sim, a minha hesitação tem só a ver com isto que é ele não deixa de ser assertivo no processo de decisão, e isso às vezes pode ser associado a uma certa... o contrário de humildade, alguma soberba. Não creio que seja, ou não creio que tenha que ser. Pode-se ser humilde, a questão é: pode-se ser humilde e assertivo ao mesmo tempo? Eu creio que sim. É um equilíbrio difícil, um equilíbrio difícil, porque às vezes um líder tem que ser... não vou fazer quer dizer... também é a sua função às vezes ir contra a maré de uma maneira ir e isso pode ser entendido como falta de humildade. Portanto, está toda a gente a dizer que não é por ali e ele que a gente vá por ali. Portanto, aqui é a minha hesitação tem mais que ver com este difícil equilíbrio entre liderança e humildade. Agora, dito isto, eu creio até porque por mais de uma vez ele até já tem pedido desculpa, perdão. Portanto não creio que tenha... creio que procura ser um líder assertivo e não esquecer que ele é um jesuíta e os jesuítas têm até por identidade e carisma pessoal, alguma propensão para a para liderar e obedecer, vamos dizer assim, para liderar e obedecer. Não esquecer que experiência jesuítica nasce de S. Inácio de Loyola que vem de uma experiência militar: não é por acaso que chama companhia de Jesus, portanto a maneira uma certa ideia de companhia quase militar. Portanto ele é educado nesse universo e já nesse universo teve antes de ser Papa, de cuidar e de obedecer. E isso supõe bastante a humildade dos dois lados: quer quando se obedece, quer quando se manda e, portanto, eu creio que sim, mas percebo este difícil equilíbrio entre liderança e humildade ou assertividade na liderança e humildade.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Pe Alexandre Palma: Sim, sim eu não sei se um Papa está na melhor posição para perceber exatamente isso. Quer se queira, quer não, a distância não ajuda, mas eu creio, eu creio que ele tem noção disso do impacto que as palavras que dele podem ter, repito, até os exemplos alguns que dei, como por exemplo às vezes quando quer passar uma mensagem, ele dá uma entrevista a um jornalista do La Republica ou de outro jornal qualquer, é exatamente porque sabe que aquilo é o veículo que vai ter mais impacto para aquilo que ele potencialmente querará dizer, ou para a imagem que ele querará passar portanto, ele não só tem noção disso, como eu acho que ele tende a usar isso em função da sua própria agenda.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Pe Alexandre Palma: Sim, sim. Claramente sim, aliás repito não é o primeiro, tudo isto é preciso também... eu como estudo algumas destas coisas, é preciso não descontextualizar, ou seja, no fundo, o Papa Francisco vem num processo que no mínimo, no mínimo – e podíamos ir lá atrás – começou com o Concílio Vaticano II. Portanto, de alguma maneira isto é um processo de difícil relação, mas também de procura da reconciliação entre o catolicismo e a sociedade, no sentido amplo, olhe e modernidade, se quisermos, ou a pós modernidade, do qual o Papa Francisco é hoje um ator cimeiro, não tenho qualquer dúvida. Ele insere-se, a meu ver, nessa dinâmica. Mas é claramente, alguém que acredita aliás, por exemplo, posso lhe dar um exemplo, eu trabalho no campo da teologia e as diretrizes que ele deu para o campo da teologia é colocar em primeiro lugar o diálogo. A teologia tem que ser feita na base do diálogo, por exemplo, se quiser depois pode ver isso no preâmbulo do documento chamado *Veritatis Gaudium*, do preâmbulo, a segunda indicação a segunda *guideline* que ele dá para a teologia católica é diálogo. Portanto, claramente está no o top das preocupações do Papa Francisco.

Depois, o diálogo interno, porque aí sublinha muito diálogo externo, de alguma maneira, para usar esta dicotomia, não é? Depois também exista o diálogo interno. Às vezes o diálogo interno, ainda é mais difícil do que o diálogo externo. Como a gente sabe, às vezes a nossa casa, às vezes é mais difícil a gente falar algumas coisas em família do que é com os amigos na mesa do café

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Pe Alexandre Palma: Sim, no geral, sim. Creio que a boa imprensa que ele tem, vamos dizer assim, por muito, a imprensa é sempre um filtro e, portanto, é sempre uma reinvenção da realidade num sentido, mas existe um afeto espontâneo das pessoas com ele, creio que em boa parte vem pelo facto de as pessoas sentirem que ele tem uma empatia com elas – aquela coisa de visitar pessoas simples em casa delas – eu conheço, não conheço muita gente, mas conheço algumas pessoas que um dia lhes tocou o telefone era um número e, do outro lado, era o Papa. Ainda agora, este fim de semana, tenho cá um colega estrangeiro de passagem,

vou estar com ele, em que isto aconteceu. Portanto, este tipo de... ocupar-se do caso de uma pessoa que está doente, ou de uma criança está doente, este tipo de coisas que às vezes vem na imprensa que, repito, por mais filtrado que seja pela imprensa, creio que sim, creio que reflete uma capacidade real de empatizar com as pessoas com e não é apenas com as pessoas, mas é até com as situações simples e às vezes difíceis e simples da vida, não é? As pessoas simples da vida também.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Pe Alexandre Palma: Sim, decorre de algumas coisas que a gente já aqui conversou, não é? Desde logo chamar a atenção para a necessidade da universalidade dessa fraternidade, sobretudo navegando um bocadinho na contramão num tempo que parece mais propenso a fazer fraternidades à parte, não é? Eu faço a minha fraternidade, tu fazes a tua fraternidade, ele faz a fraternidade dele. Depois nós estamos em guerra ou estamos de acordo conforme, os nossos interesses, mas não somos a mesma fraternidade, não é? E a ideia da *Fratelli Tutti*, a própria ideia de universalidade da fraternidade é uma ideia mais avançada do que apenas isso, não é? Do que apenas ser amigo ou irmão dos que são como eu, não é? E dos que são próximos de mim. Claramente sim.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Pe Alexandre Palma: Sim e dentro da própria Igreja. Repare, só para dar um exemplo, na sociedade claramente sim por aquilo que estávamos a dizer; dou só um exemplo: o que ele mobilizou na Igreja, em questão de temáticas de família, por exemplo, no que concerne aos divorciados recasados, por exemplo. Independentemente do que do que se pensa ou do desfecho destes processos, claramente, ele abriu um ponto, a meu ver, que não terá mais retorno – não é possível retornar – que é chamar à atenção para a necessidade extrema de acolher as pessoas em qualquer circunstância, nas circunstâncias em que elas se encontrem, independentemente do que sejam. Isso claramente é apenas um exemplo disso que estava a dizer.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Pe Alexandre Palma: Sim, eu creio que sim. Uma denúncia corajosa, não acho que esteja a dizer coisas muito novas, também não acho que seja o único que as está a dizer, mas obviamente acho que é uma denúncia corajosa, sim. Depois, o efeito que isso tem, podemos ver de outra forma, mas sim enquanto denúncia ou enquanto... repare, o facto de ele vem de um contexto muito *suis generis*, que é o contexto latino-americano. E, portanto, ele traz muito essas preocupações e a maneira de ver a vida e a sociedade a partir do contexto latino-americano e, nesse sentido, ele de facto vê coisas diferentes, vê de maneira diferente às vezes do que se vê no ocidente. Aqui o Ocidente é o Atlântico Norte, Europa Ocidental, os Estados Unidos e Canadá e eventualmente, a Austrália também. E, portanto, isso sim isso é um bocado provocatório, a maneira como ele como ele vê as coisas, mas não é só ele, não é? Há milhões de pessoas que as vem assim. Exatamente, ele sintoniza com o sentido de milhões de pessoas.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Pe Alexandre Palma: Sim, sim. Eu creio que sim. Nesse ponto de vista, nestas questões sociais, creio que sim, não há dúvida nenhuma pode-se – repito – pode-se não estar de acordo com ele, mas não há dúvida nenhuma daquilo que ele defende e propõe. Portanto, para dar um exemplo, no que concerne aos refugiados, por exemplo, não há qualquer dúvida do que ele – pode muita gente na Europa não estar de acordo, mas não há dúvida do que ele propõe. Obviamente existem questões, obviamente que as sociedades não poderão receber todo e qualquer refugiado e imigrante, mas antes disso, existem condições sociais e humanas, ou seja, há aqui uma espécie de hierarquia moral de prioridades e, sobretudo, não se deixa ninguém à deriva no mar, só porque não se deixa atracar no porto da minha cidade. Nesse sentido, estas coisas que estávamos aqui a falar, a ideia de fraternidade, há uma clareza nesses domínios, na proposta nesses domínios mais sociais, políticos, isso tudo, sim.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Pe Alexandre Palma: Eu creio que já faz, não é? Eu creio que já faz, portanto, não é uma questão de futuro, é uma questão até de passado e presente. Também será futuro, obviamente. Depois, repito, depois a dificuldade é – e eu percebo que a dificuldade faz parte do político, e eu também percebo que a realidade às vezes é mais complexa, depois é, qual é o efeito de transformacional que de facto isso tem. Agora claramente que ele coloca estes temas da agenda política mundial, que ele é escutado, aliás não é por acaso que ele recebe e é recebido por todos os líderes mundiais, etc, etc. Não esquecer que a Santa Sé, enquanto órgão diplomático, ou político-diplomático é dos Estados que tem mais relações com mais estados do mundo inteiro, que existe uma plataforma também de diálogo político – desde logo essa oficial, mas depois outras, onde o Papa tem muita, tem algumas ferramentas ao seu dispor. Não terá todas, obviamente. Creio que era o Stalin que dizia “quantas divisões”, isto é, quantas divisões, isto é, militares, portanto “quantos militares é que tem o Vaticano?”, dizia o Stalin, para dizer “não tem poder nenhum, porque não tinha tropa”. Não, quer dizer o Vaticano não tem não tem força coerciva não tem força política militar nesse sentido, mas tem muita força diplomática, política do exemplo, etc. E, depois, simbólica, não é? Porque quer se queira, quer não, é uma força simbólica grande ainda.

ANEXO G: Entrevista a José Vera Jardim, Membro da Comissão para a Liberdade Religiosa, Não Crente

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Vera Jardim: Oiça, eu já conheci vários Papas que posso chamar de exemplares, digamos, designadamente o Papa João XXI. Eu sou do tempo do Concílio. Em relação ao Papa Francisco, eu devo fazer uma declaração inicial, eu não sou católico praticante, não é. E, portanto, a minha avaliação é uma avaliação do exterior, não é?

Mas a minha avaliação é muito, muito positiva. Seria mesmo muito difícil ser mais positiva do que é. É um homem que tem aprontado interesses que também os existem, na Igreja. É um homem procurado formar por dentro da Igreja Católica e é muito difícil. É um amigo com um espírito aberto, um homem de espírito franciscano como mostra esta última Encíclica *Fratelli Tutti*, que é uma Encíclica franciscana, praticamente. É um homem que tem procurado por todos os meios em conjunto de causas de que podemos falar adiante, porque se tem mantido e são causas que eu todas elas consideram uma causa ecuménica, por exemplo, a causa ecuménica – a causa do diálogo ecuménico religioso, enfim já para não falar noutras causas como esta da fraternidade entre os homens, etc. as causas ecológicas, tudo isso e tem dado, digamos, um testemunho único. Único pela sua posição. Só há alguém que tem uma posição parecida, que é o Secretário Geral das Nações Unidas, que tem essa audição também, outro que é nosso, o António Guterres. Mas o Papa, este Papa tem realmente sido uma novidade imensa na Igreja. Novidade de espírito, novidade de formas de se dirigir às pessoas, das causas que abraçou, discursou, etc. Portanto, eu faço uma apreciação muito, muito positiva, como lhe disse seria muito difícil fazer mais positiva. Bom, tenho receio que ele não consiga fazer tudo aquilo que era necessário fazer na Igreja, no meu entendimento, obviamente. Não será, por vezes, até o entendimento dele, não é? Porque, enfim, são pessoas já com alguma idade, a idade pesa e depois vêm as doenças, etc, mas enfim. Ele agora até foi objeto de, precisamente, de uma intervenção, pronto já tem certa idade, mas mesmo assim mantenho a esperança de que ele nos continua a guiar. Isso porque, embora eu não seja católico, mas acho que o Papa Francisco é uma figura que merece... é um guia espiritual, merece esse... e é o guia espiritual mais importante do mundo, não há ninguém que se lhe possa comparar. Naturalmente há outros guias espirituais, o Dalai Lama, etc. Há outras pessoas, mas ninguém se pode comparar com o Papa na... digamos, no efeito

da mensagem, no conhecimento que as pessoas têm da mensagem, no conhecimento que todas as pessoas têm da figura do Papa e, portanto, eu acho que ele tem desempenhado um papel único na história da Igreja mais recente. Sem dúvida nenhuma.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Vera Jardim: Sim, quer dizer, ele não se afirma como líder, ele afirma-se quase como um irmão de todos, aliás esta última Encíclica, que é sobre a fraternidade, não é? Ele, ele não se afirma e ele próprio se afirma como um líder, nem tem que se afirmar, mas deixa uma mensagem de fraternidade que é uma mensagem que está precisamente nos antípodas do que são as sociedades modernas. Terá ele... que tem razão, tem, a meu ver. Terá ele... irá conseguir que tudo aquilo que diz que nos transmite possa mudar as sociedades em que vivemos, aí já tenho algumas dúvidas, já não sou tão otimista, mas ele tem que, ele tem que deixar essa mensagem, tem que tentar sempre por todos os meios deixar essa mensagem, mas eu acho que o mundo nos últimos 70 anos viveu um período de grande esperança, nos últimos 70 anos, com a criação, digamos das Nações Unidas, com a afirmação da dignidade humana, dos direitos humanos, etc. Mas, hoje isto, isso tudo está muito transformado: basta olhar para o mundo, ele não corresponde nem de longe, nem de perto com o mundo que o Papa Francisco, nestas suas Encíclicas – eu estou a referir-me às duas últimas Encíclicas – com o mundo que ele queria, com o mundo que ele pretendia que fosse o nosso mundo está muito longe, está quase nos antípodas do que é um mundo, o mundo da ganância, das pequenas guerras, do oportunismo, do populismo, de que ele fala nas Encíclicas que você ache com grande abertura e com grande dose da razão, infelizmente. E, portanto, olhe vamos ver o que é que ele consegue, mas eu não sou muito otimista, porque acho que o mundo segue em muitos, em muitos caminhos, precisamente o caminho oposto daquele que o Papa nos transmite, que é um mundo de fraternidade, um mundo em que os homens falam uns com os outros, em que se entendem uns aos outros, que são irmãos uns dos outros, como ele mesmo disse nas Encíclicas. E, portanto, vamos ver, mas isso não tira, não retira o facto de podermos não ter muita esperança que a tese dele tem, ninguém... isso não tira, naturalmente, a admiração que podemos ter pelo seu testemunho.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Vera Jardim: Tudo o que tenho visto, eu nunca estive com ele, nunca... não o conheço, mas tudo o que tenho visto é uma... é mais do que sociável. Sociável será até muito pouco para precisar. Ele é uma pessoa que se afirma como irmão dos outros – todos somos irmãos, como ele diz nesta última Encíclica, deste espírito franciscano que é esse: somos todos irmãos e temos que, no parecer dele seguir o Evangelho que diz que temos que salvar o nosso irmão, temos que ajudar o nosso irmão. A parábola do bom samaritano que ele cita, digamos, nesta última Encíclica, que ajuda o seu irmão. É isso, é isso, que nos salvará e que salvará o mundo. E se isso se irá suceder? Não, não sei, não. Não estou muito otimista quanto a isso.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Vera Jardim: Sim, acho que ele tem um enorme carisma. Em todas as pessoas, mesmo as pessoas que eu conheço que não, que não são católicas que até que foram católicos e hoje até se pode dizer que são anticatólicos, digamos, que repudiam o catolicismo, mas isso não significa que não tenham por ele uma enorme admiração. Porque as pessoas às vezes refutam a Igreja, às vezes nem tanto o catolicismo, mas a Igreja – a organização Igreja, mas no que diz respeito ao Papa, bem pelo contrário, ele tem realmente esse carisma de aproximação aos homens e às mulheres, naturalmente, a todos, que efetivamente conduz a que todas as pessoas tenham... tenham uma grande admiração e estejam com ele. Mesmo sendo católicos, mesmo sendo ateus, ateus até às vezes militantes, mas isso não significa que não tenham por ele uma grande admiração pela atividade dele, pelas atitudes dele, pelo que ele nos diz, pela mensagem, por tudo isso. Isso é um carisma que ele tem, e não se pode ter mais carisma do que isto, não é? É muito difícil. Agora, como pessoa, não sei, mas está à vista, digamos, quando a gente o vê na televisão o sorriso dele. A maneira como ele trata as pessoas, os exemplos que nos dá são e sempre os únicos praticamente de santidade.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Vera Jardim: Sim, é essa a sua grande mensagem. A mensagem dele é uma mensagem anti-individualista, designadamente nesta última Encíclica, ainda nas últimas Encíclicas, de um modo geral. É uma mensagem não que diz que só nos salvaremos todos juntos, aliás refere, por exemplo, a pandemia e diz que a pandemia teve esse efeito, um efeito enfim, positivo se pode chamar de efeito positivo à pandemia, obviamente, mas será porventura que as pessoas tiveram, começam a ter a consciência de que nós só nos salvaremos em conjunto e não cada um por si e, portanto, ele faz ressaltar isso nesta última Encíclica. Portanto, isso é também um aspeto muito... Ele é um crítico do individualismo, de crítica ao neoliberalismo, enfim, tudo aquilo que não seja de acordo com a mensagem do Evangelho e assume aquilo que muitas vezes cita, como é natural, os Papas que citam Evangelho e citam, curiosamente, ele cita não só o Evangelho, mas cita uma série de exemplos de homens que que ele se revê. A maior parte dele, para não dizer todos há um que não tem nada que ver com a Igreja Católica, Martin Luther King, Gandhi, etc. Ele refere-se a essas figuras como sendo figuras da sua referência, que ele tem como referência para o seu pensamento e para o seu trabalho e, portanto, ele é um homem que faz a apologia do vivermos todos em conjunto, uns pelos outros como irmãos e, portanto, isso é o contrário do individualismo como é óbvio.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Vera Jardim: Sem dúvida, sem dúvida nenhuma. Se não mesmo o maior líder da atualidade. Porque se nos olharmos é evidente que há outros. O secretário geral das nações unidas, que é também um líder mundial obviamente, mas a influência do Papa, não sei quem terá maior influência, é difícil dizê-lo, não é. As influências são diferentes, uma influência de tipo espiritual, a outra é uma influência do tipo mais político-social, não é? E, portanto, é um pouco difícil de estar a compará-las, mas ele é realmente, para todas as pessoas, um líder único, digamos, para tornar o mundo melhor. Há muitos outros líderes importantes, todos os conhecemos, mas este é um líder para tornar o mundo melhor que é bem diferente de muitos outros líderes.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Vera Jardim: É difícil dizer, eu considero que ele tem uma capacidade de influência que é a capacidade de influência de ser Papa, não é? Ser um Papa que ganhou, como já lhe disse, as pessoas, um prestígio, uma simpatia, praticamente universais, digamos, pelo menos naquele mundo que a gente conhece melhor, não é, muito ocidental. É difícil como é que como é que ele é visto na China, na Índia não, não estou em condições de o dizer. Isto muito geral, de um modo geral, acho que o Papa Francisco em todo o mundo é visto como um líder espiritual único, e efetivamente assim é, assim é.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Vera Jardim: Ah, isso não tenho menor dúvida, a menor dúvida, agora se a sociedade tal como está se vai mover, de modo a ir ao encontro da mensagem do Papa Francisco, isso é uma pergunta mais difícil sobre a qual eu tenho as maiores dúvidas, mas isso não é culpa do Papa Francisco, isso é culpa de uma sociedade que chegou a um ponto em que a gente dúvida de quase tudo o que de bem possa haver no mundo. É que é assim, é pelo menos a minha posição, não é. A gente vê, a gente abre o canal das notícias, agora não é apenas a pandemia. Obviamente que também influencia, muito extremamente negativo, não é, mas a desigualdade, por exemplo, até na pandemia, até na própria pandemia. Mas a desigualdade entre os homens, não só entre os países, mas entre os homens do mesmo país, de países parecidos no seu desenvolvimento e, portanto, eu aqui sou um pouco pessimista, mas isso não é culpa do Papa Francisco. Ele faz o possível e o impossível para, de certo modo, trazer essa mensagem do mundo que todos poderíamos ou pelo menos penso que a grande maioria de nós quereria. Agora, se esse mundo novo vai chegar, é muito difícil e eu aqui sou um pouco pessimista, dadas as circunstâncias em que estamos.

9. De acordo com a sua percepção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Vera Jardim: Sim, certamente. Certamente ele tem... a inovação é uma inovação mais de espírito, não tratou muito em inovação propriamente tecnológica, certo? Ele liga mais ao

homem, do que propriamente às tecnologias, não é, e avisa, avisa-nos a todos do caminho que estamos a percorrer é um mau caminho, é um caminho que não levará a bons resultados e todos nós estamos a ver no mapa basta abrir os olhos os minutos que esteja e todos nós estamos a ver que não leva, não é, basta abrir os olhos uns minutos que seja e todos nós estamos a ver todos os dias que este caminho que o mundo leva, não é um bom caminho. Se ele consegue ou não fazer... não sei, repito, aí sou um pouco não é pessimista, é descrente da capacidade de o mundo fazer uma viragem praticamente de 180° graus, não é? Que era o que precisava e é aquilo que ele propugna, porque aquilo que ele diz é um mundo totalmente diferente, aquilo que ele propugna e ele defende é um mundo um totalmente diferente do mundo em que vivemos.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Vera Jardim: Eu acho que ele não se preocupa com outra coisa mesmo, acho mesmo que essa é a preocupação dele, é com as pessoas. Com as pessoas, não é apenas com as pessoas, com os católicos. Com as pessoas. Ele, aliás, tem sido um homem do diálogo inter-religioso, não só ele, desde há tempos que há vários Papas que se têm preocupado com o diálogo inter-religioso e, portanto, ele não se preocupa apenas com os católicos – que lá está, que se preocupa bastante os católicos, como é obvio, é o rebanho dele. Ele é o bom pastor do seu rebanho, do seu rebanho são os católicos, mas para ele eu acho que se poderá dizer que o seu rebanho são todos os homens, porque a mensagem dele não é apenas para os católicos, é para todos os homens, para toda a humanidade.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Vera Jardim: Acho que sim. Eu Não sei que erros é que ele cometeu, não é fácil. Ele tem dito alguma coisa sobre isso, mas o próprio é de uma imensa humildade em reconhecer os seus possíveis erros, aquilo em que não atuou, ou atuou tarde em vários problemas até da Igreja, mas não sou, portanto, eu acho que é de... que ele é de... uma das características deste Papa é ser um homem humilde, porque tem havido Papas que são... que são Papas que deixam uma marca, mas a humildade não é a sua marca mais importante e, neste caso

concreto, eu acho que ele que é profundamente humilde, no sentido de aceitar as suas fragilidades, que todos temos. Ele é homem e tem as suas fragilidades, não as conheço inteiramente, nem estou muito interessado em as conhecer, quer dizer, mas ele reconhece que tem fragilidades e nas orações que faz, muitas vezes, como aliás é típico da Igreja Católica, ele reconhece as suas fragilidades.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Vera Jardim: Sim, sim, já disse antes, já disse. Que é uma das suas características, penso eu.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Vera Jardim: Certamente, certamente. Isso, aliás, não é só Papa Francisco, eu acho que qualquer Papa nos tempos modernos, sobretudo nos tempos modernos e vemos a projeção das suas palavras é imediata e enorme, com todos os meios de comunicação social, etc. Tem, qualquer Papa, e ele também tem, tem a consciência plena do efeito das suas palavras, das suas atitudes, da sua forma de estar no mundo, isso é evidente, ele tem como penso que qualquer Papa tem tido, não é, sobretudo repito dos últimos anos, em que a comunicação social está cada vez mais presente, cada vez mais, portanto, as palavras do Papa têm um efeito imediato nas pessoas. São imediatamente reconhecidas pelas pessoas, não é.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Vera Jardim: Sim, sim. Eu penso mesmo que haverá poucos Papas que tenham, que estejam mais predispostos ao diálogo, claro que ele se preocupa muito em especial com o diálogo inter-religioso, não é? Tem dado testemunho disso, em contraste com ligas de outras religiões, sobretudo, por exemplo, religiões islâmicas, etc. que ele cita, aliás, como tendo tido influência nele, tendo tido influência positiva e, portanto, ele é um Papa tem o ecumenismo e o diálogo entre as religiões, sobretudo estas separadas que estão separadas há bastantes séculos, como é sabido algumas e ele preocupa-se muito com o sentido ecuménico da sua ação. Pronto, eu acho que ele é um homem de diálogo profundo e, mais do que isso, ele próprio, como eu já disse, diz que aprendeu com muitas outras... ele cita muitas pessoas

que não são religiosas, ou que não eram pelo menos católicas nem cristãos, e com o qual aprendeu muito, não é? O Gandhi não era propriamente cristão, e ele cita o Gandhi, como cita o Martin Luther King, como cita o Foucault. O Foucault era religioso, era católico, um ex-católico. É curioso que ele citou Foucault, que é pouco conhecido hoje, mas enfim, portanto ele é um homem de diálogo quer com as religiões, quer com os políticos deste mundo e etc. como tem comprovado, não é? Tem comprovado.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Vera Jardim: Sim, isso sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma. Eu nunca, não ouvi ninguém até agora com converso, com quem falo sobre o Papa, sobre... enfim, o que o Papa diz, as intervenções do Papa, ainda não encontrei ninguém que criticasse o Papa. Ainda não encontrei ninguém que pode criticar num aspeto ou noutro, mas como figura, como líder dos católicos, ainda não encontrei ninguém que o criticasse, mesmo pessoas de outras religiões, obviamente.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Vera Jardim: Então, pois esta última Encíclica é só isso. É mesmo só isso. É uma Encíclica sobre a fraternidade, a favor da fraternidade e, portanto, por ventura, enfim, é a primeira vez que um Papa de diplomacia publica essa virtude da fraternidade, *Fratelli Tutti*, ou seja, todos somos irmãos, todos tivemos que ser irmãos, é a grande mensagem que ele nos dá e, portanto, esse é o maior elogio, é o maior da fraternidade.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Vera Jardim: Sim, sim, ele aliás, eu já lhe disse, ele disse que aprendeu muito e que com outras pessoas que nada têm a ver com o catolicismo. E, portanto, isso é, digamos, uma lição de tolerância, como há poucas, não é? Um Papa dizer que aprendeu muito com Gandhi, que aprendeu muito com o Martin Luther King, etc. e certamente outros que ele não cita, mas poderia citar outros. É evidente que a tolerância é hoje essencial no mundo, e o que não é

essencial, é o ambiente em que vivemos, que é um ambiente de intolerância e é contra isso que ele luta, contra a intolerância, ele aliás, cita várias vezes essa... que temos que lutar e ser tolerantes e irmãos uns para os outros e, portanto, tolerantes. Mais do que tolerantes, o que ele quer é mais do que tolerantes, é que sejamos irmãos uns para os outros, que nos comportemos como irmãos, como diz o Evangelho, aliás, como disse Cristo.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Vera Jardim: Sim, sim, sim, sem dúvida. Eu já falei na crítica do individualismo, a crítica da ganância, na crítica do poder, tipo do poder pelo poder. É sempre a parábola do bom samaritano que está em causa. O bom samaritano é o retrato do homem, como o homem deve sempre para com os outros homens, e não como nós vemos hoje que, como ele diz continuam as guerras. Guerras entre irmãos, guerras entre países, guerras entre tribos, guerras enfim... imensas... imensas guerras e de conflitos. O mundo está cheio de guerras e de conflitos que nós vemos todos os dias na televisão. Uns piores do que outros, mas conflitos sempre maus e guerras. E ele, naturalmente, faz uma apologia do contrário, precisamente, da fraternidade é o contrário da guerra, é o contrário a discussão, é o contrário da intolerância, não é? Pela tolerância completa a favor do nosso próximo.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Vera Jardim: Bem, o Papa quer dizer... as mensagens do Papa são sempre mensagens que assentam numa moral, uma moral católica, não é. E, portanto, obviamente não faz a menção de muitas vezes das regras morais, mas os escritos deles estão sempre pensados por baixo de regras morais. Quando ele critica a desigualdade entre os homens, realmente é porque isto, a desigualdade e, sobretudo, as desigualdades que estão, que tal como as conhecemos não são eticamente aceitáveis e, portanto, uma prova de que as intervenções do Papa, e não apenas deste, de um modo geral dos Papas, assentam naturalmente no entendimento da moral que está, que é conhecido, não é. E, portanto, e ele também não tem feito outra coisa, penso eu.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Vera Jardim: Bem, ele é uma voz de liderança política, respeito isso. Agora, eu o que tenho é receio de que as mensagens do Papa, não digo que caiam em saco roto, não, não é isso que eu digo, porque naturalmente muitas pessoas a ouvirão, e muitas pessoas tentarão segui-las. Mas eu sou um pouco pessimista quanto à capacidade de hoje o homem apenas pela palavra do Papa, ou da palavra de um líder, de mudar os seus comportamentos. Eu sou bastante, enfim, pouco esperançoso em que a sociedade. Acho que vamos aprender à nossa própria custa. Isso vai ser uma desgraça, penso eu. Já está a ser, em muitos casos. Designadamente no que diz respeito ao clima, às alterações climáticas, às condições de vida no globo, às desigualdades, à miséria, à pobreza, já para estas realidades como sendo naturais, e fazendo parte da vida do homem na Terra. Iremos pagar caro, não sei quando: 30 anos, 40 anos, 50 anos, não sei. Não sei dizer, iremos pagar caro por esta nossa atitude.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Henrique Monteiro: Sim, de um ponto de vista geral ele é exemplar, naturalmente se formos à procura, quer dizer, se formos um bocadinho picuinhas e andarmos à procura de alguma outra coisa, podemos encontrar talvez algumas coisas que talvez fosse melhor ele não ter dito, ou não ter feito, mas de um modo geral, eu acho que é bastante exemplar nesse aspeto. Sobretudo na parte do – quer dizer – é uma pessoa que funciona pelo exemplo, mais do que pela palavra, acho eu. Embora a palavra também tenha importância, naturalmente.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Henrique Monteiro: Bom, a sociedade também depende de que sociedade é que estamos a falar. Eu acho que sim, que ele é um ele, é um líder nato, uma pessoa que tem carisma, não é. Carisma, curiosamente, é uma palavra muito interessante para se ter um de um Papa, porque carisma foi traduzido do grego antigo para o latim, como *graça*, portanto, o que a gente hoje diz a *graça* de Deus, era o carisma de Deus, portanto, o poder de atração que Deus tinha. E ele tem esse poder de atração. Agora a sociedade em si é muito, está cada vez menos, nomeadamente na Europa ocidental, estamos a falar dessas – porque na América Latina e em África e até alguns pontos da Ásia, não é bem assim, mas na Europa ocidental e um pouco nos Estados Unidos, embora também menos, digamos, a Europa fez um caminho que sendo justamente um caminho de laicidade ou de separação da Igreja do estado, transformou-se numa cidade desmetaforizada e desmetaforizada também no pior sentido do termo. Quer dizer, hoje em dia aquilo, que dizer, a forma como Cristo nos é apresentado nos evangelhos, porque fala muito por metáforas muito por parábolas e sobre isso hoje em dia, penso que que para uma grande parte da sociedade, isso não diz nada, não é. Uma grande parte da sociedade acha sempre que alguém faz uma coisa porque tem um interesse obscuro escondido, um interesse qualquer e, portanto, um Papa está a dizer aquilo para sacar fiéis. Raramente se acredita que uma pessoa creia exatamente aquilo que está a dizer e, nesse sentido, é um líder com as dificuldades que lidaram os antecessores, nomeadamente em Bento XVI isso foi evidente porque esta laicização que é mais do que uma laicização, é uma total secularização da sociedade, ela entrou também pela Igreja, e no Vaticano digamos que as

coisas nem sempre são muito lineares. Ele tem muitas dificuldades, este Papa, segundo dizem, não sou vaticanista, mas tem dificuldades no Vaticano, dizem que o Papa Bento XVI – o Papa Emérito, saiu um pouco por causa disso e João Paulo II, quer dizer, também teve essas mesmas dificuldades, sendo que João Paulo I, nem sabemos muito bem o que é que lhe aconteceu. E mais para trás, já quase que nem eu era nascido, quanto mais você. Portanto, não há sobre esse aspeto só uma visão. Eu acho que sim que ele é capaz de mobilizar a sociedade, mas acho que não, que a sociedade já não se deixa mobilizar dessa maneira. Eu quase que resumia isto, não sei se conhece, aquela banda desenhada chamada Mafalda de um argentino, por acaso também como o Papa, chamado Quino, não é? Em que ela vai buscar um puff – aquelas coisas de pôr os pés – vai buscar um puff, põe-se em cima do puff e diz: “Daqui apelo à paz no mundo”, depois sai e diz “esta proclamação teve o mesmo efeito que as proclamações do Papa”. Claro que não era este Papa, para aí, sei lá, o Paulo VI ou João Paulo II, isto já foi há muitos anos, mas quer dizer é um pouco assim também, não é? Por exemplo, o que o Papa diz dos migrantes no Mediterrâneo, não tem o mínimo eco nem na sociedade civil – que não tem o mínimo é exagero, tem pouco eco na sociedade civil europeia – e, sobretudo, na classe política é quase que gente europeia.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Henrique Monteiro: Ele é sociável, quer dizer, isso é muito sociável, aliás, eu acho há poucas pessoas até tão sociáveis como ele. A gente tem que é um exemplo, não é, que é o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, também é muito sociável. Havia o Dr. Soares que também era muito sociável, mas há poucas pessoas, há poucos líderes que sejam tão chegados, que sejam tão interessados, tão, tão próximo das pessoas como ele. Nesse aspeto, eu acho que sim, que ele é muito atento a pequenos pormenores, eu recordo quando ele, às vezes pega numa criança ou no meio da multidão está alguém com mais dificuldades e que ele se dirige a ela, a essa pessoa que mais dificuldades... Portanto, acho que esse é um aspeto fantástico que ele que tem. Ele tem uma grande humanidade, portanto não há nada de distância, apesar do Papa ser um cargo, enfim, importante que o mundo, não é? Enfim, é uma das cinco/ dez figuras mais importantes no mundo moderno ainda. Ele tem uma proximidade que é talvez dos Papas que se conhecem do século XX e deste século, XXI, que de longe consegue essa proximidade de forma mais eficaz.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Henrique Monteiro: Eu não sei se o carisma se pode integrar – quer dizer, com certeza que se pode integrar na personalidade – mas eu não sei se o carisma não é uma coisa qualquer inata. Quer dizer, eu não sei se o carisma não é inato, ou se se pode treinar o carisma – não faço a menor ideia. Há pessoas que são extraordinárias, por exemplo, eu ainda conheci o Sá Carneiro, que é uma pessoa que se fala e que você nunca conheceu, naturalmente, e o Sá Carneiro era uma pessoa interpelava os outros com o olhar, como Soares. O Soares era uma pessoa com carisma. Há um outro homem que é banqueiro em Portugal, que eu acho que é extraordinária da forma como ele é – eu conheço esse pessoalmente – bem, os outros também conheci pessoalmente, mas este está vivo, que é o António Ortosoni e ele olha para as pessoas diretamente quer dizer e a gente sente-se interpelados por ele. Embora isto aqui não tenha nada a ver com política, nem com religião, tem pura e simplesmente a ver com a confiança que ele transmite quando fala connosco, quer dizer, a confiança naquilo que ele está a dizer, a confiança nos objetivos que ele tem, a confiança naquilo. E acho que nesse aspeto, o Papa Francisco é uma pessoa que também consegue fazer isso, não é? Ele tem um ar, para já ele tem um ar extraordinariamente bondoso, às vezes até um pouco ingénuo. Dá ideia de ser ingénuo. Eu, sinceramente, devo dizer que uma pessoa chegar a bispo de Buenos Aires e depois a Papa com ingenuidade é uma sorte, faz quase lembrar um livro foi muito famoso, já não me lembro que era o autor, o Morris West, é chamado as sandálias do pescador, que é um estreante, um Papa que é eleito e anda pelas ruas a ver as pessoas reais que e é muito interessante, quer dizer, ele faz muito lembrar essa personagem do Papa que é tão bom, que se afaste da daquela intriga do Vaticano, que se afasta daquelas coisas do banco ambrosiano e do instituto das obras religiosas – essas coisas todas – porque é melhor do que isso, ou é ingénuo e o que ele quer, o que ele quer mesmo é que as pessoas se amem, e que sejam todas irmãs (*Fratelli Tutti*), e que sejam e, portanto, eu acho que ele é, que ele na verdade é muito amado: mesmo por pessoas que não são cristãs, nem católicas, não é? Há muita gente que gosta dele. É um Papa muito popular, penso eu, também por causa disso.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Henrique Monteiro: Eu acho que ele trabalha nesse sentido e têm em conta também agendas que não eram, digamos, próprias do, quer dizer, que não eram comuns nos antecessores, por exemplo, o tema ecológico, das alterações climáticas e isso tudo que se tornou um tema um bocado central no discurso do Papa, mostra dá essa ideia, bom, mostra essa vontade de ir ao encontro da agenda global, da agenda dos políticos e dos dirigentes do mundo e, por outro lado, fazendo isto, ele também nunca deixa de... Ele é uma personagem que é muito engraçada, porque ele é jesuíta, não é? Ele é jesuíta, não há dúvida nenhuma, mas ele é... até pelo nome que escolheu, e ele diz que Francisco é que era, era o Francisco de Assis e não o Francisco Xavier, quer dizer, nem outro Francisco qualquer que tenha sido santo, é o Francisco Assis, ele é muito franciscano, e é muito franciscano não é tanto na questão da pobreza ou da riqueza, não é o problema. A gente costuma dizer pobreza franciscana, porque era uma ordem mendicante e uma obra pobre, mas sobretudo da comunhão com a natureza que era muito própria do S. Francisco e dos franciscanos. E ele nesse aspeto parece-me estar muito muito muito alinhado e muito muito preocupado com as questões climáticas. Depois ele tem uma intervenção muito muito boa, eu acho, muito positiva sobre a questão dos imigrantes. E isso, para além das questões que todos os Papas se preocuparam – da guerra, das guerras, da violência –, também tem/teve uma ação muito mais dura e, quer dizer, e justa sobre problemas mais complexos como os da pedofilia no seio da Igreja, como o da violência doméstica e isso tudo, portanto, quer dizer, eu penso que no fundo ele chegou a Roma e ao Vaticano e quis fazer aquilo que em italiano se diz um “aggiornamento”, um pôr a coisa em dia, não é? Pôr a agenda do Vaticano em dia, e de certa forma tem conseguido, aos poucos tem-no conseguido, porque muita gente diz: “ah muita gente conspira contra ele e tal e não sei quê” e os ultramontanos, os bispos ou os cardeais, aliás, muito de direita e muito reacionários e conservadores e tal, mas a verdade é que o colégio cardinalício, neste momento a maioria dos cardeais já foi nomeada por ele, portanto ele tem um *soft power*, mas ao mesmo tempo ele tem um *hard power*: ele também não, quer dizer, vamos lá ver, ele também não é parvo. Não é, não é uma pessoa que não dê, que não perceba que para continuar a obra que acha que deve ser feita e que é a obra que ele está a fazer, tem que ter força e tem que ter seguidores e tem que ter pessoas que concordem com ele. Não é por acaso que o Portugal subitamente passou a ter três cardeais importantes, não é? Não só o Cardeal-

Patriarca de Lisboa, como Cardeal de Leiria Fátima, como o Cardeal Tolentino Mendonça, quer dizer que são pessoas entre si diferentes, mas todas com uma característica comum que é uma grande ligação à cultura e uma grande ligação à história, à cultura, ao património, e tudo isso. Quer dizer, que já não, que vão para lá, que estão para lá daquele Cardeal distante e, no caso até do Cardeal-Patriarca de Lisboa, um homem que se licenciou na universidade antes de se tornar padre e que ainda andou a namorar com as raparigas ali na praia de Santa Cruz.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Henrique Monteiro: É, o Papa é sempre um dos grandes líderes da atualidade é, é sempre. Não me lembro de nenhum Papa que ninguém ligasse ou o que fosse indiferente para a maior parte das pessoas, isso parece-me óbvio. E, neste caso, tendo ele as características que tem, que a gente aqui já falou, é de facto um dos grandes líderes da atualidade. Quer dizer, quantos líderes a gente vê hoje no mundo que tenham realmente poder? Há sempre um presidente dos Estados Unidos que também é um clássico, digamos, há o Primeiro Secretário do Partido Comunista da China que neste momento é um homem, o Xi Jinping, que é um homem cheio de poder, não é? Há aqui uns curiosos cavalheiros e damas da Europa que tem sempre também algum poder, nomeadamente a Alemanha, o Reino Unido, a França alguma coisa e depois, quer dizer, o Presente da Índia, do Brasil agora muito fragilizado, mas quer dizer, mas há pouco mais gente, quer dizer, mais gente pega num... Se disser assim: o secretário-geral da ONU, que por acaso é português, mas se a gente pegar e disser três/ quatro pessoas importantes no mundo, o Papa é sempre uma delas. E há uma frase via ou uma história, que é verdade com o Stalin, no tempo do Stalin, em que o Papa fez uma crítica brutal à então União Soviética e o Stalin perguntou quantas divisões tem o Papa, no sentido quantas divisões militares, quantos homens, quer dizer, que é a pergunta estúpida – porque justamente a União Soviética acabou muito pela obra de um Papa, neste caso João Paulo II, que era Polaco e que minou, digamos, no bom sentido da palavra, minou aquele poder totalitário, não é? E fez com que as pessoas, por exemplo, na polónia e noutros países do Leste se orgulhassem de ser cristãs e de ser católicas e o afirmassem, e tudo isso. E, portanto, o Papa tem um poder que sendo um poder diferente dos outros, porque o poder dos outros nalguns casos está também alicerçado na palavra é certo, mas está sobretudo alicerçado no poder económico, no poder militar, o poder do Papa é um poder que está alicerçado,

basicamente, no poder da palavra e no poder espiritual, e no facto de as pessoas entenderem que o que ele diz é importante para milhões de pessoas e que hoje em dia essas milhões de pessoas já não são os privilegiados da Europa ou as pessoas da Europa, mas são, sobretudo, pessoas que já são todo mundo. E muito na América Latina, muito em África, muito também já na Ásia tinha, ainda muita gente na Europa, claro e nos Estados Unidos e na Austrália, e na Nova Zelândia, e em todo lado onde há cristãos, mesmo aqueles cristãos que não se revêm no Papa, no sentido da infalibilidade do Papa, tendem a concordar porque ele também é ecuménico isso é outro aspeto que ele tem de ser bastante ecuménico. Não foi o primeiro, mas continua esse caminho.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Henrique Monteiro: A capacidade de influência dele? Quer dizer, a capacidade de influência de um Papa, e do Papa Francisco em particular, é muito difícil de medir com uma métrica qualquer, porque ela é, obviamente, é uma influência *soft*, quer dizer, é toda feita por *soft power* é um poder de influência, uma magistratura de influência, como diria o Soares quando era Presidente da República: é uma magistratura de influência. Ele não tem uma influência que se possa medir e dizer como... não sei, o Jinping tem reservas de dólares que nunca mais acaba e pode afetar a economia americana. Ele não pode afetar economia nenhuma, ele não tem exército, não é aqueles guardas suíços não resistem a dois tiros do exército de um país qualquer. Mas não tem isso, mas tem uma influência espiritual enorme e tem uma força interior que se nota, não é? Aliás, ele não é o único líder religioso, eu penso que nós encontramos outros líderes religiosos, nomeadamente o Dalai Lama ou o Aga Khan, de outras religiões, alguns pastores nos Estados Unidos que também têm essa influência, para o bem e para o mal, às vezes, mas têm essa influência que é uma influência fática, que é... que não é explicável, nem é mensurável, não é, não se pode medir.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Henrique Monteiro: Sim, uma parte sim, mas há sempre uma parte que não. Isto é sempre um trabalho inacabado. Não há nenhum Papa que possa dizer eu comecei o trabalho e acabei. É sempre um trabalho inacabado, o trabalho do Papa Francisco vai ficar inacabado. E, depois

a grande questão é: quando o Papa Francisco deixar de ser Papa – e agora até já se põe a questão – seja por morte, seja por resignação, porque o Papa Bento XVI abriu essa porta – a questão está em quem lhe seguirá. Se lhe seguirá os passos, ou não lhe seguirá os passos. Por exemplo, nós vimos que quando foi o Concílio Vaticano II foi inaugurado por João XXIII, não é? Basicamente fechado e a grande parte por Paulo VI e a seguir a Paulo VI, houve o Papado muito breve de João Paulo I, e depois vem João Paulo II. João Paulo II já foi uma inflexão daquilo que era o Vaticano, quer dizer, o Vaticano II ganhou uma determinada velocidade que depois João Paulo II disse: “bem isto não pode ir assim tão depressa” e foi abrandando e havia novos problemas, não é? Nomeadamente o problema do Leste Europeu, do Comunismo, o problema da Guerra Fria tudo isso e, portanto, tudo isso foi muito importante aí para o João Paulo II, mas também é verdade que o João Paulo II não permitiu que a Igreja se democratizasse, ou entrasse numa via que muitos achavam possível a década de 60. Que era, por exemplo, ordenação de mulheres. Já estava em cima da mesa; uma coisa que depois veio a acontecer que era o regresso à comunhão dos divorciados ou... todas essas coisas que pareciam inevitáveis depois do Concílio Vaticano II, tiveram ali momentos em que andaram um pouco para trás, depois voltaram a andar mais para a frente, bom, nomeadamente até com Bento XVI e agora claramente com o Papa Francisco.

9. De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Henrique Monteiro: Penso que sim, pelo menos para a inovação social. Não estou a falar da inovação tecnológica, porque sinceramente não sei responder. Mas na inovação social, eu penso que sim, eu penso que sim. Eu penso que ele faz pensar muita gente sobre a distribuição da riqueza, sobre o trabalho, sobre a maternidade e quer dizer, e numa altura muito difícil, repare, numa altura muito, muito difícil para a Igreja, não é? Porque nós vivemos um tempo em que, por exemplo, a ideia de casamento foi destruída; a ideia de família está praticamente destruída; a ideia de, quer dizer, a gente hoje fala de família monoparental como se isso fosse normal. O que é que é uma família monoparental? Uma família monoparental é uma família onde falta uma série de gente porque uma família é muito mais que um pai ter um filho ou uma mãe ter um filho, mas quer dizer pronto era... Eu não estou a dizer se isto é bom ou mau. Estou a dizer é que isto é difícil para a Igreja lidar

com isto, porque não é, não era, nunca foi o modelo da Igreja e, portanto, é muito difícil como não é, por exemplo, casamentos homossexuais, problema dos LGBT e mais, toda essa coisa. Quer dizer, não é, não é o modelo da Igreja. E eu acho que o Papa sabe lidar com isso até ao ponto e que acho que é um ponto justo dizer: “ninguém deve ser perseguido, ninguém deve ser discriminado, ninguém deve ser...” Bem, isso é uma coisa. Outra coisa e aí também cito mais uma vez o Dr Mário Soares, quando lhe perguntaram uma vez para a homossexualidade e ele respondeu “desde que não se torne obrigatória, não tenho nada contra” e, portanto, a questão é um pouco esta, quer dizer, a Igreja tem que lidar com uma série de realidades sociais, com as quais não lidava: nem a Igreja, nem a sociedade. Mas quer dizer, só que são que a Igreja tem amarras das quais é muito difícil libertar-se, porque são amarras históricas, por exemplo, o “crescei e multiplicai-vos” – a gente não pode dizer isto a um par de homossexuais, porque eles não se multiplicam, não é? O que é um casal, não é? Aquela ideia que o casal se complementa, entre homem e mulher, e mais não sei quantos e tal. Isto é muito difícil. Há muitas coisas nessa área dos costumes, onde ele tenta fazer uma inovação social (depois na área do trabalho é mais simples, na área do ambiente, que aqui já falámos, as alterações climáticas também é mais simples), mas é, esta penso que é a área onde ele se tem esforçado mais, por não perder a carruagem, por não perder o pé, não é? Porque corre-se o risco de... Eu vou dar um exemplo muito politicamente incorreto, mas eu penso rigorosamente isso: Quando o Orbán fez aquele decreto, que aliás é um decreto muito mal feito, e bastante criticável. Aquela sobre os homossexuais e ela é bastante criticável porque, quer dizer, ele quase equivale a homossexualidade com pornografia e com pedofilia e tal. E a gente sabe que isso não é verdade. Mas a verdade é que a Europa mobilizou-se toda contra isso. Quando Orbán fechou a Universidade George Soros, ou quando o órgão proibiu vários jornais, a sociedade calou-se relativamente em relação a isso. Bom, portanto, há aqui uma agenda, há aqui uma ideia do que é que é importante, uma hierarquia de valores, se a gente quiser, que é totalmente contrária àquela em que as pessoas da Igreja e as pessoas normais – eu não sou da Igreja –, mas que as pessoas normais estavam habituadas. Na mais grave, digamos, isto é uma faculdade, do que fazer uma lei mesmo estúpida e mesmo repulsiva que afetava um conjunto de pessoas, não é? E embora essa lei devesse ser combatida, haveria sempre um combate muito maior em situações mais graves.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Henrique Monteiro: Eu penso que sim, que ele se preocupa. Eu acho que sim. Ele tem pormenores que das duas uma: ou é um grande ator; ou é de facto uma pessoa preocupada. Quer dizer, aquilo que eu disse há bocado, de ele muitas vezes vê uma criança doente ou vê uma pessoa com dificuldades e vai ter com ela e dá-lhe a mão. E não quer ofuscar com as riquezas do Vaticano, nem viver em palácios, mas em sítios mais modestos e isso tudo. Eu acho que isso é tudo uma preocupação para ele reganhar credibilidade da própria instituição que é a Igreja Católica Apostólica Romana, como se chama de nome completo, e mostrar ao mesmo tempo, que sim, que se preocupa, não é. Quer dizer, aquela ideia da imitação de Cristo, que é uma ideia sempre presente nos católicos, acho que também está muito presente nele, no sentido de perguntar o que é que faria Jesus Cristo nesta situação. Quem sou eu para julgar quem... todas essas coisas, não é? Porque como é que eu hei de me preocupar? Cada dia traz as suas preocupações, quer dizer, essas coisas todas eu acho que o Papa as encarna muito bem, ou então é um grande ator, eu também não conheço. Mas eu inclino-me mais para ele ter essa preocupação e verdadeiramente a sentir e verdadeiramente ele preocupar-se com as pessoas que o rodeiam, e não só com as pessoas que as rodeiam. Eu acho que ele tem, como é que hei de dizer, ele é verdadeiramente uma pessoa sentimental, quer dizer que tem um sentimento muito grande, não é uma pessoa fria racional, o que não faz mal nenhum, porque o Bento XVI era frio e racional e eu acho que ele foi importante, portanto, na prossecução de alguma exegese teológica e análise teológica, mas enfim cada um é como cada qual e eu penso que o Papa Francisco sendo, provavelmente, muito menos teólogo, digamos, do que o antecessor, é muito mais humanista e muito mais chegado às pessoas e preocupado com as pessoas.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Henrique Monteiro: Eu acho que sim, ele aliás já confessou alguns erros que cometeu e eu achei até isso bonito, porque é muito raro uma pessoa ver um líder daquela dimensão, não é, chegar a uma varanda, uma janela, já não me lembro como é que foi, e dizer “eu cometi este, este e este erro, eu não devia ter feito isto e peço desculpa a todos porque não devia ter feito”.

Já não me lembro em que situação é que foi, mas ele houve pelo menos uma vez em que pediu desculpa a toda a gente, a todos os fiéis, e eu achei isso... Portanto, ele tem consciência que comete erros, tem consciência das suas limitações e é aí que eu digo que ele nesse sentido é muito, é muito, quer dizer ele vive uma espécie de transcendência ele próprio, não é, como se vivesse sempre o Céu e a Terra – não sei muito bem explicar isto –, quer dizer ele tem a aspetos em que parece sobre-humano, em que a gente pergunta “como é que este homem consegue ligar a tantos pormenores quando tem isto tudo para gerir”, não é, parece-me que isso é bastante interessante nele.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Henrique Monteiro: Sim, também, eu acho que sim. Sim, acho que é humilde, na rua do humilde/modesto não sei qual é a melhor palavra para o definir, mas quer dizer, não tem o pecado da soberba, não é, que acho que é um dos pecados, agora já não sei se é venial, se é capital, já não me lembro. Não me lembro, nem nunca aprendi porque eu nunca fui cristão, na verdade, mas quer dizer não é, aquele pecado que vem lá da soberba, eu acho que ele não tem. E, portanto, nesse sentido, ele é uma pessoa humilde, é uma pessoa capaz de pedir desculpa é uma pessoa capaz de dizer que se enganou, uma pessoa capaz de dizer que o enganaram, é uma pessoa capaz de... Quer dizer, a gente sentiu sempre como alguém que pudesse estar na nossa sala, a falar connosco, que é isso que eu acho que com os Papas anteriores talvez não sentíssemos.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Henrique Monteiro: Sim, eu acho que todas as pessoas que chegam a certo nível de responsabilidade percebem o impacto de... quer dizer, que as ideias têm consequências e as palavras têm consequências, e os atos têm consequências e essas consequências, muitas vezes, são imprevisíveis. Eu penso... mas eu penso que há outra coisa nele atrás disso, que é assim, que é o sentido de ver. E isso é que a gente vê pouco, porque muitas vezes há pessoas que pensam muito, não é: “eu não eu devo fazer isto, já não devo fazer isto, porque e tal... embora o meu dever fosse se calhar fazer isto, eu não o faço porque fico mal visto ou...” eu acho que essa parte ele não tem, que é pelo menos não mostra ter, não é, a que já pus a hipótese de ele ser muito bom ator e ser uma pessoa totalmente diferente quando se conhece

enfim, quando se é irmão dele ou sobrinho, ou outra coisa qualquer, ou se lida com ele 24 horas por dia, de qualquer maneira. Mas a... eu penso que não, eu penso que ele tem esse sentido de ver e ele às vezes faz coisas que podem parecer até quase incompreensíveis, mas fã-las porque acho que acha que tem o dever de fazer e, provavelmente, há outras que ainda não o fez porque sabe que isso traria tantos problemas que o, digamos, que a causa era... ficava atolada nesses problemas e nem sequer se desenvolvia mais. É aquelas coisas em que a gente popularmente diz mais vale estar quieto, do que armar aqui uma confusão uma confusão enorme.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Henrique Monteiro: sim, eu acho que ele é aberto ao diálogo inter-religioso e entre religiosos e não religiosos. Eu penso que isso é, aliás, porque isso nota-se na, quer dizer, os próprios Cardeais e Bispos atuais, não é, que se têm mostrado cada vez mais abertos a esse tipo de diálogo. Eu por mim falo, quer dizer, eu tenho sido convidado – não sendo cristão, como já disse, católico não sou, nem nunca fui – , não tenho estados de alma sobre o problema da Igreja Católica, mas eu fui já mais de uma dezena de vezes convidado para falar a Bispos, para falar a pessoas, para falar em Igrejas, para... o próprio Cardeal Tolentino convidou-me para falar na Igreja do Rato, para falar aqui, para falar ali e para explicar é, quer dizer, aquilo que eu penso, não é, porque eu tenho uma coisa estranha que as pessoas e estou no meu meio que é o jornalismo, as pessoas acham que eu sou maluco, porque me perguntam o que é que tu és – eu digo eu sou crente, mas não sou católico – e, as pessoas acham que uma pessoa crente tem que ser católica, cristã, qualquer coisa eu digo, não é preciso. Para ser crente, não é preciso ser católico. Eu não acho que Papa seja a... nem acho que esteja tudo num livro, não acho que seja tudo unívoco. Não acho, quer dizer, há muitas pessoas que eu não acho, pois não me importo nada de discutir de teologia com quem sabe, não é, que eu possa discutir teologia com Bispo tão versado como fosse o Tolentino ou o Manuel Clemente ou outro qualquer, menos ainda com o Papa, mas quer dizer... sim, mas tenho... até se quiser, eu noto que a Igreja está a abrir. A Igreja está-se a abrir. Posso-lhe dizer, quer dizer, eu não escondo que eu faço parte de uma coisa, uma organização, toda a gente acha que é Igreja e essa organização detestam, que é a Maçonaria, não é, mas não é aquela seria dos negócios, é aquela a sério que agente pensa na transcendência e isso tudo. E ainda hoje

recebi uma carta de um Cónego português que disse: “eu estive a ouvir uma conferência sua e depois pediu-lhe” – eu não sabia que ele era sequer da Igreja – “depois pedi-lhe para você me mandar o texto, e você mandou me foi muito simpático, e voltei a ler o texto gostei imenso do que escreveu e tal devemos falar”, para que quer dizer, ele não quer dizer que ele esteja de acordo comigo, mas o que quer dizer é que a gente tem que se pôr de acordo não... quer dizer, aquelas pessoas que acham que há mais para além do que é visível, não é, e que acham que o homem não sabe de tudo e que não é o centro de tudo e, que não é o Deus de si próprio, como aliás este vírus veio demonstrar. Porque este vírus veio também demonstrar tem que se pôr de acordo. Eu acho que isso o Papa Francisco percebe perfeitamente: que há aqui batalhas que não são só religiosas, que são filosóficas, são para lá, são metafísicas. São matérias importantes... acho que isso ele... nisso, que aliás, já é um legado que vinha do Bento XVI aí sim: ser um racionalista e quase o fizeram filósofo, na verdadeira aceção da palavra e também já tinha começado esse caminho como outros anos de tempo... Até o próprio João Paulo II.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Henrique Monteiro: Ah, isso sem dúvida. Nem é preciso dizer mais nada, isso é o que ele consegue melhor.

Ele é mesmo empático e que é o caminho para o carisma, para ser carismático. Sem ser naquela aceção da Igreja Carismática que existe. uma corrente da Igreja que é carismática, não é. Não é isso que eu quero dizer, mas é carismático no sentido em que ele consegue convencer as pessoas só com palavras e silêncios, não é. Eu lembro-me também uma vez que ele está a falar de algo grave na praça de São Pedro e faz um silêncio enorme. E esse silêncio foi uma coisa maravilhosa, quer dizer, porque era um silêncio... ficou tudo em silêncio, não é, e uma pessoa muitas vezes é no meio do silêncio que se descobre a ela própria e que descobre os outros.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Henrique Monteiro: Certo, eu li o *Fratelli Tutti*, a Encíclica não é e, quer dizer, que tirando... há lá uma parte final que tem orações, às quais é que eu não conheço bem e não sei, e quer

dizer que não me dizem nada, no sentido eu não as compreendo sequer, mas quer dizer a essência daquilo que ele escreve eu estou totalmente de acordo.

Estou totalmente de acordo, quer dizer a Fraternidade, a Fraternidade Universal, a ideia da Fraternidade é uma ideia que está muito perdida e mesmo politicamente na trilogia da revolução francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. Se a gente tiver liberdade, sem igualdade, não é? Acabamos por não ter exatamente liberdade, mas se a gente tiver igualdade sem liberdade também não temos bem igualdade, quer dizer que eram aqueles regimes horrorosos e que era tudo igual, mas não havia liberdade para ninguém. E o que faz o equilíbrio entre isso é nós percebemos que pertencemos todos à mesma tribo. Agora que se tribaliza tanto, que fazem alguns negros e os x não sei quê e as lésbicas, os gays, tudo isto, que tudo é uma tribo com o racismo é estrutural e mais não sei quê, eu acho que a fraternidade é exatamente o oposto disso. A fraternidade é dizer todos os homens são meus irmãos e eu sou irmão de todos os homens e mulheres. É o que eu quero dizer quando eu digo homens, como sempre tradicionalmente se diz homens e mulheres, porque *homo* em latim queria dizer isso mesmo, ser humano, não é? Eu queria, não queria dizer só homens. Todos os seres humanos. Uma pessoa é irmão de todos os seres humanos e sendo irmão de todos os seres humanos têm com eles direitos e espera deles deveres também em relação assim, não é? Quer dizer, nós vivemos numa sociedade em que há o pequeno... não me lembro agora o nome dele, que aparece morto numa praia, ali penso que na Turquia, e todo o mundo, fica hora e tal. Isso foi o ano passado. Este ano, 2021, já quase duplicou o número de mortes no Mediterrâneo em relação ao ano passado, mas como a gente tem a pandemia não liga. E isto é horrível, quer dizer, e eu acho que nesse aspeto o Papa Francisco tem sido uma voz persistente, não é. Há mais organizações isso tudo e tal, não estou a dizer que é a única, mas tem sido uma voz persistente, ao contrário, provavelmente, da dos líderes políticos e até da opinião pública, que se emociona muito com caso, uma criança, mas depois sei lá... há milhares de crianças a ter o mesmo destino e como dizia o Stalin um morto é uma tragédia, um milhão de mortes é uma estatística e, se calhar, todos nós somos assim um bocadinho, para mal dos nossos pecados – como diria o outro.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Henrique Monteiro: Oiça, hoje em dia, eu acho que sim, mas hoje em dia as pessoas acham que a tolerância é uma coisa má, porque acham que a tolerância é uma pessoa admitir que há outras pessoas que também têm direitos. Quer dizer, acham que a tolerância é uma posição de soberba, porque... primeiro porque são ignorantes, não é, porque nem sabem de onde é que vem a palavra de tolerância. Tolerância por acaso vem do latim, da palavra de tolera, que deu também em português tolher, pedido de dor, e queria dizer, está a ver aquela coisa tolhido de dor e tal, encolhido sim, e vem porque tolera era resistir à dor que o outro nos inflige. Resistir à dor dos infelizes e a tolerância é isso. A tolerância é você podia estar a dizer coisas que eu não concordo, que até me podem vagamente agredir, e eu resistir de duas maneiras: não replicando, ou mesmo que replique, fazendo de uma forma que não seja agressiva; agora, há aqui um problema que o Karl Popper, filósofo, levantou, e que nós temos todos que pensar. E a gente pode ser tolerantes com os intolerantes com quem corta cabeças ali do deserto, quer dizer isso é outra história, e acho que também não podemos ser tolerantes esse ponto, mas no essencial, a tolerância é uma, como é que eu hei de dizer, é uma característica fundamental das sociedades, não é. Eu costumo dizer que é a tolerância e a hipocrisia. Toda a gente acha que eu sou maluco por dizer a hipocrisia, mas na verdade a hipocrisia também é um segmento da sociedade. Se a gente começar a dizer todos uns dos outros o que pensamos verdadeiramente deles, acabamos todos à estalada, e tolerância nenhuma. Mas enfim, agora deixemos a hipocrisia. A tolerância é, de facto, um cimento fundamental. Nós temos que, nós temos que perceber, que os outros têm direitos, os outros têm direitos, mas não nos podem impor também esses direitos. E hoje o que se passa é que a ideia de uma pessoa ser tolerante não chega, não é, não chega ser tolerante, não chega eu dizer: eu sou a favor que todos os homossexuais ou que todos os... não sei, sei lá... zarolhos ou deficientes tenham os mesmos direitos e sou, mas não basta dizer isto, não basta dizer isto ou dizer assim eu não sou racista e acho que nem sequer há raças e acho que não há raças, acho que todos os seres humanos são da mesma raça, quer dizer têm características diferentes, cor de pele, não é, mas a raça é rigorosamente a mesma o genoma é mais... Pode ser mais parecido entre um português e um austríaco, não é, ou ser mais semelhante entre o negro e o finlandês, do que o português e um austríaco, portanto, quer dizer nada disso nos

diz que há raças, mas não basta porque nos vêm com a teoria de que todos os brancos têm que ser racistas por natureza. Quer dizer, isso é tribalizar a sociedade, que é o contrário de fraternizá-la, porque se a gente se tribaliza, acabamos todos... aquela coisa que dizia o Gandhi se é o olho por olho, dente por dente, acabamos todos cegos. Não há forma de se dizê-lo de outra maneira. Bom, e acho que o Papa nisso tem feito um esforço para – não perdendo completamente pé e compreender as dificuldades de minorias e de pessoas que sofrem, porque há também muita gente que sofre e com o seu corpo, com enfim com as mais diversas questões, sendo compreendendo isso – fazer uma doutrina na base da fraternidade, da tolerância na fraternidade, no fundo.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Henrique Monteiro: Sim, embora sejam denúncias já feitas muitas vezes, mas quer dizer, eu há uma delas que acho que é bastante destoar do tempo, que é a desigualdade excessiva, porque é verdade que há uma desigualdade excessiva, e é evidente, que quem se diz cristão não pode ser a favor da desigualdade excessiva, mas também é verdade outra coisa é que esta desigualdade tem aumentado, mas os pobres são menos pobres, quer dizer, e a mim preocupa-me mais, quer dizer, isto é um bocado estranho quando não se diz, mas se você ganhar 100€, e eu ganhar 1000, eu ganho 10 vezes o que você ganha, certo? certo Se você duplicar para 200 e eu for aumentado, portanto você foi aumentada 100%, passou para 200, eu sou aumentado digamos 10% passei para 1100, não é, a nossa distância manteve-se a desigualdade não diminuiu, mas você está muito menos pobre do que era, porque duplicou os seus rendimentos. Quer dizer e, portanto, isto aqui, há aqui efeitos estatísticos que são muito complexos. No geral, é evidente que a desigualdade é excessiva, ou é evidente, mas há muita gente a sair da pobreza é preciso dizê-lo. Quer dizer, antes da pandemia, agora a pandemia veio baralhar um bocado estes números. Há muita gente a sair da pobreza, há um excesso de individualismo que se nota neste tribalismo e nestas ideias do, por exemplo, a discussão do aborto, independentemente de eu ser a favor do aborto em certas circunstâncias, por exemplo, aqueles argumentos o corpo é meu é um argumento logo que me irrita, não é, o corpo é meu. O corpo é meu, quer dizer está bem, o corpo é meu, mas eu não vou à médica

e o corpo é meu, tira-me este braço, porque não faz sentido nenhum. O médico manda me internar, não é, porque quer dizer, nada é inteiramente nosso, não é, quer dizer, se nós somos seres gregários, nada é inteiramente nosso. Algumas coisas pertencem-nos a todos e só assim é que somos irmãos também, não é, não posso dizer que tudo isto é meu, porque eu faço falta a alguém e alguém me faz falta a mim, não é. E, se calhar, mais que uma pessoa. Voltamos aos problemas que hoje em dia se põe, as eutanásias essas coisas todas, são todas muito mal discutidas e muito discutidas pela rama. São discutidas na base do individualismo puro e não da integração do ser humano, na sociedade na e, quer dizer, e junto daqueles que o amam e aqueles que ele ama. Ou então é um exógeno é um ser que vive isolado sozinho, sem ninguém bom está bem, isso então não sei que diga, mas se for uma pessoa digamos que tenha família, amigos, pessoas que ama e pessoas que o amam, ele já não é só deles.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Henrique Monteiro: Sim, eu acho que há bastante clareza moral, não há, quer dizer, pode haver uma zona mais ou menos cinzenta e tal, mas quer dizer, moral também é muito... levávamos aqui 30 horas a discutir o que é moral. Para o Kant era muito fácil, porque era uma coisa que fazia parte da razão prática, operasse da ética e fazia parte da razão pura. E, portanto, a moral era a aplicação prática da ética, mas quer dizer a gente pode dizer não é nada disso. Quer dizer e, portanto, o eu acho que não tem clareza nesse aspeto é clarinho. Há muita gente que espera que ele dê um passo.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Henrique Monteiro: Eu acho que ele não quer ser, ele não quer liderança política. Eu acho que a função do Papa é influenciar a ação política. Eu não sei se ele vai conseguir influenciar alguma e essa influência faz-se por duas vias: faz-se diretamente junto de um líder político e faz-se por baixo, junto do rebanho, não é, do rebanho cristão. Mas eu penso que falar de liderança política, também depende o que é que a gente entende por política, é, enfim é um bem comum, é da polis, é da cidade, mas eu penso que ele não pretende ter qualquer liderança política, no sentido, como é que hei de dizer, no sentido comum, ou mais corrente que a gente dá à palavra política. Portanto, ele não pretende isso, nem com esta Encíclica, nem com Encíclica nenhuma. Penso que ele pretende sim, influenciar. Influenciar. É plantar

sementes. É a parábola dos talentos. Ele tem que plantar sementes, como todos. Tem que plantar sementes... e isto leva a uma discussão, essa sim de ciência política que é muito interessante é: se o mundo progride pela transformação de grupos sociais que vão provendo essas transformações, ou se o mundo progride através da alteração do pensamento de cada indivíduo, e se cada indivíduo não está a contribuir para o bem comum, digamos, para aquilo que seria a comunidade. Penso que os Papas, a Igreja e tal são mais nesta segunda linha, são mais na linha que “eu quero, eu quero-te a ti, quero que tu penses profundamente nestas questões, quero que perguntes o que é que fizestes pelo teu irmão, o que é que fizeste por ele. Eu às vezes encontro pessoas que se dizem muito católicas e muito isto e tal e às vezes pergunto – é só por provocação – pergunto-lhes assim: “e dás esmola aos pobres?” e elas dizem “sim” e disse “e já quantos é que já levaste para tua casa, para lhes dar banho e roupa?” – porque é que é, quer dizer, a fraternidade é isso, não é dar esmola. É claro que ninguém fez. Talvez haja 4 ou 5 santos, enfim das minhas relações, não é, que já o tenham feito, mas essa é verdadeiramente a transformação, que eu acho que o Papa Francisco e de um modo geral que a Igreja Católica desde que ele lá chegou e até, nalguns casos, um pouco antes, por aqueles que o elegeram naturalmente e que acharam que ele era a pessoa indicada para o ser e para aqueles que o apoiam neste momento e acham que ele é a pessoa indicada para dirigir. Acho que é isso que pretende.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Assunção Cristas: Considero a conduta do Papa Francisco absolutamente exemplar, naquilo que é o apelo a uma abertura e a um encontro verdadeiro entre as pessoas.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Assunção Cristas: Sim, e ele lidera muito pelo exemplo, não é, segue muito aquela máxima de Evangelizar, se necessário for, também pela palavra. Ou seja, começar pelo exemplo e pela forma como está, como se apresenta, pelos gestos que faz de grande significado e eu creio que ele lidera por esse... por esse exemplo que é visível, é palpável, mais do que lido ouvido é a própria atitude permanente do Papa Francisco, que é um sinal de liderança.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Assunção Cristas: Sim, o mais possível, o mais possível, aliás, eu acho que o Papa Francisco tem uma preocupação muito grande em colocar-se ao nível das outras pessoas, procurando o mais possível temperar uma certa inevitabilidade distância, não é, do próprio símbolo que significa e de toda uma tradição que o coloca no topo de uma hierarquia e numa posição em que, de facto, não está ao nível de outras pessoas e eu penso que Papa Francisco procura, nos seus gestos, nas suas atitudes a... na sua ação pastoral dá sempre um sinal de proximidade e de alguém que se procura relacionar, ao mesmo nível com todas as pessoas.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Assunção Cristas: Eu não sei como lhe responder, eu acho que o Papa Francisco tem um grande carisma da proximidade, da simplicidade e do despojamento, e eu acho que ele é absolutamente representativo disso tudo.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Assunção Cristas: Eu penso que o Papa Francisco tem a preocupação de mostrar uma Igreja de braços abertos, que compreende o mundo contemporâneo, que percebe as fragilidades da vida das pessoas e procura mostrar que na Igreja há uma atitude de acolhimento, de abertura, de vontade, de oferecer um caminho para todas as pessoas, sem exceção. E eu penso que Papa Francisco tem feito muito esse trabalho, que obviamente é difícil, que implica também muito trabalho de um debate sereno dentro da própria Igreja, mas eu penso que ele tem tido essa preocupação. Por um lado, de olhar para o concreto comum da vida quotidiana das pessoas e das suas dificuldades e fragilidades, por outro lado olhar para também, e esse eu acho que é um tema que o Papa Francisco traz de forma muito clara, e em muitos casos também liderando, que tem a ver com o tema do próprio planeta, do ambiente, e da necessidade de cuidar da casa comum, que se liga também diretamente ao louvor à criação e ao respeito que temos que ter. Não só pela humanidade e pelas pessoas entre as pessoas, mas também por toda a criação e, portanto, por todas as espécies, por todo por todo o planeta. E eu penso que o Papa Francisco tem quer a componente social, quer a componente se quiser, muito de respeito por todas as espécies vivas e por todo o planeta na sua globalidade e, portanto, para concluir, também muito ambiental.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Assunção Cristas: Eu penso que sim. O Papa Francisco, e em particular nesta *Fratelli Tutti*, traz para cima da mesa os grandes temas que hoje perturbam a humanidade, e que interpelam a humanidade. Já tinha falado muitas questões do estado do ambiente, do planeta, do clima. Fala muito da questão das identidades, das migrações, do respeito por todas as pessoas e pelas identidades de todos, fala do diálogo inter-religioso e da necessidade de encontrar um espaço de comunhão dentro da diversidade das crenças e da importância de haver identidades bem definidas, para que possam dialogar de forma fecunda, e isso eu penso que é muito importante. Fala dos radicalismos, da disputa da ação política como o modo superlativo de caridade e eu creio que isso todo mundo precisa de ouvir, e são tudo tópicos onde o Papa Francisco acrescenta com o seu exemplo e com a sua palavra.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Assunção Cristas: É muito interessante ver com o Papa Francisco toca de uma forma muito transversal, sendo a Igreja católica normalmente associada a uma a visão mais conservadora do mundo, porque normalmente é associada à proteção de valores como a família, a vida, etc. E às vezes considerada até, a meu ver, de um lado errado como contrária a temas muito importantes e muito sensíveis como o papel da mulher só para dar um exemplo. A verdade é que o Papa Francisco, eu penso que toca de forma muito transversal em toda a sociedade, a nível global, e é muitas vezes evocado e citado por pessoas que estão muito longe da Igreja, por pessoas que do ponto de vista político até se colocam em espectros que tradicionalmente correspondiam uma fortíssima oposição à Igreja, e aqui Igreja global e, obviamente, também as Igrejas nacionais e locais, mas eu penso que o Papa Francisco consegue ser ouvido e consegue fazer chegar a sua mensagem a um leque muito alargado de pessoas, independentemente, do seu posicionamento político, ideológico, social. Eu acho que esse também é um grande carisma do Papa Francisco.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Assunção Cristas: Eu creio que o Papa Francisco já deu exemplos e dá exemplos de o conseguir fazer. Às vezes, de forma até muito disruptiva, com a sinais que as pessoas não estão à espera, mas eu penso que ele tem o feito. E, por exemplo, esta *Fratelli Tutti* abre com uma reflexão de aproximação a um diálogo e a um respeito, por exemplo, com o mundo Islâmico e a ansiedade de cultivar a paz, cultivar os valores comuns, em detrimento de uma certa lógica que tende a colocar a animosidade, fruto dos radicalismos que, de forma errada, procuram na religião a alicerces que, de facto, não deveriam existir aí e não deveriam encontrar aí. Eu penso que o Papa Francisco tem tido essa capacidade e acho que na *Fratelli Tutti*, tudo isso é visto de forma clara, essa capacidade de trazer um diálogo mais profundo, e no respeito muito grande daquilo que são as identidades e, neste caso, as crenças das várias das várias sedes.

9. De acordo com a sua percepção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Assunção Cristas: Sim, eu acho que o Papa Francisco tem essa essa preocupação e essa... e demonstra com muitos sinais como é capaz influenciar, e de estar além do próprio mundo cristão e católico, não só cristão, mas católico, em particular. Eu penso que o Papa Francisco faz essa pedagogia e tem assim impacto, e não é por acaso que nós ouvimos líderes mundiais, de várias proveniências e de vários espectros a referirem e a citarem o Papa Francisco.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Assunção Cristas: Eu penso que o Papa Francisco tem a preocupação das necessidades da sociedade, sim e, por exemplo, falava há pouco das fragilidades, das pessoas, das circunstâncias concretas das pessoas. Podemos, por exemplo, esta a abertura a um convite mais efetivo para os divorciados poderem participar de outra forma na própria na própria Igreja, eu acho que isso é muito visível, mas é ao mesmo tempo visível a preocupação em chamar a atenção aqueles que pela sua fé seguem o Papa Francisco, enquanto sucessor de Pedro, portanto os católicos e chamá-los à atenção de forma, às vezes até bastante explícita e eu estou a pensar mais uma vez na *Fratelli Tutti*. e naquilo que é referido a propósito do acolhimento aos imigrantes, do acolhimento às pessoas que precisam dos outros e, neste caso, precisam muitas vezes do mundo ocidental, da Europa, à chamada de atenção para aquilo que deve ser a atitude de um cristão e de um católico, nessa postura de acolhimento e, portanto, eu acho que Papa Francisco tem a preocupação sim, de compreender as fragilidades, de acolher, de mostrar abertura, mas também tem a preocupação de liderar e de explicar por onde é o caminho, e eu várias vezes sentia, ao longo da *Fratelli Tutti*, que havia passagens onde claramente estava a fazer uma forte chamada de atenção aos católicos.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Assunção Cristas: Eu diria que sim, porque o Papa Francisco tem um perfil de grande humildade e eu acho que o Francisco tem uma outra característica que é genuinamente um

homem muito... feliz e alegre e onde nós sentimos transbordar essa alegria e essa felicidade que é, por exemplo, visível no facto sentido de humor que tem. Ora, uma pessoa só consegue ser assim alegre, e transbordar essa alegria, essa Felicidade, se também conhecer e reconhecer os seus erros, e as suas fragilidades e, de alguma forma, viver bem com isso, com certeza, procurando melhorar, mas percebendo que é na imperfeição e na incompletude que Deus nos ama e onde às vezes mais revela o seu amor.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Assunção Cristas: Sim, e ele deu vários sinais de humildade, às vezes mal compreendidos como por exemplo naquela audiência onde beijou os pés dos dirigentes em conflito no Sudão do Sul e as pessoas não compreenderam, muitas e eu acho que isso foi um sinal de uma profunda humildade e de procura de explicar às pessoas que, de facto, só com humildade, com abertura aos outros, com a capacidade de nos pormos nos pés dos outros, na posição dos outros é que conseguiremos, de facto, encarnar a mensagem do Evangelho.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Assunção Cristas: Eu penso que sim, eu acho que o Papa Francisco tem de facto um impacto muito grande, não só dentro da Igreja católica, portanto do seu rebanho – daquilo que é a sua missão primeira, mas também, - primeira no sentido daqueles que já sendo crentes esperam de si a palavra da liderança, e o exemplo, e a inspiração e, no fundo, um apontar de um caminho, mas também para lá – como eu dizia. muito para lá do católico, muito para lá do mundo crente, eu acho que o Francisco tem o impacto do exemplo.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Assunção Cristas: Sim em relação, por exemplo, ao diálogo inter-religioso, vemos o Papa Francisco com muitos gestos muito significativos, até de oração comum, de oração inter-religiosa, de procura da aproximação quer aos muçulmanos, quer ao mundo judeu e não só, e mais uma vez a *Fratelli Tutti* fala abundantemente desse ponto, da necessidade de não só nos respeitamos, não só nos tolerarmos, mas genuinamente termos a curiosidade de

comprender e de amar também essa diferença, sabendo que as expressões poderão ser diferentes, mas a fonte é uma única e, com certeza, enquanto cristãos e enquanto católicos, nós temos que viver de acordo com a nossa fé, de acordo com o Evangelho, mas isso também significa olhar para os outros com amor, com curiosidade, com generosidade, com espírito de genuíno interesse e de abertura. Aliás, o Papa Francisco muitas vezes diz que isso só é possível quando cada um está bem consciente da sua identidade e, portanto, não se trata aqui de deixarmos de ser quem somos, mas sendo quem somos podermos ajudar a construir algo em conjunto.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Assunção Cristas: Ah, imensamente. Eu acho que o Papa Francisco é muito caloroso, muito humano, e acho que cria a muitíssima empatia. Aliás, vemos por todo o lado onde anda, de facto, o grande impacto que tem.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Assunção Cristas: Sim, aliás, como dizia há pouco com a preocupação, com certeza de evangelizar e de levar a palavra de Cristo, através da Igreja, que está presente em todo mundo porque é universal e, por isso, se diz católica, mas ao mesmo tempo com a consciência e com a vontade de explicar que isto acontece no mais profundo respeito e espírito de abertura e de curiosidade, em relação àqueles que tem outras crenças e, também em relação àqueles que não têm crença.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Assunção Cristas: Eu penso que sim, isso tem vários sinais e quando nós olhamos, por exemplo, para a mensagem que dá, de forma muito clara, em relação à diversidade, e à diversidade da proveniência geográfica das tradições, das línguas, da forma como as pessoas se posicionam, eu penso que ele tem essa preocupação, a de garantir que não há ninguém que se queira sobrepor a outrem, mas alguém que conhece e que de forma muito, eu ia dizer

generosa, mas não é só generosa, é de uma forma muito autêntica, se abre aos outros. Aliás, é engraçado, eu estava aqui a ver se encontro – estou com a *Fratelli Tutti* na mão –, estava aqui à procura de uma passagem que acho que encontrei agora, quando ele diz que “sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser”, isto é uma extasia, refere que “a nossa relação se é sadia e autêntica, abre-nos aos outros que nos fazem crescer e enriquecem”, e que nos completam com esta abertura. E, portanto, eu penso que tem sempre essa mensagem e essa preocupação.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Assunção Cristas: A Igreja ao longo da sua história tem um contínuo de denúncia das desigualdades sociais, do desrespeito pelas pessoas, pelos seus direitos fundamentais, pela sua individualidade, no sentido de singularidade, não individualismo – que isso é outra coisa, mas a singularidade de cada pessoa. E o Papa Francisco faz também essa obviamente, a esse pôr o dedo na ferida. Eu penso que aqui não estamos a falar de um discurso disruptivo, no sentido em que nunca ninguém falou disto na Igreja e não há Encíclicas sobre esta matéria, mas o Papa Francisco tem, por si próprio lá está, pelo seu carisma, pela forma como se revela ao mundo, ganha uma dimensão de maior amplitude e, por isso, também a forma como diz e a forma como sinaliza estas. Eu diria que nós podemos considerar estes escândalos, que nós temos na sociedade e do mundo, eu penso que se tornam mais audíveis, porque são ditos pelo Papa Francisco, com a sua linguagem, com a sua forma própria de estar e com o seu exemplo.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Assunção Cristas: Sim, de forma muito clara, aliás, também a maneira como tem gerido as dificuldades internas da própria Igreja, as vezes em que a Igreja esteve mal, e em que o Papa Francisco não hesitou também dizer que é preciso que as coisas sejam apuradas, é preciso que haja justiça a ser feita, é preciso que haja compensações, e que nada pode ser escamoteado. Portanto, aí também eu acho que essa dimensão ressalta.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Assunção Cristas: O Papa Francisco quando reflete sobre vários temas, sobre imigração, sobre os radicalismos, sobre os excessos individualismos e dos consumismos, sobre o liberalismo desenfreado e a procura do lucro fácil, sobre a necessidade do acolhimento dos imigrantes, do respeito por todos, pelas raízes, pelas identidades, pelas crenças de todos, o Papa Francisco está tocar em temas que são temas do domínio comunitário, e portanto, o domínio político daquilo que diz respeito a todos, que diz respeito à polis e a sua mensagem é política nesse sentido. Não é política no sentido político partidário e de governação, digamos assim, da coisa pública das instituições que existem nas várias geografias, das várias regiões do mundo, nos vários países ou cidades para o fazer, mas é político, no sentido de sinalizar os temas e que dá pistas de orientação para a sua resolução. A forma como os problemas depois são nos concretos resolvidos, isso caberá, com certeza, a todos nós nos vários espaços de reflexão política e decisão política, tomar essas decisões. Mas, por exemplo, quando o Papa Francisco vai às Nações Unidas e elogia o papel do multilateralismo, do concerto das nações baseado no direito, baseado no respeito pelos direitos de todos etc., etc., está a fazer política também, e está a tratar de temas políticos, neste sentido, que interessam a todos e que precisam de ter uma solução e, portanto, o Papa Francisco sinaliza os temas. Os temas das desigualdades sociais, os temas pela casa comum e, portanto, as questões ambientais e os temas de necessidade de uma genuína fraternidade, abertura os outros, a diversidade, ao conhecimento profundo recíproco – para aí ter um espaço comum, a de diálogo e de construção. Tudo isso são grandes tópicos que depois são declinados em ação política, nas formas em que ela depois se revela nos vários espaços e nas várias instituições, mas este é também um discurso para além de espiritual, um discurso que tem um impacto político e naquilo que são depois as grandes linhas das decisões que têm de ser feitas já ao nível, digamos assim, terreno. Mas a Igreja nunca se despreocupou da realidade e do concreto, aliás, esta Encíclica no segundo capítulo tem a explicação da parábola do samaritano, que é um exemplo de como a Igreja e a Mensagem de Cristo não está nunca desligada das vivências reais, de pessoas de carne e osso, e das suas necessidades e de todas as suas necessidades, e dá pistas de inspiração e de reflexão e de soluções – que são sempre esta abertura ao outro, no acolhimento ao outro, no amor ao outro, aliás, o Papa Francisco fala de uma espécie de amor ao nível dos próprios povos, dos próprios países, da

amizade social, da forma como este amor a que é o Evangelho apela, esta proposta de amor que é o Evangelho, também tem uma dimensão pública e política, e explicou como é que isso deve ser pensado. Agora isto é diferente de depois, na prática, como é que as soluções são efetivamente encontradas. Isso depois, enfim, haverá vários caminhos, mas há aqui uma preocupação sim de sinalizar temas e de dar pistas bastante concretas para os resolver.

ANEXO J: Entrevista a Pedro Rebelo de Sousa, Advogado – católico

Está a falar, naturalmente, com uma pessoa que pertence à geração que na sua juventude viveu o começo da Era do Vaticano II. E, depois, país viveu também os vários movimentos, digamos, católicos e religiosos e também acompanhou em vários países. Eu vivi final da década de 70, meados da década de 80 na América Latina, no Brasil. De 85 a 90, em Nova Iorque. E depois voltei para Portugal. Pronto, isso tudo condiciona, como você pode imaginar, o julgamento e a leitura que a pessoa possa fazer.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Pedro Rebelo de Sousa: Eu acho que o exemplar é sempre algo de difícilmente... parametrizar, quer dizer, é exemplar seguindo que é um exemplo a seguir, não é? Vamos tomar esse conceito, porque é um exemplo a seguir, portanto, torna-se alguém exemplar. Sim, isso sim, porquê? Porque, na minha opinião, ele é exatamente o exemplo da fé transformada em testemunha e ação, ou seja, mais do que propriamente um exemplo em termos pedagógicos, ou em termos doutrinários, ele acaba por nos transportar sempre de uma forma muito fácil e muito pedagógica, digamos assim, para um testemunho de atuação e para a própria ação, que acaba por... ele próprio ser um exemplo disso e, portanto, leva-nos a considerar que é algo que torna a fé e o testemunho católico, religioso, se quiser, cristão mais abrangentemente, religioso ainda mais abrangentemente, um testemunho relevante, digamos, e não meramente teórico.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Pedro Rebelo de Sousa: Eu creio que sim e por contraste. Porquê? Porque você veja, ele acaba por suceder a duas figuras muito transformadoras, num sentido ou noutro, podemos gostar ou não. Porque é que eu acho que faz... é alguém capaz de orientar e guiar elementos da sociedade ou a própria sociedade, porque ele dando continuidade a uma linha que tinha sido traçada por João Paulo II, ele acaba por não contrariar o que poderia ter parecido um pouco um retrocesso que foi o papado de Bento, porque é um papado mais doutrinário, porque é um papado muito mais cauteloso, se quiser, na defesa de determinado tipo de avenidas que o Papa João XXI tinha aberto, sobretudo avenidas de proximidade, avenidas...

caminhos de diálogo e o Bento parecia ser um Papa um tanto quanto mais distante, tentando repor uma certa doutrina – o que vai muito ao encontro daquilo que ele, do Ratzinger que ele representava antes de se assumir como Papa. Isso parecendo que não, foi algo que para quem tem fé, como nós, tem um significado que é o João Paulo II levou o papado, a sua a sua missão ao extremo, não é? No fundo acaba por morrer e vê-se, é realmente uma morte em direto, quer dizer, é um show – quer dizer, para você que está a estudar comunicação – é uma transmissão em direto de uma morte. Nós estamos a vê-lo morrer diariamente, quase no limite da perda de dignidade humana, no sentido, de estar muito incapaz, muito débil e a verdade é que isso foi importante, porque é de certa forma o carregar a cruz até ao fim e até ao limite de todas as forças. Essa foi a mensagem que nos passou de João Paulo II no final, mas depois vem Bento e Bento era o homem que zelou, digamos, por um conjunto de princípios e doutrinários que, de certa forma, a atuação de João Paulo II não é que questionou, mas abriu portas para que fosse criado o diálogo interpretativo, vamos falar assim, diálogo interpretativo. E, Francisco, de certa forma, entre aspas – *out of the blue*, inesperadamente um argentino, muito próximo das suas ovelhas no seu bispado, mas Francisco não nega Bento, não nega o testemunho de Bento, mas, pelo menos na minha perspetiva, retoma João Paulo II em muitas das suas atuações, e vai mais fundo, e vai mais próximo, e não carrega aquela necessidade que João Paulo II tinha de pacificar o que no seu passado e até pessoal estava ainda a vivo, que é no fundo, é a divisão da Europa, a guerra, o nazismo, a emergência do fascismo, enfim, tudo isso. Ele, portanto, este não, este não é que não tenha as suas próprias (já vamos ver) posições ideológicas, mas marca a diferença. Isto é um líder, é um líder que não tem medo da sombra dos antecessores, mas marca diferença. Nós sentimos que Francisco é diferente. E, curiosamente marca a diferença criando simpatia. Simpatia naqueles que de certa forma se reviam em João Paulo II, mas achavam que ele, ele claramente ia até um certo ponto, e não ia mais longe. E este levou mais longe. Vou dar um exemplo para comentar isto e passarmos à próxima: a chamada a participação dos leigos e a chamada participação de base da Igreja, quer dizer, a Igreja, a *ecclesia* passou a ser chamada a participar sendo ouvida, através das consultas, através do sentido opinativo, digamos, e dos próprios Concílios que ele tem promovido.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Pedro Rebelo de Sousa: Pois, sem dúvida, você já viu que desde a Argentina, a abertura e a – eu diria – destronização, no bom sentido da palavra, não é se destronar alguém, é de certa forma desmistificar o trono de Pedro, quer dizer, o trono de Pedro é um trono que não pode ser tido como um lugar distante, uma dimensão inatingível. Ele faz o trono de Pedro uma cadeira ao lado de nós e, portanto, e o Vaticano, os seus aposentos e tudo, mais não são do que um modesto quarto num hotel que sempre frequentou. Portanto, tudo isso é uma forma de o tornar voltado para os outros. Isso nota-se até, se você vir, há um livro muito interessante de diálogo entre o Papa - então arcebispo de Buenos Aires com um Rabino, e o diálogo é muito interessante porque, se virmos bem, os outros são o vértice do triângulo que acaba por ser traçado na conversa, na minha perspectiva, onde o rabino fala de Deus, Francisco reconhece esse Deus, tal como Cristo reconhecia seguindo o Antigo Testamento. Francisco fala de Cristo e do cristianismo, mas depois há um terceiro vértice em que voltam a juntar-se os dois que é (e que forma um triângulo), que é os outros. E os outros e por caminhos um bocadinho diversos, na minha opinião. Francisco por um caminho de testemunho enquanto bispo, enquanto líder de uma comunidade religiosa – como a sociedade as suas disparidades, das suas desigualdades etc., numa América Latina que é sempre um bocadinho mostruário de muitas há assimetrias e o outro, pela carga persecutória que existe sempre em relação aos Judeus. Portanto, e sendo que *backgrounds* diferentes encontram-se, portanto, nos outros. E é isso que o Papa Francisco faz, é eleger o outro como seu interlocutor. O interlocutor não são os bispos, o interlocutor não são necessariamente só os líderes do mundo e tal... o outro, simples pode ser mais importante ou menos importante.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Pedro Rebelo de Sousa: O carisma, o carisma... há muitos tipos de carisma, não é Mariana? Há carismas, nós quando falamos de carisma temos sempre no subconsciente algo, imagens daquilo que consideramos pessoas que nos marcaram com um tipo de carisma que os diferencia de outras. Carisma começa por ser, na minha opinião, diferenciação. Uma pessoa que tenha um determinado tipo de carisma diferencia-se, naturalmente, da maioria, não é. E você demonstra que aquele homem tem carisma, tem uma certa... é alguém que marca a

diferença que nos mostra algo de diferente. Ora, pois, eu acho que sim e esse carisma que é característica da sua personalidade é a doutrina feita ação. A doutrina feita ação. Não é mais de nada, é a doutrina concretizada em aspetos do dia a dia e questões essenciais do nosso quotidiano, que vão desde o clima ao extermínio de determinado tipo de populações, ou aos imigrantes, passa por outros desafios do futuro como... olhe a sua área de comunicação, toda a parte das notícias *fake news*. etc. etc. Ele cobre isso tudo. Ele cobre isso tudo com muita... pegamos na mão, aliás a *Fratelli Tutti*, já vamos falar disso, é um passeio. Se você pensar bem é um passeio que se faz gostosamente, aliás, se você numa segunda ou terceira leitura até faz e descobre, porque numa primeira leitura a pessoa na avidez de ver, de seguir a linha de raciocínio acaba... Portanto, é doutrina feita ação.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Pedro Rebelo de Sousa: Eu não creio que seja na unificação da mesma. Ele é um homem da diversidade, ele não pretende que se unam todos de uma forma acrítica. Eu acho que o que ele pretende é que se criem consensos e plataformas de diálogo que criem uma sociedade para a sociedade. Quer dizer, não uma sociedade para determinado tipo de núcleos que a sociedade tem e que interpreta a sociedade e que vive a sociedade de uma forma perfeitamente isolada. Ele pretende que isso seja desmistificado primeiro e depois destruído gradualmente, através de pontos de diálogo e de construção de um novo homem, o fundo a muito na linha daquilo que eu considero que seria o que estava no Vaticano II.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Pedro Rebelo de Sousa: Os Papas são sempre, quer queiramos, quer não, incontornáveis porque representam várias coisas. Primeiro representam uma população vasta e muito... eu não diria homogénea, mas muito convergente de uma religião, o que é importante. Desde logo o peso, numérico se quiser. Depois, o peso histórico, quer dizer, não é de ontem, não. O peso histórico que é muito importante. Depois o peso da dispersão geográfica, você não está a falar de uma religião que existe só num determinado tipo de continente ou num determinado tipo de país, não. Portanto, é muito transversal, muito muito horizontal e transversal, portanto, você queria ali parâmetros em que encontra, como é óbvio, o líder...

Mas a sua pergunta, eu tomo-a na seguinte leitura: é um líder, é o trono de Pedro que o faz líder? Porque isso faz líder todos, que é o que eu acabei de explicar. Ou é ele confere ao trono de Pedro liderança e, sobretudo, uma liderança diferente? E eu creio que já disse atrás, que é... ele faz isso e fá-lo bem, e fá-lo de duas formas: por afirmação, ele afirma ele não interpreta, se você vir bem, as suas Encíclicas são muito afirmativas. Eu acho que é assim, e que se você pega aqui na *Fratelli Tutti* e vê que ele tem opinião. Trata-se sem dúvida de outra lógica, se não se fizer esforço para entrar nessa lógica, as minhas palavras parecerão um devaneio. Pronto, e vai por aqui. Portanto, ele é opinativo por um lado, não quer dizer que seja dogmático, mas é opinativo. E, por outro lado, acaba por criar a tal comparabilidade com outros seus antecessores, o que lhe confere uma liderança diferenciada, não é, diferenciada. Você para ler as Encíclicas de Bento tinha que ler para aí duas ou três vezes, não é? São densas, difíceis são... não é? Bom, para mim é.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Pedro Rebelo de Sousa: Ah, eu acho que isto aqui claramente é uma influência persuasiva, invasiva e inclusiva, vá para ser assim... para lhe dar algumas palavras-chave. Porque é que é persuasiva? Porque pretende não impor, mas persuadir, persuadi de convencer-nos de que o raciocínio que ele está a fazer faz sentido, faz sentido, e você não precisa de ser um licenciado, não precisa de ser mestrado, doutorado, as coisas fazem sentido, portanto. Depois, é invasiva porque invade, invade-nos, não é aquela invasão do João Paulo II, que era a invasão do afeto. O João Paulo II, ao ter tornado o múnus do Papado mais próximo e muito abrangente do mundo inteiro, João Paulo II criou uma sensação de carinho, era o nosso avô, era muito querido, não é? Este, a gente não vai dizer que seja querido, não é, daquele sentido, então eu não o tenho assim. Eu tenho-o por uma razão ele é... invade-nos pela força e convicção das suas ações e das suas palavras e da coerência entre as palavras e as ações. E, depois, é inclusiva porque o que é que faz? Ele cria, como que em círculos concêntricos uma gradual aproximação daqueles a quem se dirige, e não é a aproximação dos abraços, ou pelos abraços. É uma aproximação que ainda por cima tem a inteligência de ir criando círculos, foi o círculo de envolver as mulheres cada vez mais e de introduzi-las no, digamos, Olimpo masculino do Vaticano, de uma forma subtil, através do peso das teólogas. Foi coisas subtis, mas que todos percebemos, foi uma escolha que ele fez dos cardeais, foi o

aggiornamento e o julgamento imediato, foi as alterações em termos até do funcionamento, que seja dos concílios, etc. Portanto, ele é inclusivo porque inclui, inclui-nos. Mesmo as consultas que faz, inclui-nos.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Pedro Rebelo de Sousa: Tem competências, sem dúvida, quer em termos de inteligência emocional, quer em termos de inteligência pura, mas eu julgo que, sinceramente, ele chegou ao Papado de arte. E vemos ele agora começar a dar os sinais de debilidade da sua saúde. Quer dizer, quando o que ele está a fazer precisava de um Papa forte, um Papa nos seus 60/70 anos com a... também não pode ser muito mais novo porque infelizmente, ou felizmente, é assim a vida, mas aí também o corpo de Bispos não é tão jovem assim, que permita, não é? Mas isso é talvez, para responder à sua pergunta, aquilo que eu acho a sua maior debilidade e também, na minha perspetiva, a sua outra característica vê-se que ele tem urgência, ele tem urgência... ele percebe que tem, todos nós temos, não é, um sentido finitude da vida. Mas ele, olhando para a idade, olhando para a sua saúde percebeu que tem um sentido muito finito e está preocupado com o quê? Primeiro, criar as condições que permitam que o sucessor venha a ser escolhido por regras e de um universo que permitem haver probabilidades de ser alguém que venha a corresponder, em termos de identidade, digamos, com o seu Papado, há uma probabilidade. Ele está a tentar que haja uma probabilidade, mas vê-se que para um líder, um líder não pode ser apressado, um líder tem que amadurecer as coisas e uma das coisas que acontecem, é que não amadurecem. Por exemplo, uma crítica, aquela da pedofilia, ele vê-se que quis impor determinadas coisas rapidamente e, de repente, veja o bonito que foi – você aqui há uma pergunta que pergunta se ele é humilde. Bom eu acho que ele aliás escreve aqui no início, logo, acho que é no início, não sei, ele diz logo “do amor fraterno, a simplicidade da alegria que me inspirou a escrever a Encíclica Laudato Si, volta a inspirar para dedicar esta nova à fraternidade e à amizade” e, depois vem por aqui fora e diz exatamente isto “as páginas seguintes não pretendem resumir a doutrina sobre o amor fraterno”, mas detêm-se na sua dimensão universal, na abertura a todos. Entrega esta Encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo

sonho de fraternidade e amizade social, que não se limite a palavras”. Bom, portanto acho que sim.

Acho que sim, mas mais para lhe dar um exemplo, não sei onde está ali e agora e 12 a sim, sim é humildade vou lhe dar um exemplo e ao bispo alemão escreve uma carta a pedir a resignação porque não está de acordo da forma como foi conduzido o processo da pedofilia no país, e ele escreve uma carta linda, em que lhe pede que reconsidere e diz que não aceita a resignação dele. E, que, portanto, ele deve continuar e justifica isso, mas ao mesmo tempo aquilo é uma carta de pedido, mas é uma carta de humildade. Porque é como quem diz “sim, podíamos ter feito diferente”. A infalibilidade – é outra coisa que ele tem feito e que ajudou imenso para o tornar num líder diferente, ó Mariana, ele atribuiu à regra da infalibilidade uma dimensão de falibilidade no limite do humano. Quer dizer, ele é um homem nós sabemos que pode ser inspirado pelo Espírito Santo, pode ser o que você quiser, agora ele é um homem. E João Paulo já tinha feito um pouco disso, já tinha colocado essa linha, mas como novamente João Paulo era tudo nas relações, nas relações humanas. Este homem dá o testemunho permanente da sua falibilidade, quer dizer, da sua limitação. E a primeira crítica que fizeram às primeiras Encíclicas, às primeiras manifestações dele, “ele coitado tem... é muito fraquinho, é muito fraco”, teve várias pessoas que eu conheço assim teólogos e tal: “hum ele é fraco, ele não fundamenta, não vai...”, porque esses teólogos é que como os professores catedráticos em algumas universidades, uma pessoa só é boa quando escrever uma coisa que praticamente não se entende o que quer dizer, tem no mínimo 200 ou 300 páginas, tem uma bibliografia imensa que todos sabemos que ninguém vai consultar, percebe? E isso é considerado “este sim, este sabe o que faz, o outro coitado anda a copiar”, então com a Google agora é fácil, é mais fácil.

9. De acordo com a sua percepção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Pedro Rebelo de Sousa: Eu acho que não é só na inovação, quer dizer inovação é indiscutivelmente que é um tema, vamos lá ver, não é preciso ser Papa, nem é preciso ser Francisco. A inovação tornou-se um *busword*, quer dizer, inovação é fundamental... quer dizer, você vive no mundo em que o futuro é hoje e, portanto, não há futuro. Quer dizer, é

tudo passado. A nossa entrevista já é passado. Portanto, a inovação é fundamental, nós temos que nos inovar, mas ele fez uma coisa que é... não é inovação pela inovação, mas na defesa de valores universais, tal como valores do ambiente, dos direitos humanos, das melhorias tecnológicas, etc. Ele acaba por tangibilizar esses valores nas a mais, digamos, faz com que a inovação e o apelo à inovação faça com que possa servir para a defesa dos valores, mas tangibilizando, naquilo que são as tradições da Igreja e do catolicismo. Ou seja, não é uma inovação sem limites, uma inovação pela inovação, não. É uma inovação ao serviço de valores universais e que depois declinam numa realidade que tem a ver com mais o tradicional e o mais fundo do catolicismo, que no fundo se você vir ele repete à sociedade que é o amor. Que é a entrega ao próximo, que é a... quer dizer, a amizade irrestrita tudo isso acaba por ser a muito a lógica da inovação. Portanto, sim, inovação sim, mas é uma inovação muito instrumental.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Pedro Rebelo de Sousa: Claro que sim, eu acho que mais que se preocupar eu acho é que ele tem a preocupação, não é de preocupar com as pessoas, mas é de... ele não quer ser reativo, Mariana. Ele é um homem que pretende ser proativo. Ele pretende antecipar os problemas, ele pretende confrontar, ou seja, no caso por exemplo dos refugiados, dos imigrantes que morrem no Mediterrâneo, etc. Ele pretende provocar através da sua ação e tornar... acordar em nós uma tendência pró-ativa e não uma tendência reativa – “pronto agora lá estão mais mil desgraçado a morrer no meio do terreno, quem é que vai ficar com aquilo?” – isso não vai resolver.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Pedro Rebelo de Sousa: Novamente, volto àquilo que disse há pouco. Sem dúvida. Eu creio que sim, e acabei de dar aquele exemplo da carta ao Bispo Alemão, ao Cardeal, acho eu, mas ele é o primeiro que... não é que pôs em causa a chamada infalibilidade Papal, ele não pode pôr em causa um Primado que é, pois... a Igreja inteira confia que a decisão dele, em

princípio, certas decisões essenciais são decisões que primam de um certo distanciamento e uma infalibilidade, mas ele reintroduziu a dimensão humana, isso sem dúvida.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Pedro Rebelo de Sousa: Já falámos da humildade, eu acho que isso é uma das tónicas comuns dele. Não só da mensagem, mas da sua personalidade.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Pedro Rebelo de Sousa: Eu acho que sim, ele, se você vir bem, ele é um *case study* do ponto de vista comunicacional, porque ele usa uma ótica ousada e não resignada para os seus discursos e depois para as ações que condizem com esses discursos. E ao fazer isto, por exemplo, a coragem de ir a Bagdá, por exemplo, numa situação perfeitamente... você diz, mas isto é só pra mostrar tipo João Paulo II que pronto, o Papa arrisca? Não. Eu acho que foi mais o que ele queria. Ele orientou aí a sua ação e o seu discurso, como orientou quando encontrou os líderes religiosos na Arábia Saudita, acho que foi no Emirado ou na Arábia Saudita, bom, no Oriente Médio. E, portanto, eu acho que considero que é um ele é um líder nesse aspeto muito capaz, em termos de saber e também naturalmente está apoiado pela equipe, por alguns dos seus mais próximos, mas ele decerto os mais próximos não conseguem influenciá-lo e é de tal forma que ele fizesse aquilo que não pensa que ser o que devia fazer. E acho que sim, acho que ele nesse aspeto é um apóstolo da não resignação.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Pedro Rebelo de Sousa: Não só. Ele aqui no final, aqui se você vir, ele aliás, é o último capítulo... que se julgo eu... das religiões ao serviço da fraternidade do mundo, e ele vai por ali fora, não é. E ele diz: “a partir da nossa experiência de fé e de sabedoria que se vem acumulando ao longo dos séculos e aprendendo também das nossas inúmeras fraquezas e quedas, como crentes das diversas religiões sabemos que tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades. Buscar a Deus...” Ele para este capítulo não pode ser mais abrangente, menos excludente em termos de ser um representante da Igreja Católica

Apostólica Romana, ele cria pontes e depois explica: “o culto sincero e humilde a Deus «leva, não à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e a liberdade dos outros e a um solícito compromisso em prol do bem-estar de todos»”, você veja ele não diz “ao respeito da sacralidade de Deus”, não. É a sacralidade do humano, a sacralidade do próximo.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Pedro Rebelo de Sousa: Eu acho que ele é um ser, como já disse, com uma inteligência emocional muito viva, e isso torna-o uma pessoa extremamente empática. Empática... às vezes acredito que vai um pouco além a empatia e um certo sentido de não se levar demasiado a sério, percebe? De passar essa imagem, bem isso aparece, tem que ser entre aspas, não é? Porque claro que ele se leva a sério como Papa, como... mas não anda... Aquelas pessoas que se tornam diferentes a partir do momento em que passaram a exercer funções, só por isso, e acabam por não pensar. E ele ali... e é esta no fundo, a característica, Mariana, se pensar bem que o torna imensamente empático, você veja aquilo que ele disse ao brasileiro, que é “vocês gostam é de samba e futebol”, quando já estavam a falar da parte do futebol e tal, e ele disse... como quem está a dizer que o Brasil não é, enfim, é aquela coisa de não ser um país completamente sério, não é. E ele não disse isso, mas quer dizer isso “ah vocês gostam é de samba e futebol e tal”, mas ele disse aquilo e nós simpatizamos com aquilo. Houve algumas pessoas que disseram “que horror, o Papa não devia ter dito”, foi logo aí um vídeo nos Facebooks e tal e, na verdade, é essa genuinidade, ele é genuíno, que o torna profundamente empático.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Pedro Rebelo de Sousa: É a vertente mais essencial do seu Ministério, se você pensar, é a Fraternidade, daí *Fratelli Tutti* e depois a lógica desta Encíclica e o de achar que todas as demais ações todas devem estar ligadas à tónica da fraternidade e da mensagem que subjaz.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Pedro Rebelo de Sousa: Eu acho que, claro que haverá muitos que consideram que o Papa deveria ir mais longe. Quer no papel da mulher na Igreja, quer na parte das minorias de género, sobretudo, a parte da homossexualidade, da heterossexualidade, enfim, de toda essa temática. Se me pergunta, eu acho que ele... ele aceita totalmente. Agora, tem que fazer, ele tem que tomar um compromisso e isso é que é verdadeiramente o que salvar a continuidade do Trono de Pedro, que é um fator de União da Igreja, não é? Da Igreja Católica Romana. E, como é que se faz isso, pois é gradualidade. Eu acho que ele talvez um pouco no íntimo, talvez contrariado, ele pensava que conseguia talvez avançar mais em algumas frentes... percebeu a certa altura que ia ter uma resistência, tão grande, tão difícil, e que o melhor é ir plantando. Ele foi plantando pontes e ganhando alguns aspetos em que, quer queiramos, quer não, fica já lançado o debate, já estão interlocutores, como por exemplo a participação das mulheres, já estão colocados os interlocutores, e com esses interlocutores, ele vai criando mecanismos para que a Igreja no seu todo, gradualmente nos próximos anos, venha a progressivamente ganhar, a reconhecer e também discutir, dialogar e aceitar as diferenças. Ele é um homem que aceita uma certa dialética, digamos, de evolução e de conquista de espaço, em termos das plataformas de diálogo, acho eu.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Pedro Rebelo de Sousa: Olhe, eu até vou lhe dizer que você devia – de certo leu, se não leu, deve ler – no domingo passado o Frei Bento, num artigo, não chegou ali naturalmente, mas no Público, diz o seguinte que eu até fiz aqui e eu até lhe posso mandar este *quote*: “O Papa Francisco ao escrever e difundir a *Fratelli Tutti* condensou o que há de melhor em toda a história humana. É o livro da nossa identidade servida ou traída. É o grande tratado prático de antropologia dos começos do século XXI. Tudo o que fez e disse está neste testamento de pura humanidade, para toda a humanidade. É a voz para que todos tenham voz livre e fraterna. É possível que se diga que tudo isto não passa de lirismo piedoso, a mola do ser

humano não seria a vontade de cooperar, mas o desejo de dominar. O egoísmo pessoal e de grupo é a alma do progresso. A cooperação e o recurso dos fracos e dos preguiçosos. Na rivalidade vencem os mais capazes...” E vai por aí fora. Eu acho que eu vou te mandar isto, mas se vir Público, o artigo de Frei Bento, do domingo passado, aborda exatamente a Encíclica *Fratelli Tutti* e as críticas que lhe têm sido feitas e eu revejo-me naquilo que está naquele artigo, para ser mais... porque acho que ele traça um retrato muito, muito, eu não diria cruel, mas muito verdadeiro, não é, da nossa realidade. E é em várias fases, e naturalmente sobre o individualismo excessivo, as disparidades, as desigualdades, os contrastes, os grandes problemas da política dos nossos dias e dos políticos, as ofensas à dignidade humana, sim, eu acho que a *Fratelli Tutti* é exatamente esse manual de antropologia como diz Frei Bento e é um testamento – custou-me ler aquilo, porque como ele estava a ser – foi operado e já está com uma saúde muito débil, quando li o testamento disse que é capaz de ser uma ironia, porque se ele partir, realmente se podia deixar uma última Encíclica, esta seria aquela que mais condiz com aquilo que eu acho.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Pedro Rebelo de Sousa: Eu acho que ele tem clareza moral, não conseguiu talvez transpor essa clareza moral com o grau de abrangência que ele pretendia. E deixou, por isso, algumas franjas da Igreja, talvez aquelas que estavam há muito... descontentes ou porque o fim do papado de João Paulo II foi muito longo e acabou por se perceber que ele já não estava, que era já... uma era um Reino com regentes vários e ele era uma figura estava ali, porque não tinha condições mínimas de ter, de poder com a sua própria razão, ter uma atuação – como normalmente se esperaria. Portanto, eu diria que sim, a linha de clareza moral, claro que sim, acabamos de falar da própria *Fratelli Tutti*. Acho é que a sua transposição, tal como provavelmente desejada aparentemente por ele, e desejada por naturalmente algumas franjas da Igreja, fez-se a passos. Passos como a comunhão dos divorciados; como esta confissão e a comunhão, como é a comunhão e o casamento; desde que divorciados de acordo com o direito canónico; a facilitação digamos do processo, mas, novamente, foi talvez mais cauteloso quando percebeu que ele tinha que priorizar as suas “guerras” e o que é que era mais importante: falar do ambiente e da preservação do planeta? Sem dúvida. Falar do terrível momento que vivemos na era do digital e da em termos de educação, em termos de informação, etc.? Falar, por exemplo, da naturalmente... enfim dos refugiados das zonas

mais críticas, digamos, em que a condição humana se encontra, de certas perseguições, certas destruições, sem dúvida. Aí, a agenda começa a ser muita coisa, não é? Aí começa... até porque as forças mais retrógradas e mais conservadoras começam a dizer: “O que é isto?” Isto agora de repente é outra Igreja, o homem está doido, não é? Ainda por cima com 80 anos, o que é que ele quer?”. Portanto, ele percebeu que mais vale dar pequenos passos com segurança, do que fazer uma corrida desenfreada para a qual ele percebeu que naturalmente nem humanamente teria fogo.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Pedro Rebelo de Sousa: A última pergunta é muito engraçada, a sua. Porque eu quando acabei de ler a *Fratelli Tutti* disse: “que engraçado, todos os políticos deviam ler isto”. Se havia alguma recomendação... e eu tenho um na família e esse leu, com certeza, mas eu disse: “Aqui está”. Se eu tivesse que fazer, claro que dava *O Príncipe*, de Maquiavel, dava assim uns livros básicos para qualquer político ou qualquer iniciante para a política, mas este livro, sobretudo, para quem tem determinadas convicções, algumas religiosas e do ponto de vista ético, aí mas sem dúvida, é... se isso o faz um líder político... O que é a política? Levamos a uma discussão não, é? Mas indiscutivelmente, ele ganhou uma voz própria ao tratar determinados temas, ao falar dos políticos, ao falar política, ao falar do que se espera, aliás há um capítulo sobre exatamente sobre isso na *Fratelli Tutti* e isso parecendo que não, eu creio que sim, dá-lhe e ele, vê-se que ele quis tocar no tema de uma forma muito clara, e quis ter uma voz a de liderança em termos internacionais, daquilo que possam ser as grandes linhas das políticas do Estado Social, principalmente, depois de pandemia. Porque, como você viu, o que aconteceu foi que o mundo virou um bocadinho às avessas – em todos os aspetos – mas houve uma coisa que foi muito importante que é, os que defendiam menos Estado, passaram a defender mais Estado; e os que defendiam mais Estado, acharam que esse mais Estado não esteve bem, e que não esteve bem porque não há dinheiro suficiente e que talvez tenha que encontrar diálogo com os privados. Portanto, é engraçado. Uma das consequências, digamos, em termos de linhas políticas, que tipo de sociedade nós queremos construir; qual o papel do Estado; qual o papel do cidadão; qual o papel do cidadão vs Estado, tudo isso eu acho que ele, implicitamente nesta Encíclica, acabou por abordar.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Esther Mucznik: Eu considero, eu acho que o Papa é um homem corajoso que enfrenta desafios, quer dizer, toma posições algumas delas, provavelmente, que não são do consenso completamente geral, não é? Provavelmente haverá algumas posições, como por exemplo – estou-me a lembrar de uma coisa, mas não quer dizer que seja só isso –, mas quando ele diz que os homossexuais também são gente e que, portanto, a Igreja também tem que os acarinhar, etc. são posições que não são muito as tradicionais da Igreja e, portanto, eu acho que ele é um homem corajoso. Agora, ele próprio não tem a liberdade total, não é? Porque a Igreja Católica é uma Igreja pelo pouco que sei, muito estruturada, não é? Não é como o judaísmo, em que, digamos a responsabilidade das comunidades é uma liberdade, digamos a liberdade das comunidades é quase total. A nós ninguém nos impõe, por exemplo, o Padre ou o Rabino. O Rabino é contratado pela comunidade por mútuo acordo e o contrato cessa por mútuo acordo, ou por vontade de uma das partes, não é. E as pessoas são responsáveis diretamente perante Deus, ou seja, não há uma hierarquia como o Vaticano, não é? Portanto é diferente. E, por isso, eu valorizo ainda mais o Papa Francisco, porque de facto, ele enfrenta de facto toda uma hierarquia, toda uma tradição, mas também não pode ir muito além disso, não é? Pronto, acho eu, mas isto é, enfim... acho eu.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Esther Mucznik: não, eu não sei se esse é o papel dele, também de orientar e guiar a sociedade. Eu que ele, ele, a postura dele, a atitude dele e as, digamos, as ideias que ele transmite, elas de facto têm – eu, acho eu, eu não sou católica, nem cristã – mas eu acho que, de facto, tem um impacto importante na sociedade. Eu acho que sim.

Agora guiar e orientar, hoje em dia as sociedades estão sujeitas a influências de todo o tipo, de todo o tipo e não só... e, portanto, a palavra do Papa para os fiéis, para os seus fiéis – e não só para os seus fiéis, porque na verdade também para os outros. Mas, enfim, para os fiéis é diferente, é um impacto, digamos, é diferente e a orientação – eu acho que a orientação também é muito mais forte – agora, a verdade é que eu acho que o Papa é uma força importante, mas não é única e, se calhar – atrevo-me a dizer isto –, e se calhar, para muitos

cristãos, não é a mais importante. Eu não sei, está a ver? É uma... aqui é um ponto de interrogação que eu coloco. Porque, a verdade é que há tantas influências, tantas coisas, por exemplo, as questões que hoje são muito faladas e muito tornadas também ou consciencializadas também muito importantes, como a questão do ambiente, das precauções com o ambiente, das precauções com a solidariedade a nível, por exemplo, sanitário, não é. Enfim, há muitas coisas que pesam nas pessoas hoje, boas por um lado, más por outro. Por exemplo, teorias da conspiração por todo o lado, enfim uma série de influências negativas, entendimentos da palavra liberdade e da liberdade nela mesma, em entendimentos que, na minha opinião, pessoalmente, discordo completamente, não é? Sei lá, como exemplo, posso-lhe dar um exemplo, até para uma ideia do que é que estou a querer falar, eu, por exemplo, não entendo que as pessoas considerem que vacinar seja cortar a sua liberdade, eu não entendo isso, não é, não entendo isso. Não entendo isso e acho de um extraordinário egoísmo, porque as pessoas, essas pessoas que não se querem vacinar, essas pessoas contam com a imunidade de grupo dos outros que são vacinados, está a ver o que eu quero dizer, não é? Ou seja, beneficiam da vacina nos outros, quando... mas eles ficam... Pronto, mas enfim não vamos entrar por aí, era outro tema.

Mas só para dizer que o entendimento das palavras muitas vezes não é o mesmo para todos.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Esther Mucznik: Acho, sem dúvida nenhuma. Acho que o Papa é, de facto, sociável não sei se é a palavra exata. Eu acho que ele é uma pessoa que vive em permanência com a preocupação da humanidade, com a preocupação dos seres humanos, com a preocupação, sobretudo, dos mais desvalidos, dos mais pobres, dos mais doentes, dos mais frágeis, e isso, e eu acho não acho que nele – porque há muita gente que fala nisso e são só palavras, não é – mas eu não acho que nele sejam só palavras. Eu acho que ele tem essa convicção profunda da necessidade de combater a desigualdade a todos os níveis, de combater também a violência – e nós sabemos que a violência aumentou muito, aumentou muito. Porque a Pandemia tem um... quando nós pensamos na pandemia – e eu acho que não é secundário falarmos nisto, também a propósito do próprio Papa –, porque a Pandemia tem dois aspetos que são completamente contrapostos:

- Um primeiro é, nós sabemos, mais do que nunca, que somos uma parte indissociável do todo. Este é o nosso planeta, todos somos dependentes uns dos outros e, portanto, somos um. Fazemos parte. Isso é um aspeto que eu até acho muito positivo e que a Pandemia reforçou muito nas nossas consciências. Mas, quando vamos à prática, como é que esse sentimento de comunidade destino, como é que ela se traduz na prática e eu digo, infelizmente, é o contrário:

- eu vejo mais agressividade, eu vejo mais egoísmo, eu vejo indiferença pelos outros, eu vejo... e, portanto, isto no fundo contraria, na minha opinião, aquela visão de comunidade destino que todos falamos, ou que, enfim, alguns falam e, que o Papa tenta, acho eu, que essa comunidade de... esse sentimento e essa consciência de comunidades de destino se traduzam em ações concretas. Acho que ele tem essa preocupação na sua cabeça, nos seus discursos, pronto, no seu Papado, não sei muito bem como é que diz, mas pronto, é isso.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Esther Mucznik: Exatamente. Isto vem tudo no seguimento do que acaba de ser dito, porque um Papa que se preocupa constantemente... é que o que eu acho interessante no Papa, se calhar eu digo barbaridades não é, o que eu acho interessante nele é que ele preocupa-se mais com as pessoas, do que com a própria... com as próprias regras, digamos, como é que eu hei de explicar isso... é que eu não sei explicar isso, mas com as próprias regras, normas coisas da própria Igreja e, ou seja, ele preocupa-se com as pessoas. E, isso transparece quando ele fala e, portanto, obviamente que isso tem um carisma muito grande. As pessoas são atraídas por um discurso que é um discurso, acima de tudo, humanitário, um discurso a que se preocupa com os outros. Muito mais do que está, do que se calhar, do que está a infringir não sei quê e, portanto, não sei que mais... quer dizer, está a ver o que eu quero dizer, não é? Se vai contra um regulamento qualquer da Igreja (as minhas palavras não são adaptadas ao discurso cristão, mas percebe) pronto, portanto, sim eu acho que o Papa é de facto um Papa muito carismático, mas não é por acaso que ele é carismático, é porque de facto toca o coração das pessoas que o ouvem.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Esther Mucznik: Sim, sim eu acho que ele deu provas ao longo da sua, do seu Papado. Por exemplo, eu... até agora não falamos num elemento fundamental para a coesão social, que é o respeito pelas diferentes religiões, estas religiões de todo o tipo, não é. Inclusivamente, não é por acaso que ele recebe crentes de outras religiões, não é por acaso, que ele vai a países muçulmanos, países africanos, a países... a Israel também, enfim, e tudo isso, portanto, ou seja, isso tem um impacto obviamente nas sociedades do mundo inteiro, não é? Quando ele vai Israel, isso tem um impacto nos judeus. Quando vai aos países muçulmanos, isso tem impacto nos muçulmanos que vivem na Europa, por exemplo, e na América e em todo lado, não é? E por aí fora, portanto, hindus, etc. E, portanto, eu acho que ele de facto preocupa-se também com isso, ou seja, ele não se preocupa só com as suas ovelhas, não é, ele preocupa-se com ser humano e isso eu acho que é uma coisa que é muito importante. E contribui fundamentalmente para a coesão social, porque e nós vemos isso por exemplo em Portugal, nós temos um bom relacionamento inter-religioso, temos. Temos um bom relacionamento. Agora imagine, se houvesse um Papa, não é, que só se preocupava com o os seus fiéis, que nunca... que não... que até hostilizasse, imagine, pronto também sei lá, pode acontecer, poderia acontecer. Que hostilizasse um bocado os outros, que fosse completamente indiferente, não é o caso deste Papa, porque isso contribui de facto para a coesão social em cada país e no mundo, de uma forma geral. Portanto sim, acho que sim.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Esther Mucznik: Bem, essa é uma pergunta que é complexa. Ele é líder por inerência do cargo, ou seja, um Papa tem obviamente um papel, um papel mundial, é óbvio. Por inerência, mas as atitudes de uns e de outros são muito diferentes, não é. Quer dizer, eu vou dizer uma coisa que que não tem a ver com, mas enfim tem a ver com o papel com o eco, tem a ver com o eco das palavras de um Papa, que foi durante a Segunda Guerra Mundial, isto é a minha opinião, não é, durante uma parte da até antes da Segunda Guerra Mundial, mas quando já estava a decorrer o nazismo na Alemanha e, mesmo durante o Holocausto o silêncio, o silêncio oficial, porque houve muitos padres e freiras que arriscaram a sua vida para salvar judeus e para salvar as pessoas, e comunistas, e resistentes, e tudo isso não é, mas o silêncio oficial do Papa - que é explicável porque tem sido explicado por vários motivos

-, mas esse silêncio teve um peso. Claro que nós não sabemos o que é que seria, os *ses* não existem na história, não é? Nós não sabemos o que é que, qual seria, mas um Papa, por inerência tem um grande papel e o seu silêncio também tem um papel e, portanto, eu acho que por via, por duas razões: pela via do cargo que tem, e pelo papel que tem desempenhado, eu não sei se se pode utilizar a palavra “um líder”, um “líder mundial”, porque normalmente a palavra líder mundial é atribuída a líderes políticos, não é, mas de alguma forma ele é um mentor, ele é um homem que influencia, sim, acaba por influenciar sim, não só os seus fiéis, mas acaba por influenciar e ter um papel influenciador, digamos, a nível mundial. Eu acho que sim, acho que sim, mas não utilizaria muito a expressão líder mundial, está a ver. Porque ele não lidera, ele influencia. Está a ver? Pela palavra é diferente.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Esther Mucznik: A capacidade de influência dele... olhe, eu não vou, eu acho que a capacidade de influência dele não é muito grande. Mas não é por causa dele, não é por causa dele, é porque ele de facto, pela sua própria natureza de cargo, de papel, ele não tem a possibilidade de mudar, de mudar as coisas. Ele pode conseguir mudar de alguma forma muitas ideias e as pessoas, até pode mudar as pessoas, nomeadamente, a nível dos católicos, não é, acho que sim, acho que tem essa capacidade. Agora a sua capacidade de ação é muito limitada, não é. Agora a capacidade de influência, eu acho que influencia, mas como eu dizia, há tantas outras influências, tantas... nós estamos sujeitos, e também vou dizer uma coisa, por exemplo, nós vemos o crescimento da intolerância. Vemos isso claramente. Vemos o crescimento do racismo, do antissemitismo, da violência, nós vemos isso hoje, todos os dias. E, isso vai completamente contra aquilo que o Papa está sempre a dizer e a defender e, portanto, quer dizer – mal comparado – vou dar aqui um exemplo: o António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas são duas posturas e duas atitudes completamente diferentes, dois cargos. Ele apela, ele fala – a um outro nível, não é – de forma completamente diferente. Ele passa a vida a dizer “vacinas para os países que não as têm, as crianças que sofrem imenso” enfim, mas não tem meios, não tem. Não tem os meios para... eu própria também não tenho os meios, agora eu acho que apesar de tudo, quer um, quer outro, embora de uma forma completamente diferente e o Papa com um papel muito maior a nível, sobretudo da cristandade, mas não só, têm talvez... é um influenciador maior,

porque a religião é algo de muito importante para muitos milhões e milhões de pessoas, não é. Continua a ser, apesar de ter diminuído, mas continua a ser apesar de tudo.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Esther Mucznik: Tem a competência espiritual. Tem a competência espiritual. Digamos que eu acho que ele tem uma influência grande nas pessoas, genuinamente... enfim, genuinamente, quem sou eu para dizer isso, mas quer dizer, nas pessoas que são crentes, nos católicos que são crentes, eu acho que aí ele tem sim uma capacidade, tem uma influência espiritual importante e eu tenho ouvido muitos, muitos católicos que dizem “ele de facto pode mudar muita coisa, está a mudar muita coisa” portanto, isso eu acho que isso é importante. Agora lá está, voltamos à mesma. Ele não tem os meios práticos de mudar, não é. Ele não manda nos países, não pode dizer ao Mácron ou ao Costa e ao Boris, façam isto e façam aquilo. Não pode, não é. Portanto, agora influência espiritual, eu acho que ele tem sim. Acho que, eu acho que sim. Pelo que tenham ouvido e falado, e até nós. Eu aprecio, por exemplo, ele tem aprecio. Claro que como judia não sigo o catolicismo, mas eu gosto de ouvir, eu acho importante o que ele diz, acho importante o que ele diz e de alguma forma eu sei que isso tem alguma influência, pronto, mas com meios limitados como sabemos, não é.

9. De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Esther Mucznik: Sim, inovar, mas não no sentido que agora quando se fala de inovação é a tecnologia e aí, portanto, pomos isso de lado, neste momento. Eu acho que... quer dizer, portanto, o Papa tem inovado, na verdade tem inovado porque tem ido por caminhos, portanto, por exemplo, como é que eu hei de dizer, a firmeza dele relativamente ao assumir dos erros da Igreja, nomeadamente, dos padres que abusaram de crianças, e essas coisas assim terríveis, e ele tem sido de uma dureza, e de uma dureza, de uma firmeza, muito grande. Pelo menos, é o que me parece, não é, e eu acho que isso é muitíssimo importante. Isso tem de facto, é uma inovação, é uma inovação. Porque a verdade é que é uma inovação e que ainda não está completa, de maneira nenhuma, não é. Portanto, mas pronto, eu acho que foi um papel – foi não, tem sido uma atitude que tem um impacto muitíssimo importante.

E, por outro lado ele é, ele apresenta-se com alguma humildade, e eu acho isso no sentido muito positivo. Ou seja, não é a Igreja toda poderosa que pode quer e manda e que é dona da verdade e não sei quê, que isso é muito importante, não é dona da verdade. Porque isso eu acho isso muito importante. É claro que cada um pensa que tem, acha que tem a sua própria verdade e tudo isso, não é? Mas não podem impô-la aos outros, não é, e há pessoas que nem acham que tem a verdade, pronto. Eu, por exemplo, não acho. Não acho que judaísmo é que tem a verdade. Não, nunca achei, nós não achamos isso, de uma forma geral, mas o cristianismo achava, durante muito tempo, não é, e punia quem não respeitasse “essa verdade”, não é. Pronto, não vale a pena invocarmos a inquisição, etc. Mas pronto, e o Papa, quando eu falo de humildade é exatamente essa ideia de que há espaço para os outros há reconhecimento para os outros, que os outros também existem e também tem as suas verdades, e que elas são tão válidas, tão válidas do ponto de vista, não é do ponto de vista, digamos, não sei, que são tão válidas, pronto, como como o cristianismo, não é? Pronto, porque eu lembro-me quando se falava muito em Portugal, agora tem-se falado menos, mas falava-se muito a um dado momento do diálogo inter-religioso. Mas o diálogo inter-religioso, eu não estou a falar das conversas de amigos, isso temos todos. Nós temos amigos muçulmanos, cristãos, não é isso, não estou a falar nisso. Eu estou a falar no diálogo, no diálogo teológico e o diálogo teológico só tem sentido se cada um admitir que não tem a verdade absoluta e não quer impô-la aos outros, percebe? Porque se eu quero impor a minha verdade a si, então deixou de haver diálogo, como é óbvio. Não há diálogo nenhum e não aprendo nada, nem a Mariana aprende nada, portanto, nem um, nem outro, portanto, ou seja, as coisas têm que ser num pé de igualdade, não digo de igualdade em si, mas de reconhecimento como igual, reconhecimento com os mesmos. Portanto, eu acho que sim, que ele tem inovado porque tem enfrentado alguns dos tabus, ele tem enfrentado alguns tabus da Igreja Católica. Portanto, a isso eu chamo inovação.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Esther Mucznik: Ah claro, isso pois, já falámos sobre isso. Portanto, claro que sim, eu acho que ele se preocupa imenso e é por isso que ele é carismático, é por isso que ele é apreciado e eu acho isso fundamental. E, como eu disse, eu acho que ele se preocupa mais com as pessoas do que propriamente com as regras, normas, tabus, não sei quê que, pronto, que têm,

que já se sabe que têm, não é. E eu acho mais, e isto é uma coisa, uma opinião completamente pessoal, eu acho que o Papado dele não deve ser fácil. Não é fácil, não é fácil. E, pronto, o Papado não é uma coisa única, não é, não deve ser uma... deve haver ali, como em todos os seres humanos, há sempre divergências, oposições, e não sei quê, não é.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Esther Mucznik: Dos erros da Igreja, sim. Acho que ele tem. Agora de ele próprio, isso não sei, porque isso é uma questão individual, pessoal. Mas acho que sim, acho que sim, e a prova disso é exatamente a firmeza com que ele tem abordado e combatido a própria questão do segredo. Não é só do segredo. É da própria questão em si mesma, que é uma violação total, quando se utiliza crianças ou jovens, enfim, dessa forma, não é, é de facto uma violação do próprio espírito ou da mensagem que o Papa quer passar, não é. Quer dizer, e não só o Papa, a própria Igreja, penso eu, não é.

Agora, eu e eu devo dizer que uma das coisas, e eu friso muitas vezes a mesma coisa, eu acho que a humildade que o Papa sempre demonstra, eu acho que é uma, é uma grande, grande qualidade, porque permite a abertura, permite o diálogo, permite o outro, permite o reconhecimento do outro, permite... é uma questão fundamental, é uma questão fundamental, não sei se eu consigo explicar bem, se a Mariana está a ver o que eu quero dizer, mas eu acho que é uma questão fundamental.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Esther Mucznik: Ah, já está respondido. Sim, claro, acho que sim, exatamente que sim. Ele nunca fala como um... ele nunca fala de uma forma, como o Chefe da Igreja. Quer dizer, ele é o chefe da Igreja, portanto fala como tal, mas quer dizer com humildade. Não fala com nenhuma arrogância, não quer dizer que o anterior também falasse com arrogância, não estou a dizer isso, mas quer dizer, não é aquela... o sentimento de orientar, de dirigir de, digamos, o país mais importante do mundo. O Vaticano é praticamente um... poder, não é? É um poder, e é um poder vastíssimo a só que ele não fala como o poderoso, fala ao contrário, com humildade, e eu acho isso, aquelas coisas, pequenos atos, como por exemplo, lavar o pé de uma senhora, beijar a tatuagem de uma sobrevivente do Holocausto, como ele fez

recentemente... são pequenas, são pequeninos atos, mas que demonstram uma imensa empatia com os outros seres humanos, diferentes ou não diferentes, não interessa. Isso para mim é uma coisa muito importante e que posso dizer que nem todos os líderes religiosos, de longe, estou a falar de outras religiões, nomeadamente da minha, tem nem todos têm, não é verdade? E, portanto, é isso.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Esther Mucznik: Quer dizer, não, quer dizer, ele tenta fazer, mas como vimos, os meios são diferentes, são um... o discurso é dele e ele faz do discurso o que ele, o que ele acha que deve fazer, não é? E pronto. Agora, ele não tem a mesma liberdade no fazer, não é? Porque não tem, não pode, não tem, não é? Agora eu acho que ele tem a noção que o discurso dele, as palavras dele têm um efeito, também ele prático, não digo que é um efeito prático gigantesco, mas é um efeito e também um efeito prático na consciência das pessoas. E, portanto, também na prática dessas pessoas, portanto, tem algum, tem algum efeito, agora é esse equilíbrio... eu não sei se pode falar em equilíbrio, a não ser que estejamos a falar de duas coisas diferentes, Mariana. O que é que chama fazer?

Mariana: Aqui a questão é se acha que ele tem uma conduta equilibrada entre aquilo que ele diz e aquilo que ele depois concretiza, do que diz, e se ele tem noção do impacto que isso tem nas pessoas. Se fala de forma, não sei se diria descabida, mas há pessoas que facilmente falam de questões que depois não se preocupam sequer em concretizá-las e é perceber se ele tem este equilíbrio, se ele é um líder equilibrado, digamos assim.

Esther Mucznik: Na medida do possível sim. Ele quer a paz, e a paz entre as religiões, ele vai ao Iraque, vai, digamos, a cenários de violência, como ele tem e com a idade dele e com a saúde, enfim tudo. Ele vai. Ele diz, ele intervém quando sente que há uma questão fulcral que se está a passar nas questões políticas, políticas na alta política, não estou a falar da política... pequena política, não é. Portanto, e quando sente que os outros, ou seja, os outros chamados outros, seja os pobres, seja pessoas, seja pronto, seja quem for. Seja homossexuais, seja pessoas doentes, seja... É aí eu acho que ele faz, ele vai visitar as pessoas, ele é um

homem que sai do Vaticano, não é. E a sua ida aos sítios, aos países e às instituições e tudo, tem, eu acho que tem de facto um impacto concreto. Agora, eu não sei medir esse impacto, não é. Não sei medir esse impacto, mas acho que ele tenta equilibrar sim o seu discurso com as ações que pode levar e leva a cabo.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Esther Mucznik: Eu acho que sim, eu acabei de dizer há bocado também, não é. Eu acho que ele, ele é muito ele, é o que eu estava a dizer há bocado é que não se trata apenas de também ok de tolerância, não se trata de tolerância. Trata-se de reconhecimento, que são duas coisas totalmente diferentes. A tolerância é uma coisa é uma palavra que eu não gosto nada, aliás é ok tu existes, portanto podes lá estar, eu aceito que existas e tal, mas pronto. Outra coisa é o reconhecimento que tu és como eu. Com um pensamento diferente, com uma crença diferente, com uma fé diferente, com tudo diferente, mas és, não és o outro, és como eu. Fazes parte da humanidade, fazes parte da nossa humanidade e, portanto, eu acho que ele nesse aspeto tem tido, como eu disse, ele já recebeu líderes de todas as religiões, ou enfim não sei se todas, mas de muitas religiões. Vai a esses países e tem de facto sim, um papel muito importante de... e, portanto, ele de alguma forma, ele potencia o diálogo inter-religioso, potencia esse diálogo.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Esther Mucznik: Claro, exatamente por duas razões. Primeiro, como já dissemos, pelo teor das suas preocupações, das preocupações que ele transmite, que são essencialmente como se viu: as pessoas. E, por outro lado, a atitude. A atitude humilde, a atitude... humilde pronto, eu... é difícil... para mim a palavra disto tudo é essa palavra, portanto, quer pela atitude que tem, de abertura aos outros, quer pela, portanto, pelo teor do seu discurso e das suas preocupações, sobretudo, não é, acho que sim, claro.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Esther Mucznik: Eu acho que ele é, provavelmente, o seu desejo. Agora se o consegue, acho que ele não tem meios para isso, não é, e acho que isso é uma fraternidade humana universal, sinceramente, eu não acredito nisso, mas enfim, eu não sei. Mas pronto, eu acho que é o desejo do Papa, eu acho que é para isso que ele está, eu acho que essa, é um bocado essa visão que ele tem, na verdade, não é. Por acaso, gostava de saber, agora eu é que gostava de saber como é que ele vê o mundo e, quer dizer, eu acho que nós vemos como é que ele vê o mundo. Ele vê o mundo com esperança, mas também com algum... deve ver o mundo com algum pessimismo, quer dizer, mas como esperança e ia fazer o possível para corresponder a essa, para que o mundo corresponda a essas esperanças. Mas, é muito difícil. O ser humano é... o ser humano tem coisas maravilhosas, mas tem coisas também terríveis. Todos nós, é assim, e eu acho que não muda. A verdade é que não muda. Falou-se muito em dado momento de um homem novo, o homem novo, mas é, isso não existe.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Mariana: Poderíamos substituir a palavra tolerância, que não gosta, mas acho que era mesmo esta a palavra na variável.

Esther Mucznik: Eu sei, não... utiliza, utilizamos muito, todos acabamos por utilizar, mas de facto, eu substituiria sempre – mas não tem importância para o caso, eu sei que quando está a falar nisso, está a falar de aceitação, está a falar de reconhecimento, que é isso que se trata – eu acho que já respondi a isso. Eu acho que sim, naturalmente acho que sim, claro que é esse o objetivo, e eu acho que ele, como digo, quer pelas palavras, pelas ações e pela atitude, sem dúvida. Portanto são três elementos fundamentais neste Papa: a palavra; a ação, na medida das suas possibilidades, a ação; e a atitude, que é atitude do oposto da arrogância e do oposto da intolerância, na verdade, é o oposto da intolerância. Porque há Papas, e relativamente recentes que eram intolerantes, há. Assim em vida. São homens como os outros.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Esther Mucznik: Eu acho que é uma denúncia, não sei se é corajosa ou se é uma... eu classificaria sobretudo como uma denúncia que corresponde à realidade, ou seja, as desigualdades é uma realidade cada vez maior e, portanto, acho que é um... acho que a denúncia que o Papa faz, acho que é... tem todo, toda a legitimidade. Corajosa, não sei se é corajosa, porque ela no fundo não vem, não é ela em si mesma que vem alterar muito o discurso. De certa maneira, os Papas todos eles falam em... falavam, agora tudo depende da maneira como se fala, da importância que se dá a isso, porque, portanto, está a ver, o que eu quero dizer, não é. Isso é e tem a ver com aquelas três questões que eu coloquei que é a atitude, porque a forma como se diz as coisas é muito importante. Eu posso dizer isso assim “eu também sou contra as desigualdades”, mas no fundo tem um bocado ser indiferente, não fazer nada para isso, para nada... isso é, ser indiferente a isso, não é. O que não é, o Papa não é assim, vê-se que ele sofre com esse sofrimento das pessoas, das desigualdades é e o que é que disse mais para além das desigualdades?

Mariana: Os contrastes na sociedade têm a ver com as desigualdades, mas também o individualismo excessivo, o desrespeito pela dignidade humana...

Esther Mucznik: O desrespeito pela dignidade humana é uma coisa horrível e eu acho que isso é muito importante frisar isso, porque nós ainda temos hoje no mundo, grande parte da humanidade que é tratada como sub-humanos e nós vemos isso em Portugal, também vimos há pouco tempo como eram tratados aqueles trabalhadores que, coitados, que vinham para o Alentejo trabalhar e que viviam em condições sub-humanas, a todos os níveis. Tratados assim pelos próprios empresários que os contratavam, não é. Portanto, a questão de dignidade humana, para mim pessoalmente é uma questão fundamental. Porque todo homem, todo ser humano tem direito à sua dignidade, pronto. E o Papa fala nisso, e eu acho que isso é um aspeto também muito importante. O individualismo excessivo, não sei o que é que exatamente, porque, o que é que o Papa subentende por isso.

Mariana: Prende-se com centrarmos-nos em nós próprios e não nos voltarmos para os outros.

Esther Mucznik: Sim, é a indiferença, preocupados só connosco. São tudo questões que são fundamentais, mas que são muito difíceis de combater, na verdade, não é. Porquê? porque hoje o dinheiro manda em tudo. A economia manda, o dinheiro manda. Manda em tudo, manda na política, em primeiro lugar, mas sabemos que é assim. Manda em grande parte também nos próprios meios, os próprios meios da imprensa, na televisão, nisto e naquilo. O dinheiro manda e, portanto, isso é muito complicado.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Esther Mucznik: Sim, isso sem dúvida. Eu acho que o Papa tem sido muito coerente com ele próprio, desde que entrou. Quer dizer, eu acho, mas eu devo dizer eu não eu também eu estou aqui a falar, mas tenho constantemente a perceção de que eu também não conheço... não conheço nem o que se passa no Vaticano, nem nada disso... eu só conheço o Papa através dos seus discursos e das suas e também das suas ações. Das idas aos países, do receber as pessoas, todo tipo de pessoas etc., não é, a preocupação que ele tem também neste momento, por exemplo, não criar aqueles ajuntamentos em Roma quando ele fala, não é, por causa da pandemia, quer dizer, ele preocupa-se constantemente. Portanto, pronto, agora e, portanto, eu acho que de alguma forma o seu Papado tem sido coerente e ele tem sido, tem tido sempre o mesmo discurso, tem acompanhado na medida do possível da sua saúde, também não é, por que estava... pronto... tem tentado sair, fazer o possível, e também mantém sempre a mesma atitude, ao mesmo tempo firme e, aí eu acho que ele é corajoso. Firme e humilde ao mesmo tempo, uma coisa não invalida nada a outra, como é óbvio, não é? Embora há quem acho que sim, mas não é e, portanto, eu acho que sim, que ele tem tido uma... a pergunta era essa, não é? Se ele tem tido uma coerência moral.

Mariana: Sim, clareza...

Esther Mucznik, Clareza moral, ser claro coerente e eu acho que sim, agora ele, como digo, também não estou dentro do lado que se passa, mas pronto eu acho que sim, naturalmente, acho que sim.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Esther Mucznik: Bem, isso é uma questão de interpretação e de... eu não acredito que ele tenha um impacto político, como digo, porque há mil outras influências e influência fundamental é a economia, é o dinheiro, no fundo, dito de outra maneira. Mas agora, vamos lá ver, imaginemos que num governo há um primeiro-ministro ou um grupo de pessoas genuinamente, não só católicas, mas também cuja consciência é muito influenciada pelo discurso do Papa. Eu acho que isso pode, de alguma forma, influenciar, mas não tenho muita ilusão disso, e a prova é o próprio António Guterres. O António Guterres como sabe é um homem católico, não é. É um homem de fé católica e é um homem de fé penso. Pelo menos é o que transparece e é o que se, é o que se mais ou menos se sabe. Mas posso estar enganada, posso estar enganada. Mas pronto, eu acho que sim. E ele não tem meios para, não tem meios para mostrar ao mundo, mas tem meios, mas vê-se como isso influencia o seu discurso também. Primeiro quando tinha o pelouro dos refugiados à sua... e ele teve um papel muito bom na altura, antes de ser secretário-geral, não é, e agora como secretário-geral, todo o seu discurso também é um discurso que tem de alguma forma... não é, não é o discurso do Papa, mas até de alguma forma tem a ver com os temas que o Papa invoca constantemente, não é. Portanto, agora meios para ser um líder político, não. Eu não acho que seja possível. Mas não digo que seja mau, que seja bom. Para já eu acredito muito na separação total entre estado e poder político. Não, entre o poder político e o poder religioso, não é. Acredito profundamente nisso e, para mim, isso é uma questão fundamental para as sociedades e para a pessoa humana em primeiro lugar e, portanto, nunca o veria como um líder político, não é? E, portanto, agora de qualquer maneira também só se for por pessoa interposta, portanto, está a ver? Por algum governante, etc., mas eu não acho que isso tenha capacidade disso. Agora eu acho que sim, que pode influenciar é as pessoas em si, espiritualmente, moralmente, eticamente e, portanto, isso tem um papel muito benéfico na sociedade, na sociedade tem, acaba por ter.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Alfredo Teixeira: É assim, não sei muito bem o que pretende com essa exemplaridade, mas eu definiria essa exemplaridade a partir a daquilo que é a sua missão como Papa católico, não é. Ou seja, ele assume este pontificado num quadro claro de reformismo, de pensar uma reforma para Igreja. E pensou também numa determinada relação com o meio social envolvente, ou seja, não é apenas uma reforma que diga respeito à autoidentidade da Igreja, não é, como é que ela se pensa a si própria, mas é também um reposicionamento da Igreja católica face ao meio envolvente. Portanto, enfim a sua exemplaridade a meu ver, a exemplaridade que eu reconheceria, diria que diz respeito a esta conceção de um líder que pretende fazer uma reforma, não é. E, nesse sentido, ele adotou enfim meios que estavam ao seu alcance para desencadear essa reforma.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Alfredo Teixeira: Enfim, os Papas Católicos, a partir de Paulo VI sobretudo, mas sobretudo com a figura de João Paulo II, tornavam-se atores globais. Essa é a grande diferença em relação aos Papas de pontificados anteriores. E, portanto, nesse sentido, nenhum Papa contemporâneo no contexto dos jogos comunicativos atuais, enfim, no contexto das médias esferas, em que eles de alguma forma se inscrevem, nenhum deixará de ter uma voz tem uma dimensão global. Eu diria que aqueles que tentam de alguma forma traduzir a mensagem que diz está em valores claramente sociais, que têm um impacto social, de alguma forma, tornar-se-ão discursos que tendencialmente vão para além das fronteiras da Igreja Católica Romana, portanto nesse sentido eu penso que claramente quando se fizer uma história dos grandes líderes da... enfim, da primeira metade do século XXI, o Papa Francisco estará entre esses atores preponderantes, penso eu.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Alfredo Teixeira: Bom, toda a construção do modelo pastoral do Papa Francisco, ou seja, do modelo que ele tenta implementar na sua, no seu reformismo, tem essa marca, não

é, o discurso acerca de uma de uma saída para fora – aquele célebre imagem logo no início do seu pontificado, da Igreja em saída, a meu ver traduz-se nisso e, portanto, quer dizer que de alguma maneira depois o seu modo estar, sobretudo aquilo que mais sensibiliza as pessoas, que é a sua a sua vontade de estar fora dos quadros protocolares que normalmente enquadram este tipo de figuras públicas, eu acho que isso é um sinal e uma... é um sinal de uma clara vontade de sociabilidade e de se tornar próximos pessoas, penso, essa talvez seja a característica mais reconhecida, aliás, recordo-me que logo no início do pontificado do Papa Francisco, há um *sketch* que eu já não me recordo de qual humorista, mas eu penso que era o Ricardo Araújo Pereira não sei se ainda com os gato fedorento, ou se noutro projeto posterior, tinha um *sketch* em que um neto estava com a avó sentada no sofá a ver televisão e de repente alguém liga para o telemóvel e era o Papa que queria falar com a avó. Este tipo de narrativa que na altura, e estávamos ainda no princípio deste pontificado, na altura enfim facilmente circulava nestas construções humorísticas, dá conta a meu ver dessa perceção pública, não é, de um Papa que se quer tornar próximo.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Alfredo Teixeira: Essa questão a meu ver é uma questão que tem uma dupla, um duplo ponto de vista, porque precisamente naquilo que passou a caracterizar esta nova forma de constituir a autoridade Papal na Igreja Católica contemporânea, há de facto uma distinção fundamental a partir de João Paulo II. Enfim, se a Mariana perguntar aos católicos enfim, pelo menos católicos de meia idade que ainda tenham conhecido João Paulo II durante algum tempo se perguntares o nome polaco, ou seja, como é que se chamava o Papa, o nome polaco do Papa João Paulo II, quase todos eles saberão. Se recuar para o Papa anterior, para o Papa Paulo VI já serão muito poucos os que saberão o nome, e se recuar para trás então ninguém saberá o nome de batismo desses Papas. Isso quer dizer essencialmente o quê? Quer dizer que os Papas passaram a ter uma biografia, passaram a ter uma história, não é. Passaram a de alguma maneira ter um lugar enquanto esse ator global que tem uma narrativa, aliás isto é próprio da construção pública das figuras públicas atualmente, elas têm que ter uma história para contar. E se recordar, naturalmente a Mariana já não tem presente isso, mas quando este Papa foi eleito, e se visitar enfim as imagens da altura, as reportagens da altura, vai ver que... o que é que toda a gente procurava. Procurava saber quem ele era, que história é que ele tinha

para contar e muito rapidamente a história de um homem que vem da Argentina, as suas origens, a sua relação com megapolis enfim, essa experiência de viver os problemas próprios das megacidades enfim, neste nessas geografias enfim, rapidamente isso se tornou uma história que era necessário contar para cumprir isto. Isto quer dizer que de facto estes Papas contemporâneos passaram a lidar com um duplo carisma. O carisma que lhes vem do próprio lugar de autoridade que têm e, portanto quando nós os ouvimos obviamente que não deixamos de ouvir alguém que preside à comunhão católica enfim, uma das geografias religiosas mais influentes e importantes no mundo, mas ao mesmo tempo parece que também ouvimos porque ele é, não só o Papa Francisco, mas também o Bergoglio, ou seja, alguém que tem uma história pessoal e, portanto, de facto eu diria que isso, que podemos apelidar de carisma pessoal e carisma de função, assim para usar uma distinção viberiana, eu penso que no caso dos Papas isso tornou muito importante e, provavelmente, as dificuldades que em alguns casos Papa Bento XVI teve na sua inscrição pública, teve que ver com o facto dessas duas dimensões do carisma, não é, porque carisma de função e carisma pessoal porventura não estarem tão articuladas como estão por exemplo no caso do Papa Francisco ou como estiveram também no caso do Papa João Paulo II.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Alfredo Teixeira: Eu penso que desse ponto de vista ele assume bastante a natureza própria do tipo de autoridade que tem. A Mariana saberá que os Papas romanos têm um outro título que é o de serem pontífices. Ora o pontífice é o que faz pontes, enfim esse nome é herdado da cultura romana antiga e verdadeiramente dava conta de um ofício muito importante nas sociedades da época, não é, como imagina fazer pontes era algo de muito na vida das cidades, das comunidades e, de facto, o Papa enfim, nesse contexto de passagem do Império Romano para a Igreja Católica ou para a Igreja Latina, o Papa ficou também com esse título de pontífice. E eu acho que de facto, o Papa Francisco naquilo que são as diferentes dimensões da sua missão, valoriza muito essa possibilidade de estabelecer pontes com diferentes setores da sociedade e, portanto, ser pontífice em sentido real.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Alfredo Teixeira: Estará entre eles, certamente, não só pela força demográfica da própria comunidade católica, mas também porque não há muitas religiões que tenham condições para ter, pela sua gramática institucional própria, ter condições para ter uma voz que os possa representar. O Islão não tem isso, o Protestantismo não tem isso, o Judaísmo não tem isso, ou seja, são religiões que são sempre multipolares, não é, tem sempre muitos polos e, portanto, muitas vozes que podem falar em nome dessas tradições religiosas. O facto de a Igreja Católica ter esta estrutura institucional de alguém que pode falar pela Igreja Católica, em termos universais, cria condições particularmente favoráveis a que o Papa Católico possa de facto posicionar-se nesse campo de liderança numa lógica claramente global.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Alfredo Teixeira: É uma influência, é uma influência que eu diria polenta, ou seja, polenta porquê? Porque não está do lado propriamente das decisões, o Papa não está nos grandes fóruns internacionais que conduzem as decisões, e portanto, a sua influência é uma influência quase... se quiser usar como comparação, eu usaria uma expressão que a dado momento, aqui em Portugal penso que foi o presidente Mário Soares que patrocinou essa expressão, que é a ideia de uma magistratura de influência, não é. Neste caso é uma autoridade religiosa de influência, ou seja, a sua capacidade de mudar ou de alterar a realidade, precisamente porque não tem meios executivos para o fazer, é... fá-lo a partir daquilo que é típico de uma autoridade moral, não é. Que é no fundo construir um discurso, construir uma determinada visão partilhada do mundo e uma visão que pode, de facto, trazer associada a si, a urgência de uma mudança, mas obviamente não a partir de condições que possam, de facto, traduzir-se em decisões, porque isso está muito para além da... enfim do registo da autoridade em que está o Papa.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Alfredo Teixeira: Acreditando no impacto ou se quiser, concluindo, a partir da observação do impacto que ele tem, tanto no meio católico como fora, enfim, estou-me a recordar que, por exemplo, a... foi capa de revistas, enfim, muito influentes em termos globais, enfim,

logo no início do seu pontificado, tendo em conta que, por exemplo, um documento como a *Laudato Si*, ainda anterior à *Fratelli Tutti*, se tornou um dos textos mais citados por políticos em discursos, por enfim, protagonistas de outra ordem, eu diria que ele mostra capacidades de liderança e de capacidade de influenciar comportamentos, a partir da formação de valores que podem ser profundamente consensuais. Ou seja, valores que podem reunir à volta de uma cidadania global partilhada, de facto, muitas populações, muitos interesses, muitas outras lideranças. E, portanto, eu diria que é a partir desse ponto de vista que eu reconheceria a sua influência.

9. De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Alfredo Teixeira: No terreno da Igreja Católica a palavra inovação é sempre uma palavra complicada, porque estamos no quadro de um campo religioso onde a autoridade se define a partir de uma continuidade, da continuidade de uma tradição, não é. Ou seja, o Papa Francisco só é Papa porque a Igreja reconhece que ele se inscreve na linhagem Apostólica, não é, e, portanto, será muito interessante vermos como é que neste contexto a liderança do Papa Francisco gere a mudança. Eu penso que aqui o problema da inovação passa por saber como é que no quadro enfim... da sua ação, ele vai gerir uma dupla exigência que é: por um lado a Igreja católica tem que continuar a ser fiel a alguma coisa que recebe essencial, essa tal tradição; mas por outro, na medida em que ele assume claramente a missão de renovar a Igreja para responder ao tal meio social envolvente, obviamente ele não pode deixar de reformar, ou seja, de liderar mudanças e eu penso que desse ponto de vista, ele tem optado por – eu diria assim numa linguagem própria das nossas interações –, eu diria que ele tem optado por tentar convencer, não é. Ou seja, ele tem meios, que ele tem meios, para de alguma forma agir disciplinarmente para introduzir mudanças, não é. Repare que, por exemplo, dou este exemplo para enfim, tentar explicar melhor o meu ponto de vista. O Papa Bento XVI tinha autorizado e o uso do rito Eucarístico anterior ao Vaticano II, anterior ao chamado “Missal de Paulo VI”, enfim onde a missa se rezava em latim e enfim, onde a missa se organiza com algumas diferenças. E fê-lo no sentido de, digamos, inclusão. Ou seja, havia grupos católicos que estavam numa margem quase de cisão e alguns casos mesmo cisão, em relação à opinião católica e, ele viu nisso uma forma de os trazer. Ora, no entanto, essa bolsa,

essa bolsa de católicos intransigentes tornou-se, de facto, o meio onde se construiu a principal oposição ao reformismo do Papa Francisco. No entanto, só, como sabe, muito recentemente o Papa fez aprovar um *motus* próprio que de alguma maneira enfim, passou a proibir essas missas em contextos paroquiais, ou seja, não reverte totalmente o *motus* próprio anterior, mas claramente dá uma mensagem clara, ou seja, a Igreja Católica tem um único rito, não há ritos paralelos na Igreja. E, repare que, de alguma maneira, em todos estes anos anteriores ele podia ter tido este gesto disciplinar há mais tempo, mas de alguma maneira penso que a atitude dele tem sido a de procurar uma certa... dentro das margens de elasticidade que é o corpo institucional da Igreja Católica, de alguma forma encontrar maneira de que essa elasticidade não quebre, até ao momento em que isso seja possível e eu penso que o que aconteceu é que, de alguma forma, chegou o momento em que já não era possível tolerar mais esta elasticidade e, portanto, ele usa esse mecanismo que tem. Que é de produzir uma legislação própria, a que o Papa tem acesso para a introduzir, de facto, alguma coisa que tem consequências na vida da Igreja. Mas eu diria que a sua... que a sua estratégia é, claramente, muito mais a de convencer, do que propriamente mudar por decretos de autoridade, não é. Penso que é claramente essa a sua estratégia.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Alfredo Teixeira: Eu acredito que sim, enfim o seu discurso, os tópicos fundamentais do seu discurso, se pensarmos nestes dois últimos documentos, quer a *Laudato Si*, quer a *Fratelli Tutti*, dão conta de um Papa preocupado com humanidade e com os seus problemas mais graves.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Alfredo Teixeira: Eu não sei se tenho informação suficiente para responder a isso. Diria que ele já apareceu, em alguns contextos, a reconhecer esses erros. Recordo-me numa situação sobre declarações sobre uma autoridade da Igreja Católica sobre a qual havia suspeitas de pedofilia, e recordo-me de ele a dado momento falar de calúnias, falar... ou seja, teve um discurso público, perante os jornalistas de, no fundo, minorizar as queixas e acusações que

estavam a ser feitas. E recordo-me que passado algum tempo ele pediu desculpa às vítimas por, nesse discurso, não ter valorizado suficientemente enfim, o próprio discurso das vítimas. Diria que sim, embora enfim também devo dizer que não tenho assim tanta informação sobre isso, mas parece-me que sim, em alguns gestos importantes pareceu-me que, de facto, o Papa não teve medo de assumir esse erro e de não pressupor que necessariamente isso desvalorizaria a sua autoridade.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Alfredo Teixeira: Sim, sim, desse ponto de vista até por contraste, não é? Porque o Papa Francisco adotou um estilo de despojamento de todos os sinais que muitas vezes acompanhavam a autoridade e o poder de um Papa, desde as suas roupas a... enfim, o seu protocolo enfim, sabemos que a autoridade precisa em muitos casos desses sinais para se afirmar socialmente e desse ponto de vista, de facto, é talvez, dentro dos Papas contemporâneos, aquele que claramente aparece perante, não só os católicos, mas perante a praça, a cena pública como alguém que procura despojar-se de tudo aquilo que, de alguma forma, construiria socialmente a sua autoridade enfim, recordo-me, por exemplo, das frequentes imagens que o colocam enfim a andar numa numa rua de Roma, enfim aparentemente sem as proteções habituais, ou sem, enfim, os protocolos habituais ou então os contextos em que, de facto, ele parece claramente, mesmo em contextos organizados e protocolares, ele parece claramente romper com eles para, de alguma forma se aproximar das pessoas e isso, penso que isso traduz uma atitude de humildade em relação ao seu lugar de liderança.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Alfredo Teixeira: Sim, eu penso que a... isto de que eu falava antes, estes exemplos, estes gestos, dão conta de uma pessoa que sabe que, no contexto atual, porventura uma imagem, por vezes, pode ser muito mais importante que um desses textos que ele assinou. Aliás, num debate em que tive há uns meses atrás sobre a *Fratelli Tutti* com um pastor protestante, a dado momento eu dizia precisamente que no caso do Papa Francisco, a Encíclica é ele. Ou seja, em muitos casos o que é mais eloquente não é propriamente o seu texto, mas é de facto

os gestos que acompanham esse seu discurso. E, portanto, desse ponto de vista parece-me que... e aliás, um dos aspetos que normalmente atrai as pessoas, porque é isso que por exemplo as pessoas criticam nos atores políticos, com muita frequência as pessoas criticam nos atores políticos precisamente essa distância entre o discurso – que parece um discurso de alguém que apenas assume um papel – e, depois as suas próprias lógicas de ação. Neste caso, é essa proximidade entre discurso e gesto, ou entre palavra e imagem, que eu acho que acaba por ter um certo fascínio sobre as pessoas.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Alfredo Teixeira: O diálogo inter-religioso tornou-se uma marca de quase todos os Papas contemporâneos também, essencialmente porquê? Porque, e desse ponto de vista, eu diria até que não o distingue suficientemente da trajetória dos Papas anteriores. Não me parece que em relação a esse aspeto ele se distinga significativamente de uma trajetória que Paulo VI iniciou, que é o primeiro a dar esse passo. João Paulo II depois investiu muito nessa ideia de que a paz no mundo depende de uma aliança entre as religiões, ou seja, depende de uma pacificação das relações entre religiões. João Paulo II estava claramente conscientes disso, Bento XVI também, embora em muitas vezes o seu discurso foi recebido, enfim, talvez com mais dificuldades por alguns contextos religiosos como Islâmico, mas penso eu simplesmente por razões de difícil tradução do seu próprio pensamento, porque em qualquer um dos Papas tornou-se evidente para eles, para quem tem o lugar de autoridade na Igreja Católica, como enfim presidindo à comunhão, tornou-se claro que não há maneira de estar neste espaço global em termos religiosos que não seja, de facto, de privilegiar esta dimensão fundamental do diálogo inter-religioso como um lugar não propriamente de reconciliação das religiões em si ou apenas isso, mas como um lugar que pode demonstrar o que é a construção de uma humanidade diversa, mas com a capacidade de construir vínculos de paz, não é. Eu penso que é essa imagem que estes Papas procuraram. O Papa Francisco deu continuidade a isso, talvez um dos traços em que os Papas contemporâneos estão relativamente mais próximos.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Alfredo Teixeira: De uma forma geral sim, embora obviamente ele representa alguns valores que geram, obviamente, críticas e enfim, por exemplo, o Papa Francisco tem uma visão da economia, da economia mundializada muito marcada por quem vem do hemisfério sul e no hemisfério sul há uma cultura que, de alguma forma, tende a ver como um dos principais problemas das sociedades contemporâneas a extraordinária dependência que as lógicas de governação têm do mercado. E, portanto, por exemplo, o Papa Francisco tem um discurso, eu diria até bastante violento em relação ao certo tipo de liberalismo económico e isso não deixa de granjear algumas críticas, alguns distanciamentos, estou a pensar, por exemplo, numa sociedade como a norte-americana onde encontramos muitas vezes também reações críticas em relação a esse discurso de João Paulo II, que é visto, neste caso, como um discurso que vem da América Latina e que representa deste ponto de vista um discurso crítico. Portanto, nesse sentido eu diria que ele gera empatia, mesmo que seja uma empatia neste sentido, ou seja, de desencadear por parte de, enfim, de setores sociais que não se representam, não se veem representados na sua crítica, por exemplo, algumas dimensões da economia de mercado, uma forte reação, portanto, empatia aqui no sentido ninguém ficar indiferente.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Alfredo Teixeira: A última Encíclica parece ter esse objetivo, de construir uma ideia para vivermos em conjunto a partir da noção de fraternidade. Aí penso que essa é, digamos, a sua grande utopia, aliás, é interessante observar que este texto é quase constituído a partir de citações de documentos anteriores assinados por ele e, portanto, se algum texto vai ficar como uma espécie de testamento do Papa Francisco será este. Não só por esta ideia, esta centralidade da ideia de fraternidade, mas também pelo facto de o próprio documento ser uma espécie de quase manual do pensamento de Francisco. Nesse sentido, é um documento que dá uma enorme, que dá uma grande continuidade ou estabelece uma grande continuidade com a *Laudato Si* e é claramente a expressão do Franciscanismo que de alguma forma inspirou o próprio nome que ele escolheu para o exercício da autoridade Papal, e esses dois documentos traduzem claramente essa inspiração. Trata-se de uma visão do cristianismo

a partir da ideia de criação, não é. A partir da ideia de que há uma, há um vínculo que une toda a criação, todo o mundo criado, portanto quer o mundo cósmico, quer enfim as sociedades humanas e, portanto, a fraternidade, a fraternidade e a ecologia integral são neste caso, no pensamento do Papa Francisco, são duas ideias que estão muito próximas e que traduzem, a meu ver, aquilo que é uma visão de transformação do mundo centrada nessas duas ideias.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Alfredo Teixeira: Considero que sim, embora em alguns aspetos sobretudo interiores ao tecido da Igreja Católica, eu diria que ele não consegue ir tão longe quanto ele próprio gostaria, penso eu, ou seja, as diferenças que dizem respeito a comportamentos sexuais, diferenças que dizem respeito, por exemplo, ao próprio, a certas divisões que dificultam a comunhão eclesial como, por exemplo, o problema dos divorciados recasados enfim, já houve sinais claros de que porventura, pessoalmente, ele gostaria de encontrar uma forma de Igreja mais inclusiva ainda, do que aquela que porventura neste momento é possível. E, portanto, nesse sentido eu diria que a ideia de inclusão dele está um bocadinho para além das próprias fronteiras daquilo que a instituição católica, neste momento, consegue fazer.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Alfredo Teixeira: Enfim, não sei se é uma denúncia corajosa, é uma denúncia, é uma denúncia é, que se dirige a alguns dos aspetos centrais da nossa cultura contemporânea. Portanto, neste sentido, ele não tem – com a cultura contemporânea – não tem apenas uma relação de, diríamos, de celebração, ou seja, de a enfim, aceitação da cultura contemporânea como ela é, ele tem um discurso que sob o ponto de vista religioso chamaríamos um discurso profético, ou seja, um discurso que aceitando que a Igreja tem de estar no mundo, tem que ouvir o mundo, tem que de sair para o mundo, essa ideia de saída implica também transformá-lo e transformá-lo para ele a ideia de, penso eu, que a ideia de transformação

passa também pela construção de um discurso crítico, um discurso não alinhado com, enfim, algumas tendências da vida contemporânea que claramente ele vê como desumanas ou pelo menos *desumanizantes*.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Alfredo Teixeira: Penso que sim, penso que de uma forma geral eu até traduziria essa clareza pela ideia de coerência que já falei atrás. Penso que quando se procura, se quando se tem um discurso como ele tem relativamente aos valores fundamentais para a vida comum, e depois se observa as reformas que ele próprio quer implementar no interior da Igreja Católica, penso que em termos gerais podemos falar de uma de uma coerência de comportamento.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Alfredo Teixeira: Política é, no sentido em que se constroem imagens para o nosso viver em comum, obviamente que o seu discurso terá sempre uma dimensão política. Agora até que ponto ele pode influenciar as políticas, ou seja, aquilo que são as decisões que vão ser tomadas nos contextos próprios, eu diria que aí o fenómeno é bastante mais complexo. Uma das coisas que acontece hoje com frequência, enfim nas nossas sociedades a partir destas estruturas comunicativas que as escrevem, é que em muitos casos as ideias podem circular sem introduzirem alterações substantivas na vida das cidades. Enfim você repare, a Mariana se abrir o Facebook encontra sempre uma multidão de indignados, de pessoas indignadas, críticas disto e daquilo, e nós não vemos a seguir que isso desencadeia propriamente um movimento social de transformação. Portanto, de facto, a sociedade hiper comunicativa em que vivemos, também tem esta característica de que facilmente as boas ideias circulam e as pessoas até concordam com elas, mas até que elas se tornem de facto políticas, nesse sentido, pode demorar bastante, porque o esse caminho é bastante complexo. Em todo o caso, não deixa de ser influente, ou seja, esta é uma influência que vai acontecer no tempo e vai acontecer de forma desigual, ou seja, haverá momentos em que as circunstâncias permitem que estas ideias se tornem mais influentes, sei lá, estou a pensar, por exemplo, na *Laudato Si*. Esse documento surge numa altura em que talvez tenhamos tido o momento particular em que as gerações mais recentes, estavam particularmente expostas para pensar o problema do futuro do planeta e isso, obviamente, criou um eco muito maior, penso que desse ponto

de vista *Laudato Si* é um documento que teve um impacto maior do que este documento a *Fratelli Tutti*, por isso mesmo. Porque ele de alguma maneira aparece num momento em que os grandes debates e também as novas gerações estavam claramente mais predispostas a encontrar, neste ponto de vista, um lugar de encontro, não é, um lugar de afirmação e de projeção de futuro. E, portanto, enfim, eu acho que o discurso influencia, mas ele influencia de forma complexa, diversificada no tempo e depende, em muitos casos, muito dos contextos em que esta mensagem surge.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Pedro Vaz Patto: Bom, em muitos aspetos sim, e eu ao responder a esta pergunta e a outras, quase que diria... só faria elogios, não é? Mas parece-me que também seria mais útil ao seu trabalho, apontar também alguns aspetos que eu considero uma limitação. Que são poucos, mas mesmo assim, acho que posso dizê-los. Mas então, em que aspetos é que eu considero a conduta exemplar: é sobretudo um testemunho de coerência cristã de amor, de solicitude proximidade com os mais pobres, com os que mais sofrem e podemos dar assim alguns exemplos, exemplos que são sobretudo eloquentes, quer dizer, são amis eloquentes os gestos, os atos do que as palavras, a teoria e os exemplos podem ser, por exemplo, o cuidado que tem em relação aos sem abrigo, que costumam estar junto do Vaticano, das fracos do vaticano; o cuidado que sejam vacinados; que tenham instalações sanitárias, duches. Bom, acho que isso é representativo daquilo que é esse amor e essa coerência cristã.

Em relação à limitação que eu poderia apontar é esta: de facto, o Papa tem uma capacidade de dialogar com pessoas que estão afastadas da Igreja, mas tem tido alguma dificuldade em dialogar com os seus críticos, que vem sobretudo da Igreja, do interior da própria Igreja. Esta é a limitação que eu aponto, e também vejo que essa dificuldade não seria só do Papa, também é dos próprios, não têm propriamente uma atitude dialogante. Mas gostaria que também a esses chegasse esse espírito de diálogo que o Papa manifesta em relação a muitos outros.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Pedro Vaz Patto: Sim, e como é que ele o tem feito? Ele tem-no feito e é significativo o facto de a Encíclica *Fratelli Tutti* ter sido apreciada e elogiada por muitas pessoas de vários quadrantes. Eu assisti a uma... portanto, a uma iniciativa. Participei de uma iniciativa de entrega desta Encíclica aos deputados portugueses e representantes de todos os grupos parlamentares fizeram esse elogio da Encíclica e, portanto, por isso acontece porque o Papa procura de construir pontes. Usa muito esta imagem construir pontes, mais do que muros. E fá-lo também nesta Encíclica como noutra ocasiões, procurando identificar aquilo que são preocupações comuns, aquilo que são pontos de convergência entre o seu pensamento e o

pensamento da sociedade, as preocupações da sociedade. Há uma frase muito citada pela constituição do Concílio Vaticano II, que é a de algum *expert* no início desta, que é a *Gaudium et Spes*, que quer dizer Alegria de Esperança. E esta fase inicial, muitas vezes citada, é as alegrias e esperanças, e as angústias e tristezas do mundo de hoje são as angústias e tristezas da Igreja e, portanto, é este... Concretizar esta frase, esta ideia é o que tem procurado fazer o Papa e, neste sentido, podemos dizer que é um orientador e é um guia para a sociedade em geral, consegue esta... ter este é com esta boa receptividade junto de pessoas fora do âmbito da Igreja, precisamente por isto, porque procura estabelecer estas pontes sem ocultar a fundamentação teológica, a fundamentação cristã dessas preocupações assim, por exemplo, em relação à questão do ambiente, a preocupação com o ambiente nesta Encíclica *Laudato Si*, ele tem um pedido muito importante sobre a teologia da criação, quer dizer, este cuidado com a criação, com o ambiente, decorre desta conceção de que é um dom de Deus, portanto, a harmonia da natureza é um reflexo da bondade e da sabedoria de Deus e, portanto,... mas ele não faz desta fundamentação uma condição necessária para dialogar com as outras pessoas, portanto, acho que isto é importante. Também, em relação àquilo que se poderia considerar um limite e que eu acho que é a maneira de salientar é que a também o facto de esta aceitação que é superior àquela que tinham os seus antecessores, quer o Papa Bento XVI, quer o Papa João Paulo II, também decorre do facto de ele não dar tanta a situação àqueles aspetos em relação aos quais a doutrina da Igreja contrasta com a mentalidade corrente. Ele não ocupa também esse aspetos, mas por exemplo nesta questão, nesta Encíclica *Fratelli Tutti*, as referências ao aborto são mínimas, ele já falou disso e até em termos muito severo, criticou o aborto, mas nesta Encíclica ela enfim... fala de muitos assuntos, mas não fala deste. Se falasse não seria tão bem acolhida, certamente como não eram outras dos Papas anteriores que falavam mais acentuadamente em questões dessa, em relação às quais a doutrina da Igreja não é bem aceite pela mentalidade corrente, mas eu acho que também é importante para ser guia comunicador, também é importante falar destes aspetos que não são tão consensuais.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Pedro Vaz Patto: Pois, aquilo que eu disse, na resposta às duas perguntas anteriores, talvez sirva também para esta, não é? Quer dizer este cariz voltado para os outros traduz-se,

portanto, nesta solicitude e amor para com as pessoas que mais sofrem de uma forma concreta, muito concreta mesmo, por um lado e, por outro lado também neste esforço de dialogar a 360°, quer dizer, encontrar pontos de contato, pontos comuns, atender mais ao que une, do que o que separa, em relação a pessoas que não comungam dos princípios da Igreja. Acho que este é um aspeto, que são estes dois aspetos que revelam também, digamos, esta abertura aos outros, este estar voltado para os outros que é característica da ação do Papa Francisco.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Pedro Vaz Patto: Bom, da sua personalidade podemos caracterizar como, portanto, esta capacidade de empatia de se ser próximo dos outros, uns dotes de comunicador, portanto, ele tem uma linguagem simples, acessível, usa muitas imagens que são particularmente marcantes para as pessoas, também a sua espontaneidade na maneira de se exprimir, são características que de facto facilitam a sua tarefa, portanto, este estar próximo das pessoas e orientá-las.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Pedro Vaz Patto: Sim é aquilo que eu há pouco dizia, a mensagem central da Encíclica *Fratelli Tutti* é essa. Uma fraternidade universal, portanto, que abarca todos. E, precisamente tem muitos capítulos em relação aos quais se podem identificar muitas pessoas, independentemente da sua fé cristã e ele di-lo mesmo explicitamente logo no início da Encíclica que, ele sem deixar de referir o fundamento, o fundamento último da fraternidade, aquilo a que ele chama fundamento último da fraternidade que é o facto de termos um Pai Comum, de... e depois também ele tem referências explícitas à conceção cristã ao Deus que é uno e trino, e isso é o modelo também de... quer dizer, não é uma conceção teológica que não deixa de ter reflexos na conceção da vida social, mas dizia, sem ele ocultar este fundamento ele tem uma linguagem que permite que muitas pessoas se identifiquem com este princípio de fraternidade e é essa mensagem central da Encíclica, que podemos dizer também é central do seu do seu magistério, do seu ensinamento. Falo desta Encíclica porque

de facto é significativa neste aspeto de ter este objetivo de uma unificação, não é? De construir uma unidade para além de todas as diferenças.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Pedro Vaz Patto: Sim, podemos dizer se calhar até o maior no sentido de autoridade moral, não no sentido de líder político, isso não é a sua pretensão, nem penso que seja sua missão, mas como uma figura que é respeitada pela sua autoridade moral. E, é significativo que, fala-se agora na possibilidade de ele estar presente na cimeira de Glasgow onde se vão debater questões importantes em relação às alterações climáticas não só, e as políticas de proteção do ambiente e contra as alterações climáticas e não sabe ainda se ele vai ou não é, nem de facto de ir ou não ir, não é por este efeito decisivo, mas é significativo que várias áreas pessoas tenham manifestado o desejo de ele ir, porque a sua voz teria um peso importante em relação àquilo que se pretende com esta conferência. Porquê? Não é porque para a sua influência política ou económica, enfim ele não é dirigente de nenhuma potência, não pode diretamente poder no que quer que seja, no sentido das medidas que venham a ser adotadas, mas é pela sua influência moral, pela sua autoridade mora. Isso já aconteceu, quando foi da cimeira de Paris que foi mais ou menos contemporânea da Encíclica *Laudato Si*, vários observadores reconheceram que essa Encíclica e a promoção do Papa tendo uma influência importante nas decisões que aí lhe foram tomadas, que vem da sua autoridade moral apenas.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Pedro Vaz Patto: Pois, é uma capacidade de influência que vem, como eu disse, também dizer da autoridade moral e também da coerência entre aquilo que diz e aquilo que faz e também aqueles exemplos que eu comecei por dar não é daqueles gestos de atenção e cuidado às pessoas mais pobres, a começar por aquelas que estão ali ao seu lado, não é, portanto, que são seus vizinhos, ao lado da Basílica de São Pedro é, digamos, a autoridade moral vem, sobretudo, penso eu, desta coerência entre a doutrina que ele professa, que o proclama e a prática. Enfim, nesse aspeto é um modelo para todos, não é, a começar pelos cristãos.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Pedro Vaz Patto: Neste sentido que eu estou a dizer, não é, portanto não no sentido de que tenha um poder político, económico, ou outro, mas neste sentido de ser uma figura que é respeitada pela coerência das suas atitudes, acho que sim, nesse aspeto essa é... só por isso, não por outro motivo.

9. De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Pedro Vaz Patto: Pois, nas mensagens do Papa Francisco é recorrente a ideia de que... ele usa a expressão “o Deus das surpresas”, não é? E refere-se também já várias vezes ao Espírito Santo com algo que nos surpreende, não é? Portanto, Deus abre-nos ao novo, à novidade, não é, portanto, a vida que isto tenha, as suas propostas não são uma mera repetição do passado, mas uma abertura para algo que nós próprios, que nos surpreende a nós próprios. Não porque isso significa uma rutura com o passado e, muitas das críticas também tem a ver com a falsa interpretação, penso eu, desta ideia de abertura ao novo, que não é uma abertura com o passado, mas uma, digamos, um desenvolvimento, uma descoberta de novas potencialidades que a mensagem cristã tem, guarda dentro de si que ainda não foram descobertas depois de 2000 anos. Por exemplo numa mensagem recente a Cáritas italiana, a propósito dos desafios que são colocados pela crise gerada pela pandemia, ele fala da criatividade, faz um apelo à criatividade, não é. Portanto, também para o contexto diferente, com que somos agora confrontados, a solidariedade social também e exige respostas novas e criativas. Depois também há um aspeto que é, que é importante salientar em relação à Igreja, é que portanto o Papa dá muita importância aquilo que se chama sinodalidade, que no fundo é concretizar a participação de todos – sacerdotes, leigos, de todo mundo, somos mais ou menos instruídas a participar na vida da Igreja e a próxima reunião, pronto, se não venham do sínodo dos bispos que é aquele importante órgão de consulta do Papa, vai ser precisamente sobre a forma de concretizar esta singularidade desta participação numa Igreja que é comunhão e numa forma inédita, já noutras ocasiões e para outros Papas ou alguma forma participação de todos os cristãos, de todos católicos na... nestas reuniões, mas nunca como o que é agora proposto, que é de concretizar esta sinodalidade, desde o nível da diocese

depois a nível nacional, continental, portanto, nunca houve participação tão alargada nesta reunião dos Bispos, portanto isto é significativo que a liderança do Papa procura que seja algo de... fruto de uma comunhão alargada a todos a todos os católicos.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Pedro Vaz Patto: Sim, pelas razões que eu que eu já disse e, acentuando de uma forma especial, como eu também já disse, os que mais sofrem, os pobres, mas também os que sofrem a solidão, por exemplo, os idosos esta... ainda ontem foi celebrado pela primeira vez o dia dos avós e dos idosos e, na sua mensagem, o Papa faz referência ao sofrimento que estas pessoas de uma forma especial experimentaram nesta situação de pandemia, portanto, não... digamos, ele não é diferente a essas situações, aliás, ele próprio também nesta mensagem se identifica com os idosos, porque também se reconhece como idoso naturalmente, mas para além disso também se vê como ele faz seus, não é, os sofrimentos das pessoas e aqui em particular da, dos idosos.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Pedro Vaz Patto: Sim, e há exemplos disso. Por exemplo, em determinada ocasião veio a verificar-se que havia situações graves de encobrimento de abusos sexuais na Igreja do Chile e o Papa não identificou imediatamente esses erros e, depois veio a reconhecer o seu erro, portanto, esse seu... não identificou imediatamente a situação, não é, portanto não se apercebeu talvez por informações erradas que lhe deram, não se apercebeu da gravidade e até negou que se tivesse verificado determinadas situações e depois reconheceu o erro. Também um episódio que foi muito falado, um gesto de brusquidão e de, enfim, de uma certa... portanto, uma pessoa que se queria aproximar dele numa daquelas audiências em que ele contacta com as pessoas e isso ficou fixado não é, numa gravação e depois o Papa publicamente pediu desculpa por este seu gesto, também numa ocasião ele teve algumas expressões um pouco deselegantes em relação às famílias numerosas e depois em mensagens sucedidas fez vários digamos, vários elogios às famílias numerosas, foi também uma forma de reconhecer que tinha sido infeliz na expressão que usou, portanto, são estes exemplos de

situações em que o Papa humildemente reconheceu os seus erros. Se calhar poderia reconhecer outros, por exemplo, agora lembro-me de um que é que é a questão do acordo que foi firmado com a China sobre a nomeação dos bispos e que se esperava que viesse beneficiar a liberdade, melhorar a liberdade religiosa na China, e não tem sido assim, não tem sido assim. Ainda não foi reconhecido... eu acho que foi um erro da diplomacia do Vaticano, e ainda não foi reconhecido, mas não sei dizer. Também pode haver limite da minha parte, que não esteja a ver todos os aspetos da questão, não é, mas isto só para dizer como de facto também não... poderia haver aqui uma outra, um outro reconhecimento de um erro.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Pedro Vaz Patto: Pelas razões que acabei de dizer considero que sim, por estes exemplos que dei, considero que sim.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Pedro Vaz Patto: Sim, já acentuei aquele aspeto da coerência entre a doutrina e depois os gestos que faz, mas também queria dizer o seguinte: portanto, o Papa fala com espontaneidade isso é demonstrativo de autenticidade e também torna credível o que diz, mas também é importante de saber que o Papa tem uma especial responsabilidade, no sentido da clareza doutrinal, e isso é também um aspeto em que por vezes se têm feito críticas às vezes exageradas, mas com alguma razão de ser no sentido de que quando fala o Papa não é o mesmo que falar um sacerdote, um pároco, portanto, há uma especial responsabilidade nesse aspeto do cuidado em não dizer coisas que sejam erradas, do ponto de vista da doutrina e nem sempre há bem esse cuidado. Às vezes, nem é tanto aquilo que diz o Papa, mas por exemplo um aspeto que eu acho que é significativo e que eu comecei por referir, que o Papa tem a capacidade de dialogar com pessoas afastadas da Igreja há um intelectual italiano com quem ele já teve várias entrevistas chamado Scalfari, Eugenio Scalfari, que esteve na primeira linha de muitos combates contra a Igreja e, portanto, é dos tais que algumas pessoas pensam que seria inimigo da Igreja, mas que o Papa tem criado com ele uma amizade sincera e um diálogo frutífero, mas às vezes este intelectual italiano diz que o Papa lhe disse algumas

coisas que de facto não são conforme a doutrina da Igreja e talvez, assim, provavelmente ele não será fiel áquilo que disse exatamente, mas isto cria uma certa confusão nas pessoas e, penso que aqui deveria de haver mais cuidado em esclarecer o que é que de facto o Papa disse e o que é de facto a doutrina da Igreja, mas isto também é um pouco reflexo daquilo que para o Papa é prioritário, até porque para o Papa, mais do que esta clareza doutrinal, é importante a amizade que se estabeleceu com esta pessoa. E, pronto, isso também é significativo.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Pedro Vaz Patto: Pois já este exemplo que lhe dei, portanto é um exemplo mundialmente pessoas de convicções diferentes no crente e não crente, em relação ao diálogo inter-religioso é bastante importante e eu aqui salientaria uma declaração que foi o documento chamado declaração de Abu Dhabi, que serve de inspiração à Encíclica *Fratelli Tutti*, vem referenciado na Encíclica *Fratelli Tutti* e depois se quiser posso também fornecer-lhe um artigo que escrevi sobre esta declaração. É uma declaração entre o Papa, portanto um documento subscrito pelo Papa, e por uma autoridade ministerial sunita, não é equivalente a um Papa porque não existe no Islão, mas é uma pessoa de facto com autoridade e em que, também aqui, se estabelecem pontos comuns. É importante este diálogo entre cristãos e muçulmanos, no fundo são as duas religiões com maior número de fiéis em todo mundo, para contrariar aquilo que se chama a tese do conflito das civilizações, depois do conflito ideológico entre comunismo e capitalismo. Hoje para algumas visões haveria um conflito entre a dimensão ocidental influenciada pelo cristianismo, e o islâmico, sem possibilidade de convergências e também um modo geral e que seria necessariamente associado ao fundamentalismo, à intolerância, até violência, etc. contra o ocidente. Ora bom, esta declaração e este diálogo entre cristãos e muçulmanos é uma forma de contrariar esta tendência para o conflito das civilizações, que significaria que, portanto, neste mundo globalizado em que não podemos separar de um lado os cristãos, ou de um lado os europeus e de outro lado os árabes ou outras pessoas influenciadas pelo islão, porque a tendência é sempre para uma convivência de pessoas de várias religiões, seja de que forma for e, portanto é o diálogo entre cristãos e muçulmanos é muito, portanto, estes pontos de convergência que se encontraram nesta declaração, que afirma claramente que a vivência em nome da religião

não tem justificação, é uma perversão, seja do cristianismo, seja do islamismo na visão desta autoridade e, portanto, no dos muçulmanos e, daí a importância do diálogo inter-religioso que é reafirmado na Encíclica *Fratelli Tutti* e também na viagem que o Papa fez ao Iraque, onde estas ideias vieram muito em relevo.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Pedro Vaz Patto: Olhe, aí, eu posso responder-lhe através de uma experiência pessoal. Estive uma vez num congresso em Roma, em que o Papa foi fazer um discurso, os participantes no congresso eram para aí umas duzentas pessoas e ao ler o discurso ele dava sinais de um certo cansaço. Depois do discurso ele foi cumprimentar uma a uma, todas estas pessoas, portanto, eu também fui cumprimentado e era notório que aquele cansaço que ele tinha, com que ele... enfim, aparentada, quando lia o discurso, que tinha desaparecido quando ele estava a saudar as pessoas. Saudava uma a uma como se fosse única. E, de facto, isto... enfim a impressão que eu tive e acho que também outras pessoas que tiveram quando estiveram assim este tipo de contactos com o Papa até mesmo no meio de multidões maiores, não é, enfim agora tudo isto está limitado pela pandemia, mas antes haver a pandemia era frequente estes contactos e a impressão que as pessoas tinham desta empatia, no relacionamento com o Papa.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Pedro Vaz Patto: Sim, pelas razões que eu já disse à pouco, não é, portanto a importância que dá ao diálogo, a construir pontes, a esta atenção, esta empatia que como pudeste procurar identificasse com os sentimentos dos outros, tudo isto é... enfim contribui para construir a Fraternidade Universal.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Pedro Vaz Patto: Bom, há uma imagem que o Papa evoca com frequência, também fez referência na Encíclica *Fratelli Tutti*, a propósito da questão da convivência de pessoas de culturas diferentes, nacionalidades diferentes, na questão das migrações, portanto, nesta

Encíclica e outros documentos o Papa usa a imagem do poliedro. O poliedro, portanto, é uma figura geométrica. O poliedro em contraste, em contraposição à esfera. A esfera é algo que não tem faces, é uma coisa uniforme e a globalização pode conduzir a esta uniformização que o Papa rejeita. O poliedro tem várias faces que se enriquecem umas às outras, portanto, não desaparecem e a propósito das migrações e das convivências das várias culturas nacionais, o Papa não advoga que elas apareçam, mas diz que elas se enriquecem através da... e enriquecem reciprocamente, portanto, no contacto com outras culturas, elas enriquecem-se. Não são algo estático, mas algo de dinâmico que se enriquece com o contato com outras. Isso também nós podemos verificar na nossa história de Portugal, onde também sempre estiveram esta abertura a outras culturas e, portanto, esta imagem do poliedro e também a maneira positiva como ele encara a convivência entre culturas diferentes através das migrações. Outras neste aspeto não de uma universalização, mas de uma realidade poliédrica, no sentido de que há uma variedade que é enriquecedora, e que não separa, não é, portanto, não é o isolamento, mas também não é a uniformização.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Pedro Vaz Patto: Sim, aquilo que também neste aspeto podemos dizer, sim há uma distinção em relação aos Papas anteriores. Às vezes, as mesmas ideias que já os outros Papas referiam, são ditas pelo Papa Francisco com mais vigor, sem subtilezas com, digamos, sem papas na língua, como se costuma dizer, não é assim? Sem cuidados diplomáticos, mas de facto é assim, é isso que caracteriza a linguagem do Papa Francisco.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Pedro Vaz Patto: Sim, sobretudo por aquilo que eu já várias vezes disse, que é a coerência entre a doutrina e a prática. Acho que é isso que... enfim, que é mais eloquente, que é o testemunho mais credível que serve para qualquer líder e para qualquer pessoa.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Pedro Vaz Patto: Pois eu aí acho que... já ouvi isso, mas acho que é sobretudo uma liderança no plano moral, para os princípios. Porque o Papa não se deve substituir aos políticos, nem é essa a sua pretensão. O Papa deve chamar à atenção para alguns princípios que devem ser tidos em conta, mas isso não o nosso significa que ele vai indicar aos políticos que uma determinada lei deve ser assim ou deve ser assado, a economia deve ser assim ou... quer dizer deve orientar-se por determinados princípios, mas depois a concretização desses princípios já não lhe cabe a ele, já não cabe aos bispos, cabe aos leigos cristãos ou a outras pessoas e, se calhar também, a concretização desses princípios pode não ser unívoca no sentido de haver uma solução única para várias questões. Aí também é importante o diálogo entre pessoas de diferentes concepções, também aqui, também aí o diálogo pode ser enriquecedor, no sentido de entre pessoas que partem dos mesmos princípios, cristãos que partem dos mesmos princípios, têm depois opiniões diferentes em relação à concretização desses princípios, mas é um esforço que se deve fazer, também no sentido do diálogo e de encontrar soluções consensuais ou não necessariamente consensuais, mas que aqui também o diálogo seja recíproco, mas cabe aos leigos e não tanto ao Papa.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Isaac Assor: Acho que não há a menor dúvida nisso. Como líder da Igreja Católica, eu penso que tem tido um desempenho extraordinário, excelente. Obviamente que são os olhos de alguém que não é católico que está a dizer também, essa é a minha opinião. A opinião pessoal, chamemos-lhe.

A questão de desempenho de alguém, de alguma personalidade e, neste caso estamos a falar do Papa Francisco, é muito subjetivo, sabe? Eu penso que no seio católico tem sido uma personalidade e uma liderança muito bem aceite na maioria das situações, portanto acho que tem, de alguma forma, tocado em vários pontos que são sempre de alguma fricção quando são tocados na Igreja Católica.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Isaac Assor: Mais uma questão que no meu caso em particular, no mundo judaico, é um bocadinho difícil de lhe responder. Agora aquilo que... eu acho que nós ou eu particularmente, que sou eu que estou a ser entrevistado, quer dizer, vou lendo, vou analisando à minha forma, mas não lhe poderei dizer que poderá ser o verdadeiro pastor para a sociedade – toda a sociedade. Portanto, será para a sociedade, neste caso que segue a vertente da religião católica. Que ele tem sido sem dúvidas um homem de grande diálogo com as vertentes, todas as outras vertentes religiosas, sem dúvidas que sim, agora se ele é o verdadeiro pastor para a sociedade moderna, poderá ser para os fiéis católicos, mas se calhar não será para os evangélicos, não será para os muçulmanos, não será para os judeus, até esmo nos católicos, como você sabe existem algumas nuances – estou a lembrar-me dos seguidores do chamado Cardeal Peal – que não seguem ou não aceitam a liderança do Papa, nem sendo só Francisco, podia ser João Paulo II ou outro qualquer, portanto. Agora junto do mundo católico, aquilo que eu vejo e aquilo que eu que eu sinto é sem dúvidas, tem sido um verdadeiro líder. Agora se é para toda a sociedade é um bocadinho subjetivo estar-se a dizer.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Isaac Assor: Isso não tenho a menor dúvida, que é um homem que, aí está, que tem dialogado. Ouça, o Papa Francisco tem sido, na minha opinião, um verdadeiro seguidor de um Papa João Paulo II, ou seja, ele é mais – eu direi que ele é mais parecido, por assim dizer, até na sua forma de atuar a João Paulo II, do que a Bento XVI, sem dúvida nenhuma. Mas a verdade é que tem sido um homem de diálogo, líder que tem dialogado com as religiões, com toda a sociedade e tem-se apresentado como um verdadeiro homem de estado, por assim dizer, também não só um homem religioso, mas também um homem de Estado.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Isaac Assor: Avalio de uma forma bastante positiva, pela forma de ele ser, claramente. Ser um homem muitas vezes até pouco político, ou seja, pouco dentro da gestão que existe particularmente das pessoas que estão à frente, neste caso da igreja católica, um homem que tem uma característica muito própria, que tem sido falar e dizer... abrir o coração, podia citar uma série de situações que já aconteceram particularmente com a vertente judaica e do diálogo que existe hoje em dia com o Vaticano, que não existiu durante muitos anos foi começado com o Concílio Vaticano II, com Paulo VI, mas que se cimentou muito e se desenvolveu muito com o João Paulo II e que, agora com o Francisco, não há dúvidas nenhuma que cimentou e cada vez há mais, ou seja, cada vez há mais diálogo, há mais interação com as pessoas e o próprio Francisco nisso tem sido... Olhe, há uma imagem do Papa Francisco que eu acho que ficará na história, e que é em plena pandemia, quando ele vai à praça de São Pedro, não é, completamente vazia e ele próprio, ele parecia quase como realmente um servo, o verdadeiro servo de Deus, abrindo as mãos a Deus e pedindo salvação, por assim dizer, para o mundo. E eu nessa altura tenho a certeza que o Papa Francisco, da forma que eu – eu devo dizer isso pessoalmente –tive com Papa Francisco em 2018, não sei se sabe, mas eu faço parte de um programa de rádio que aparece há 6 anos semanalmente na Antena 1, chamado e Deus Criou o Mundo, em que há um judeu – sou eu, há um católico, que é o Pedro Gil, que não sei se conhece, que é o Diretor de Comunicação da Opus Dei e, neste caso, agora, nos últimos dois anos, um elemento da comunidade muçulmana que é o Khalid Sacoor. E nós fomos convidados, em 2018, a ter um encontro – foi um encontro

muito breve –, mas foi um encontro muito marcante com o Papa Francisco e no Vaticano, não só no Vaticano, a Grande Sinagoga de Roma também, e com o Imã da Mesquita de Roma também. E o Papa Francisco quando me cumprimentou, cumprimentou-me com uma frase muito típica em hebraico, que é aquela frase que muita gente fala, que é: “*Shalom*” – Paz. *Shalom* que tem a ver com... é um cumprimento e eu, quando me apresentaram como o elemento judeu, foi assim que me cumprimentou. Não me benzeu, está a ver? Ou seja, ele próprio sabe, sabe muito bem é um homem tremendamente sábio, na minha opinião, que sabe perfeitamente lidar e gerir todo este tipo de relações. Oiça, eu tenho uma fotografia que vai ficar eternamente marcada na minha sala, que tenho com o Papa Francisco, da mesma forma como o meu pai, o meu falecido pai, em 1982 – o meu pai era o Rabino da Comunidade Israelita de Lisboa –, tem e também tenho aqui na minha sala, teve uma fotografia quando foi recebido pelo Papa João Paulo II. Portanto, nós temos... tem havido sem dúvidas esta relação bastante interessante e desta forma de interagir com as comunidades, com as comunidades, particularmente... eu sei que a pergunta não era essa, mas eu... tudo o que você me fala sobre o Papa Francisco, aquilo que eu devo, que eu tenho e que eu posso extrair e mandar mais cá para fora, é realmente a forma como ele tem lidado e tem tratado toda a toda a relação que existe hoje em dia com o Mundo Judaico, que era algo que até João Paulo II quase que não existia. Depois com Bento XVI, a coisa teve ali um bocadinho mais, não direi tremida, mas manteve-se também, mas tem dúvidas que se cimentou com o Papa João Paulo II e com o Papa Francisco. O Papa Francisco é sem dúvidas uma figura do século, dos nossos dias e é uma figura que vai ficar para sempre, também.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Isaac Assor: O Papa Francisco, e como você sabe, tem falado... como sabe o Papa Francisco tem sido uma voz para a sociedade, em vários temas. A ecologia, a família, repare, a questão dos incêndios existentes na Amazonas, a sua posição também perante a sua posição clara, perante os crimes – porque são crimes e todos nós temos que chamar os nomes como crimes – que são feitos em nome, em nome das religiões. Que se, que infelizmente aconteceram na história – sejam elas de onde vierem, portanto, o Papa Francisco tem sido esta, tem sido uma voz, uma voz ativa e, muitas vezes, até corretiva, para com aquilo que se passa no mundo. Em várias coisas, em várias situações, sejam elas quais forem. Portanto, ele é sem dúvidas,

(e depois também temos que ver que o Papa Francisco é o líder da maior, chamemos-lhe, a maior religião ocidental, por assim dizer – contrariamente às outras grandes religiões que não têm inclusive um Estado, o Vaticano é um Estado, como sabe – ele apresenta-se como o sucessor de Pedro, mas não deixa de ser um Chefe de Estado). Ele pode e deve continuar a ter esta voz, que é uma voz que infelizmente não tem sido tanto ouvida como como eu gostaria, ou como nós todos gostaríamos, mas é sem dúvidas uma parte muito ativa em todas as questões que se levantam na sociedade no mundo moderno, sem dúvidas.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Isaac Assor: Oiça, eu acho que já lhe respondi a isso, mas vou responder. Eu não tenho dúvidas nenhuma que é um dos maiores líderes da atualidade e que poderá ser, sem dúvidas, um dos grandes influenciadores, algo para decisões muito importantes que poderão acontecer no mundo. Isso não tenho dúvidas. E isto vai também de encontro àquilo que eu estava a dizer há pouco, que é a Igreja Católica tem um peso tremendo na sociedade mundial, particularmente... obviamente que não vamos falar do que acontece na China, não vamos falar do que acontece na Índia, grandes países também, grandes cidades, grandes problemas, mas não há dúvidas que o Papa Francisco é um dos maiores líderes da atualidade. Isso não tenho a menor dúvida.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Isaac Assor: Oiça, eu vejo-a com grande, com grande capacidade de influência. Se reparar, muito do que fala, não fala só uma vez, ele vai repetindo, e vai repetindo de forma a que, de alguma forma, por alguma via, a coisa seja tratada. Não digo que é o decisor mor de todas estas decisões internacionais, mas não há dúvidas que é um homem com um carisma superior e um homem com capacidade de influenciar decisões internacionais, decisões importantes do mundo, sem dúvidas.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Isaac Assor: Olhe, aí está. Está a ver? Está a tocar noutra ponto: inspirar e mobilizar a sociedade. Sem dúvidas que muito daquilo que o Papa Francisco fala, senão a maioria do

seu discurso, é um discurso universalista, sem dúvidas. Mas, muitas das posições que são tomadas, elas são tomadas e são explicadas de uma forma, que se calhar a um judeu não chegam com tanta facilidade, como chegarão a um católico, ou inclusive a um cristão, a um cristão que não seja católico. Podíamos falar de várias das Encíclicas que foram escritas, muitas delas têm muitas referências ao antigo testamento, que é algo que a mim sim, já me diz alguma coisa, mas depois também tem ali uma achega, uma achega sempre, uma grande achega da parte do novo testamento, que a mim, se calhar, não me vai influenciar. Mas se calhar influencia-me pelo menos para ler, isso sim, não há dúvidas. Agora, eu acho que... sabe a questão da influência espiritual nas pessoas é uma coisa que também é muito individual de cada um daqueles que recebem a mensagem. As mensagens, quando são enviadas, neste caso particular do Papa Francisco, quando ele faz uma intervenção, faz uma Encíclica, faz um sermão, faz um... Ele, obviamente que pensa na globalidade, porquê? Porque é um líder internacional e líder mundial, mas ele não está a tentar, portanto, - acho que isso é outra coisa muito interessante que o Papa Francisco, e muito importante que o Papa Francisco, num dos documentos que saíram do Vaticano nos últimos anos, ele não está atrás das pessoas para se converterem ao catolicismo. No caso do judaísmo, até é uma coisa interessante, sendo um documento assinado pelo Papa Francisco, que foi corroborado também – isto já foi há um ano e meio, dois anos, se tanto – por uma série de rabinos internacionais, de líderes judeus internacionais (como sabe no judaísmo não há um líder próprio, não há um único líder, como no catolicismo) em que uma das frases que está lá, é esta: “não vamos, não temos que ir atrás dos judeus para se converterem, porque eles fazem parte da salvação”, ou seja, esta esta forma de comunicar do Papa Francisco é, sem dúvidas, uma forma que pode motivar muita gente a ter um retrocesso, por assim dizer, na sua espiritualidade, na sua religiosidade, mas vai depender muito de cada um. Isto é cada um, repare, se você perguntar a um – agora faço-lhe uma pergunta a si: “O discurso do Papa Bento XVI motiva-a a si tanto, como motiva o discurso e a forma de estar do Papa Francisco?”

Mariana: Eu acho que poderia considerar que se calhar o Papa Francisco é mais o Papa da minha Juventude, mas tirando esse ponto, eu acho que não, porque ele falava de uma forma muito mais teórica e muito menos próxima, na minha opinião.

Isaac Assor: Mas a sua opinião é a de muitos jovens. É exatamente – a proximidade da linguagem que o Papa Francisco tem, sem dúvidas, que ganha pontos e quase que...

Mariana: Eu até tenho mais facilidade em ler do papa João II, do que do Papa Bento XVI.

Isaac Assor: Mas o Papa João Paulo II era, aí está, era um homem – isto é a minha opinião também – era um homem que tinha uma forma de deixar coisas escritas, de uma forma muito complicada também de perceber, mas quando comunicava, era um comunicador nato e era um comunicador nato e era um homem que a mensagem que ele passava... repare, sem dúvidas, repare, o Papa Bento XVI foi o cérebro da Igreja Católica durante muitos anos. Não era Papa, mas enquanto Cardeal Ratzinger era... pronto. Mas o Papa Francisco tem sem dúvidas uma forma muito própria e uma proximidade muito maior com as pessoas, sejam elas que região forem. Agora se isso faz a motivação espiritual, a religiosidade, cada um fará... Eu tenho que me cingir um bocado também porque sou judeu. A questão, o livre-arbítrio é algo que eu acredito muito, na questão do livre-arbítrio, portanto, se a pessoa entender que este é o caminho que o deve fazer, mediante a sua análise, e o seu estudo, e a sua vivência é mais fácil escutar o Papa Francisco, do que escutar outro qualquer do mundo católico ou do mundo Islâmico, sem dúvidas, mais que a proximidade do Papa Francisco com o judaísmo, devo-lhe dizer, não é de agora, quer dizer ele era amigo íntimo de um rabino na Argentina, que eu por acaso também conheci, o Rabino Skorka, e que escreveram inclusive um livro, não sei se tem conhecimento deste livro, um livro entre os dois, um livro escrito pelos dois.

Mariana: Tenho... é “Sobre o Céu e a Terra”.

Isaac Assor: Exatamente, exatamente, portanto, aí está o... eu, na minha opinião, acho que o Papa Francisco sem dúvidas é um motivador e uma alavanca muito grande para a sociedade, que partindo do princípio que os princípios que são dados sejam princípios universais, voltando a falar... Eu não posso estar a discutir, nem quero, nem tenho que fazer... a forma, repare, o Papa Francisco dá as orientações, por exemplo, às Dioceses, correto? Tudo sai de lá, do Vaticano. Tudo sai dali. Oiça, a forma como os padres... nas suas paróquias, nas suas dioceses o transmitem, muitas vezes se calhar, não é da mesma forma como o Papa Francisco o faz, está perante cinquenta mil, sessenta mil, setenta mil, cem mil pessoas. Oiça, eu estive... eu também estou ligado ao turismo. E então, só para ter uma ideia, nós já organizamos peregrinações às Jornadas Mundiais da Juventude desde Colónia, mas a maior que organizámos, e que eu estive presente, estive presente e tive um grupo muito grande, e eu e o meu sócio fomos lá – eu sou judeu, o meu sócio é católico, e é católico e vive em Fátima, é verdade vive em Fátima – foi em Madrid, em 2011.

Oiça, nós estávamos com um grupo, um grande de brasileiros. Eram para aí mil pessoas. Só a forma como movimentou, não é só a cidade, movimento o mundo, movimentaram as pessoas, a alegria, o resultado... qual é o resultado? Nem você sabe, nem o Papa Francisco sabe qual é o resultado. O resultado, é o resultado do dia a dia... o que é que se passa, você vai... muito bem, eu espero que organizemos aqui a Jornada em 2023.

Oiça, são atuações, são formas de evangelizar, por assim dizer, e cujos resultados são sempre muito... há muita gente que vai para as Jornadas Mundiais da Juventude, simplesmente para passear ou para se divertir, ou para ir... ou seja, mas não deixa de ser... mas não deixa de ser uma altura muito diferente e uma altura muito propícia para uma... chamemos-lhe um renascer para muitas pessoas de algumas coisas. Agora, isto está tudo na cabeça de cada um, como eu digo. Agora que ele é um excelente comunicador e um homem, um homem que consegue e tem conseguido e eu espero que consiga por mais alguns anos, se Deus quiser, pois sua forma simples, a sua forma clara, afável, carinhosa, fazer com que as pessoas sejam melhores. E no fundo é isso que nós queremos, que todas as pessoas sejam melhores. Melhores em todos os sentidos, melhores eticamente, melhores moralmente, e obviamente que também gostaríamos que elas sejam melhores religiosamente, mas oiça, eu já me contento – estou a falar por mim –, eu sou uma pessoa que considero uma pessoa religiosa. O que é que é uma pessoa religiosa? Uma pessoa que cumpre a religião, mas o verdadeiro religioso para mim é aquele que tem valores éticos e morais, porque se ele não tiver, se ele se afirmar como homem religioso, mas moralmente e eticamente não tiver a cumprir com a sociedade, não tiver a cumprir com o seu irmão, o próximo, a religião dele para mim vale zero. A tal religião, aquela religião de ir às Sinagogas, de ir às Mesquitas, de ir às Igrejas, mas que fora de lá as pessoas não têm uma atuação verdadeiramente religiosa, porque a religião é um todo. E o Papa Francisco diz que tem sido, tem sido e acho que continuará a ser de certeza uma voz de esperança, uma voz de amor, que a palavra... o amor é uma coisa muito, às vezes, muito subjetiva, mas o amor. O amor pelas pessoas, pelo próximo, seja ele... que cor é que ele tenha, seja ele a religião que tenha, eu tenho a certeza: este é o discurso do Papa Francisco.

9. De acordo com a sua percepção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Isaac Assor: O progresso na sociedade é algo que... o progresso ou... Vamos ser práticos. Vamos falar de coisas práticas que eu acho que é mais simples. Temas que são da sociedade, mas que mexem muito com a parte religiosa. Seja ela qual for a religião, pelos menos as grandes, podemos falar do aborto, podemos falar da eutanásia, podemos falar dos casamentos de homossexuais, podemos falar de... oiça, N coisas. Infelizmente, infelizmente, isto é a minha opinião, para temas fulcrais como esses, a sociedade, na minha opinião, a sociedade está de tal maneira minada. A sociedade em geral, não são todas as pessoas, a sociedade em geral. Está minada, ao ponto de se discutirem nos parlamentos de países supostamente, altamente avançados, altamente tecnológicos, altamente estruturados politicamente, financeiramente, discutem-se temas que são por demais alertados pelo Papa Francisco, como por exemplo a eutanásia, falando da eutanásia. Ou seja, o que é que eu quero dizer com isto: ele tem uma voz, sendo líder, muito ativa, mas a questão que se levanta hoje em dia é que a influência que o Papa Francisco poderá ter é, sem dúvidas, uma voz. É a voz, porque repare, é a voz, quase que é a voz de todos nós ou quase todos nós, para temas como estes; como aqueles que eu falei há minutos. Agora, se influencia? Deus queira que sim, Deus queira que influencie e que vá influenciando cada vez mais pessoas que são ativas na sociedade, importantes na sociedade, ativas na política, na direção... na gestão das empresas, dos países, isso eu não tenho dúvidas nenhuma. O que é que você acha, acha que é ouvido? Eu acho que é. Pelo menos faz ecoar... faz ecoar. Se não for o Papa Francisco a fazê-lo, e eu estou a falar como não crente católico, se não for o Papa Francisco a fazê-lo, que é uma voz da religião predominante, particularmente na Europa e não só, se não for ele a fazê-lo, quem é que o vai fazer? Onde vai buscar esses valores éticos, morais, religiosos, do amor, da paz, da compaixão, são os mesmos que vão fazer isso? No mundo muçulmano não existe um Papa, no mundo judaico não existe um Papa – e o judaísmo está ali minúsculo, portanto, estamos a falar de uma religião hoje em dia com perto de quinze milhões de crentes no mundo, não tem mais.

É nosso dever, “nosso” agora estou a falar eu como judeu, nós também mostrarmos à sociedade e ao mundo, os nossos valores morais, éticos, religiosos... como é que o fazemos? Não temos um líder. As pessoas vão fazendo a caridade, ou seja, tem ali uma associação de

localidade, mas tem ali, imagine, por exemplo, na altura da pandemia, do tempo pesado da pandemia, as comunidades religiosas tiveram atividades, todas elas de louvar. A comunidade judaica de Lisboa a oferecer monitores de sinais de vida ao Serviço Nacional de Saúde; olhe, vou-lhe dar um exemplo se calhar não sabe disto, a Comunidade Israelita do Porto produziu vários filmes. Um dos filmes que produziu, a receita desse filme – foi passado naquela plataforma da internet – vimeo, sabe para quem é que foi a receita disso? Para a Diocese do Porto. A Comunidade Judaica do Porto, ou seja, isto é o resultado do Papa Francisco. Só do Papa Francisco. Se andarmos quinhentos anos atrás, os judeus andavam a ser mortos pelos cristãos, pelos católicos. Hoje em dia não, está a ver, ou seja, isto é a sociedade responder ao Papa Francisco, ao Papa João Paulo II, Bento XVI, a todos estes líderes, que fazem pelo bem, e só pelo bem – que são poucos, infelizmente no mundo existem poucos. Olhe, veja o caso do ex-presidente dos Estados Unidos, do Trump. Oiça, não eram raras as vezes ia mencionar trechos da Bíblia. Mas desde quando é que aquele homem podia mencionar trechos da Bíblia? Ia mencionar trechos da Bíblia, mas de uma forma política, só para ganhar pontos políticos, não de uma forma de transformação da sociedade.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Isaac Assor: Sem dúvidas nenhuma, nem vou adiantar muito mais sobre isso, não tenho a menor dúvida. Não tenho a menor dúvida.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Isaac Assor: Ele inclusive já várias vezes sobre alguns erros que tenha feito, inclusive em discursos, em conversas, portanto, eu acho que... eu não tenho a menor dúvida que é uma personalidade que assume... Repare, você se for buscar trechos de – estou-me a lembrar, por exemplo, de uma célebre conversa que ele teve num avião quando ia para Roma, vinha de uma das viagens, em que interpretaram mal as palavras dele, que ele disse, não se está a ver. Pronto, ele foi o próprio depois a dizer que foi mal entendido, não foi isto que ele disse, ou seja, ele tem sido... ouça, é um homem – eu sei que para o mundo católico, falando religiosamente, eu até quase que estou a falar uma heresia, estou a dizer que o Papa é um

homem, pronto, no fundo, acho que para vocês é mais que um homem, é um enviado de... ou seja, não é um santo, obviamente, não é um santo. Mas a sua parte humana, eu continuo a dizer que é extraordinária e grandíssima, permite-lhe... ou seja, como humano, assumir os erros que poderá eventualmente cometer. Isso, eu não tenho dúvidas nenhuma. Não tenho dúvidas nenhuma.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Isaac Assor: Oiça, essa é a pergunta que é sacramental. Eu não tenho a menor dúvida que é humilde e bem humilde, ou seja, é um homem que... volto às imagens do Papa Francisco em plena Praça de São Pedro vazia, sem ninguém. É da maior humildade, um homem fazer aquilo que o Papa Francisco fez. É um homem humilde, sem dúvidas nenhuma.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Isaac Assor: Bastante, bastante. Bastante e, na minha opinião, com uma forma... a linha do Papa Francisco – isto é a minha opinião, volto a referir, é só a minha opinião. O Papa Francisco no seu Papado, por assim dizer, tem sido um homem que se tem regido por muito equilíbrio e por muita verticalidade. Ou seja, ele não tem oscilado, ou seja, não parece ser uma pessoa de oscilações. O discurso que ele tem feito, tem sido bastante frontal, equilibrado e vertical, e é nisso que eu penso, que eu acho que é uma das grandes virtudes, se não a maior virtude deste Papado tem sido exatamente isso: é a forma vertical, clara, honesta, humilde, um discurso fácil, uma... obviamente que haverá sempre críticos para tudo. Eu estou-me a lembrar de uma situação acontecida na praça de São Pedro, em que dizem que o Papa Francisco deu uma chapada numa mulher. Eu neste programa de rádio que faço falámos sobre isso. Às vezes, quer dizer, é inconcebível estar-se a pensar que um líder que de repente é agarrado, não se queira libertar. Ele é humano também, obviamente, ele não quis bater na senhora.

Portanto eu não dúvidas que ele tem uma... Esta é, para mim, a maior virtude dele. Este bolo características que ele tem de humildade, de verticalidade, ou seja, um discurso fácil, um discurso aberto, sem papas na língua, muitas vezes também. Ou seja, falando aquilo que deve ser falado no momento certo e pronto. Mas para a Igreja Católica o Papa Francisco foi

uma grande lufada de ar fresco, e não só, foi também um... ele foi tocar em pontos que toda a gente na Igreja Católica sabia, mas quase que ninguém fazia nada, ninguém dizia nada e ele foi lá, foi tocar no assunto. Portanto, eu penso que é um líder, é um líder, verdadeiro líder, sabe? Os líderes, os líderes não basta terem o nome de ser líderes, não basta dizer “eu sou um líder”. Eu não um líder, ou seja, eu sou um líder, smas tem que se ser líder, tem que parecer ser líder, tenho que me comportar como um líder. Porque o líder tem que agradar... nem mais que isto: a gregos e a troianos. Nem toda a gente tem o mesmo discurso, mas na Igreja Católica, se olharmos para a Igreja Católica, a Igreja Católica...este discurso do Papa Francisco, e a forma como ele... a liderança que ele tem para com a Igreja Católica, é uma liderança que é... sei lá, 95% é aceite, ou 98% é aceite e, para isso, isso é já uma grande vitória. É a maior vitória que pode existir, sendo ele líder da Igreja Católica, a influência que ele pode ter perante o mundo político, perante a sociedade, o seu discurso, nem que seja falando, e repetindo, e lendo, e escrevendo, portanto, e é isso que eu acho.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Isaac Assor: Mariana, também já lhe respondi a isso. Não tenho dúvidas nenhuma, ouça não há a menor dúvida que no diálogo inter-religioso, o Papa Francisco tem sido fundamental nos últimos anos, nas viagens que tem feito por países onde a liberdade religiosa é diminuta ou quase nula... Em países que... em que... a perseguição às religiões e, particularmente, inclusive à religião católica existem... O Papa Francisco tem sido fundamental neste diálogo inter-religioso, sem dúvidas nenhuma. Como também no diálogo que ele promove para com a sociedade, não diretamente sendo ele muitas vezes o interlocutor, mas tendo os seus enviados, por assim dizer, não há dúvidas nenhuma, isso eu não tenho. E acho que ninguém tem dúvidas sobre isso.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Isaac Assor: Claramente, sem dúvida alguma, sem dúvida alguma.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Isaac Assor: Oiça, eu não tenho a menor dúvida disso. Tudo o que o Papa Francisco tem feito e não podemos escamotear os anos todos que já passaram do seu papado, o próprio Francisco tem sido um... ouça, nem de propósito... foi o ano passado, se não me engano, em que foi assinado o acordo de fraternidade, não foi?

Mariana: Em Abu Dhabi, 2019.

Isaac Assor: Exato, 2019. É um marco histórico o que foi assinado naquele momento, mais que isto... penso que se há alguém que tem lutado extenuadamente para com a fraternidade, o amor, a fraternidade entre os povos, as culturas, não tenho a menor dúvida que sim, sem dúvidas.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Isaac Assor: Oiça, eu penso que sim, eu penso que sim, obviamente que é um bocadinho complicado falarmos do que é que... primeiro definir o que é que são as diferenças, o que é as pessoas diferentes, ou seja, o que são diferentes, as diferenças são o quê? Estamos a falar do quê?

É muito complicado um líder religioso não pensar nas pessoas mais pobres da sociedade, bem isso... estamos a falar de coisas diferentes se a diferenças, as pessoas, os mais ricos que os mais pobres, isso não tenho a menor dúvida que essas diferenças são diferenças. Mas eu referia-me a outras diferenças, pensar noutra diferença que é uma pessoa diferente... o que é que é diferente? Imagine um casal de dois homens ou duas mulheres adotarem uma criança. Isto para mim é que são as verdadeiras grandes diferenças que existem. O ser pobre e ser rico, o ser mais culto e menos culto, que são diferenças... as diferenças que existem na sociedade hoje em dia, e que são motivo de discussão, são estas que eu falei agora como: a homossexual, a discussão sobre a eutanásia, sob o aborto. Olhe, no judaísmo, só para ter uma ideia, o judaísmo obviamente que não é permitido o aborto, mas também não é proibido a 100% em determinadas situações, mas eu não vou entrar por aí. Eu, quando foi a primeira votação da despenalização do aborto. A primeira. Fui convidado por um partido político na altura, que aquilo foi uma eleição política, na altura um partido que já nem sei se existe mais

hoje que é o PPM, para fazer campanha contra o aborto. Eu fiz campanha contra o aborto, apesar de no judaísmo o aborto, na sua totalidade não ser proibido, quer dizer 90% é proibido, há ali uma percentagem pequenita que é uma... nem quero entrar por aí. Ou seja, eu que tomei a decisão de fazer uma campanha contra o aborto. Eu também fui diferente, eu fiz, eu fui diferente da minha da opção religiosa. Eu podia ter dito que não participava. Mas não, eu quis participar na sociedade, eu quis estar, eu quis sempre quis ser parte ativa da sociedade para impedir que houvesse aprovação do aborto, que infelizmente veio a ser aprovada nas condições que estão neste momento.

As diferenças na sociedade... a atuação do Papa Francisco para estas diferenças, ele tem que ser, e é um homem reto, ou seja, eu acho que ele tem sido um homem que tem gerido dentro dos ideais religiosos, com os ideais sociais, com os ideais (podemos dizer inclusive) políticos, ele tem sido um verdadeiro maestro. Ou seja, um maestro a tocar uma música, que muitas vezes não consegue tocá-la toda, está a ver? Mas é preciso ser alertado para... e ele é uma voz de alerta, sem dúvidas, para muitas coisas na sociedade.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica *Fratelli Tutti*, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Isaac Assor: Muito corajosa, muito corajosa, muito corajosa. E se ler essa Encíclica, ele também faz menções... eu, por acaso, também fizemos dois programas sobre essa Encíclica. Ele vai mencionar, ele é de tal maneira de um homem universal, em que ele vai buscar a génese da igreja católica, obviamente, que é o judaísmo, até determinadas interpretações de rabinos feitos para termos como esse, que você acabou de falar, esse da desigualdade social, da injustiça, ou seja, o Papa Francisco toca isso, e tem tocado, tem assuntos que são realmente, fundamentalmente, perigosos na sociedade também. E que a gente não gosta de ouvir. Pode ser criticado, mas ele não está para ser... esta é a minha opinião, outra vez, volto a referir. O Papa Francisco não tem que se preocupar com as críticas, não é não tem, ele não se preocupa com essas críticas, porque o que o preocupa mesmo é o bem universal. Isto, e há coisas que tem que ser denunciadas.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Isaac Assor: Muito, muito. Não tenho a menor dúvida. Essa então é outro ponto. A moral em nenhum encontro qualquer falta clareza no Papa Francisco, em nenhuma parte, mas muito mais na questão moral, isso é completamente fora de questão.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Isaac Assor: Ouça, ele ele é uma voz de liderança, ele é uma voz de liderança, agora será que terá capacidade de mexer também nas cabeças dos líderes políticos? Essa é a questão fundamental. O que o Papa Francisco com qualquer líder religioso, outra vez, ele pode dar as suas opiniões políticas também, e provavelmente não será o primeiro a tê-las. Mas daí a que haja uma viragem estrutural nas ideias de países, estamos a falar de países essencialmente, sociedades. As sociedades todas elas são formadas também por... ou seja, estamos a falar de sociedades de países que são Portugal, Espanha,... por aí abaixo... Essa cidade que ele poderá ter de influenciar politicamente e escrevendo, e lendo, é fazemos as Encíclicas que tem feito. Se algumas pessoas se irão influenciar? Sim, sem dúvidas, outras não. Será que essas, as que são influenciadas positivamente, será que elas têm peso político para fazer alterações, mudanças? Ouça, esse é um ponto de interrogação, esse é um ponto de interrogação. Agora que ele tem direito e o moral de o fazer e de o alertar, ah isso tem. Agora... havia um ditado português que 2tantas vezes a âncora vai à fonte que qualquer dia cai”. Ou seja, repare o papel do Papa Francisco é um papel também obviamente político, ou pelo menos para tentar, de alguma forma, mudar a mentalidade da liderança que existe no mundo. Isto não tenho dúvidas. Agora se isso terá resultados em 1 ano, em 2 anos, em 20 anos, em 50 anos? Nós não sabemos. Eu acho essa resposta, uma resposta muito difícil se dar. Quem dera, devo-lhe dizer, quem dera. Quem dera que as desigualdades sociais que existem no mundo, a pobreza... ouça, as tragédias que existem familiares... famílias que são destruídas por pessoas ou por sistemas políticos e sistemas educacionais que... ouça, agora vou-lhe dar um pequeno exemplo: tenho um grupo de amigos no WhatsApp, amigos de há 30 e tal anos, começou uma discussão no grupo do WhatsApp que tinha a ver com a questão da homossexualidade. Bem, gerou-se ali uma discussão... todos nós somos pais, só rapazes, homens. Obviamente começou-se a perder um bocado a noção da verdadeira... falar-se, não se falou tanto... ou seja, os nomes que foram falados não foram os melhores, é verdade. Não

foram os melhores, mas toda gente punha em causa “e como é que os nossos filhos vão ser educados”, e o sentimento de família, da moralidade e não sei quê... Há um dos nossos amigos – e no grupo somos para aí 20 e tal amigos – que decidiu sair do grupo. Disse assim: “eu não posso estar neste grupo, porque eu não admito que tratem a questão da homossexualidade dessa forma” e a gente disse “epa, queres sair do grupo, sai”. Eu não posso dizer que me agrada a homossexualidade, não me agrada. E não me agrada que os meus filhos se deem com pessoas... não me agrada... não me agrada, não obviamente que não vou desprezar, não vou colocar de lado, mas estes são princípios que eu aprendi na minha vida: o que é que é normal? É um homem namorar e casar com mulher. Pronto, a partir daí, isso é uma diferença, aí está, e as diferenças nós temos que as aceitar, mas não temos que as querer para nós também. Está a ver? Não sei se está a perceber aquilo que eu estou a dizer. São aceites, obviamente ninguém vai ser escorraçado, nem vai cortar a garganta, nem os pulsos, nem nada – como se faz por exemplo no Irão ao homossexual. Agora, não me obriguem a mim a ter que aturar, por assim dizer, leis que ponham em causa a questão da família, voltando agora ao outro tema, a questão das desigualdades sociais, questões de liberdades religiosas, que são discutidas. Você sabe, por exemplo, que hoje em dia está em discussão, e por acaso ainda não ouvi o Papa Francisco falar sobre isso, mas ele há de falar sobre isso, tenho a certeza. Em discussão na Europa, com uma grande força de partidos, particularmente, de direita, a proibição do abate ritual Judaico. O abate dos animais, o ritual Judaico, que por acaso é muito parecido também com abate ritual muçulmano. Os animais são abatidos de uma forma... para se poder comer carne, nós temos que ter os animais abatidos desta forma. Tanto carne, como frangos. Se for proibido, eu tenho que deixar de comer carne, porque aquilo é um ritual Judaico, é um ritual Islâmico. Isto é um atropelo à liberdade religiosa, há um decreto de lei que inclusive parece que vai tentar ser colocado na nossa Assembleia da República, do CHEGA para esta proibição também. Ou seja, é sob estas coisas que nós temos que nos debater. São problemas da sociedade para com as religiões. As religiões têm que ter uma parte ativa na sociedade. Deixaram de ter durante muito tempo e agora parece que começam a ter, de alguma forma, alguma influência pouca, mas aos poucos... poderá que se chegar a um bom termo. E o Papa Francisco vai falar sobre isto, de certeza. O dia que isto for proibido, o abate ritual Judaico que coincide com o abate ritual Islâmico, isto é quase que... era o mesmo, imagine que, a partir de agora não há batizados com água na cabeça dos bebés, porque isso aí eles apanham uma gripe ou uma

constipação ou o covid. As comunidades religiosas têm... nem de propósito eu tive aqui há 1 mês atrás numa cerimónia que foi dos 20 anos da aprovação da lei da liberdade religiosa. Fez 20 anos. Oiça, a Lei da Liberdade Religiosa foi das maiores vitórias que existiram na sociedade portuguesa após o 25 de abril, porque mesmo depois do 25 de abril, com a democracia, a liberdade religiosa não existia, ou existia, mas não existia. E tudo o que é de atropelos à liberdade religiosa, e estes discursos que o Papa Francisco tem tido de alerta para as desigualdades sociais, para as diferenças, como saber respeitar as diferenças, mas as diferenças também têm que respeitar o que é que é... ou seja, tem que ser mútuo e recíproco, e eu parece-me que neste momento está-se a dar muito mais valor só às diferenças, e não ao que é o habitual, ou o que é tradicional, ou o que é de uso costume, ou o que é... Está a ver? As diferenças sim senhor, mas também as diferenças mutuamente e reciprocamente também têm que respeitar esta nossa diferença.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Fernando Loja: É difícil. Exemplar é um conceito subjetivo, não é, portanto aquilo que pode para mim ser exemplar, pode não ser para outra pessoa. Eu diria que na maior parte das situações que eu tenho observado, sim tem uma conduta exemplar, mas ninguém é infalível e, portanto, há situações em que eu não teria tomado a posição que o Papa tomou, mas de uma maneira geral, sim considero que é uma pessoa respeitável e que deve ser ouvida.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Fernando Loja: Eu acredito que o Papa Francisco é um líder religioso da Igreja Católica, não só acredito como é um dado objetivo, mas não o vejo como líder de uma sociedade digamos mundial, não vejo como, não é desde logo meu líder e, portanto, admito que a maior parte dos católicos o vêem como líder, sei de católicos que não tem como líder, mas não me repugna aceitar a ideia de que os católicos o queiram ver como líder mundial, isso eu aceito essa ideia. Digamos que não votaria nele para ser um líder mundial, porque eu vejo o Papa como líder de uma comunidade religiosa, concreta, com fiéis que são católicos. Tenho dificuldade, desde logo, em ver um líder religioso como líder mundial, seja ele qual for. Eu acho que cada comunidade, cada país, tem o seu líder bom ou mau, não estou preparado para ver o António Guterres como líder mundial ou a Rainha de Inglaterra como líder mundial, já me custa estar dentro de uma Europa que legisla sem eu ter dito, digamos assim, contribuído para Bruxelas me representar a mim, quanto mais um líder mundial, portanto não gostaria de ver o Papa como líder mundial.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Fernando Loja: Acho que sim.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Fernando Loja: A pergunta é difícil, como é que eu avalio o carisma dele.

Mariana: No fundo é se acha que ele tem carisma, se acha que ele não tem. Se acha que é um traço...

Fernando Loja: Comparando o Papa Francisco aos seus imediatos antecessores, como Bento XVI e o João Paulo II, diria que em primeiro lugar o Papa João Paulo II, em segundo lugar Papa Francisco e em terceiro lugar o Papa Bento XVI, em termos de carisma, ou seja, em termos de atrair-nos a ele, não é. Portanto, eu diria que numa escala de zero a cem, João Paulo II está aí a 99 e o Papa Francisco está a 70. Portanto, não é, para mim, a pessoa mais carismática que eu já vi. Mas é uma pessoa simpática, com quem eu gostaria de falar, com certeza, mas o Papa João Paulo II, para mim, é inexcelsível, digamos, em simpatia, era uma pessoa muito mais atraente, do que para mim, o Papa Francisco. Se bem que digo-lhe com franqueza, eu não vou atrás dos sorrisos e dos afetos, e, portanto, gostaria muito mais de estar uma hora a falar com o Papa Bento XVI, do que com o Papa Francisco, porque o Papa Bento XVI, apesar de não ser um homem simpático, é um homem que me diz muito mais em termos de profundidade de pensamento do que o Papa Francisco.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Fernando Loja: Eu acredito que o Papa Francisco tem procurado encontrar soluções para a humanidade, não sei se serão as melhores e, alguns casos, penso que a forma como ele tem feito intervenções na vida política dos países que não são o dele, parece-me que nem sempre são formas felizes. Mas acredito nas suas boas intenções e acredito que ele gostaria de... duvido é, em termos objetivos, das soluções que ele propõe, mas isso é outra história.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Fernando Loja: Não, desde logo porque não tem mecanismos, não tem instrumentos para isso, digamos, que as ferramentas que o atual Papa tem são a persuasão, mas no mundo real isso não é suficiente. Não nego que é um líder, mas não diria que é o, que é um dos maiores, eu acho que isso é excessivo.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Fernando Loja: Eu acredito que o Papa Francisco tenha influência junto de uma franja significativa dos católicos. Acredito que há muitos católicos que o ouvem, mas também há católicos que não ouvem assim tanto, apesar do dever de obediência há... percebe-se claramente que, por exemplo, os bispos norte-americanos têm dificuldade em ouvi-lo, nomeadamente, quanto à questão de dar a comunhão a políticos norte-americanos que são claramente a favor do aborto. Os bispos norte-americanos têm muita dificuldade em obedecer ao Papa, quando ele os admoesta, no sentido de tomarem uma posição contra os democratas norte-americanos. A influência do Papa faz-se dentro daquele círculo de pessoas que partilham dos seus ideais, como católicos e como cristãos. Em concreto não sei se consegue muito, não consigo ser mais concreto do que isto, parece-me que é influência em termos concretos é limitada.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Fernando Loja: Creio, com certeza dentro do grupo de cristãos que o ouvem, com certeza que têm influência na forma como, nomeadamente, os cristãos católicos se comportam, e como pensam, e como veem o mundo, e como veem a sociedade, com certeza.

9. De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Fernando Loja: Eu tenho dificuldade em considerar que fora da Igreja Católica existam liderados pelo Papa. Portanto, mesmo dentro da igreja católica, há católicos que não aceitam a liderança Papal. Pronto, eu isto eu já o disse, e eu próprio tenho conhecimento de amigos meus, católicos italianos, que não se revêm muito bem na figura do Papa e naquilo que ele diz e faz e, portanto, já... eu tenho conhecimento de quer americanos, quer italianos que não ouvem Papa. Portanto, em Portugal talvez nós tínhamos a ideia de que todos os católicos adoram o Papa, que é um homem extraordinário, isso não é verdade, de acordo com a minha perceção, e de acordo com a minha observação, portanto a pergunta concreta era, importa se repetir?

Mariana: Era se acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Fernando Loja: Acredito que sim, acredito que sim.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Fernando Loja: Acredito que sim.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de se autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Fernando Loja: Não sou capaz de responder, não sei.

Mariana: De um modo geral, do que vê na Igreja ou a forma como ele fala sobre a Igreja, acha que ele consegue assumir os erros da Igreja (não falando agora dos seus, mas os da Igreja)?

Fernando Loja: Sim, acho que sim, que tem feito esse esforço sim.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Fernando Loja: Preferia a humildade de João Paulo II. Não, olhando para o Papa Francisco, eu não o vejo propriamente como um homem... a sua característica principal não é humildade, diria eu, mas também não vejo que seja um homem arrogante, é um homem determinado, sabe o que quer, não diria que a sua característica principal seja a humildade.

Mariana: Mas acha que ele não é humilde? Só para ter uma resposta.

Fernando Loja: É difícil dizer que ele é um homem humilde. Se me perguntarem entre o sim e o não, eu digo não. Se me pede um sim ou um não, eu tenho que dizer. É na escala de 1 a 100 humilde, ele será sei lá 49/48 ou 40%. Eu não sei. Também é difícil avaliar uma pessoa quando não se vive com ela, não é? Estamos, eu estou aqui, está-me a pedir que eu faça uma avaliação de um homem que vive no Vaticano, e eu vivo em Lisboa e não me parece eu...

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Fernando Loja: Acredito que sim, ele é um homem inteligente, é um homem capaz, é um homem com muita experiência de vida e acredito que ele tem essas qualidades.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Fernando Loja: Considero.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Fernando Loja: Sim.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Fernando Loja: Sim.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Fernando Loja: Sim, é evidente, a *Fratelli Tutti* é basicamente isso.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica Fratelli Tutti, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Fernando Loja: Ah é muito difícil responder a este tipo de perguntas, porque se eu disser que sim, que considero que é uma denúncia corajosa, no fundo está-me a pedir que eu diga que concordo com as teses defendidas pelo Papa e em alguns aspetos, eu não concordo. De qualquer maneira, acho que é uma denúncia de situações que ele reputa como indesejáveis. Mas se é uma denúncia corajosa, é mais complicado de dizer porque há outras coisas onde

eu gostaria de ver o Papa a fazer denúncias corajosas e ele não faz. Por exemplo, em relação ao destino dos chineses que são católicos e que são perseguidos pelo partido comunista chinês, eu não o vejo assim tão corajoso. Ou em relação aos católicos que na África são vítimas do extremismo Islâmico, eu também não vejo assim tão corajoso. É fácil ser corajoso quando se fala para os políticos ocidentais, porque os políticos ocidentais ouvem e fazem um sorriso e encolhem os ombros. Dizer que isto é uma denúncia corajosa, eu tenho dificuldade. É uma denúncia, de acordo com a sua maneira de ver a sociedade basicamente europeia, porque no fundo eu acho que ele prega fundamentalmente para a sociedade europeia e a ocidental, não é. Pronto, é uma denúncia e tem o meu apreço por algumas coisas que diz, noutras, noutras coisas que diz eu não consigo apoiá-lo, porque acho que não tem razão.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Fernando Loja: Confesso-lhe que não. Porque acredito que ele tem uma perspetiva moral das coisas que nem sempre é a minha. Ele faz opções políticas que, às vezes, não são as minhas. Aliás, eu diria que ele tem a sua moral, naturalmente, e de acordo com a sua moral ele faz claramente opções. Eu diria que de acordo com a minha moral, por vezes, ele te faz opções que são boas e outras faz opções que são más, portanto é difícil dizer que há clareza, porque... cada um tem a sua moral, digamos assim, não é.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Fernando Loja: Eu não acredito, eu acho, eu não acredito. Acho que muitas das ideias são bonitas, são poéticas, de alguma forma representam, de alguma forma a ética cristã, mas há ideias que são impraticáveis e até diria eu perigosas. Quando o Papa, por exemplo, defende que – se eu li bem o que ele escreveu – que não há razão para existirem fronteiras entre os países. Quando ele defende que – se eu li bem – quase que não há o direito a fronteiras e a propriedade privada, e que os povos de acolhimento têm que acolher os imigrantes e atribuir-lhes iguais direitos e cidadania, eu acho isto extremamente utópico e perigoso, e estou a falar porque tenho observado ao longo dos anos aquilo que se passa na Europa, nomeadamente, na Suécia, na Noruega e até na Alemanha, e na Holanda, e na França, e na Inglaterra, se fossemos buscar exemplos concretos e ele... até gostava de me sentar com ele para discutir

como é que ele defende aquilo que defende, tendo nós já há 10 ou 15 anos, os 10 ou 15 anos mais recentes sobre a imigração que tem acontecido na Europa e os resultados desastrosos dessa imigração e, por isso, eu tenho grandes reservas quanto às boas teses que o Papa, algumas das teses, que ele defende nesta Encíclica, com o devido respeito, naturalmente.

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Sheik Munir: Boa pergunta. Sabe que há aquela citação bíblica, quando queriam apedrejar uma mulher que foi, estava a ser acusada de adúltera, então Cristo disse: “o primeiro a atirar a pedra que seja aquele que não tenha cometido nenhum pecado”. Sabe dessa passagem? Eu tenho alguma dificuldade em definir as pessoas como exemplar ou não. É claro que tudo aquilo que ele tem feito, mais concretamente, o Papa Francisco, tudo aquilo que ele tem feito pelo lugar de destaque em que ele está, há de louvar. Porque o Papa João Paulo II também tinham pouco este estilo, mas o Bento XVI já não, mais reservado, o contato com o público era pouco, ou era mais formal podemos dizer assim, e o Papa Francisco não tem. E estamos a falar a atitude que ele tem para com os católicos, porque são os católicos é que consideram ele como um representante de Cristo, podemos dizer assim.

É um ser humano exemplar, sim, tem atitudes muito simples, podemos dizer assim, pelo lugar de destaque que ocupa. Mariana, para dizer a verdade eu gosto dele.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Sheik Munir: Acredito que ele terá e tem dificuldades em enfrentar alguns católicos mais ortodoxos, mais reservados. Eu acho que sim, ele tem essa dificuldade e está a ter essa dificuldade, ok? Mas porque no mundo dos religiosos, é muito importante as pessoas terem uma mente aberta, o espírito de diálogo, e o Papa Francisco tem, independentemente de o outro ser crente ou não ser crente. E, vendo isso, faz com que os líderes ou os seguidores das outras crenças, podemos dizer assim, ficam mais à vontade. Agora, se ele... a sua questão foi se é um pastor exemplar...

Mariana: ... capaz de orientar e guiar a sociedade, exato.

Sheik Munir: Eu acho que ele está a orientar e está a guiar a sociedade católica, não é? Agora, infelizmente, nós estamos a ficar a saber desde há uns tempos para cá, existe muita pedofilia na Igreja Católica. Isto é muito marcante, isto marca especialmente para aquelas pessoas que têm crianças menores, especialmente aquelas pessoas que confiam nas instituições religiosas

ou nas igrejas, podemos assim, onde deixamos lá os nossos filhos, ou as nossas filhas, nas mãos das pessoas que achamos homens de Deus e terem essas atitudes é um bocado... é muito violento. Para mim, pedofilia... quer dizer não queria utilizar a expressão, mas eu não aceito. Não tolero. Também não estou aqui a punir a pessoa, mas tenho muita dificuldade em aceitar ou em enfrentar ainda mais uma pessoa que esteja ligada a uma religião ou uma espiritualidade, percebe?

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Sheik Munir: Ah sim, é sociável. Ele cumprimenta as pessoas sem nenhuma barreira, é claro que ultimamente a saúde também não lhe permite, mas é um Papa, é uma pessoa dinâmica, percebe? É uma pessoa que é capaz de quebrar protocolos, por isso é que eu disse que há muitos católicos que para além de estarem surpreendidos com a atitude que ele está a ter, ou que estava a ter com público, podemos ser assim, mas é sociável e é uma pessoa aberta, é uma pessoa... é humilde, percebe? E quando a pessoa é humilde, é tudo natural.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Sheik Munir: Como é que eu avalio?

Mariana: Sim, como é que vê o carisma do Papa Francisco, se acha que ele tem, se acha que ele não tem.

Sheik Munir: Não, ele tem. Ele tem um carisma. Consegue transmitir, consegue a... Eu acho que as pessoas mais jovens, estamos a falar dos católicos, não é, claro, estão muito pegados a ele, percebe? E veem ele como um exemplo para a Igreja. Tem esse esse dom, podemos ter assim, e as pessoas, a camada mais jovem – que que têm uma mente mais aberta – veem o Papa Francisco como um exemplo da Igreja.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Sheik Munir: Eu acho que ele tem unificar a Igreja Católica, não é? Porque é o papel dele principal. E não é fácil, não é fácil, também a idade que ele tem não lhe dá aquela dinâmica, podemos dizer assim, de estar. Quando o Papa Francisco foi ao Médio Oriente, quando foi para o Iraque, foi uma viagem missionária, podemos dizer assim, mas foi uma viagem de alto risco. Ele foi. Portanto, aqui nós vemos que é um homem de coragem. Ir a um sítio onde a guerra ainda não tinha terminado, e acontece que as pessoas veem nele como um exemplo e ele consegue orientar as pessoas. Agora, é claro que não católicos veem o Papa Francisco como o ser humano, como o líder de uma igreja, não a nossa ou a de não católicos, e que a está a fazer um trabalho muito positivo, que possa não só beneficiar os católicos, mas também não católicos.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Sheik Munir: Ah sim, sem dúvida. Eu acho que muitos políticos deveriam aprender com ele a humildade, a simplicidade, o lidar com as pessoas, percebe? Eu acho que sim. É importante esta parte, os líderes políticos, católicos e não católicos, têm muito que aprender com a simplicidade e a humildade que ele tem.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Sheik Munir: Ele é influente, mas poderia ser mais. Mariana, o que é que acontece, nós quando estamos num ambiente religioso... vou dar um outro exemplo, paralelo, para ver se compreende aquilo que eu... quando nós vamos aos cemitérios acompanhar alguém que nos deixou de repente, nós desligamos um pouco do mundo material, refletimos um pouco: o que é que eu estou aqui a fazer? Para onde é que eu vou? Toda a gente tem o mesmo fim? Portanto, pensamos assim um pouco para além daquilo que nós pensamos no nosso dia a dia. Quando nós estamos num ambiente de espiritualidade, de religiosidade, quando estamos com uma pessoa que transmite essa espiritualidade, que transmite essa religiosidade, fala sobre valores que infelizmente nós estamos hoje a esquecer cada vez mais, os valores da família, o valor da sociedade, o valor dos mais velhos, o valor da mulher, o respeitar uma boa convivência com todos nós, o valor humano, podemos dizer assim. Naquele momento em

que nós estamos, naquele ambiente em que nós estamos, tem um impacto. Depois voltamos para o nosso ego, depois voltamos para o nosso umbigo, então tudo aquilo que foi dito ou tudo aquilo que nós ouvimos, acaba por não ter o mesmo impacto. Então, neste aspeto ele tem alguma influência, podemos dizer assim. Ele transmite essa paz, transmite essa tranquilidade, ok? Mas como o papado, para além do Bento XVI, termina com a morte do Papa e, quanto mais a idade vai avançando, o nosso físico deixa de ser como era, percebe? Por isso é que há eleições de 4 em 4 anos, para dizer que tem que haver mudança, ok? Mas há que respeitar as formas que as pessoas têm, os princípios que as pessoas têm. O bento XVI deixou o cargo por alguma razão. Ok, também para fugir um bocado de pedofilia, mas a saúde também não lhe prometia que ele desse essa continuidade com alguma dinâmica, por isso é que ele resignou.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Sheik Munir: Tem, tem. Acho que sim. Ele já o fez, a presença dele é marcante, a presença dele, seja onde as pessoas estiverem, se for possível de estar perto, se possível de o ver, de estar com ele, as pessoas fazem esse esforço, é porque tem uma posição marcante, percebe? Eu acho que sim.

9. De acordo com a sua perceção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Sheik Munir: Ele quer, mas infelizmente não consegue dar os passos que ele quer dar. Ele tem esta vontade, ele tem esta abertura, ele tem esta... demonstrou isso, não é, mas também nós sabemos que não depende só dele, não é? Até as coisas se executarem, até as coisas se realizarem, infelizmente ele enfrenta algumas barreiras, no mundo católico, no seio dele, vamos dizer assim, que não o... podem concordar no momento em que está a afirmar, mas na execução que leva o seu tempo, e muitas vezes passa por esquecido.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Sheik Munir: Preocupa. É um líder que se preocupa. Ele nas palestras, nas conversas que ele tem, nas homílias que ele faz, preocupa-se, não é? Ele menciona constantemente situações dramáticas que vão surgindo noutra parte do mundo, percebe? E ele menciona, fala sobre isso, preocupa-se com isso, na medida que é possível ajudar, ele fará e faz de certeza, não é?

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de ser autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Sheik Munir: Tem, ele já pediu desculpas. Já pediu desculpas da Igreja do passado, já pede desculpas, portanto, ele tem a noção que é humano, ele tem essa noção e é humilde suficiente para o reconhecer, e ele já o fez, percebe? Provavelmente os católicos estavam habituados a ver um Papa que fosse mesmo... para além de João Paulo II, intocável, mas não. Ele comete... nós somos humanos, cometemos os nossos erros, e ele tem essa humildade de o reconhecer, percebe? Ultimamente, os últimos escândalos que têm surgido, já pediu desculpas. Já reconheceu esses erros, podemos dizer assim. Também houve um problema ou outro na parte financeira lá do Vaticano, também foi frontal e reconheceu, e falou sobre isso, não fez disso um tabu.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Sheik Munir: Sem dúvida, sem dúvida.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Sheik Munir: Eu acho que há um intervalo, há um gap enorme naquilo que ele diz e naquilo que é feito por ele, percebe? Então, esta é a situação que torna-se um pouco mais embaraçosa, percebe? Ele quer pôr em prática aquilo que ele está a transmitir e aquilo que ele está a dizer, porque ele acredita naquilo que ele está a dizer, percebe? Mas na prática, nós vimos que ainda vai levar o seu tempo, percebe? Agora, já não tanto, no início do Papa Francisco já se falava que são capazes de fazer com que ele deixe este mundo mais depressa possível, porque

ele está a ser muito aberto, muito humilde, muito terra-a-terra, muito contato direto com as pessoas, mas ele é assim. Depois é... ele foi sempre assim, percebe? O Papa Francisco, mesmo quando era bispo – nós que vamos lendo pouco sobre a vida dele, foi sempre assim, foi sempre humilde, mesmo quando tinha o seu sacerdócio, o seu cargo, podemos dizer assim, como bispo na Argentina e nas outras localidades, portanto, não iria mudar só por ser o Papa dos católicos, não é?

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Sheik Munir: Ele demonstrou essa abertura. Ele tem convidado as pessoas das várias religiões, basicamente mais das religiões do Livro, estamos a falar dos judeus, dos cristãos e também os muçulmanos, mas também sempre aberto para as outras confissões, não é? Mostrou, pelo menos, essa abertura e na prática também demonstrou essa abertura: participou... o facto de ir visitar vários países islâmicos, também fez questão de visitar as Mesquitas, então visitar a Mesquita já é um passo muito positivo para essa abertura do diálogo.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Sheik Munir: Sim, consegue criar. Ele tem feito isso e as pessoas conseguem ver isso nele, não é? Porque o Papa acaba por ser um representante religioso, espiritual e estatal. Portanto, as visitas que o Papa faz, há sempre um encontro com alguns membros do Estado, não é? Há sempre um encontro com alguns membros da sua confissão, não é? E, depois, há sempre encontro com as pessoas das outras crenças. Portanto, o Papado, podemos dizer assim, a visita do Papa, acaba por ter essas três componentes. Não é só oficial ou estatal, e não é só religiosa ou espiritual, percebe? É um bocado também ecuménica. E ele tem feito isso, e os Papas têm feito isso, mas ele demonstra mais nessa vontade. Porque há uns que são capazes de fazer ou fizeram, só para preencher o calendário. Ele não, ele faz porque sente-se bem a fazer isso, fazendo isso, participar, encontrar com os líderes de Estado, com os líderes políticos, mas também encontrar com os representantes das outras religiões, percebe? Independentemente do país em que ele esteja a visitar.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Sheik Munir: Sim, tem feito esse papel importante. Fraternidade universal é nós considerarmos o outro como eu, como ser humano, como meu irmão. Irmão na humanidade. Não é preciso ser religioso, nem crente para pessoa ser fraterna. Não é preciso ser religioso para você ajudar as pessoas que precisam, ok? Eu não coloco nenhum rótulo religioso para aquela pessoa que faz o bem ao seu próximo. As religiões incentivam, o claro, mas a própria sociedade, o próprio ser humano tem que ter este espírito. Agora se todos nós contribuirmos para que haja mais fraternidade, sem dúvida que o objetivo será alcançado. Cada um com as suas limitações. O Papa Francisco também tem as suas limitações. Ao meu ver, ele tenta explorar todas as limitações que ele tem, percebe? E contribui. Agora, eu acho que é uma utopia, naquele sentido de toda a gente no mundo, que exista, irá considerar um outro como o seu próximo, como um ser humano, está a ver? Há pessoas que infelizmente exploram o ser humano para os seus próprios interesses, não é? Há países, há governos que invadem países, há líderes que exploram a sua congregação, há pessoas que exploram os seus empregados, os seus patrões. Patrões que exploram os empregados, então o valor humano deixou de existir. Infelizmente, mas como eu disse, se cada um fizer de acordo com suas possibilidades, sem dúvida que poderemos corrigir muita coisa que está mal.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Sheik Munir: Ele tem feito como eu disse esse trabalho importante, conversando com as pessoas e dar a entender que somos todos iguais, ok? E a aceitação das pessoas também é muito importante. Eu noto que ultimamente ele tem mais limitações, está mais frágil, percebe? A idade também para avançando, já não é aquele Papa tão dinâmico que era no início, percebe? Agora, tem mais limitações pela sua própria saúde, percebe? Então isto também acaba por... como é que eu vou explicar... acaba por a atrasar o processo que ele deu essa iniciação, torna-se mais lento.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica Fratelli Tutti, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Sheik Munir: É uma denúncia. É claro que corajosa, porque ele está num lugar em que tem a responsabilidade, porque a responsabilidade de um religioso é dizer as verdades, não é? E o cargo que ele tem... porque um Papa para os católicos é um líder espiritual, ok? Um líder exemplar, um líder que diz a verdade, é um líder que não consente com a desigualdade que possa surgir, e nas oportunidades que ele tem, ele diz. Provavelmente, ele querará dizer muito mais, mas também tem as suas limitações, podemos dizer assim, não é? Porque as pessoas às vezes deturpar a mensagem e depois podem criar umas situações um pouco mais embaraçosas e podem não perceber aquilo que ele quis dizer. Mas ele é frontal.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Sheik Munir: Vamos lá ver, eu acho que sim. não tem nada... ainda não podemos assim muito coisa para falarmos sobre ele, não... mas enfim, o que até agora o que tem feito, o Bergoglio, não é o nome dele?

Mariana: Sim, Jorge Bergoglio.

Sheik Munir: Sim, agora é claro que como Papa, a pessoa tem uma responsabilidade. Antes de ser Papa tinha outra responsabilidade, não é? Mas sim, acredito que sim.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Sheik Munir: Mariana, quando um religioso mistura-se com a política estraga tudo. Quando um político instrumentaliza a religião, estraga tudo. Um político, nunca sendo religioso, e de um momento para outro passa a ser, ou quando começa a utilizar a religião para os seus próprios interesses, ele está a denegrir a imagem desta religião. Agora, o Papa, como eu disse, para além de ter o poder espiritual, religioso, também tem um cargo - ele é o chefe de Estado, não é? O Vaticano é um Estado, portanto, ele é um chefe de Estado. Como chefe de Estado, eu não sei até que ponto terá a capacidade de influenciar um outro Estado, quando

esse outro Estado, por exemplo, não cumpre com os direitos humanos, quando explora os mais fragilizados, ok? Então ele ali, se um líder deste estado for um agnóstico, se for um ateu, então a mensagem que será nula. Se esse líder for crente, católico apostólico romano, então a palavra do Papa terá um impacto superior do que esse líder que não tem nenhuma crença. E, portanto, eu acho que o facto de nós, quando nós misturamos a situação política com a situação religiosa, mas as próprias religiões também falam sobre a política, percebe? Vamos lá ver, eu acho que – na minha opinião muito muito muito muito muito pessoal – o ser humano, desde o início da sua existência, desde que tem consciência que ele é ser humano, como é que ele aprendeu as leis? As leis civis que nós temos os nossos países, as leis civis, não é? Antes de elas serem leis civis, foram leis divinas, não é? Portanto, foi a parte divinal que veio ensinar a humanidade, e o homem adaptou-se às suas circunstâncias, porque qualquer Constituição de qualquer país, quando nós falamos, por exemplo, onde fala mais concretamente da nossa Constituição Portuguesa, não é? Todos os seres humanos são iguais, independentemente da sua cor, da sua crença, da sua religião não sei quê e tal. Todas as religiões falam sobre isso. Desde a religião mais primitiva, ok? Quando nós falamos, por exemplo, a... não roubar, não enganar, não ser fraudulento e para isso há justiça, não é. Portanto, quando alguém era enganada, as religiões já falavam sobre isso. Percebe? Portanto, é claro que agora voltando naquilo que é que o seu tema, que é mais importante, eu acho que tem mais impacto quando o Papa tenta influenciar um líder religioso, por exemplo tem mais impacto o Papa se influenciar o Marcelo do que o Sampaio – coitado do Sampaio, já cá não está, mas ele próprio admitia-se como agnóstico, percebe? Agora, quando nós falamos, quando um líder religioso fala com um líder político religioso, o impacto é diferente.

ANEXO Q: Entrevista a Sofia Mendonça, Professora de Educação Moral, Religiosa e Católica, Católica

1. De acordo com o que conhece do atual Papa, considera a sua conduta exemplar?

Sofia Mendonça: Sim, se nós considerarmos o exemplo como alguém que nos atrai, que é coerente com aquilo que ensina, que defende e que podemos considerar como um modelo, acho que sim.

2. Acredita que Francisco é um líder que se manifesta efetivamente como pastor capaz de orientar e guiar a sociedade?

Sofia Mendonça: Pronto, então aqui há que distinguir como líder espiritual da Igreja Católica, penso que sim que ele cumpre todos os requisitos, que ensina, que orienta, que esclarece dúvidas. Se entendemos um líder noutra sentido político, eu considero que não é essa a sua missão, não é. Portanto, aí talvez não seja um líder político e muito menos, se entendermos um líder político como alguém que é visto como uma pessoa que deve ser popular. Nesse sentido não, mas penso que também não é isso que pretenderá, talvez, ou não é essa a missão.

3. Acha que o Papa Francisco é sociável e demonstra um cariz voltado para os outros?

Sofia Mendonça: Sim, muito, tem dado muitas demonstrações disso, quer já depois de Papa, como inclusive, quem conhece a sua vida e neste momento até podemos ter acesso a muitas biografias e até alguns documentos filmados e tudo – vídeos do tempo em que era sacerdote e bispo, e sempre foi uma pessoa muito sociável e acessível.

4. Como avalia o carisma próprio do Papa Francisco, enquanto característica da sua personalidade?

Sofia Mendonça: Então eu penso que um carisma, assim como um dom que o Papa tem, é essa facilidade na proximidade com as pessoas e o saber acolher a todos, não é. Parece ser uma pessoa muito afável, não o conhecendo pessoalmente, mas conheço pessoas que tiveram a sorte de trabalhar com ele pessoalmente, concretamente dois sacerdotes argentinos, que já estive em encontros com eles, não é, com esses sacerdotes, e todos contam que na Argentina

foi sempre uma pessoa extraordinariamente atenciosa aos outros. Portanto, nesse carisma de acolher, de ser misericordioso com todos, acho que sim, acho que ele tem mesmo isso do saber ajudar as pessoas no sofrimento, nas suas dificuldades, saber assim àquilo que é o que mais preocupa e poder dar tranquilidade. Parece-me que sim.

5. Considera o Papa Francisco um homem que procura e trabalha no sentido de ir ao encontro da sociedade, nomeadamente na unificação da mesma?

Sofia Mendonça: Sim, também me parece que o Papa, já enquanto Papa tem dado várias demonstrações de que está muito preocupado. Quer em dar luzes e orientação em relação a alguns temas fraturantes da nossa sociedade e procura falar, não só àqueles que fazem parte da Igreja que ele dirige, aos católicos, mas muitas vezes chama à atenção que há valores universais como a paz, a fraternidade, a defesa do meio ambiente, são valores que devem preocupar todas as pessoas, portanto, são valores universais e ele procura sempre fazer a aproximações construtivas, pelo menos é como eu entendo as suas Encíclicas. Procura não exacerbar as posições extremas, mas procurar aquilo que há em comum entre todas as pessoas de boa vontade. E, portanto, não só manifesta em palavras a sua preocupação com os temas que não unem a sociedade, por exemplo, em relação ao terrorismo, etc., a necessidade de todos nos perdoarmos, como além de dar o exemplo, também procura dar soluções construtivas, que possam ajudar as pessoas a desfazer as barreiras que existem nos corações, nas mentalidades das pessoas e dos povos. Portanto, parece-me que sim, que tem contribuído ou que procura contribuir, não é. A eficácia depois não depende obviamente só daquilo que ele faz, depende da disposição dos vários intervenientes da sociedade para acolherem as suas propostas.

6. Considera que o atual Papa é um dos maiores líderes da atualidade?

Sofia Mendonça: Pois, eu aqui voltaria a distinguir que tipo de líder, não é? Portanto, o Papa eu entendo sempre como líder meramente espiritual, portanto, não uma conceção apenas humana ou uma conceção política, agora também pensando num líder como um *influencer*, alguém que tem influência sobre grandes grupos de pessoas, parece-me que se sim, e que a sua influência não é apenas sobre os católicos. Até mesmo as tentativas de aproximação, eu penso que há outra pergunta sobre isto, de aproximação das várias Igrejas Monoteístas, das

Igrejas Cristãs Não Católicas com a Igreja Católica, pois acho que o Papa tem influência a vários níveis, sim.

7. De acordo com o perfil de liderança do Papa Francisco, como considera a sua capacidade de influência?

Sofia Mendonça: Então, eu penso que pela sua personalidade, pela maneira afável como diz as coisas, que é uma pessoa que tem bastante influência. Obviamente, que aquilo que o Papa defende e, quando estamos a falar de matérias de fé, de moral, sabemos que desde o século XIX / XX são temas muito controversos na nossa sociedade, e que muitas pessoas não entendem e questionam esses valores, tanto por aquilo que defende, podemos dizer que de alguma maneira, a sua influência é limitada, mas penso que a maneira como nos ensina a procurar fazer pontos com toda a gente, a chegar ao coração das pessoas, antes de... e procurar propor, não impor as coisas, acho que nesse aspeto também pode chegar a muita gente que não seja apenas aqueles que por uma questão de fé já aceitamos a figura e os ensinamentos do Papa, independentemente da sua personalidade. Eu acho que o Papa pode chegar a outras pessoas que não são católicas, porque a sua personalidade e a maneira como atua, também é bastante positiva. Obviamente que como não se impõe, haverá muita gente que não aceitará e a quem não interessa nada o que o Papa está a dizer e que não tenciona viver, portanto, nesse aspeto acaba por ter sempre uma influência algo limitada, mas também não sei se há algum líder mundial que chegue a toda a gente da mesma maneira.

8. Crê que o Papa Francisco tem competências para inspirar e mobilizar a sociedade?

Sofia Mendonça: Sim, eu penso que é um resumo de tudo aquilo que eu fui dizendo. Eu penso que pelas características que tem, acho que acho que sim... pelas características e pela posição que tem, que ele é consciente e sabe que quando se pronuncia sobre qualquer coisa, depois disso tem repercussões maiores ou menores um bocadinho em toda a sociedade. É uma sociedade globalizada, não é? Portanto, cada vez mais o que diz não fica apenas no âmbito dos católicos, mas chega a toda a gente.

9. De acordo com a sua percepção, acha que o Papa Francisco é um líder que procura ajudar os liderados (neste caso a própria sociedade) a progredir, estimulando-a no sentido da inovação?

Sofia Mendonça: É assim, eu penso que o Papa... depende do que nós entendamos por inovação, não é, quer dizer... se estivermos à espera que este Papa diga totalmente diferente aquilo que a Igreja sempre tem dito relativamente à fé, ou à moral, pois aí não se pode considerar que vai inovar – para os católicos isto não é surpresa, para outros pode ser porque se só virem o Papa como um líder humano, podem achar que também se deveria adaptar aos tempos. Os católicos, nós sabemos que aquilo que a Igreja pode fazer, o Papa os bispos, em união com o Papa, é interpretar a palavra de Deus na qual não podem tocar, não podem retirar nada, nem acrescentar nada, interpretando-a à luz das circunstâncias da sociedade de cada tempo. Mas, no essencial não podem alterar, não é, portanto, seria muito estranho que algum Papa viesse dizer que alguma coisa que sempre tem sido vista como mal, passasse a ser bem, não é, em relação à moral, e que aliás, a moral da Igreja é mais antiga que o próprio catolicismo, porque em última instância ter-se-ia que ir aos Dez Mandamentos dados a Moisés, que é o fundamento de toda a moralidade da Igreja Católica e que, no fundo, são princípios praticamente universais. Agora, penso que se pode considerar que é inovador, na maneira como tem estimulado os que estão a viver aquilo que é a doutrina de sempre, do meu ponto de vista, tem sido muito interessante e penso que nos tem despertado a consciência para esta necessidade de sermos misericordiosos, e que a verdade é importante, mas não podemos defender a verdade, faltando à caridade; a necessidade de acolher a todos, de que precisamente não devemos estar virados para dentro, isto que ele diz que tem que ser uma Igreja aberta, virada para fora, de chegar às periferias, não é, como disse logo no início do seu Pontificado. Acho que isto é... não sei se totalmente novo na Igreja, mas pelo menos a forma como ele o diz e como nos desperta aos católicos de hoje, acho que é, que é bastante inovadora, sendo às vezes até mal compreendido por alguns setores da Igreja Católica, às vezes há católicos que acham que o Papa está a defender uma abertura demasiado grande e que confundem aquilo que o Papa diz, de acolher as pessoas, interpretam como dizendo que o mal não está mal, e temos um exemplo claro em relação aos homossexuais, não é? Quando o Papa diz que nós devemos acolher as pessoas, o Papa não está a dizer que não haja problemas nesse comportamento, mas também demonstra uma sabedoria, quer dizer que não é apenas espiritual, mas também uma sabedoria intelectual, de quem está muito a par do que

é que a Ciência vai revelando acerca de muitas destas questões. Portanto, eu penso que o Papa Francisco também tem esta categoria intelectual, não é. E que isso é uma categoria humana, porque nós sabemos que por trás da homossexualidade e desses comportamentos homossexuais, há muitas razões diferentes para esses comportamentos e, portanto, não podemos ver as coisas de uma maneira só preto ou branco, a realidade da vida é cinzenta e, portanto, aí o Papa acho que é inovador. Também na maneira como nos tem interpelado a uma sociedade de consumo e de gastos, a viver novamente a pobreza. Mais uma vez, não é que seja novo na Igreja, mas ele está a relembrar coisas que parecem estar um bocadinho esquecidas e a maneira como ele tem simplificado muitas coisas do seu pontificado e na maneira de viver, também demonstra esse exemplo de viver na simplicidade e na pobreza, e tendo coerência, e também não é que seja completamente novo, porque os últimos Papas têm alertado bastante para isso, mas o Papa também sintoniza muito a sua preocupação ecológica, não é, defendendo um ecologismo parece-me a mim equilibrado, portanto recentrando as coisas, nem que a criação é um dom, não é nosso, portanto, não o podemos destruir e que é para toda a humanidade, temos que partilhar com todos agora e com as gerações futuras, mas também sem cair naquele exagero de alguns movimentos ecológicos que parece que o ser humano está mais, não é, quer dizer... Não, o ser humano, é para o ser humano que existe a criação, agora claro que é um dom e que sem tem que ser tratada como deve ser, portanto, neste aspeto acho que sim, que é assim.

10. Acredita que Francisco é um líder que se preocupa com as necessidades da sociedade, nomeadamente as pessoas que lidera?

Sofia Mendonça: Sim, portanto, volto a repetir que o Papa tem dado muitos exemplos, quem vai acompanhando estes canais, porque hoje em dia é possível sabermos praticamente tudo o que o Papa faz: *room reports*, etc. vão mostrando muitos aspetos pitorescos do dia a dia, em que se nota a preocupação do Papa com todos aqueles que estão próximos, e com quem vive. Mas depois também, quando fala e quando se encontra com pessoas com responsabilidades, também se vê que o Papa está sintonizado com todos aqueles que sofrem, não é, fala muito do problema dos idosos, das pessoas com deficiências que muitas vezes são descartadas, que são tidas pessoas com um peso na sociedade, dos jovens que estão sozinhos, das famílias desfeitas, das mulheres que sofrem os traumas do aborto, dos homossexuais, portanto, o Papa tem demonstrado, quer em palavras, quer em obras, uma

grande preocupação com as minorias. Nas suas visitas pastorais faz questão de passar tempos, por exemplo, em sítios onde há prisões, em centros de recuperação de toxicodependentes, no fundo das tais periferias que ele desde o início que diz que os católicos e os cristãos temos que atender com particular cuidado, portanto, eu acho que sim. Quer em palavras, quer em obras, é uma pessoa atenta e preocupada com as necessidades da sociedade e, principalmente, aqueles que mais sofrem.

11. Um líder deve ser uma pessoa com capacidade de ser autorreconhecer, de identificar as suas fragilidades e limitações. Neste sentido, considera Francisco como um líder que tem consciência dos seus erros?

Sofia Mendonça: Sim, eu acho que sim. Em primeiro lugar, aquilo que tem disso desde o primeiro momento em que foi eleito como Papa e que está sempre a pedir que rezem por ele: é o que mais pede, e o que diz sempre, sempre, com todas as pessoas; seja em encontros com multidões, seja em pequenos encontros particulares, sempre termina pedindo que rezem por ele, não é. Portanto, como um homem de fé e de oração e que acredita no poder da oração, acha que o melhor que as pessoas podem fazer é rezar por eles. Isto é uma atitude de humildade, mas depois também tem sabido retificar e existem várias histórias, não só agora já depois de Papa, como antes, em que ele diz muitas vezes, aliás numa das primeiras a entrevistas que deu a já depois de ter sido eleito Papa, ele diz que costuma pensar sempre muito as coisas antes de dizer, porque sabe que sempre que fala sem pensar e sem preparar antes, quase sempre se arrepende do que disse e diz asneira. Portanto, reconhecer que é um caminho possível. Portanto, isto está num livro que tem uma coleção de entrevistas, foi publicado logo no início do seu pontificado e, portanto, ele está mesmo escrito e, nesse sentido, acho que sim. Ao contrário de muitos outros líderes, acho que é uma qualidade que ele tem, em relação ao outro tipo líderes, é que reconhece ou os seus erros.

12. Considera o Papa Francisco como um líder humilde?

Sofia Mendonça: Sim, portanto, isto vem na sequência do que eu disse na resposta anterior: se reconhece os seus erros, que pede que rezem por ele, também procura reunir-se de várias pessoas sempre que tem que se pronunciar sobre vários assuntos, eu penso que sim, que é uma pessoa humilde. Não tem de todo a postura de quem acha que tem exclusividade da verdade.

13. Acredita que o Papa Francisco possa ser um líder capaz de orientar o seu discurso e ações de forma equilibrada? No sentido de perceber o impacto que aquilo que diz e faz vai ter nos recetores da mensagem.

Sofia Mendonça: Não sei se percebi muito bem. Portanto, se é em relação à coerência entre o que diz e o que faz, eu penso que sim, que de uma maneira geral é uma pessoa bastante coerente. Às vezes tenho identificado um bocadinho esta imprudência, de que já falei anteriormente, e que ele próprio reconhece em si, penso que às vezes se precipita um bocadinho a falar, e também algumas das posições que toma em relação, por exemplo, temos esta questão que é talvez aquela que é mais conhecida e mais mediática das celebrações litúrgicas no rito antigo, que tinham sido novamente autorizadas dentro da Igreja Católica pelo Papa Bento XVI e que este Papa veio agora limitar, novamente, invocando questões que não deixam de ser verdade, mas que circunscrevem apenas alguns locais e nalguns países. Em muitos sítios, as comunidades que celebram pelo rito antigo, não têm nenhuma daquelas características que levaram o Papa a tomar esta decisão. E, talvez, não seja muito prudente, porque isto pode fazer afastar algumas pessoas, que por vezes veem em alguns exageros e deturpações da interpretação das orientações litúrgicas do Vaticano II, que de facto são exageros, que isso podem ser considerados como faltas de respeito e coisas que não é aquilo que está escrito no Vaticano II, mas foram sendo deturpadas e podem identificar que o Papa, está no fundo, a ir um bocadinho nessa linha. Pronto, isto é um exemplo muito recente, foi agora no verão que surgiu toda esta polémica. E, nesse aspeto, às vezes penso que o Papa pode não ter a perfeita noção, também talvez porque nem sempre, como se rodeia de bastantes pessoas para o aconselharem, embora esteja rodeado das pessoas que melhor conhecem algumas situações, mas pode não ter perfeita consciência da repercussão que isto pode ter. Mas penso que são situações bastante circunscritas e limitadas, de uma maneira geral, acho que pronto, que o Papa procura ser prudente.

14. Considera o Papa Francisco um líder aberto ao diálogo entre as várias pessoas, nomeadamente o diálogo inter-religioso e não religioso?

Sofia Mendonça: Sim, eu penso que tem continuado todas estas iniciativas que começaram com Papas anteriores, concretamente com João Paulo II os encontros entre líderes de várias religiões, portanto, inter-religioso, claramente, mesmo o cuidado quando escreve, de demonstrar que há partes daquilo que diz que de facto são valores universais, e que procura

criar pontes e aqueles que não são crentes, também penso que é uma preocupação demonstrada quer em discursos, quer na maneira como tem procurado atender e receber em Roma, ou quando visita outros países, líderes políticos, económicos, etc. até muitas vezes – cá está, mais uma vez – não sendo bem entendido dentro da própria Igreja Católica, porque acusam o Papa de, se calhar, dar demasiada atenção e protagonismo a pessoas que publicamente defendem ideias contrárias àquilo que é a moral católica. No entanto, eu pessoalmente, lembro-me sempre da crítica que já se fazia a Jesus, não é, quer dizer então este come com publicanos e com pecadores, quer dizer então está com aquelas pessoas que não cumprem a lei, que fazem tudo ao contrário da lei, e Jesus também respondeu: “Eu vim para os doentes, e não para os sãos”, não é, para aqueles que precisam de ajuda e de cura. Eu penso que nesse aspeto, o Papa Francisco é muito coerente com aquilo que é a figura de Cristo e tenta também dar ele primeiro o exemplo e chegar a essas pessoas, portanto, eu acho que ele tem muito essa preocupação do diálogo com todos.

15. Considera o Papa Francisco um líder que consegue criar empatia com as pessoas?

Sofia Mendonça: Sim, pessoalmente quando vou acompanhando as suas intervenções, quando vejo vídeos, acho que sim, acho que é uma pessoa que atrai muito e mesmo quando estive em Fátima, quando o Papa cá esteve, acho que é uma pessoa com bastante empatia e os relatos que vamos ouvindo de pessoas que estão com ele, ou convivem com ele, mesmo alguns Vaticanistas, também me parece que sim, que é uma pessoa que consegue chegar ao coração dos outros, e perceber muito. Se entendermos a empatia como colocar-se na pele dos outros, acho que é uma pessoa que consegue perceber muito as situações difíceis por que outras pessoas estão a passar.

16. Considera o Papa Francisco um líder que trabalha no sentido de promover a fraternidade humana universal?

Sofia Mendonça: Sim, claramente até não é por acaso que tem aquela Exortação Apostólica intitulada *Fratelli Tutti*, não é, portanto, todos irmãos: não só naquilo que ensina e que tem reforçado no ensinamento. Nas suas pequenas homilias, por exemplo, em Santa Marta ele chama muito o aspeto coisas muito pequeninas da vida do dia a dia, e como podem destruir a paz e a verdadeira caridade e fraternidade, como por exemplo, o dizer mal dos outros, o

não ter paciência, portanto, coisas do dia a dia de toda a gente – não tem que ser apenas para os católicos e, depois, ao nível mais geral e global também penso que tem reforçado muito as suas preocupações relativamente à necessidade da promoção da paz, ao fim do terrorismo, o perdão, intervenções sobre a atuação da máfia em Itália, portanto eu penso que sim.

17. A promoção da tolerância e a defesa pela aceitação das diferenças é um tema muito pertinente e atual. Considera o Papa Francisco um líder que promove um discurso de tolerância e luta pela aceitação das diferenças?

Sofia Mendonça: Sim, eu acho que aquilo já dei, aqueles exemplos que dei relativamente à homossexualidade, a receber pessoas que muitas vezes ideologicamente estão a defender posturas totalmente contrárias à doutrina da Igreja, eu acho que o Papa demonstra isso. Porque, se por um lado ele nunca deixa de dizer o que é correto, não é, acho que consegue dizê-lo construindo primeiro todo o ambiente em que vai buscar aquilo que é comum, aquilo que podemos lutar todos juntos. E tem apelado muito a essa tolerância, que nem sempre é bem entendida por algumas pessoas, portanto, acho que claramente sim.

Por exemplo, nós tivemos ontem, estamos a falar no dia a seguir às caminhadas pela vida, e o Papa Francisco desde há uns anos que diz que: “sim, senhora”, ele abençoa as pessoas que tomam estas iniciativas, mas chama à atenção de que muitas vezes isto também pode ser uma maneira de exacerbar e de ir pegar naquelas pessoas que acabam por sofrer com o drama do aborto, e que não é preciso estar na rua a gritar palavras de ordem que podem ser tomadas, embora não seja essa (de todo) a intenção das pessoas que o fazem, mas para as pessoas que as ouvem e que sofrem com essas situações e que são... há tantas situações diferentes, quantas as pessoas, não é, portanto, não nos compete a nós julgar, e que podem ser ocasião de maior sofrimento essas pessoas. Portanto, o Papa tem-nos levado um bocadinho a questionar: “Sim, senhora, é preciso mostrar principalmente perante autoridades políticas” que muitas vezes tomam posturas achando que defendem aquilo que a maioria defende e pode não ser, portanto, é preciso demonstrar alguma posição de força, mas é muito mais importante ainda chegar a cada pessoa no seu sofrimento e sabendo explicar-lhes porque é que um aborto, de facto, não é bom e procurando sarar as feridas que todas as participações no aborto... seja porque a pessoa praticou, seja porque ajudou alguém a fazê-lo ou porque foi médico ou é médico ou enfermeira, ajudar muito mais a curar essas feridas é uma atitude muito mais digna e, se calhar, muito mais construtiva por parte dos católicos.

18. Considera que as críticas feitas na Encíclica Fratelli Tutti, nomeadamente o individualismo excessivo, às desigualdades sociais e económicas, os contrastes na sociedade e o desrespeito pela dignidade humana constituem uma denúncia corajosa por parte do Papa Francisco?

Sofia Mendonça: Sim, eu penso que sim, porque... também penso que é um bocadinho aceite comumente que não são os valores dominantes na sociedade, e que não são essas as posições politicamente corretas, não é, portanto, alguém que defende claramente aquilo que entende como sendo o verdadeiro e o bom, não sendo aquilo que a maioria do pensamento dominante – pelo menos no mundo ocidental – não defende, não é, portanto, acho que é corajoso. E, também, porque a maneira como às vezes alerta e toca no coração dos próprios católicos, também nos faz pensar, não é, se calhar muitas vezes, no dia a dia, não somos, não vivemos assim tão bem essas coisas e, portanto, acho que é uma postura de coragem sim e de coerência.

19. Identifica na liderança do Papa Francisco uma linha de clareza moral?

Sofia Mendonça: Sim, sem dúvida nenhuma. Foi isso que eu dizia, quer dizer, todos os escritos que eu conheço e eu tenho lido todas as Exortações Apostólicas e, depois também vou vendo bastantes das suas homílias, etc., o Papa em tudo é coerente com aquilo que a Igreja sempre tem defendido, desde o Vaticano II. Procura é expô-lo de uma maneira que não seja agressiva e que consiga chegar a toda a gente e construindo pontes, não é, mas eu penso que é muito claro, e que uma pessoa percebe perfeitamente qual é a linha divisória entre o bem e o mal. Não há relativismo moral de espécie nenhuma.

20. Como vê a possibilidade de as ideias da Encíclica fazerem do Papa uma Voz de Liderança Política?

Sofia Mendonça: É assim, isso, para mim, é um bocadinho absurdo e não faz sentido, porque não entendo que seja esta a postura de um Papa, seja ele qual for, não é. Como eu disse no início, é um líder espiritual. E, portanto, não pretende movimentar massas políticas, além de que ao pretender ser universal, a política é a maneira de governar a sociedade, são maneiras práticas e concretas. Pode haver muitas opções diferentes que todas elas sejam moralmente boas, e a postura da Igreja é apontar o que está bem, não depois dar soluções técnicas, concretas. Isso pende depois aos políticos, aos economistas que podem e temos tido ao longo

da história recente, muitas vezes, inclusive também em Portugal, católicos praticantes, coerentes com aquilo que é a doutrina social da Igreja, e que defendem soluções diferentes. E, moralmente, as duas podem ser possíveis, não é. Portanto, eu penso que não é essa a missão do Papa Francisco, não é claramente a missão de um Papa, é ser um guia espiritual e, portanto, para mim não faz sentido falar em líder político. Agora, que a doutrina social da Igreja, não a do Papa Francisco, mas a doutrina social da Igreja que o Papa Francisco vai lembrando pode ser uma bússola, uma orientação para a política, isso eu não tenho dúvidas.